

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

REGINA AUREA LEÃO DE CASTRO

**Salas de Bate-Papo da Internet:
Espaço onde as mulheres tecem suas identidades
através da linguagem**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo para a obtenção do Título de Doutor.

Área de Concentração: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza.

São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

REGINA AUREA LEÃO DE CASTRO

**Salas de Bate-Papo da Internet:
Espaço onde as mulheres tecem suas identidades
através da linguagem**

São Paulo
2006

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memoriam*), à minha mãe, Yvone, que foi, incansavelmente, a grande incentivadora dos meus projetos e aos meus filhos Jardel, Regis e Mirna pelo orgulho que sempre me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Lynn Mario T. Menezes de Souza por ter acolhido o meu projeto de pesquisa.

Ao Jônatas de Freitas Tallarico (DLM), cujo trabalho de diagramação resultou na apresentação visual deste estudo.

Ao Prof. Reginaldo P. Carvalho pela sua compreensão em momentos de grande trabalho ao longo do doutorado.

À Secretaria do Centro de Línguas, especialmente à Alzira e à Eliane pelo apoio que me deram.

À minha amiga Maria Elizabeth Leuba Salum por me ter acompanhado de perto nesse percurso.

E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da elaboração deste trabalho.

“Agora me ocorre que tanto Eça como o Balzac se sentiriam os mais felizes dos homens, nos tempos de hoje, diante de um computador, interpolando, transpondo, recorrendo linhas, trocando capítulos. E nós, leitores, nunca saberíamos por que caminhos eles andaram e se perderam antes de alcançarem a definitiva forma, se existe tal coisa.”

(José Saramago)

RESUMO

DE CASTRO, Regina Aurea Leão. **SALAS DE BATE-PAPO DA INTERNET: Espaço onde as mulheres tecem suas identidades através da linguagem.** 2006. 258 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Dentro do espaço virtual, surgiu o objeto de minha investigação, a *persona* on-line, cuja linguagem hipertextual nas salas de bate-papo da Internet, constrói múltiplas identidades sem os riscos de uma atuação ‘ao vivo’. Trago aqui uma investigação voltada para averiguar as implicações das identidades construídas pela linguagem no espaço virtual, cujo recorte foram as interações de *personae-on-line* femininas. A análise deste estudo foi feita em cima de suas narrativas, as quais são constituídas sob os modelos cultuados compartilhados socialmente. Parto das teorias da construção das identidades através da linguagem, da performatividade (Butler, 1990; 1997; 1998), dos conceitos de espaço (Crystal, 2001; Da Matta, 1991; Augé, 1994), bem como da sexualidade (Foucault, 1985) e sua relação com a linguagem (Cameron; Kulick, 2003) presentes nas interações virtuais.

Palavras-chave: linguagem, identidade, sexualidade, virtualidade, hipertexto.

ABSTRACT

DE CASTRO, Regina Aurea Leão. **INTERNET CHATROOMS:** *space where women weave their identities through language*. 2006. 258 pg. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

The object of this investigation is the persona-on-line, whose language in the virtual space of the Internet chat rooms creates multiple identities without the risks of a live performance. This study aims at analyzing the implications of the identities constituted by language in this space, specifically the interactions of the female personae-on-line, whose narratives are built under socially constructed shared models. Based on the concepts of identity as a performative construct (Butler, 1990; 1997; 1998), as well as on the studies of space (Crystal, 2001; Da Matta, 1991; Augé, 1994), this study also discusses work on sexuality (Foucault, 1985) and on the relation between language and sexuality (Cameron; Kulick, 2003) present in virtual language interactions.

Key words: language, identity, sexuality, virtual reality, hypertext.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
PARTE I	
I. CONTEXTO HISTÓRICO	20
I.1. SUJEITO FEMINISTA	29
II. O ESPAÇO VIRTUAL	44
III. O ESPAÇO E A SEXUALIDADE	58
IV. O ESPAÇO E A IDENTIDADE	69
IV.1. MÚLTIPLAS IDENTIDADES	74
PARTE II	
I. METODOLOGIA	99
I.1. GERAL	99
I.2. A ESCOLHA	111
I.3. PROBLEMAS	115
I.4. MINHA INTERAÇÃO	135
II. DADOS E ESPAÇOS	162
III. DADOS E SEXUALIDADE	177
IV. DADOS E IDENTIDADE	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS	230
BIBLIOGRAFIA CITADA	236
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	243
PÁGINAS DA INTERNET	248
GLOSSÁRIO	250
ANEXOS	252

INTRODUÇÃO

Antes de descrever o conteúdo desta pesquisa, faço aqui uma breve contextualização da ferramenta de onde pude obter os dados, por considerar importante que se leve em conta o mundo tecnológico que propiciou este estudo. Nesse mundo revolucionário, em que novos meios modificaram a maneira de nos comunicarmos, muitos pesquisadores voltaram-se mais para as conseqüências culturais com o impacto da comunicação mediada pelo computador, do que simplesmente com as funções da máquina *per se* que envolvem o *hardware* e o *software*. As mudanças pela introdução do computador não se restringiram à indústria, ao comércio e à educação, mas, causaram um impacto da mesma amplitude nas relações entre as pessoas, pela rápida maneira de disseminação de conhecimento e informação, trazendo questionamentos e receios – há uma divisão em questões entre tempo e espaço ‘real’ e ‘virtual’, interação, acesso, práticas e preceitos, enquanto que os receios se voltam para o descontrole do uso da máquina, sua monitoração e censura. Naturalmente, as inovações geram esses anseios como também houve com outros adventos tecnológicos anteriores.

A velocidade do desenvolvimento tecnológico suplanta a capacidade humana de acompanhá-la com o devido cuidado e rigor que cercaram as outras descobertas científicas até então. O que quero dizer é que as pesquisas em todas as áreas apressam-se para acompanhar essa corrida, mesmo porque isso denota uma proposta de inserção no mundo atual. Por esse motivo, proliferam estudos sobre a influência do computador no cotidiano de todos, os quais, são logo superados por outros que se lançam mais à frente na corrida virtual. Se, por exemplo, na elaboração de um programa escolar havia a preocupação da adoção de um livro didático que ‘durasse’ por um longo tempo, hoje, os *CD-ROMs* são facilmente substituídos por outros mais ‘atualizados’, caso contrário, a instituição escolar será considerada obsoleta:

What we are used to, we too often become used by. The web, like most technologies, encourages a constant hunger for newness without a taste for detail. The eyes get tired of watching passing patterns and we settle into a commercial glaze. (Snyder, 1998:167)

No seu estudo sobre a Internet, Ercilia traz o nome Douglas Engelbart à tona pois foi o técnico responsável pela invenção do *mouse*, quando de sua atuação no laboratório da NASA, e o cita:

Sinto que essa tecnologia [a Internet] vai causar uma mudança em nossa sociedade maior do que tudo desde a transição para a agricultura. Vou fazer uma analogia. Você tem esses organismos curiosos. São organismos sociais chamados de organizações humanas, e eles vêm se desenvolvendo com conexões muito fracas entre eles, ao longo dos anos. Você pode falar, você pode acenar com as mãos, logo você pode escrever; depois, você pode imprimir, duplicar com máquinas Xerox e assim por diante. Subitamente, surgem o computador digital e a rede; eles trazem uma melhoria para o que você pode chamar de sistema nervoso organizacional. Isso é um grande passo. É como uma mutação que é simplesmente fantástica. (Engelbart apud Ercilia, 2000:32)

Se há um bom número de pesquisadores procurando familiarizar-se com a máquina para então, buscar respostas dessa influência na interação social é porque os efeitos da tecnologia não se limitam a uma função específica e sim, devem ser analisados dentro do contexto em que atuam. Por causa do surgimento do novo espaço tecnológico – a formação das e-listas, a correspondência por e-mail, a visitação de sites –, conceitos são revistos e estimativas são refeitas. Se apenas uma elite tinha o privilégio do acesso à eletrônica e possuía computador há 15/20 anos atrás, e, por isso, a influência trazida aos outros passava despercebida, nos dias de hoje, encontra-se uma demanda crescente em oferta em várias esferas que definirá novas hierarquias e afastará outras.

Os pesquisadores esforcem-se para se manterem atualizados, pois sabem que ignorar as mudanças ao seu redor em virtude da tecnologia equivalerá à exclusão de seu círculo. Para muitos, um cenário do desconhecido que não requer apenas que se conheça, mas que se mantenha em constante atualização. Curioso é notar que às vezes a adaptação a esse desconhecido evoca uma reminiscência de valores ou hábitos em desuso que vão ocorrer nos diversos contextos mantendo novas ‘relações sociais’, sendo um exemplo disto os e-mails que reviveram o hábito de escrever e trocar cartas em um formato diferente; “(...) an emphasis, which formerly was on technology, has shifted to be on people and purposes”, diz Crystal (2001) reiterando que o papel da Internet, é, cada vez mais, visto pela perspectiva social; portanto, quando nos voltamos para o alcance da tecnologia no cotidiano de muitos, estamos falando de um território sem fronteiras que estabelecem limites, pois o ‘novo’ resgata algo do ‘velho’ enquanto projeta-se no ‘vir a ser’. O autor citado demonstra ser um entusiasta da Internet e reforça

sua posição ainda mais quando cita outro autor sobre o mesmo tema, John Naughton que diz:

The Internet is one of the most remarkable things human beings have ever made. In terms of its impact on society, it ranks with print, the railways, the telegraph, the automobile, electric power and television. Some would equate it with print and television, the two earlier technologies which most transformed the communications environment in which people live. Yet it is potentially more powerful than both because it harnesses the intellectual leverage which print gave to mankind without being hobbled by the one-to-many nature of broadcast television. (Crystal, 2001, Preface:VII)

Foi nesse território de incertezas que surgiu o objeto de minha investigação, a *persona-on-line*, cuja linguagem hipertextual, além de ser uma complexa e imprecisa ferramenta, está imbuída da efemeridade do contexto – essa novidade textual, contrariamente à seqüência linear, se apresenta ao usuário com várias possibilidades de caminhos (*links*), através de associações, os quais o remetem a quantas direções quiser *navegar*, acionando-se o *mouse*. Mais especificamente, a comunicação on-line que despertou o meu interesse foram as conversas nas salas de bate-papo por acontecerem num tempo ‘real’ e, num instante depois, terem acontecido em tempo nenhum. Chamo a isso de território de incertezas por alguns dos motivos que relaciono abaixo.

Primeiramente, devido às condições inócuas que precisei enfrentar para este estudo: pelo fato de voltar-me a um tipo de análise de dados que, ao mesmo tempo em que eram criados na tela, dela desapareciam no momento em que se desligava o computador, a ferramenta moderna da qual dependi para obter os resultados alcançados. Devido a isso, as condições práticas que envolvem este trabalho – estar dispondo de um recurso em casa ou na universidade –, tornaram-se agruras muitas vezes quando, por exemplo, ocorria falha do sistema ou perdiam-se os dados por problemas da máquina, uma vez que não eram os métodos convencionais de coleta de material.

Além disso, por ser um assunto relativamente novo, não pude contar com o apoio de muitas teorias ou estudos da universidade. Até o momento em que passei a escrever, eu não havia encontrado pesquisa que se assemelhasse a esta, no que se refere ao corpus escolhido, nem em forma de teses, nem em forma de trabalhos acadêmicos diversos (artigos, comunicações em congressos, livros), no Brasil ou no exterior. O que havia nesse campo da tecnologia eram estudos sobre a conversação.

Por último, pela conflituosa relação entre sexualidade e identidade que foi tema de vários estudos com conseqüências às vezes positivas, principalmente nas pesquisas

de gênero e linguagem, mas também outras vezes, tendenciosamente enfatizando a ‘autenticidade’ de práticas identitárias comuns às comunidades. A imprevisibilidade dos dados com os quais eu lidaria conduziram-me à análise de categorias não previstas na fase anterior da pesquisa, em vista do estranhamento que eu experimentava ao transitar nos espaços das salas de bate-papo. Ou seja, a metodologia qualitativa aqui interpretada modificou a pesquisadora pelo processo de análise dos dados (Cameron apud Graddol, 1994). Tanto o estranhamento em face da estréia nas salas de bate-papo, bem como a estranheza de aí participar por meio das *personae* masculinas, tiveram influência sobre a mim, como pesquisadora, que cuidadosamente, seguia roteiros modelados nas características masculinas conhecidas.

A idéia de restringir-me à análise da narrativa feminina, num espaço cuja tônica é a busca de companhia virtual em face da privacidade oferecida pelo computador, deve-se primeiramente, por estar dando seguimento ao processo iniciado no Mestrado, nos estudos que cercam as mulheres e, em seguida, por estar analisando a participação destas no universo do ciberespaço, especificamente as salas de bate-papo.

Desde 1997, a partir desses estudos iniciais, o meu interesse se voltou para as minorias e, no meio das variáveis apresentadas, a minha escolha recaiu sobre as mulheres. Nessa primeira parte, a da obtenção do título de Mestre, encaminhei os meus estudos para o discurso da mulher começando pelas diferenças lingüísticas entre a fala do homem e a da uma mulher e, em seguida, para a da mulher bilíngüe. Esses estudos não só abordaram o bilingüismo com a manutenção da língua materna, como também se ancoraram numa visão antropológica que culminaram na minha tese de Mestrado, cujo tema foi o papel da linguagem na formação da identidade.

Dando continuidade a esse ‘campo’, os meus estudos, no doutorado, se direcionaram para a posição da mulher moderna, independente, tendo conquistado seu próprio espaço num cenário pós-feminista assumido; com esse modelo de mulher, este trabalho se direcionou para o contexto da Internet, através da visita virtual nas salas de bate-papo que essa mulher pratica no seu cotidiano. Nesse campo híbrido, foi com dificuldade que encontrei um rumo, que somente surgiu quando tantas dúvidas com relação às teorias foram se dissipando, na medida em que os dados conduziam-me para um campo novo e em alta velocidade como tudo o que cerca o espaço virtual.

Dentro das teorias apresentadas neste trabalho, trago os conceitos de Judith Butler, a qual mostrou preocupação com os ‘limites discursivos do sexo’ juntamente com as políticas do feminismo e a identidade:

(...) a categoria do 'sexo' é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de "ideal regulatório". Nesse sentido, pois, o sexo não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se com uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir-demarkar, circular, diferenciar – os corpos que controla. O 'sexo' é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. (Butler, apud Silva, 2000:127).

A autora contribuiu para os debates feministas contemporâneos com grandes reflexões a respeito da posição feminista atual e trouxe à tona o conceito de performatividade, anteriormente tratado por Austin (1998). Por eu estar lidando com híbridas identidades, o questionamento sobre qual performance do gênero desestabilizaria o lugar do feminino oposto ao masculino, trouxe-me reflexões a respeito de pressuposições sobre identidade e sexualidade femininas, cujas representações afloravam nas salas de bate-papo. O impacto das afirmações de Butler nas quais, "(...) gender and sexuality were the effects, not the source of gendered and sexual practice" (Cameron;Kulick, 2003:98), contribuíram, substancialmente, para a análise desta pesquisa pela simples separação entre os corpos e a linguagem que a virtualidade propicia, naquilo em que, neste espaço, a linguagem constrói os corpos.

Assim sendo, esta investigação tem o objetivo de mostrar como as identidades femininas são modeladas, com base em crenças e valores sociais, através das manifestações discursivas, inseridas num espaço cujo primado é virtual: temporário, fugidio e instável. No meio de muitas indeterminações, analisar como as *personae-online* femininas, os agentes das narrativas aqui presentes, confiscam para si os atributos positivos contidos nas cartilhas de identidades cultuadas e, dessa maneira, transitam no espaço virtual das salas de bate-papo. É o que este estudo pretende suscitar.

Esta pesquisa divide-se em duas partes. A primeira desenvolve as teorias mencionadas acima enquanto contextualiza o sujeito feminista pós-moderno, a mulher deste estudo. Embora seja uma pesquisa dentro da lingüística por tratar de narrativas, ela premia posições sociológicas ao tentar estudar os mecanismos da construção desse mesmo sujeito através das conversas das salas de bate-papo. Na verdade, a interpretação desse sujeito direciona este estudo para um lado mais voltado para as relações imaginárias de companheiros virtuais do que para uma análise dos modos de conversação, razão pela qual não fiz a abordagem das teorias que norteiam estes campos. Os capítulos se dividem em função das categorias presentes nesta análise.

No capítulo I, percorro os estudos feministas mais representativos encravando a mulher de minha pesquisa no cenário da categoria gênero cuja atuação vem desestabilizar o binarismo sexo/gênero. Assim, entendo ser importante para este trabalho uma retomada, ainda que sabida por todos, de algumas teorias feministas, pelo fato do estudo historicizar o papel da mulher desde os conceitos clássicos, ao mesmo tempo em que faz a análise de alguns estudos sobre a polêmica feminista, desde o momento do sufrágio até a atualidade das e-listas. Fazendo uma retomada dos estudos sobre o feminismo desde os tempos clássicos, o presente estudo revê as teorias de Platão, Aristóteles e Sócrates no estabelecimento do papel da mulher, enquanto substância permanente, essência.

Em seguida percorro os movimentos que impulsionaram a mulher para que saísse da posição puramente doméstica na qual a sociedade patriarcal a encravara. Amparado na análise de algumas feministas renomadas como Betty Friedan, Germaine Greer, Elshtain, deixando aqui de citar outras não de menor importância, este estudo confere ao movimento feminista por um lado, revisões de uma luta culminada com depoimentos de mulheres insatisfeitas com a sua situação e, por outro lado, questionamentos sobre os caminhos que o feminismo estava tomando. Dentro de uma crise inevitável que o radicalismo trouxe ao movimento, várias novas posições foram se fortalecendo gerando conflituosos desentendimentos, os quais propiciaram que estudiosas como Judith Stacey e Juliet Mitchell revissem pontos contundentes de um movimento dentro de outro, mostrando a identidade feminina como construída e não como essência.

No capítulo II, amplio a análise desta pesquisa, destacando o lugar onde ocorrem as interações virtuais. Aqui não me refiro aos diversos *sites* ou às diversas categorias, mas sim ao espaço físico privado, por estar inserido em compartimentos privativos das casas ou outros lugares, contudo, permitindo a interação entre estranhos, o que o tornaria público. Os estudos sobre espaços feitos por Da Matta (1991), possibilitaram o meu entendimento e interpretação do lugar doméstico como espaço privado e de entretenimento quando da interação virtual. O espaço público, em oposição ao espaço privado, não é tratado neste estudo, por essa particularidade híbrida de que falei acima e, ao invés disso, tentarei problematizar as características da interação virtual que são exclusivamente feitas na privacidade. Pelo fato de estar lidando com os mecanismos de uma interação de um sujeito inserido num contexto específico, este estudo aborda o espaço virtual. Também faço referência a Magnani para tal, voltando o olhar para a

construção deste espaço não-linear, característica dos outros espaços à volta da *persona-on-line* (esta como objeto do meu estudo). Não poderia estar tratando de identidade sem considerar o local limiar onde esta identidade se constrói, desmembrado que é, dos outros espaços. A presença isolada da *persona* que interage, efêmera e fantasiosa, tem a contribuição do espaço em que acontece essa interação, o qual permite uma magia de fascinações e fetiches plenos pela mistura da *persona* efêmera, num espaço efêmero, através de uma linguagem efêmera. Aproprio-me da teoria de Augé, o qual distingue lugares de não-lugares, por eu ter considerado que estes últimos se adequavam perfeitamente ao lugar onde os dados que busquei se instalam.

O capítulo III abordará a questão da sexualidade que atravessa as identidades aqui tratadas, pelo fato de estar lidando com uma visita virtual marcada pela exacerbação sexual dos participantes, uma vez que uma das principais razões, senão a principal, de visitar esses *sites* é o da busca de companhia. Amparei-me nos estudos de Foucault (1985) e de Cameron; Kulick (2003). No primeiro, por julgar que o poder também esteja presente no espaço virtual que numa forma nova impõe padrões de sexualidade calcados em normas institucionais. Se o nicho que estudo aqui, os *sites* de visita para bate-papo, acolhem todo o tipo de *persona*, que fará da descrição física imaginária a sua e a identidade com quem *tecla* (totalmente imbuídas da sexualidade apelativa, a qual é referência dos valores estéticos atuais), é de vital importância que Foucault estivesse aqui presente. Dos outros dois autores, colho dados interessantes de estudos feitos que relacionam língua e sexualidade. Eles rastreiam teorias feministas, levantando questões fundamentais que abrangem gênero, língua e sexualidade.

Enquanto as categorias feminismo, sexualidade e espaço são tratadas nos três primeiros capítulos, reservo para o capítulo IV, a fundamentação teórica que abaliza este estudo – o da identidade. Não através do viés da psicologia, mas do lingüístico, por ser a língua o processo onde se manifestam traços da identidade, mais ainda da *persona-on-line*, a qual, na ausência da materialidade corporal, assume uma existência imediata, circunstancial, efêmera e aleatória criando uma intimidade descompromissada por estar desatrelada das sanções esperadas em outras situações convencionais. O uso do ‘avatar’¹, para conduzir a participação das salas, implica no ocultamento de uma identidade genuína ou na criação de uma identidade aleatória que irá desvendar efeitos de normas instituídas. Para desenvolver esta categoria, amparo-me, principalmente, em

¹ Segundo Ferreira (1975:165), avatar: 2. transformação, transfiguração, metamorfose.

Butler (1997), a qual problematiza o conceito de performatividade, porque vem estabelecer a perspectiva de identidade construída com a qual lido. Formulado inicialmente por Austin (1997), pela característica de transformação em que está inserida a mulher deste estudo – dentro do conceito acima, a identidade desta é analisada sob a perspectiva de deslocamento e não de descrição. Revestida de uma máscara social, a usuária das salas de bate-papo, *desempenha* mais do que *é*, a identidade que ela própria escolhe ou cria, identidade como “uma construção, efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo” (Silva, 2000:96), que transita nas salas virtuais, nas quais o acesso é livre para qualquer usuário que terá apenas que se identificar com um apelido – *nick* – para entrar na sala.

Imbricada na problemática trazida por Butler, busco a concepção de identificação de Hall (2000), por lidar com a identidade como processo, e não identidade como produto. A importância deste conceito para esta investigação consiste na própria variação e efemeridade das identidades construídas no espaço virtual. Contudo, devo esclarecer que, ao longo desta análise, usarei o termo identidade para referência, ao invés de identificação. As teorias de Cameron; Kulick (2003) também estão presentes neste capítulo, por lidarem com a construção de identidades através da narrativas eróticas e marcadamente sexuadas em grupos de lésbicas, gays, bissexuais, etc. Foram significativas suas contribuições pois, suscitaram neste estudo, um olhar para a transgressão de tabus, marca expressiva das salas de bate-papo que acolhem as interações entre *personae* masculinas e femininas.

A segunda parte dedica-se à descrição dos dados onde exponho o método e apresento os resultados deste estudo. Prossigo com a discussão sobre as narrativas colhidas, sob a ótica das categorias desenvolvidas na primeira parte, maneira que julguei ser esclarecedora, por estar trazendo os dados de acordo com o olhar teórico. Retomo, então, os fundamentos de espaço, identidade e sexualidade apresentados na primeira parte, e passo então às considerações finais.

Ao final do trabalho, após a bibliografia, disponho um glossário dos termos mais utilizados pelos usuários, seguido de alguns anexos, contendo, na íntegra, as principais narrativas virtuais analisadas.

Devo enfatizar que a escolha do tema para esta pesquisa apresentava, desde o início, alguns riscos que eu teria que enfrentar: primeiramente, a efemeridade do espaço virtual contraposta ao longo tempo de redação que uma tese de doutorado costuma demandar, ou seja, ao mesmo tempo em que eu obtinha dados e os analisava, eu corria o

risco de ter a fonte desses mesmos dados desaparecida em face da transitoriedade que marca o espaço virtual. Outro grande risco estaria relacionado à ética, uma vez que eu interagia com identidades supostamente femininas e a minha identidade, supostamente masculina. Para esta questão, busquei alguns estudos: Dunbar (1997), Rorty (1991), Turkle (1995), mas, por estar num campo novo, pouco esclarecimento obtive, exceto da última, que relatou um caso de repetidas interações entre as mesmas *personae* nos E.U.A, o que acabou sendo alvo de intervenção judicial, através do qual, concluiu-se que, nem assim, houve violação das identidades, exatamente por estas serem criadas em cima de fantasias virtuais. Faço aqui, um parêntese para enfatizar que, em momento algum, eu, através das *personae* masculinas, voltei a interagir com a outra *persona* novamente, ou seja, todas as minhas interações de onde obtive a grande parte dos dados, deram-se em uma única vez com cada *persona-on-line*. Ao desligar o computador, aquelas informações passavam a servir apenas de registro para esta pesquisa e não oportunidade para alguma outra finalidade. Ainda em busca de mais esclarecimento sobre a ética, por meio de outro autor, Rajagopalan (2004), tranquilizei-me por encontrar a seguinte explicação ao tratar das ciências racionalista e a pragmatista:

Para a corrente racionalista, nenhuma teoria terá implicações éticas diretas, porque a ciência lida com os “fatos”², ao passo que na ética estamos lidando com os “valores”, e simplesmente não há como derivar enunciados que contêm termos de valor a partir de enunciados que dizem respeito a fatos. (2004:55)

A noção de ética que rege o espaço volátil da virtualidade é baseado em valores sociais cultuados, mas que, sob a clandestinidade que este mesmo espaço privilegia, se dissipa por, na verdade, não atentar contra ‘ninguém’ em potencial, visto que as *personae* deixam de existir quando os usuários a elas correspondentes desligam suas máquinas.

Um terceiro risco seria ter que enfrentar a concorrência nesse mesmo campo em dissertações e teses, já que era (e é) um novo meio de comunicação atraindo vários estudiosos. Na verdade, cheguei a deparar-me com alguns trabalhos sobre a Internet sob a análise conversacional, bem como alguns livros que analisaram os MUDS. Porém, desconheço, até o momento em que finalizo esta pesquisa, algum trabalho que tivesse voltado o olhar para as identidades femininas construídas pela linguagem, que se articula nas salas de bate-papo.

² Grifo do autor.

O meio de interação virtual pareceu-me perfeitamente adequado à proposta desta investigação: as identidades, e aqui lido somente com as identidades femininas, são processadas por meio de um código lingüístico calcado em significações conhecidas. Através da interação virtual, as narrativas vão criando o objeto, na ausência total da corporalidade, privilégio deste espaço: o objeto mulher, não mais enquanto identidade corporal ou biológica, mas socialmente construída, por meio de roteiros norteadores de convenções compartilhadas.

PARTE I

I. CONTEXTO HISTÓRICO

Por lidar com a construção das identidades femininas, neste capítulo do estudo farei, primeiramente, uma análise teórica dos estudos feministas desde suas manifestações iniciais, contrapondo com os estudos mais recentes, a fim de situar a narrativa da mulher na sala de bate-papo, objeto de estudo desta pesquisa. A razão que tenho para isso é por estar lidando com a mulher do período pós-moderno, inscrita nos movimentos feministas dos anos 60 e 70, portanto, a mulher que vivenciou realmente grandes transformações. Talvez, se eu tivesse trabalhado com a mulher mais jovem, eu teria prescindido de abordar o feminismo, por achar que ela já tinha nascido nesse contexto transformado. Embora grande parte do que relato neste início não é nenhuma novidade na história do feminismo aos leitores deste trabalho, decidi estabelecer uma referência para as minhas leituras iniciais que trouxeram contribuições ao contexto onde a mulher de hoje se insere.

Ao longo deste trabalho, estive sempre acompanhada de uma reflexão sobre a trajetória de alguns estudos feministas mais recentes, os quais têm trazido à baila revisões a respeito do movimento, sob a perspectiva das mulheres na atualidade, cujas identidades são fragmentadas. As políticas identitárias radicais que o feminismo postulou têm sido revistas e por isso, gerado uma multiplicidade de perspectivas, sem que isso signifique uma ruptura com as premissas das origens do movimento; este, diferentemente de uma nova descoberta ou invenção, que só são notadas no momento do acontecimento, é um processo que, embora tivesse um começo, não terá um fim, porque está dentro de um contexto que faz parte da vida de todas as mulheres, tenham ou não consciência disso. Mesmo assim, muitas autoras referem-se a ele, apontando certos conceitos conservadores, não mais compatíveis com os lugares que as mulheres hoje ocupam na sociedade:

(...) fato é que há muito renunciamos às perspectivas lineares, a conceitos fixos, a categorias abstratas, (...) enquanto categorias, para aceitá-las de novo, revistas, enquanto processo, movimento histórico, no tempo a delinear a diversidade das mais variadas conjunturas sociais” (Dias,1994:373).

Pelo fato deste estudo estar contemplando a teoria da performatividade de Judith Butler, uma teórica feminista, faço uso de algumas destas teorias feministas por achar

que, sendo a mulher o meu objeto de investigação, e tendo esta conquistado a posição que ocupa devido às mudanças que o feminismo possibilitou, o arcabouço mais apropriado para este trabalho deveria ser uma abordagem dos principais pontos do feminismo.

Ao estar fazendo da minha tese o estudo da narrativa da mulher, remontei-me a um tempo desde os clássicos quando a mulher era tida como um ser naturalizado; então, busquei nos conceitos de Platão, Sócrates e Aristóteles, uma explicação para tal. Pretendo, com essa perspectiva, percorrer a trajetória da mulher desde uma época em que se questionava a sua importância, a despeito da ausência de sua intervenção – é sempre mais fácil decidir-se sobre alguém que não tenha voz -, até o presente momento com a marcada presença da mulher no espaço público. É como se, com o olhar voltado para o papel emancipado da mulher, eu voltasse esse olhar para o tempo não de forma linear, visto estar apontando somente para os que a enclausuraram diante de um determinismo biológico e, para algumas teóricas feministas que a disputaram diante de posições fixas.

Mesmo nas discussões atuais como as das e-listas, na abordagem do feminismo é comum a referência a Platão, não só pela clássica visão do papel da mulher, como também pelo ponto inicial que isso representa nos estudos sobre a mulher. Nos seus diálogos em “República”, a figura da mulher, ausente dos diálogos, é humilhada - o sexo feminino foi criado pelas almas dos homens mais irracionais e maus que já possa ter havido. Dentre algumas personagens femininas mais conhecidas, Pandora e Penélope figuram como as favoritas para menção, esta última como ‘sábua em sua função de tecer’ e a anterior como ‘a primeira mulher que trouxe o mal para o mundo ao deixar escapar os males da caixa. No conceito platônico, a mulher deve tecer e fiar, enquanto a figura masculina prevalece nos tempos de Atenas. No seu livro “Leis”, Platão, definido por Gregory Vlastos como “homossexual, místico e moralista”, condena o homossexualismo porque o papel da mulher, desprezado, é representado pelo outro homem, o qual imita a mulher, ser desqualificado. Daí, a expressão ‘amor platônico’ que transcende a animalidade do homem na relação homossexual, anal, condenada por Platão. Este tipo de amor sugere que o aspecto físico do amor pode ser conquistado e transcendido para acima dos impulsos carniais. A outra metade que se busca na relação é, na figura de Aristófanes (no diálogo de Platão sobre o amor) própria de homens ‘hetero’ e assim, desprezado – em seu lugar, enaltece-se aquele que é metade do que alguma vez foi macho ‘double’ – portanto, cujos impulsos sexuais o impele a membros

do próprio sexo. Na sua visão do amor para a felicidade filosófica, Platão exclui as mulheres (Okin, 1992:25). Casar e ter filhos, só em deferência ao costume social.

Em *Leis*, Platão dá ênfase à educação e apregoa que as mulheres teriam os mesmos direitos que os homens se fossem educadas:

(...) women are weaker than men (...) (ibid., p. 59); (...) it is apparent from the total context of the Platonic dialogues that the rational, not the natural is their author's standard, (...) what is 'natural' is in fact, what the philosophic ruler (...) tells the citizens is 'natural' (ibid., p.68); (...) women's undeveloped capacities (...) (ibid.,p.70).

Ao mesmo tempo em que revelava a sua misoginia, ele falava da mesma oportunidade entre os sexos e em *Leis*, ele volta a glorificar o papel da família:

Thus, it is women who supervise married couples, who look after infants, whose role in the educational system is to provide the children's meals and oversee their games, in short, who perform, not in positions of the highest rank all those domestic nurturing child-oriented tasks to which women have traditionally been assigned (ibid. p. 47).

Aqui se nota o uso de palavras cuja conotação é militar – *rank, perform* – pois seus parâmetros são a garantia da ordem, o serviço militar, o peso da educação e do ambiente, fatores que vão redundar em benefício para sua proposta sociedade.

Sócrates, outra grande referência clássica, condena a procriação da carne – *offspring of the flesh* – como característica do amor heterossexual e, em seu lugar, coloca a procriação do pensamento, poesia e lei, os quais levam ao conhecimento da beleza da alma, a maior característica do amor homossexual.

Aristóteles desenvolve o conceito de que a natureza segue a regra do funcionalismo, obedecendo a um processo hierárquico, no qual a mulher, cuja função é procriar, está numa posição inferior ao homem: “(...) slave's function is the provision of the daily needs of substance whereas the female is the primary function of reproduction” (ibid., p. 81). No mesmo raciocínio de hierarquia, Aristóteles, postula que a mulher é uma coisa inferior e o escravo, abaixo de consideração.

Esses conceitos perpetuaram por largo tempo e, há estudos que identificam uma noção presente dos gregos ao século XVIII, que é a noção ‘unissexuada’ do corpo. Thomas Laqueur, em sua literatura médica, descreve que “o corpo feminino era considerado uma versão inferior do corpo masculino, ‘num eixo vertical de infinitas gradações’” [grifo da autora] (Nicholson, 2000:19). Mais adiante ainda no século XVIII,

a noção ‘bissexuada’ substitui a anterior e o corpo feminino passa a ser considerado “uma criatura totalmente diferente, num eixo horizontal cuja seção central era totalmente vazia” (ibid.).

No final do século XIX, quando o feminismo foi se articulando, ainda as pessoas se referiam à ‘luta pelos direitos das mulheres’, ‘movimento das mulheres’ e não ‘feminismo’: “Feminism came into English from the French feminisme, [grifo da autora] first used in 1880s by a determined advocate of political rights for women., Hubertine Auclert, founder of the first woman suffrage society in France” (Cott, 1987:14), quando então o feminismo encontrou, na sociedade, o momento favorável para eclodir com duas grandes forças antagônicas: a sociedade patriarcal e a revolta a esse regime. Nessa época, o termo feminismo aparecia como título de publicações sobre as mulheres, porém, os defensores dos ‘les droites des femmes’ (ibid.) deixavam claro que eram assuntos ‘femininos’ mais do que ‘feministas’; quando, uma década depois, o termo migrou para a Inglaterra, os críticos se referiam ao feminismo como “(...) more to unwanted Continental doctrines than to English developments” (ibid.). O termo, nessa época foi associado ao socialismo na Inglaterra, o que inspirou muita confusão na migração para os Estados Unidos – o movimento do sufragismo, o qual representava uma luta temporária, ficou associado à luta das mulheres, que, portanto, também deveria ser temporária uma vez conseguido o direito de voto: SUFRAGISM NOT FEMINISM era a manchete de um artigo que foi publicado num periódico cujo nome era AMERICAN SUFFRAGETTE; o autor começava esse artigo assim:

the right to vote is not based on contrasts between the sexes nor on animosity of one sex against the other, nor do we take refuge in any perverse theories (...) suffragists wished willing cooperation on the common ground - the Public Welfare.(ibid., p.15)

Se o mundo, através de movimentos sociais, descobertas científicas e fatores econômicos, passou por grandes transformações, pode-se dizer que as mulheres as vivenciaram duplamente: pelas transformações em si e pelo que estas as afetaram por serem mulheres. Isso quer dizer que, além dos movimentos que atingiram a sociedade como um todo, as mulheres enfrentaram também o desafio dos postulados clássicos que as rotularam.

Aos poucos, as mulheres puderam traduzir uma série de intenções para conquista de direitos e de liberdade em uma reivindicação semântica – o feminismo clamava pelo modernismo feminino. O voto era, na verdade, somente um meio de se atingir uma

grande revolução social e, apesar da confusão inicial, por volta de 1913, uma nova fase – a da emancipação da mulher – tomava vulto. Era uma época com movimentos político-sociais emergindo em vários lugares contra repressões ditatoriais, o que permitiu que a mulher como ‘minoría’, por ser a parte desprivilegiada nos papéis sociais, encontrasse espaço para se manifestar. Por volta de 1920, apregoava-se a queda do feminismo pelo receio, entre todos, dos radicalismos políticos em função da I Guerra Mundial – temia-se que qualquer movimento, desde que fortalecido, pudesse alavancar outros como o Marxismo e o Comunismo. Quando se fala do arrefecimento do feminismo dessa época, na verdade está se fazendo uma referência a essa insegurança no meio político-social, o que propiciava mudanças nos regimes. Talvez essa seja a razão pela qual, durante todo o século XX, o feminismo tenha sofrido represálias que traziam questionamentos a respeito da atitude feminista, pois que, freqüentemente poderia ser vista como suspeita ao bem estar vigente em vários segmentos.

Anos mais tarde, as mulheres ainda vivendo para as tarefas do lar, refletiam sobre essa situação – reflexão motivada pela influência do feminismo, embora contra a vontade daqueles que viam nele somente o sufrágismo –, e se questionavam sobre sua identidade como Friedan postula no seu livro:

The tragedy was, nobody ever looked us in the eye and said you have to decide what you want to do with your life, besides being your husband’s wife and children’s mother. I never thought it through until I was thirty-six, and my husband was so busy with his practice that he couldn’t entertain me every night. The three boys were in school all day. I kept on trying to have babies despite an Rh discrepancy. After two miscarriages, they said I must stop. I thought that my own growth and evolution was over. I always knew as a child that I was going to grow up and go to college, and then get married, and that’s as far as a girl has to think. After that, your husband determines and fills your life. It wasn’t until I got so lonely as the doctor’s wife and kept screaming at the kids because they didn’t fill my life that I realized I had to make my own life. I still had to decide what I wanted to be. I hadn’t finished evolving at all. But it took me ten years to think it through (Friedan, 1970:64).

A mesma autora descreve o conflito existente nas mulheres – o qual ela denomina ‘a mística feminina’, no período em que a emancipação feminina tomava vulto:

I discovered a strange thing, interviewing women of my own generation over the past ten years. When we were growing up, many of us could not see ourselves beyond the age of twenty one. We had no image of our own future, of ourselves as women” (ibid., p.62).

O movimento feminista que avançava mesmo em não-militantes, à revelia de conservadores, atordoava as mulheres presentes em Friedan, pois que teriam que fazer opção entre o lar ou o trabalho: “It is my thesis that the core of the problem for women today is not sexual but a problem of identity” (...) (ibid., p.69). Mesmo depois de terem optado, as mulheres sofreriam reprovações de feministas ou da sociedade, dependendo da opção feita. Embora sendo uma das vanguardistas do feminismo, Friedan pertence a uma facção conservadora, pró-família, pois celebra as qualidades tradicionalmente feministas. “We should avoid incendiary issues like lesbianism and calls for abortion on demand” (Mitchell, 1986:212). A autora coloca-se contra polarização política porque acredita que seja falsa: “There are not two kinds of women in America (...) Nor are the needs of women and men incompatible” (ibid.). Friedan postula que o segundo momento do movimento feminista representa uma resposta liberal ao fracasso do liberalismo e uma resposta feminista aos ‘setbacks’ do feminismo: “The family is who you come home to”.(Mitchell, 1986:213).

Elshtain, uma feminista conservadora mais teórica, em seu livro *Public Man, Private Woman*, aborda o discurso da teoria política em duas partes:

I – caracteriza uma consciência feminista auto-reflexiva nas imagens de público e privado dos gregos a Marx – teoria clássica ocidental.

II – critica a maneira como a teoria feminista conservadora tratou as esferas de público e privado.

Tanto Friedan como Elshtain criticam as feministas por atacarem a família, porém, esta última clama pelo feminismo social, segundo o qual é possível preservar as comunidades e famílias tradicionais e manter um limite claro entre a vida pública e a privada, sustentando aqueles aspectos de diferenciação de gênero que são necessários à vida social. Contudo e devido a ser um processo mais do que uma manifestação, pois ao deflagrar-se, o feminismo iniciou as mudanças, as mesmas feministas se posicionavam em diferentes momentos. Entre o segundo momento de Friedan e o feminismo social de Elshtain há diferenças já que elas mantêm pontos de vistas contrários no que se referem a capitalismo e modernidade e, apresentam definições incompatíveis de família e comunidades, que refletem as diferentes tradições intelectuais e políticas em que trabalham. A rejeição da política sexual é a afinidade central entre elas.

Germaine Greer, uma feminista radical que repudia também a política sexual, volta-se para a clássica família patriarcal e considera a família nuclear um anátema. Esta

é uma unidade na qual a relação do casal extrapola outros valores como um “desiccated product and agent of a technocratic, consumer society” (ibid.,p.218). Uma busca de orgasmos como ela define. A família com seus valores espirituais e emocionais se apresenta como uma estrutura orgânica mostrada na lei, na genética, etc., mas principalmente nos corações e mentes. Segue abaixo um trecho de seu livro “Sex and Destiny”:

It may seem strange for a XX century feminist to be among the few champions of the Family as larger organization than the suburban type, for most of the families are headed by men and men, play the decisive role in them or at any rate usually appear to, but there are reasons for such a paradoxical attitude. (Stacey in op.cit.p. 219).

Devido à preocupação que as feministas acima citadas revelam com relação à manutenção dos laços de família, suas premissas parecem se abster da oposição masculino-feminina e nenhuma dessas autoras “support direct efforts to confront the domination of women by men” segundo Stacey, a qual complementa: “Elshtain (...) rarely seems to comprehend what all the feminist fuss is about” (ibid., p.221). A chamada crise do movimento feminista mostrou-se mais como uma molécula sofrendo divisões e dispersando-se em outras posições; estes caminhos foram vistos como a distorção da voz do feminismo, resultando na necessidade de construção (e não representação), do significado na retomada do processo. Mitchell, estudiosa do feminismo, que também mostra certa preocupação com relação a posições radicais feministas, (1986:47) vai mais longe ao afirmar:

Feminism does emanate from the bourgeoisie of the petit-bourgeois, the social class which, in capitalist society, where it is dominant, gives its values to the society as a whole. (...) to see this is not to turn aside from feminism, but to note that as yet it has not transcended the limitations of its origins.

Aliada à perda da teoria de gênero oposto à sexo como consequência do feminismo no repúdio à política sexual, vem a ameaça do retorno a um estágio pré-feminista no qual esquece-se que uma das mais valiosas conquistas do feminismo foi “to deconstruct the family as a natural unit – as ideology, as institutional nexes of social relationships and cultural meaning” (ibid., p.222) As feministas conservadoras (Greer, Elshtain, Friedan) igualam a família com o ‘natural’ o que, na opinião de Judith Stacey retorna o movimento para um estágio anterior de essência a-histórica como o

movimento estruturalista, pois este é um conceito clássico de Aristóteles que define a família como “the only natural and necessary basis for social life” (Moller, 1992:85).

Dentro dessas divisões que foram surgindo ao longo dos diferentes estágios do movimento feminista, ‘lobbies’ foram sendo formados que passaram a ter atuação política de falar “enquanto mulheres e pelas mulheres” (Butler, 1998:35). Essa suposta ‘unificação’ do elemento comum, mulher, resultou em rupturas internas contestatórias que viam nessa invocação da categoria única, um posicionamento excludente porque o ‘nós’ feminista estava preso num modelo, num perfil, na construção de um sujeito e, por conseguinte, na exclusão de outro. Por exemplo, na década de 1980, “o ‘nós’ feminista foi atacado com justiça pelas mulheres de cor que diziam que aquele ‘nós’ era invariavelmente de mulheres brancas” (ibid.). Nicholson (2000) chama essa postura de ginocêntrica, pois o modelo não refletia as experiências das mulheres negras, trabalhadoras ou lésbicas.

Outro tipo de aconselhamento de feministas teria sido de encorajar a mulher moderna a usufruir o que o feminismo lhe permitia, numa relação de consumo oportunista. Elizabeth Cady Stanton sugere:

Go and buy a new stove! Buy what you need! Buy while he’s in Washington! When he returns and flies into rage, you sit in a corner and weep. That will soften him. Then when he tastes his food from the new stove, he will know you did the wise thing (...) GO OUT AND BUY ³ (Stanton apud Mitchell, 1986:46).

Na perseguição de um sujeito universal mulher, parecia que novos conceitos revestiam velhos rótulos, esquecendo que as mulheres são iguais em suas diferenças e que por isso, são sujeitos contingentes não históricos. Desconsiderar isto era como desconfiar da adoção de “um ‘novo’⁴ que já não esteja de alguma forma implicado no ‘velho’” (Butler, 1998:19).

O movimento que tinha surgido como busca de identidade e repúdio ao domínio masculino, nos anos 70, se instaurou como anticasamento, antifamília, anti-religião, antifilhos, anti-homens porque as primeiras feministas comparavam o casamento com escravidão; de um lado, havia a família e de outro, o trabalho, como se nunca pudessem ser conciliados, fazendo com que este último representasse o grito de liberdade, o que, praticamente rotulava a família de ‘prisão’: “(...) feminism tended to portray home life

³ Grifo da autora consultada.

⁴ Grifo da autora.

as some sort of idiocy that no enlightened woman would be interested in” (www.friesan.com). A vanguarda feminista então, dos anos 70 enfatizava “os aspectos comuns entre mulheres e suas diferenças em relação aos homens” (Nicholson, 2000:27).

De fato, o movimento feminista tornou-se possível porque em algum momento, houve uma tendência cultural com base europeia que permitiu a desassociação entre a biologia e o caráter – houve um grupo de pessoas que, apesar da genitália, infiltrou-se na academia masculina, nas instituições de poder para poderem clamar pelos direitos de todas as mulheres. Através de uma representação das mulheres, o feminismo que irrompeu nos anos 60/70, veio com força total para estabelecer uma política feminista vinculada a meios de legitimação e exclusão (haja vista a própria denominação ‘representação’), duramente criticados pelas pós-feministas, as quais viam nesta estratégia a produção artificial de um sujeito feminista submetido às mesmas estruturas de poder pelas quais se reivindicava a emancipação. Encravadas num cenário de transformações, as revisitações do movimento feminista, estão as mulheres que analiso neste trabalho, as quais, de alguma maneira, refletem, em suas narrativas, as influências inegáveis do momento social a que pertencem. É sobre esse sujeito-mulher que falo a seguir.

I.1 SUJEITO FEMINISTA

No capítulo anterior, pretendi trazer à tona, num breve relato, as posições acerca do gênero feminino desde os primórdios clássicos, passando pelo movimento feminista através de algumas posições representativas. A decisão de fazer este percurso esteve em estreita relação com o objeto de análise deste estudo, a mulher, por dois motivos principais: primeiramente, o de seguir o movimento que partiu da identidade feminista como essência em direção à identidade como construção. O segundo motivo deve-se ao fato de considerar que as suas narrativas nas salas de bate-papo, historicamente, estavam carregadas das transformações pelas quais a mulher passou, sem as quais, talvez, sua presença, nesse espaço, nem existisse. A seguir, neste capítulo, exponho alguns estudos acerca do sujeito feminista, inserido em padrões sociais que diziam respeito à época dos movimentos.

Num salto para o tempo no qual esta pesquisa foi realizada, onde discussões feministas acontecem via Internet, os valores clássicos ainda estão presentes nos exemplos ditados para as culturas. Como observa Butler:

Embora afirmar a existência de um patriarcado universal não tenha mais a credibilidade ostentada no passado, a noção de uma concepção genericamente compartilhada das 'mulheres'⁵(...) tem se mostrado muito mais difícil de superar. (2003:21)

Ao questionar sobre vários conflitos dentro do feminismo, a autora citada acima tenta por em dúvida a busca do feminismo por uma *especificidade das culturas das mulheres* (ibid.), algo que ela considera inatingível pela própria condição impossível de uma identidade única:

Com efeito, a insistência prematura num sujeito estável do feminismo, compreendido como uma categoria una das mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. Esses domínios de exclusão revelam as conseqüências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios. (2003:22)

É sabido que as teorias de Butler refutam a posição estável do sujeito e que, portanto, argumentar-se a favor de um sujeito do feminismo foi uma das críticas mais severas que o feminismo dela recebeu. Na busca de uma representação política, o

⁵ Grifo da autora.

feminismo tende a pressupor uma identidade fixa das mulheres, uma plataforma fundacional que vai contra a noção de sujeito contingente de Butler. Esta, então ira argumentar contra esse posicionamento específico do feminismo alegando que se há uma fragmentação dentro do feminismo na atualidade, isso deve-se a esse pressuposto. Nesse salto para o tempo atual, onde discussões feministas acontecem via Internet, os valores clássicos ainda estão presentes nos exemplos ditados para as culturas: “(...) There is little doubt that the received wisdom in every culture is that men are suited for war and women, mostly, are not. And men are suited for war because they are larger and stronger but also more aggressive and naturally violent.” (Nicholson, 2000:27)

A autora critica a posição feminista, a qual não considera o fato de que as duas últimas qualidades do trecho a seguir – *aggressive and violent* – possam ser resultado de uma construção social, opinião à qual a autora do trecho se opõe, por considerar que “(...) women would be just as aggressive and violent if they have been taught to be that way (...)” (ibid.). Embora o movimento original feminista tenha lutado para que fosse permitido à mulher fazer o que quer que fosse, desde que tivesse habilitação para tal, isto afetou os padrões das exigências em geral, moldando estas exigências à mulher. Um exemplo disto foi o fato de que o exército americano determinou que as mulheres se submetessem a 52% do esforço corporal (exercícios para a parte superior) praticado pelos homens. Outros exemplos da mudança dos parâmetros aconteceram nas profissões militares ou de grande solicitação física, por ex., a dos bombeiros, os quais se submetem a treinamentos separados pelo sexo, para facilitar a inclusão de mais mulheres; “why this has happened, or why it is thought to be necessary, has mostly not been a matter for candid admission or public debate” (Nota de rodapé, pp.8-9).

Com esses argumentos, a autora, mais do que criticar a demanda original do feminismo, chama a atenção para os deslizes do movimento radical, que faz cair em contradição seus argumentos principais: “Warren Farrell (The myth of Male Power) was actually on the national governing board of the National Organization for Women – NOW – until he became disillusioned and decided that NOW was not fighting for the proper goals” (ibid.).

A mesma autora reforça a posição de que a volta do feminismo foi, a princípio mal entendido pela sociedade: “most men were simply bewildered and astonished by feminism back in the 70s”, porque o movimento realmente pregava a separação entre as crianças e os pais: “any old social function that the family may have fulfilled was to be fulfilled by the state instead, much more safely and effectively” (ibid.). Como as

crianças estariam longe dos pais reacionários, quer dizer, dos patriarcas, estariam em segurança (*safely*) e (*effectively*) porque estariam nas mãos de profissionais de creches, os quais iriam apagar as diferenças do gênero para as crianças nesse convívio social ‘neutro’, baseado na teoria de que as diferenças apenas são socialmente convencionadas. Isto sugeria os modelos de educação em Israel, União Soviética, que foram vistos como monstros fracassados do totalitarismo. O autor vai mais longe na sua crítica ao extremismo dos padrões ao dizer que:

(...) if everything that we are is **just** socialization, then the reasonable thing is to socialize us in the best way possible and that would be through the agency of those who know best. Those who know best, in turn, would be those **politically favored**⁶, or at least self-appointed with enough fanfare (ibid)

Na verdade, outros autores (F. Hayek; Karl Popper, Ayn Rand) irão também se posicionar contra o princípio antifamília que o feminismo inicialmente pregara. Dizem, por exemplo, que, ao patriarcalismo, associam-se conceitos negativos tais como, guerra, racismo, capitalismo, enquanto que, ao feminismo, agregam-se ‘o pacifismo, socialismo, ambientalismo, multiculturalismo e mesmo o naturalismo vegetariano’. É como se somente as mulheres, politicamente corretas, fossem mulheres, fazendo minhas as palavras do autor.

Na fundamentação das teorias feministas havia a preocupação da noção de uma essencialidade, um sujeito universal capaz de representar todas as mulheres e, mesmo assim, continuar neutro. Porém, como diz Butler (1998:24): “Nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida; e a fantasia de que o seja só pode desconhecer suas relações constitutivas”; ainda assim, qual o número de ‘universalidades’ existentes num momento em que “a categoria de ‘universal’ apenas começa a ser desmascarada por seu viés altamente etnocêntrico?” (ibid.p.20). E se fosse possível adotar-se um sujeito universal feminista, qual seria esse modelo? A mulher solteira que não se curvou à instituição do casamento, a mulher executiva que por sua independência econômica não se subjugou à dominação masculina, a mulher casada que pela convivência com o homem tem mais desenvoltura para lidar com aspectos de poder e submissão? São tantas posições de sujeito que a simples eleição de um modelo, inevitavelmente, excluiria injustamente outros igualmente representativos. Tendo sido a mulher, sempre associada ao ‘natural’, a especificidade buscada foi a da maternidade, ou seja, o estabelecimento de um posicionamento baseado na função biológica. Esta conceituação

⁶ Grifo do autor.

incluía muitas e excluía outras tantas mulheres mesmo porque o ‘papel’ de mãe não era/é visto como compatível com a politização dentro do movimento feminista. Pois como Butler argumenta:

Querem as mulheres tornar-se sujeitos com base no modelo que exige e produz uma região anterior de degradação, ou deve o feminismo tornar-se um processo que é autocrítico sobre os processos que produzem e desestabilizam categorias de identidade? (ibid, p.34).

German Stahl, um escritor que mantinha a opinião de que, na mulher, a proposta essencial está subordinada à maternidade visando à continuação da espécie, argumenta:

Let women leave to men the doubtful benefit that they seek in this dangerous enterprise [intellectual work: nature has done enough for them already and it would be an offence against her if through such an activity, women were to lose the lustre of the precious gifts which she has bestowed. (Stahl *apud* Bloch, 1980:33)

Na perseguição de um modelo-mulher, de uma representação única, de uma ontologia maternal, não estaria o feminismo, dessa forma, recorrendo às mesmas artimanhas do poder que apregoava estar negando? Além disso, a exigência de se formatar uma categoria previamente sugeriria uma aparência fundamentalista pela criação imposta de uma ‘identidade’ feminista. “As categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tal, exclusivistas” (Butler,1998:36). Dessa maneira os esforços para dar categoria universal às mulheres como parte da luta de emancipação feminina, se mostraram reducionistas por ignorarem ou desconsiderarem o campo de diferenças das mulheres, o qual sempre permite um lugar de “permanente abertura e re-significação” (ibid.).

Na verdade, não podemos nos esquecer de que, como ao homem sempre se atribuiu importância à sua função pública, todas as outras funções – como pai, como filho, que também o constituíam – embora presentes, não interferiam no desempenho de suas funções. A mulher, contudo, a partir do surgimento do feminismo, passou a ocupar o espaço público trazendo consigo, todas as funções que a constituíam no domínio privado – mãe, dona-de-casa, cuidadora dos pais –, sem poder prescindir de qualquer delas, pelo contrário, tendo que dar conta de todas para que a sociedade aceitasse sua reivindicação e autorizasse sua nova ‘identidade’. Claro que esta mesma sociedade da qual todas as mulheres faziam parte também iria alertar para a ameaça que essa nova identidade traria para a família e, “cobrar” da mulher e não do homem, a

responsabilidade da preservação da mesma. Por essa razão, as feministas conservadoras, como as citadas anteriormente, clamariam por uma posição feminista ‘controlada’ ou ‘mais suave’. Foi como se, símbolo e significado se fundissem passando a ser inerentes à natureza verdadeira da mulher”. Ou, como se o feminino fosse excluído do discurso feminista, mas, estando sempre presente preso pelo jugo da categoria de um sujeito universal.

O sujeito de Foucault tem “sua genealogia apagada no momento em que o sujeito se toma como única origem de sua ação, e que o efeito de uma ação sempre suplanta a intenção ou propósito declarado do ato” (Ibid.,p.26). Os efeitos dessa ação tendem a escapar do controle do sujeito e assim, subverter a própria noção do sujeito, que tem um caráter constitutivo mais do que determinado, pela sua capacidade de agir.

Houve uma característica no movimento feminista distinto de outros de minorias porque não ficou aprisionado pelos limites temporais, uma vez que a postura feminista estava sempre se re-significando. Isso porque não se pode dizer que o movimento ‘permanece’ – isso seria apreender o movimento e fixá-lo num tempo e espaço, desconsiderando os vários ‘loci’ de enunciação. Como também não se pode dizer que as mesmas características dos anos 60 são encontradas no posicionamento feminista de hoje, do momento em que este trabalho foi escrito. Afinal qual foi o critério de construção do sujeito feminista que, por meio de exclusões, adota os modelos de dominação previamente atacados, possibilitando que as exclusões venham a se articular e ameaçar o êxito do processo feminista pela ‘facciosidade’ (termo cunhado por Butler), que ao invés de liquidá-la a incentiva?

Há o refrão de que justamente agora, quando as mulheres começam a assumir o lugar de sujeitos, as posições pós-modernas chegam para anunciar que o sujeito está morto (...) ou que **nunca** existiu (posição pós-estruturalista) e posições pós-modernas que sustentam que o sujeito **outrora**⁷ teve integridade, mas não a tem mais. (Butler, 1998: 33).

Isto, segundo a autora, representa uma advertência de que na luta pela emancipação, o feminismo poderá ter incorrido no erro de adotar os modelos de dominação que tentou eliminar. Ao se tentar dar uma linearidade histórica ao feminismo, estabelecendo datas, 60s, 80s, ou um estereótipo da mulher tal e qual existia na deflagração do movimento, está-se buscando apreender a tônica do movimento no seu surgimento e impetrá-lo como bandeira da resistência das mulheres de hoje. A

⁷ Grifo da autora.

imposição de uma universalidade normativa torna-se uma prática poderosa que disfarça e amplia seu próprio jogo do poder:

Se o sujeito é constituído pelo poder, esse poder não cessa no momento em que o sujeito é constituído, pois esse sujeito nunca está plenamente constituído, mas é sujeitado e produzido continuamente. Esse sujeito não é base nem produto, mas a possibilidade permanente de um certo processo de re-significação, que é desviado e bloqueado mediante outro mecanismo de poder, mas que é a possibilidade de trabalhar o poder. (ibid.p.31)

Alguns autores dizem que na reivindicação por uma igualdade de direitos, perdeu-se a voz de um feminismo único, universal. “Não sou feminista” – é o que se ouviu dizer por parte de mulheres que hoje usufruem as posições conseguidas pela conquista feminista. O problema é que, atrelado ao símbolo do feminismo, associaram-se significados não bem acolhidos como, a abolição do feminino, rejeição ao masculino, radicalismo; estes, nos tempos da conquista do voto pelas mulheres (o grande símbolo), tiveram profunda importância na própria dinâmica de repúdio à dominação masculina, porém, não encontram espaço, nem ganham vulto nas frentes feministas atuais. Obviamente, deve-se destacar que a repercussão obtida na década de 60 encontrou clima propício, marcando a emancipação feminina de desvencilhar-se dos grilhões que a sociedade machista até então impunha. Depois, tendo conquistado esse espaço, nada mais natural que se tornou mais difícil de se perceber os limites do domínio masculino.

Reconhecer que o movimento eclodiu num espaço e tempo diferentes aos de hoje é lançar um outro olhar e acolher novas perspectivas, posto que, o lugar-posição, de onde se partiu em busca da demolição de valores castradores da mulher, não mais existe. Na verdade, segundo alguns autores, o signo mulher, no meio das mudanças, de símbolo da fertilidade passa a ser, para a sociedade, o símbolo da desestruturação da família, da irreverência sexual, o grande responsável pela desintegração social, com o advento do feminismo:

If women are the vanguard troops of change, it is not only because the whole society is becoming feminized or androgynized – though this is partly true. It is also because, as women, we occupy a socially marginal and hence a shiftable position (Mitchell, 1986:47).

As grandes discussões atuais nesse âmbito dizem respeito principalmente à política. É o que aponta Borges (2005) ao citar figuras nacionais importantes atuando nas discussões feministas: “Trinta anos depois do grande boom do movimento feminista no Brasil, repensar o lugar da mulher na sociedade é, necessariamente, discutir a atual

democracia”. Ao abordar o assunto do movimento feminista dos anos 70, a autora cita outras estudiosas que, hoje, estão refletindo sobre as conseqüências desse movimento inseridas num mundo diferente daquele onde se afigurou o feminismo:

Professora de ciência política da Universidade de Brasília (UnB), Lúcia Mercês Avelar afirmou que a diluição da mobilização do movimento feminista dos anos 70 abriu campo para a pluralidade. É na década de 90 que se inicia uma enorme diversidade de atores, “mas que nem sempre trazem identidades construídas através de redes horizontais de solidariedade”, disse a professora. O novo leque de atores não constituiu necessariamente um espaço político autônomo, tal como foi inaugurado anteriormente. (...) Resultado da substituição do capitalismo industrial por um informacional, que distancia os próprios trabalhadores do ponto visível do capital, a desmobilização do movimento de mulheres acompanha a de outros movimentos sociais. Para Lúcia Avelar, essa nova geração de feministas, no entanto, deve cumprir uma tarefa específica: denunciar a ausência de democratização das estruturas sociais e políticas. (Borges, 2005)

O que acontece é que, nos momentos de crise, recorre-se a valores de minorias e, no caso, à imagem da mulher. A autora está, claramente, destacando os papéis da mulher em face dos esfacelamentos da esquerda política e, para isso, chama a atenção de que a mulher de hoje, fruto de movimentos mobilizadores da sociedade, tem que cumprir outras tarefas que não as de ficar se remetendo aos mesmos motivos que a causa feminista dos anos 70 abraçou.

Portanto, temos de um lado, as mulheres dizendo-se não feministas muito embora, desfrutando as benesses que o feminismo propiciou e de outro lado, as feministas radicais, irredutíveis na idéia de disciplinar o movimento tal e qual como surgiu, algo que há muito lhes havia fugido do controle. Ambas as perspectivas surgem a partir de posições que compartilham de uma mesma ideologia, a da ideologia condutora em prol da luta pela causa feminista. Isso não privilegia nem uma nem outra perspectiva na busca de uma verdade única, e, portanto, inatingível, mesmo porque o significado de todas as coisas irá depender da perspectiva tomada. Embora o movimento feminista surgisse para desconstruir a estrutura de uma sociedade fincada em parâmetros machistas, ele também começou a estabelecer linearidade ao impor diretrizes. Nos dias de hoje, (a referência que tomo é do momento em que este trabalho foi escrito), ao narrativizá-lo, as feministas resgatam os vários *loci* de enunciação ao desnudarem o processo de construção de conhecimento: “a questão que o feminismo enfrenta hoje é se podemos ou não gerar novas noções de gênero que retenham o que foi positivo num ‘feminismo da diferença’ e eliminem o que foi negativo” (Nicholson, 2000:33).

Esses sujeitos feministas contingentes negam o papel de uma identidade feminista fixa, radical e constroem uma identificação ambivalente não menos feminista na nossa sociedade, ou atenuando a intensidade do termo feminista, não menos engajado na defesa de um lugar conquistado. O poderoso sujeito feminista constituído no feminismo volta a invadir o lugar execrado pelo próprio feminismo, o espaço privado.

A seguir relatarei um estudo recente, se comparado com outros estudos já citados, que mostra certas reações contrárias ao radicalismo feminista, presentes nas jovens de hoje. Por julgar de importância na exemplificação das mudanças do sujeito feminista, apresento aqui um estudo de Christine Smith, depto de Psicologia em Lewis & Clark College, Portland, sobre a auto-estima que as feministas, anti-feministas e aquelas que se auto-denominam de ‘mistas’ recebem de seu grupo de gênero: “Some feminists may assume that women who do not identify as feminists, or who are specifically anti-feminist are not woman-identified” (Smith, 1999:281). De acordo com Luhtanen; Crocker (1992) *apud* Smith (ibid.), os indivíduos apresentam uma auto-estima coletiva (*Collective Self Steem*), que é o aspecto de identidade com relação ao grupo social ao que pertencem; essa categoria de auto-estima consiste de 4 subcategorias: *Membership, Identity, Public, Private*⁸(ibid., p.282). Por exemplo, os indivíduos que apresentam uma alta estima para o grupo (CSE):

- pensam ter importância para esse grupo (Membership);
- estão pessoalmente satisfeitos em serem membros (Private);
- acreditam que outros respeitam seu grupo (Public);
- o fato de serem sócios lhes dá um aspecto importante de sua identidade (Identity).

Como diz a autora acima, há vários estudos afirmando que embora as jovens na faculdade apoiem os ideais feministas, como igualdade de salários e direito ao aborto, elas relutam em se rotularem ‘feministas’ (Kamen, 1991; Renzetti, 1987; Smith, Frieze & Murrell, 1993) *apud* Smith (1999:282). Elas consideram o feminismo positivo porém acham as feministas radicais (male-bashers) e preferem endossar o ponto intermediário da posição, o de serem ‘mistas’. Tanto as feministas como as anti-feministas apresentam atitudes radicais em relação ao grupo (a auto-estima coletiva - CSE), diferentemente das

⁸ Mantere essas categorias em inglês para tornar a minha interpretação fiel ao estudo.

que se enquadram na categoria ‘mista’, as quais não vêem o gênero como característica reguladora do grupo. Diz Smith:

If attitudes provide individuals with ways of organizing the world (Katz, 1960) and expressing values (Baron & Byrne, 1997) then those who align themselves with extreme attitudes (feminist, anti-feminist) may have more strongly held attitudes that provide self-definition. (ibid., p.283)

Ainda dentro do estudo, as discrepâncias existentes entre as feministas e as anti-feministas se notam principalmente na categoria ‘Public’ porque enquanto, as primeiras lutam para alargar o *status* e ampliar os papéis das mulheres, as anti-feministas trabalham em prol da manutenção desses papéis. Existe uma fidelidade ‘ao partido’ nos dois grupos que têm um índice mais alto de participação no grupo (*Membership*) do que as que estão no grupo ‘misto’, visto serem mais ambivalentes quanto ao lugar das mulheres no mundo. Estas, segundo o mesmo artigo, são as que não apresentam atitudes extremistas quanto aos papéis dos gêneros.

A autora demonstra que, contraditoriamente, as anti-feministas, por sua oposição radicalista, vão ter atitudes não tradicionais, por causa do anti-essencialismo, enquanto que as feministas, por suas crenças socializadas, apresentam atitudes tradicionais, como que numa inversão de posições. Na categoria ‘Public’, as feministas estão em baixo índice na oposta relação com as anti-feministas para as quais, o baixo índice fica com o ‘Private’ – o artigo chama de ‘Private’ o grau de satisfação que as mulheres apresentam de pertencer ao grupo e ‘Public’, o grau de satisfação de se saberem respeitadas enquanto grupo. Aquelas no grupo ‘misto’ transitam igualmente, em baixa escala nessas duas categorias. Estas também têm índices mais baixos com relação ao ‘Membership’ porém, contrário ao que se previa, o grupo ‘misto’ não apresentou uma baixa mostra na categoria ‘Identity’, comparando-se com as feministas e as anti-feministas. Com essa afirmação, o estudo coloca o fator identidade como sendo exclusivo dos grupos radicais, ou em outras palavras, o radicalismo feminista, tanto quanto seu oposto, o radicalismo anti-feminista, não garante a manutenção da identidade dos que pertencem ao grupo. Esta não irá depender de maior identificação com o mesmo. A fidelidade ao grupo, garantindo a auto-estima do gênero, (CSE), não exclui as que se encontram no grupo ‘misto’.

Rejection of the feminist label should not be equated with rejection of women or the perceived low value of women or lack of gender salience (...) Those of us who seek women’s empowerment must address women from a variety of

viewpoints and acknowledge their self-esteem as women and the variety of contributors to their attitudes and labels. (Smith, 1999:292)

Com tantas polêmicas cercando o tema do feminismo, a Internet apresentou-se como lugar privilegiado para conscientização do movimento que sempre está se modificando. Numa das listas atuais <*marxism-feminism@lists.village.virginia.edu*>, há a seguinte chamada aos simpatizantes da intersecção entre o feminismo e o marxismo para a criação do fórum de discussões:

Marxism-feminism (or feminist socialism) is an important topic, one continuously riddled with issues of feminism's reconciliation with, "assimilation" into, and controversial relationship with Marxist and socialist politics and analysis. It challenges Marxism to deal more directly with issues of gender/power differences, and presents a much-needed critique of mainstream feminism's failure to deal meaningfully with analysis of class structures and ethnic differences. We hope to (...) assist in establishing a more concrete and politically viable connection between 'feminist theory' and actual lives and day-to-day concerns of working-class people everywhere. [grifos da página]

Numa outra página da Internet <*www.feminist.com.*>, Amy Richardson & Mariane Schnall comentam um trecho sob o título: *Sisterhood is forever: the women's anthology for a New Millennium*, no qual há uma referência a uma sala com pessoas trocando experiências diferentes e elas a comparam com a sala virtual: "Yet this room exists- though only virtually – and illustrates the potential cyberspace offers for mainstreaming feminist issues and linking them to solutions".

As e-listas, também chamadas de *new medium* ou *a new means toward feminism's goals* [grifo da página] (ibid.) tornaram-se o espaço adequado para todas as plataformas para combater ou defender posições. A Internet é o palco no qual se reduplicou a oportunidade de expor pontos de vista de todos lados, o que propiciou também o indesejado: "There are many degrading, hateful sites, which, protected by the First Amendment, have no restraints to prevent them from expressing violent misogyny in deeply disturbing ways" (ibid.).

Ainda que se admita a invasão de *sites* não acolhidos, é impossível refutar o imenso impacto que a tecnologia tem trazido aos movimentos culturais com as discussões que através dela se instauram. Mesmo sem ideologizar o hipertexto como forma avançada de atingir um maior número de pessoas num menor tempo possível, o advento da Internet se dissemina e possibilita a influência de novos conceitos vindo de todas partes do mundo – a 'web' compõe um universo de identidades que se interrelacionam penetrando nos mais arraigados pontos de tensão.

Esta nova possibilidade, ao mesmo tempo em que proporciona mudança de perspectivas, uma vez que os grupos ficam menos fechados nas suas discussões, está vulnerável a críticas, as quais acusam o uso do hipertexto para fins de plataformas políticas como Diane Greco, (MIT):

Any claim that hypertext is a privileged preserve of female or even feminist writing is suspicious for other reasons as well (...) why hypertext might fulfill a dream of (...) a representation for a group whose voices, interests, and hopes are themselves diverse and difficult to define? Those who make this claim commit themselves to a patronizing ideology of dominance masquerading as support and concern (...) for it is the privilege of the powerful to appropriate domains of discourse on behalf of others. (www.cspace/ht/greco5.html)

Para a autora, o espaço na Internet não pode confinar os estudos sobre as mulheres como numa clausura subversiva que, afeta não somente seus grupos mas, também, toda a espécie de dominação e poder. As chances que o hipertexto oferece pela oposição à não-linearidade racional são perdidas no momento em que é mal utilizado com uma narrativa ‘feminina’ ‘rebuscada’, ‘intuitiva’, ‘detalhada’, fazendo minhas as palavras da autora acima citada.

Contudo, serão passíveis de crítica, os antiquados princípios norteadores, embutidos de preconceitos e seleção que autorizaram políticas de identidade feminista no início do movimento e que, portanto, fixaram-se também em conceitos essencialistas. Estes deram lugar a rompimentos contingentes, o que permitiu um novo olhar para o feminismo tal qual ele é parte do cotidiano (família, sexualidade, romantismo). Isso se deveu aos mesmos estratégias de resistência que o movimento apregoava e que, portanto, redundariam num contínuo questionamento das posições conquistadas e em um modo de interrogar a construção do sujeito sem, com isso, querer repudiar as premissas do feminismo:

(...) desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito, a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas. (Butler, 1998:34)

Impossível é desvincular esses novos paradigmas do conceito de espaço e tempo que a Internet instaurou. Se o movimento feminista fez uso de balizas contundentes ao romper com os conceitos conservadores de uma classe dominante machista, a fim de se opor a ela, hoje se defronta com um ‘novo’ ou outro tipo de resistência mais compatível com as mulheres atuais que há muito desfrutam dos benefícios que o movimento acarretou. Como diz Foucault:

Grandes rupturas radicais, divisões binárias e maciças? Às vezes. É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos (Dias, 1994: 377).

Através da experiência vivida e, não somente através de idéias, estaticamente, o feminismo, um processo em continuo movimento, abarca uma multiplicidade de sujeitos mulheres inseridos em funções sociais alternativas, com um olhar apreendedor das diferenças nos papéis femininos. Isso revela vários pontos imprevisíveis de resistência feminina, descompromissados com conceitos-chave de política de igualdade porém, engajados em novos horizontes desvinculados de valores universais e domínios patriarcais. Nesse sentido Butler, em seu livro *Bodies that matter* (1993), evoca o termo *identificação* para dar conta de sua crítica às políticas da identidade feminista numa unidade de sujeito:

As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tais, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular. (Silva, 2000:130)

Segundo uma pesquisa publicada recentemente no jornal *The Guardian*, na celebração dos 75 anos do direito feminino ao voto, “(...) feminism is regarded virtually unanimously in negative terms, ranging from the old-fashioned to ‘ball-breaking’”. (*The Guardian*, July, 2, 2003). Este estudo, comissionado pela EOC – *Equal Opportunities Commission* –, discute as diferenças de oportunidades que as mulheres ainda enfrentam em comparação com os homens, situação severamente negada pelos entrevistados, os quais alegaram que essas diferenças resultam de opções individuais mais do que causadas pela sociedade. “(...) Most people have experienced discrimination at work” foram as palavras de Julie Mellor, presidente da EOC. Embora todos se mostrassem contra qualquer forma de discriminação por causar ressentimento, a maioria dizia que o feminismo radical não tinha mais espaço nos dias de hoje: “(...) the study hammers another nail in the coffin of the term feminism – one woman interviewed suggests it has ‘become as outmoded as the suffragettes’ (...)” Na verdade, o estudo mostra que, com ou sem igualdade de direitos, a busca de igualdade nas esferas sociais parece estar a cargo do indivíduo, o qual deverá saber enfrentar os problemas com uma atitude pessoal “and to get on with life” (ibid.).

Talvez pela desilusão com grandes movimentos de massa, o ‘feminismo atual’, se é que se possa denominá-lo dessa maneira para efeito de clareza, pretende estar desvinculado dos processos históricos que caracterizaram grandes mudanças nos séculos passado. Fazendo uma comparação com outros estudos, observei o conceito de mudança existente em outras apropriações: o antropólogo Augé chama a atenção para a natureza de dados que se tenta buscar nas pesquisas de antropologia, trazendo as palavras de outro estudioso, Pierre Nora, o qual analisa as tendências de pesquisas à acumulação de documentos antigos:

(...) [pois que se forem] sinais visíveis daquilo que foi [representam] a nossa diferença e no espetáculo dessa diferença o brilho súbito de uma identidade inencontrável. Não mais uma gênese, mas o deciframento de que estamos à luz do que não somos mais. (Augé, 1994:29)

O lugar conquistado pelas feministas não depende da adesão de todas as mulheres do mundo – é um fato incontestável que afeta toda a sociedade, a qual reconhece o poder que a independência feminina outorgou às mulheres. Ou seja, mesmo aquelas que tiveram que enfrentar muitos problemas, sabem que puderam solucioná-los por estarem inseridas num contexto que as legitimou para tal: “You’d be on the Valium for life or Prozac because you’d be there thinking I’m so hard done by. Whereas you just think, oh well, such is life – I’m healthy, my kids are healthy”(ibid.), diz uma mãe solteira na mesma reportagem. O feminismo de hoje não vem produzir reações de contestação radical, pois se desloca, como diria Foucault:

um campo múltiplo e móvel de correlações de força (..) E isso, não por escolha especulativa ou preferência teórica; mas por que é um dos traços fundamentais das sociedades ocidentais o fato de as correlações de força que, por muito tempo tinham encontrado sua principal forma de expressão na guerra, em todas as formas de guerra, terem-se investido, pouco a pouco, na ordem do poder político. (Foucault: 2003:97)

A atual rede de posicionamentos políticos chega a ser nomeada por alguns de ‘pós-feminismo’, pela existência das reflexões da perspectiva feminista e pela demanda do surgimento de um sujeito feminista. Em primeiro lugar, discordo pessoalmente dessa postura por considerar primeiramente que, quando se fala em ‘pós’, há uma clara indicação que algo já passou. Se os movimentos desencadeadores do feminismo aconteceram em determinados dias e locais, nem por isso podem rotular a ideologia que os moveu, como passada, acabada. O mundo da mulher penso eu, foi descoberto a partir das primeiras manifestações do feminismo e, portanto, não pode voltar a ser

desconhecido ou coberto. As posições que as mulheres de hoje têm, devem-se aos postulados de emancipação, por menores que possam parecer suas conquistas.

Discordo, em segundo lugar, por não acreditar (falo em minha pessoa) numa representação única e permanente da mulher num sujeito feminista, uma vez que isto poderia estar acenando para posições de poder por intermédio de estáveis relações de gênero, o que estaria impedindo de se falar de construção variável de identidades, uma das marcas das minorias de mulheres. As políticas feministas devem evitar a idéia de representação de um sujeito do feminismo, cujo caráter essencialista levará à inclusão de algumas e exclusão de muitas por não se conformarem aos princípios reguladores da posição estável desse sujeito. Na minha opinião, a desconstrução a que levou o movimento feminista desde remota data causou o desmoronamento de fundamentos e surgimento de um processo irreversível para a sociedade. Não pode ser nomeado de 'pós' nem simbolizar algo 'fixo' em uma representação. Isto seria, no mínimo, uma atitude extremamente reducionista mediante a grandeza que o feminismo conquistou.

Nesta pesquisa, aproprio-me dos estudos feministas entre o emaranhado das concepções teóricas de um sujeito racionalista de um lado, e de outro, o instável sujeito performativo. Diante da história que a moveu de uma categoria estática para complexas transações entre o sujeito e a identidade, a mulher, que é o objeto de minha investigação, deslocou-se de uma posição imposta, transitou pelas arenas sociais, emergiu e direcionou suas buscas. Ela afrouxou os laços, saiu da obscuridade e expôs-se, debilitada a princípio e, em seguida, fortalecida, constituindo-se na e, talvez por causa, da correlação de forças. Reivindicou legitimidade abdicando da naturalidade biológica que a especificava. Soube, enfim, fazer uso das estratégias de poder que o saber lhe proporcionou.

A análise das narrativas femininas nas salas de bate-papo demandou a este estudo a alusão dos estudos sobre o feminismo, desde os tempos clássicos até a atualidade das discussões através das e-listas. Seguramente, se este estudo estivesse analisando as identidades masculinas, a partir, portanto, de um modelo consagrado socialmente, eu não poderia lançar mão dessas referências, pois embora o feminismo tenha afetado a sociedade de um modo geral, sua influência recaiu sobre as mulheres. Fiz uso de várias controvérsias sobre as posições feministas para inserir o objeto deste estudo, que, infiltrado por tantas polêmicas acerca de seu potencial, não poderia estar ileso e ter suas narrativas virtuais aqui somente registradas. A complexidade da

identidade feminina instituída às mulheres e o desvencilhamento dessas amarras serviram de base como ponto de partida desta análise.

A mesma mulher que saiu da esfera doméstica, seu reinado privado, penetrou no espaço público e, nas horas do lazer solitário, foi se alojar na privacidade camuflada da sala de bate-papo por detrás da tela do computador, de onde se lança em narrativas que constroem sua(s) identidade(s). Estas irão refletir, através da linguagem, significados culturais aprendidos, ou como diz Butler (2003:28), “naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero”. Nesse espaço, não mais privado, visto que é publicamente visitado, as mulheres emergentes do feminismo alocam papéis para as *personae* construídas. É sobre esse aspecto que falo a seguir.

II. O ESPAÇO VIRTUAL

Tendo me apropriado dos estudos feministas para extrair o objeto desta investigação, passo agora à análise do espaço de onde as narrativas analisadas surgiram. A idéia de estudar as narrativas através da Internet ocorreu-me, primeiramente, em virtude do fato de que o computador é um recurso novo com inúmeras possibilidades de enfoques e que, por isso, suscita fascínio em muitas pessoas. Desde o momento em que pensei na efemeridade do espaço virtual, senti-me empolgada pelo assunto e comecei a investigar pois, cada vez mais presente na vida cotidiana, o computador atua como ferramenta principal na evolução de muitas pessoas que manuseiam o teclado. Furtado (2002), cita Guatari para confirmar a condição de areia movediça que constitui os territórios do homem moderno:

O homem contemporâneo é fundamentalmente um ser desterritorializado. Seus territórios existenciais originais – o corpo, espaço doméstico, clã, culto – não são mais postos em solo estável, mas integram-se desde agora em um mundo de representações precárias e em constante movimento.⁹ (2002:23)

Além da super-modernidade do espaço, voltei o meu olhar para um novo tipo de comunicação que estava surgindo dessa tecnologia e que, inevitavelmente, manifestava um novo tipo de interação- a comunicação virtual. A contragosto de muitos lingüistas que vêem esse espaço com desprezo pela sua própria proposta, pensei que desconsiderá-lo seria fechar os olhos para sua existência dentro dos estudos da linguagem. Embora eu mesma admitisse que as salas virtuais trouxessem pouco ou nenhuma aquisição de conhecimento, isto refletia por si só uma comunidade cujas narrativas poderiam trazer ricas manifestações culturais. Baseando-me na noção de cultura na qual as pessoas atuam dentro de contextos e neles negociam, oposta à noção de cultura no estruturalismo que não deixava espaço para essa negociação, mas, sim, ditava regras, fui em busca de elementos que pudessem ser reveladores de uma cultura virtual. Para tanto, amparei-me nas abordagens de Bruner, Manovich e Snyder a respeito dos processos das narrativas. No decurso de interpretação de uma cultura, e talvez por influência de seu professor, Clifford Geertz, diz Rosaldo apud Bruner:

⁹ Ver Guatari, Félix (1996). “A restauração da paisagem urbana”, In: *Cidadania, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro: Edições 34.

In anthropology, I would suggest, the key development...is a view of culture....wherein meaning is proclaimed a public fact – or better yet, where culture and meaning are described as processes of interpretive apprehension by individuals of symbolic models. These models are both ‘of’¹⁰ the world in which we live and ‘for’ the organization of activities, responses, perceptions and experiences by the conscious self. For present purposes, what is important here is first of all the claim that meaning is a fact of public life, and secondly, that cultural patterns – social facts – provide the template for all human action, growth and understanding. Culture so construed is, furthermore, a matter less of artifacts and propositions, rules, schematic programs, or beliefs, than of associative chains and images that tell what can be reasonably linked up with what; we come to know it through collective stories that suggest the nature of coherence, probability and sense within the actor’s world. Culture is, then, always richer than the traits recorded in the ethnographer’s accounts because its truth resides not in explicit formulations of the rituals of daily life but in the daily practices of persons who in acting take for granted an account of who they are and how to understand their fellows’ moves. (Bruner, 1986:65-6)

Sendo parte de uma cultura inevitavelmente influenciada pelo mundo virtual, como ficam então as interações não-presenciais cuja viabilidade depende do sistema virtual? Na escolha de interagir com outros, qual o potencial que as narrativas podem ter na constituição da própria noção de si e da noção do outro? O quanto esta interação revela ou molda o próprio sentido de pessoa dentro de uma demarcação cultural? Antes de buscar as respostas para esta investigação, primeiramente busquei saber sobre os conceitos da forma pela qual a interação acontecia, a narrativa.

Depois de ter entrado em contato com o trabalho de Ilana Snyder, em um workshop na Usp e Unicamp, lugares onde apresentou o seu trabalho em julho de 2004¹¹, voltei minha atenção para o fato de que eu estava lidando com narrativas e que estas poderiam ou não estar atreladas ao significado de linearidade que o material narrativo tem. Nas suas pesquisas, ela menciona o trabalho de Manovich (2001), voltado também para as diferenças das narrativas da Internet. Ao estabelecer definições para narrativas e outras palavras pertinentes ao uso da tecnologia ou ‘new media’ como a autora prefere, ela diz: ‘narrative’ (...) embedded in relationships and in processes of social and historical change” (Snyder, 2004). Embora esta afirmação seja uma, entre várias outras presentes em seu trabalho, esta pareceu-me particularmente importante para esta pesquisa. Afinal, as conversas registradas nas salas de bate-papo, ao serem tecidas, assemelhavam-se a longas narrações de vida, que contudo tinham um diferencial: somente passavam a existir com a participação interativa, não do leitor nas narrativas convencionais mas, dos usuários, ou seja, dos autores das narrativas. Da

¹⁰ As aspas são grifo do autor.

¹¹ Uso a referência 2004 ao citar esse trabalho da autora, pois, durante o *workshop* (julho,2004), seu material foi disponibilizado. Até a finalização desta pesquisa, esse material estava no prelo. Ver Bibliografia.

mesma forma, a autora relaciona os elementos presentes em narrativas quando diz: “The most effective techniques for achieving a strong story-line in the print medium are linearity, plot, characterization, textual coherence, resolution and closure” (ibid.) Apesar de estarmos diante de narrativas abertas sem conterem um final como nas estórias da mídia impressa, além do que os seus autores podem mover em infinitas direções, nestas salas de bate-papo, as narrativas vão sendo criadas segundo sua própria ordem. Snyder diz na sua pesquisa:

In one sense, each reading of an electronic narrative is a linear experience: confronted with one frame after another, readers are still aware of a narrative, however confused it may be. At the same time, the narrative seems to contain more than one voice and to change direction abruptly. Each electronic narrative handles in its own way the tension between the linearity of the reading experience and the multiplicity of electronic narrative. (Snyder, 2004)

No espaço virtual que pesquisei, os usuários seguem o comando de sua própria ordenação, o que nos remete às formas tradicionais de narrativas com começo, meio e fim. Esses elementos podem não parecerem semelhantes aos que encontramos na mídia impressa, uma vez que neste espaço, o final se dá quando a conexão é interrompida, seja pelos usuários ou pelo sistema. Na pesquisa de Snyder, esta preocupação com a existência das partes nas narrativas também se verifica, quando ela comenta sobre a negação ou ausência do final nas narrativas eletrônicas:

By avoiding the corresponding devices for achieving closure, however, such electronic narratives may challenge readers. It is up to readers to decide how, when and why the narrative finishes. (ibid.)

Quanto ao começo, as narrativas têm seu próprio formato de serem iniciadas, o qual é compatível com o espaço virtual, cuja velocidade demanda pouco tempo (ou espaço) para a parte inicial. Também Snyder compara as narrativas impressas e as eletrônicas quando diz: “By apparently dispensing with linear organization, linearity becomes a quality of readers’ experience within single chunks of text and their experience of following particular paths” (ibid). E, ao admitir que a linearidade não desaparece totalmente nas narrativas eletrônicas, mas que a ordenação fica a cargo do usuário do sistema, a autora completa dizendo que: “In electronic narratives, space is multi-dimensional and theoretically infinite” (ibid.).

Enquanto Snyder considera a criação das narrativas eletrônicas como sendo um processo baseado num hipertexto, uma vez que o computador irá automatizando todo o

processo de ligar uma informação com a outra, de uma forma não-linear, Manovich (2001) considera as narrativas de uma maneira diferente. Este autor as define como sendo “the construction of an interface to a database” (Manovich, 2001:226 apud Snyder, 2004). Toda a escolha que os usuários fazem criando seus próprios atalhos na teoria de Snyder, é visto como sendo sujeita ao criador da database por Manovich. Em outras palavras, a simples escolha dos atalhos não forma as narrativas, mas sim forma o conhecimento da lógica que envolve esse processo. Snyder (2004) assim apresenta a teoria de Manovich: “the creator also has to control the semantics of the elements and the logic of their connections so that the resulting object will meet the criteria of narrative”.

Da mesma forma que Snyder, outro autor, Manovich, também aponta para a necessidade da presença de algumas características para compor as narrativas: o **narrador** e o **ator** são vitais assim como o são os três diferentes níveis: **texto**, **história** e **fábula**, sendo que os elementos devem obedecer a uma série de seqüências ocasionadas pelos atores das narrativas. Tanto um autor quanto o outro estão tratando das narrativas em hipertextos ou jogos eletrônicos mais do que o tema que norteia esta pesquisa, que está reduzido às narrativas das salas de bate-papo. As teorias de ambos autores vieram contribuir para o entendimento de como a lógica da database, parafraseando Manovich (2001), pode definir ou modelar as narrativas virtuais. Este autor argumenta que tudo gira em torno da database, o qual é o centro de todo o processo criativo virtual: “The new media object consists of one or more interfaces to a database of multimedia material” (Manovich 2001:227). Para ele, é a base de dados que permite a criação das narrativas, não o inverso. Assim ele acrescenta:

If understood in this way, the user of a narrative is traversing a database, following links between its records as established by the database’s creator. An interactive narrative (...) can be understood as the sum of multiple trajectories through a database. (Manovich 2001: 227)

Sabendo-se que a mídia eletrônica fundamenta-se na criação da base de dados, as narrativas surgem então atreladas a esses mesmos dados. Por exemplo, na visualização de objetos de uma exposição, na visitação de um *site* sobre a universidade, busca-se junto a essas imagens, a ‘historinha’ que as explica. Aí voltamos às narrativas por mais que estas possam utilizar outros elementos tipográficos (carinhas, sinais de pontuação, ou outros caracteres). Embora a aquisição de informação seja o processo condutor da navegação virtual, a narrativa ainda se faz presente como forma cultural de

representação desse contexto. É neste campo que a minha pesquisa se conecta com as teorias de Snyder e Manovich.

Ainda para evitar o reducionismo de narrativas pensadas em relação ao banco de dados, como nas teorias dos autores acima citados, os quais lidam com o sistema avançado de dados hipertextuais, fui em busca de referências convencionais. A razão dessa insistência era pelo fato de que eu buscava atrelar a novidade da virtualidade à antiga maneira de escrever ‘historinhas’ pois, como define Poynton, “Narrative – a temporarily organized series of events that involves a crisis or complication that has to be resolved” (1989:15). Nas salas virtuais esses elementos também estão presentes.

O contexto que analiso é calcado em narrativas que embora geridas por uma base de dados, são manifestações culturais traduzidas nas ‘historinhas’ com suas características virtuais de espaço e tempo. Aqui espaço e tempo são efêmeros condicionando, dessa forma, a efemeridade da própria identidade das *personae*. Ao deparar-me com esta intrínseca relação espaço-tempo, busquei as referências de Bakhtin quando define cronotopo:

(...) spatial and temporal indicators are fused into one carefully thought-out, concrete whole. Time, as it were, thickens, takes on flesh, becomes artistically visible, likewise, space becomes charged and responsive to the movements of time, plot and history. This intersection of axes and fusion of indicators characterizes the artistic chronotope. (Bakhtin, 1981:84).

Sem intenção de comparar a análise que Bakhtin faz na literatura, sobre a condição de inseparabilidade (termo que ele usa) de tempo e espaço, vi-me, neste estudo, diante de uma relação intrinsecamente dependente de tempo dentro do espaço virtual. O tempo em que duram as interações virtuais só existe porque este espaço o concretiza, quer dizer, a virtualidade promove as interações na medida em que haja a própria virtualidade. Em outras palavras, interação = tempo+espaço, ou seja, esta interação está de tal forma imbricada no tempo em que dura a virtualidade que não existe fora deste cronotopo. Fazendo, aqui, uma conexão de conceito, Augé (1994) classificaria as salas virtuais de não-lugares, por estas interações que os usuários conduzem com a própria imagem. Esta abordagem é tratada ainda neste capítulo.

Para ampliar o conceito de narrativa, pesquisei esse assunto na área da educação e psicologia. Bruner, professor de psicologia voltado para a revolução cognitiva dentre outras pesquisas, designa duas maneiras de pensamento cognitivos totalmente distintas: a argumentação e a narrativa, reservando para esta, a semelhança com a vida como diz:

“(...) what they convince **of**¹² is fundamentally different (...), stories of their lifelikeness” (Bruner, 1986:11). Contrariamente ao modo pragmático de pensamento, a narrativa evoca a intenção humana nas suas ações e vicissitudes dentro de dois cenários: “the landscape of action and the landscape of consciousness” (ibid., p.14). Enquanto o primeiro cenário se constitui da agência e intenção, o segundo narra o sentimento, conhecimento. São os elementos presentes nas narrativas, as quais se assemelham aos condutores vitais dos seres humanos, como relata Bruner:

Narrative deals with the vicissitudes of human intentions. And since there are myriad intentions and endless ways for them to run into trouble – or so it would seem – there should be endless kinds of stories. (ibid., p.16)

Baseado na primeira frase da citação, o autor vai definir o que faz uma estória ser uma ‘boa’¹³ estória. Para ele, quanto mais a estória lidar com as necessidades do homem, quanto maior for o número de seqüências que mantêm sentido, mais sucesso terá como narrativa, a qual, dentro da estrutura de um enredo inserido num cenário, conduz o leitor ou quem quer que esteja interagindo para o desenrolar das seqüências de sentido. Na verdade, ele continua: “So ‘great’¹⁴ storytelling, inevitably, is about compelling human plights that are ‘accessible’¹⁵ to readers” (ibid. p.35). Nessa verossimilhança com a vida, as narrativas interpretam o contexto vivido pelo homem mesmo nas manifestações da esfera psíquica. Mais especificamente, esse nicho trouxe à baila para mim aquilo que Arrigucci (2005) diz que “é o que define a narrativa: alguém sempre busca alguém”. Não há espaço mais apropriado para esta constatação do que as salas virtuais de namoro.

Munidos da linguagem que constituem as próprias narrativas, os usuários criam realidades hipotéticas, as destroem, ou trazem conceitos incorporados a uma realidade compartilhada pelos outros usuários, dentro da cultura comum. Na interação do espaço virtual, há uma expectativa mútua induzida pela intenção de que fala Bruner, reproduzida nas narrativas que aí habitam. Através dessas ‘transações’¹⁶, os usuários concebem-se a si mesmos na concepção que fazem dos outros, ou seja, demonstram que o aprendizado que têm da cultura, o que é visto pela linguagem então constituída, é o

¹² Grifo do autor.

¹³ Idem, ibidem.

¹⁴ Idem, ibidem.

¹⁵ Idem, ibidem.

¹⁶ O conceito ‘transações’ será abordado no capítulo Identidade.

aprendizado de como manifestar as “intenções em congruência com a cultura”, fazendo minhas as palavras de Bruner (ibid.,p.65).

As narrativas produzidas nas salas de bate-papo refletem novos posicionamentos com relação à própria história da narrativa; segundo Arrigucci (2005), houve “uma crise da narrativa e está havendo um resgate da narrativa”; ele atribui esse fato a um “prazer romanesco” que há hoje em dia. Se os personagens de uma história desempenham papéis que constituem partes dessa história, as quais vão sendo constituídas pelas narrativas aí construídas, os cenários onde elas ocorrem definem as ações permitidas e esperadas para tal. No mundo social à nossa volta, somos o que pensamos ser através do outro e estabelecemos uma ligação com esse outro a partir do nosso senso sobre nós mesmos. Esse processo é feito através das narrativas, fruto dessa interação, a qual opera num lugar estabelecido para tal. Uma estudiosa dos MUDs¹⁷, reitera essa posição em uma página da Internet:

Thus I would like to focus on virtual characters as alternative re-embodiments rather than disembodiments, and virtual worlds as neo or re-territorializations rather than only translocal deterritorializations.
(<http://www.itofisher.com/PEOPLE/mito/papers/cyberfantasies.html>)

Dentro deste estudo, o lugar que analiso é o das salas de bate-papo onde usuários do sistema interagem por meio das convenções, tornando-o altamente social. Numa semelhança com o mundo real, a tecnologia da base de dados possibilitou a criação de um nicho virtual muito parecido com seu equivalente convencional que é a sala de visitas. Contudo, a sala de bate-papo apresenta-se como um lugar, o qual quando visitado, privilegia o ocultamento de identidades assumidas socialmente, facilitando revelações; estas, se ocorressem pessoalmente, certamente estariam sujeitas a exigências sociais que restringiriam muito a sua espontaneidade. Através do contexto que o espaço oferece, interessei-me como as relações poderiam ser afetadas por essa nova interação reveladas em narrativas cuja obtenção de um resultado final está sujeita ao sistema de dados que a gerencia:

A intermediação técnica possibilitada pelas novas máquinas midiáticas aparta o homem do contato direto com seu outro e com os territórios tradicionais.: as praças, as ruas, as esquinas. O mundo se virtualizou, desmaterializou-se por entre os pontos eletrônicos das telas dos computadores.(...) se transformou..... em telas pontilhadas de uma realidade que não existe a não ser como possibilidade de ser.”(Furtado, 2002:73)

¹⁷ Ver Glossário.

O autor está se referindo a todo o apelo visual inevitável que nos cerca nas ruas, no meio de transporte, nos lugares de consumo e nos meios de comunicação. Nessa mesma linha, Augé (1994:73), traz o conceito de não-lugares oposto a lugares, o que assim nos explica:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar.

O mundo virtual que analiso neste estudo é o da trajetória que permeia as narrativas das salas de bate-papo vista sob a perspectiva de um exemplo de não-lugar, cuja transitoriedade não o deixa se fixar em passado algum; lugar constituído por identidades fictícias as quais estabelecem interações entre diversas *personae*. É um espaço voltado para o lazer que só tem existência durante a interação. Acrescenta Augé:

Acrescentemos que existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele; (...) Os não-lugares, contudo, são a medida da época; (...) enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extra-terrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo. (ibid., p.74)

Trouxe também para esta pesquisa os conceitos de Da Matta (1991) e Magnani (2003) desenvolvidos sobre espaço. O primeiro autor nomeia *internos*, os espaços na casa e, *externos*, os que estão fora dela, enquanto que Magnani chama de *pedaço* o lugar onde normalmente as pessoas convivem com os mais chegados no lazer. Essas contribuições levaram-me à reflexão de que nos espaços das salas de bate-papo há uma associação com salas de modo geral: são associadas com visitas, pessoas conhecidas ou desconhecidas que interagem ao conversar. Da mesma forma, as salas virtuais terão pessoas que conversam num todo – como na tela virtual coletiva – dirigindo-se a quantos se queira, e terão pessoas que trocam papos particulares – como na tela em reservado - compondo o cenário de uma sala de visitas real.

Essa simulação induz a dois aspectos que agradam os usuários virtuais: primeiramente, é o espaço do momento do prazer, relaxamento, que uma sala de visitas normalmente insinua por estar longe do espaço do trabalho (externo). Também está isolado dos espaços dos afazeres (interno) pois como diz Da Matta (ibid, p.112-3): “somos uma pessoa em casa, outra na rua e ainda outra na igreja, terreiro ou centro espírita”. Dentro do espaço interno que é o da casa oposto ao da rua, pois que “(...) não

somamos o que fazemos na rua com o que somos em casa” (ibid., p.110), há espaços instituídos de forma diferente, o que requer de nós atribuições diferentes. Na sala de visitas, por exemplo, o que se faz é relaxar e conversar com amigos em atividades sociais ou, em outras individuais, como ler, ver televisão, assistir a um filme no vídeo ou DVD. Em outras palavras, é o espaço do lazer, da ausência de atividades obrigatórias e despidas de prazer como o seria, por exemplo, o espaço da lavanderia numa mesma morada.

O segundo aspecto que atrai usuários e que também me chamou a atenção nas salas convencionais é que, por estas constituírem um espaço social através do qual conhecem-se pessoas e travam-se relacionamentos, permitindo uma espécie de triagem, busca-se selecionar aquelas pessoas que estejam nos trazendo momentos agradáveis através das conversas. No bate-papo virtual também é assim: os usuários vão descartando logo os que não se encaixam no perfil padrão ao que se busca e passam a entabular conversas com quem, opostamente, se coaduna com o que parecer ser o parceiro ideal para o momento. As narrativas das salas de visitas convencionais seguem um roteiro de normas que sustentam as interações que ali acontecem. No mundo virtual das salas de bate-papo se dá o mesmo, porém de uma forma nítida, mostram como essas interações vão depender do que se falar, visto que na ausência da corporalidade (presente nas salas convencionais), a continuidade da interação dependerá unicamente de quão interessante as *personae* irão parecer entre elas. Em outras palavras, as narrativas modelam as *personae* segundo os roteiros.

Sendo, portanto um espaço social com características da sala de visita, o espaço virtual das salas de bate-papo só tem existência pela interação que fomenta. Ou seja, para haver conversa tanto na sala convencional como na virtual, é preciso no mínimo de duas pessoas como aponta Da Matta (ibid.,p.45):

De fato, vale lembrar que, nas rotinas de sociedade assim constituídas, tudo é individual: cadeira para o cinema, (...) Mas é importante constatar como o momento extraordinário nos transforma em seres exemplarmente coletivos: ou somos dupla ou somos torcida, partido, público, multidão.

O conceito de *pedaço* (Magnani, 2003) também pôde guiar esta pesquisa naquilo em que este espaço acomoda as pessoas de uma comunidade, ainda que seja virtual. No pedaço, convivem pessoas familiarizadas umas com as outras que seguem um código de reconhecimento e identificação. Os que estão fora e querem entrar no

pedaço sentem um estranhamento que os hostiliza até o momento em que conseguem conquistar essa comunidade.

Tendo situado o contexto desta pesquisa dentro das noções das narrativas com manifestações na sala de bate-papo, bem como conduzido este espaço como sendo a *mimesis* das salas (internos e privados), trago para este estudo o personagem principal, ou ator, como nomearia Manovich, que é a *persona-mulher* que visita essas salas. Por esse motivo, seria impossível ignorar todo o percurso galgado anteriormente pela mulher, que culminou com a atuação da mulher moderna em vários segmentos¹⁸, inclusive o da visitação nesse espaço. Acreditei ter sido importante o fato de que numa época na qual a mulher usufrui a independência financeira, profissional e pessoal, a busca do refúgio das relações à longa distância, muitas vezes através de confidências íntimas, torna-se um tema intrigante.

Nesse espaço privado (interno), a mulher se refugia do espaço público (externo) – o qual lhe foi autorizado a habitar depois do movimento feminista, antes do qual, somente o privado lhe era permitido – e, navega naquilo que seria a inter-espacialidade: o espaço virtual. Tomo a liberdade para assim definir um espaço que não é nem puramente doméstico, nem somente público. Essa livre transição entre os dois espaços só se torna possível através da Internet pela construção ilimitada de identidades idealizadas e não reveladas. No estudo de Turkle que analisa as *personae* durante um jogo virtual chamado MUD, ela diz:

Without any principle of coherence, the self spins off in all directions. Multiplicity is not viable if it means shifting among personalities that cannot communicate. Multiplicity is not acceptable if it means being confused to a point of immobility. (Turkle, 1995:258)

Por esse motivo, a relação homem-mulher aproveita o espaço para o antigo jogo de sedução, principalmente devido a poder manifestar sem censura, suas qualidades mais idealizadas, algo que atraiu minha atenção na exploração deste material. A possibilidade da reinvenção de novas identidades, através das pequenas narrativas virtuais de auto-legitimação e de idealização do outro por meio da linguagem construída e compartilhada na tela do computador, aguçaram o meu interesse por esse nicho da Internet. A existência das identidades nesse nicho, embora efêmera, está condicionada às convenções sociais que regem as interações no mundo real. Para permanecer nesse

¹⁸ Ver capítulo I.

espaço, a identidade criada dependerá da acolhida pelo outro, com quem se interage. Sem acolhida, não há interação.

A questão que me proponho investigar é como se constroem, no espaço de comunicação mais moderno que usufruímos no momento, o virtual, as identidades através da linguagem, como supostamente, homem e mulher, se relacionam nesse imaginário. Através das narrativas nesse espaço, saber como as relações se interpenetram e como esse contexto afeta a interação. Pelo fato de ser um espaço com existência somente a partir de uma interação a dois, ele é considerado metafórico por alguns autores:

The term 'virtual reality' is often used to denote metaphorical spaces that arise only through interaction with the computer. In MUDS, instead of using computer hardware to immerse themselves in a vivid world of sensation, users immerse themselves in a world of words. MUDS are text-based, social virtual reality. (ibid, p. 181)

De posse das ferramentas que o espaço virtual oferece, encaminhei a minha investigação sobre a construção de identidade, não só por meio das palavras, como também por meio de outros recursos disponíveis, tais como, marcas tipográficas, figuras, desenhos para citar alguns. Como diz Torres em sua tese de Mestrado, na qual faz o estudo de um serviço telefônico que havia há alguns anos atrás, chamado DisqueAmizade:

(...) temas de conversas circunstanciais e impessoais, enfim com a leitura do 'outro' feita em termos de estereótipos e classificações de todo gênero, derivados de pistas visuais e discursivas. (Torres, 1990:16)

Esta classificação também se aplica ao meu estudo, embora a autora acima tenha contado com um recurso valioso, a voz, ausente no estudo que faço. Os estereótipos estarão presentes através da linguagem construída, o que irá constituir a *persona* do espaço virtual, e como objeto desta pesquisa, especificamente a mulher. Na longa distância que a esfera doméstica do passado se lhe apresentava como a única possibilidade de inserção espacial, esta mulher irá buscar no convívio virtual o espaço privado, reduto de sua intimidade doméstica, voluntariamente hoje, sob seu controle. Da mesma forma que o meio telefônico para Torres (1990), o espaço virtual confinado na tela de um computador ao mesmo tempo em que isola a mulher usuária do sistema, lança-a para o espaço de fora porque “o mundo exterior, afora as fronteiras de tempo e

espaço, pode assediá-las em um dos últimos bastiões da privacidade: sua própria casa” (ibid.,p.69).

Sendo um espaço novo, as salas de bate-papo refletem ideologias, atitudes e posicionamentos contemporâneos que desconstroem radicalismos pro e antifeminismo, os quais preconizaram de um lado, o banimento da família, do amor e da maternidade e, do outro lado, a volta da mulher à posição passiva do domínio masculino. As inquestionáveis mudanças da sociedade impugnam tais radicalismos. Inserida num contexto inegavelmente proporcionado pelos movimentos feministas, esta mulher surge sob novas perspectivas feministas, contrárias tanto ao radicalismo inicial do movimento como ao antifeminismo manifestado no final do século. A conotação de espaço de sedução no meio virtual mostrou esse fenômeno, pois, ao mesmo tempo em que se resgatava uma antiga prática (a do namoro), contrariando posições radicais do feminismo dos anos 60/70, revelava uma atitude descompromissada com liames de família e irreverente à supremacia masculina, atitude facilitada pelo ocultamento dos reais dados pessoais.

Como parte da construção da identidade virtual da mulher, esta pesquisa buscou analisar a presença desta através das narrativas, ou seja, a linguagem que a constitui como sujeito na *persona* feminina. Antes dos movimentos em prol do feminismo, o espaço privado (doméstico) era a única possibilidade para a mulher, que pela posição social que ocupa na modernidade pôde pertencer ao espaço público (externo). O que este estudo irá pesquisar é a revisitação do espaço privado que apesar de estar inserido no espaço doméstico, não se assemelha ao lugar que ocupava na vida da mulher antes de sua emancipação. Acredito que se Da Matta estivesse analisando o espaço que o próprio computador ocupa hoje, a saber, *externo* e *interno*, dependendo de seu uso, ele destacaria a importância deste equipamento dentro de uma casa, por ganhar espaço próprio, muitas vezes, obrigando ao fim de algumas peças de mobília para poder acolhê-lo. De uma forma semelhante, Claudio Cortello (2005), sociólogo que faz parte da equipe do programa Café Filosófico (TV Cultura), certamente analisaria a presença do computador como tão significativo como o foi da televisão ao entrar nas residências. Este, ao mostrar como a televisão substituiu enfeites ou imagens de santo dentro de uma sala, revelou profundas mudanças nas formas de comportamento familiar nos espaços internos. Ao expulsar a imagem religiosa da santa da sala, a televisão tomou o seu lugar de importância e ao fazer com que as poltronas e cadeiras, que antes se voltavam umas

para as outras demonstrando ser um espaço de conversa, voltassem para a televisão, mostrou que a família se calou perante a intromissão da programação.

O mesmo se deu no caso do computador com o agravante de que este é de uso exclusivamente individual, diferentemente da TV que reúne algumas pessoas da família. O ambiente escolhido para o primeiro, mesmo que seja um canto, passa a ser de uso de um membro da família de cada vez, individualizando sua utilidade que não é de caráter social como seria o da televisão, já que para usá-lo, alguém deverá estar à frente de um teclado dando os comandos. O que pretendo aqui é mostrar como a mulher, também usuária do aparelho, vai se isolar na própria casa, mesmo se estivesse rodeada de outros membros da família. Nesse espaço do lar, privado por natureza, vai se instituir um espaço interno de caráter individual e solitário que, paradoxalmente, se abre para o mundo, ou seja, de caráter público, mas em cuja participação coletiva há o momento de acabar: ao se desligar o aparelho. A dissimulação de se estar presente numa sala de visitas, conversando com várias pessoas, ou com uma em especial, envolve o usuário do equipamento dando-lhe a aprazível sensação de estar na companhia agradável das pessoas. Com o namoro acontece o mesmo.

O que trago nesta reflexão emaranhada diz respeito ao próprio *overlapping* que esses espaços trazem: o doméstico (interno) onde se insere o local escolhido para acomodar o equipamento eletrônico, o qual revela o espaço virtual que, no caso das salas, se assemelha ao espaço de sala de visita, que por sua vez, pela sua ocultação, favorece o espaço de sedução. Ou seja, em zonas cinzentas, não claras, o acesso a esse espaço virtual se dá a partir do espaço privado, de dentro de casa, permitindo o contato com o estranho, próprio do espaço público.

O papel conquistado pela mulher através do movimento feminista e toda a série de transformações que o acompanharam, a beneficiaram, possibilitando sua transição do espaço privado para o público, sem prejuízo em nenhuma das partes, visto que limitando suas funções somente à esfera pública seria tão inviável e patriarcal como sufocá-la na esfera privada da família. É como se, num processo de recortar e colar, recortássemos o espaço privado de outrora, e o colássemos no espaço privado da mulher de hoje. O contexto foi radicalmente transformado porque o sujeito (mulher) foi fragmentado, a fórmula foi sendo ao longo do tempo adulterada pelos confrontos sociais de emancipação e a identidade feminina constantemente deslocada de seu ponto de partida.

Os dados colhidos dessas narrativas para este trabalho revelaram-me que os posicionamentos atuais das mulheres, que a moveram da posição doméstica, mas que também não se fixaram na posição feminista ortodoxa, lhes forçaram a adequações sociais: quiseram e tiveram que se dividir entre a vida moderna que as incentivava para novas iniciativas e entre a vida doméstica familiar sempre solicitada e cobrada, uma vez que todas as *personae* com as quais interagi dizem ter uma profissão, sendo a maioria separada com filhos. O espaço das salas virtuais apropriou-se a essa nova reclusão doméstica, ainda que distante dos afazeres.

Num espaço coletivo, porém não social, já que a sociabilidade aparente se anula ao se desligar o aparelho, um novo tipo de relação surgiu: ocultada pelas falsas identificações e, por isso, dando margem à imaginação, incitou um antigo jogo de sedução entre homem e mulher. Augé (1994:94) contribui aqui com esta afirmação: “O espaço do não-lugar liberta de suas determinações habituais quem nele penetra”. O espaço interno acolhedor da sala convencional transmuta-se num espaço híbrido e efêmero da sala virtual, onde as interações transitam e se volatizam. Ao se desligar o computador, nada ou muito pouco permanece desta relação transitória.

Remetendo aos capítulos anteriores, o que trago nesta pesquisa é a investigação sobre as narrativas desenvolvidas pelas *personae* femininas, dentro do tempo-espaço singular das salas de bate-papo, calcadas na sexualidade, requisito fundamental para a permanência nesse espaço. É sobre isto que falarei a seguir.

III. O ESPAÇO E A SEXUALIDADE

No capítulo anterior, pretendi situar o corpus de onde esta pesquisa surgiu pela importância que o contexto virtual trouxe para a própria pesquisa, de como a linguagem constrói a identidade em ambientes de rede. Dando continuidade, vou procurar estabelecer, neste capítulo, a relação entre a linguagem veiculada no espaço que visitei e a sexualidade. Neste e no próximo capítulo, trago alguns dados para explicitar os conceitos deste trabalho.

Se o advento da tecnologia atingiu o cotidiano de inúmeras pessoas trazendo mudanças inegáveis em várias esferas, também resultou no inverso desse fenômeno com as situações cotidianas sendo instauradas nesse meio. Em outras palavras, se a multimodalidade invadiu lugares, situações e contextos, estes utilizaram o meio eletrônico para fins conhecidos. Quero dizer que, se imaginarmos a era cibernética num ambiente prateado com fundo musical emanando de sons espaciais, enquanto revela situações espantosas, estaremos enganados. O homem faz uma descoberta e a adapta ao seu mundo conhecido. Explico a seguir o motivo desta reflexão.

Uma das novidades tecnológicas foi a caracterização do espaço virtual das salas de bate-papo que propiciou a troca de mensagens entre vários usuários dentro de diferentes temas, a saber, IDADES, PAQUERA, CIDADES para mencionar alguns; no entanto, a quase maioria deles recaiu no tema do namoro, da busca de um parceiro/a através da linguagem da sedução. Ou seja, o que aconteceu no meio inovador foi o velho jogo cujos fins pertenciam à mais antiga história do mundo. Nesse espaço erotizado, a sexualidade passa a ser orientada não para a reprodução, nem para parâmetro das diferenças biológicas mas, para a insinuação velada pelo próprio meio do computador.

O conceito de sexualidade que uso aqui é o de Cameron; Kulick (2003) e de Foucault (2003), pela relação que esses autores fazem entre linguagem, sexualidade e identidade. As narrativas expostas no espaço virtual são vistas em comparação a outros discursos compartilhados, o que remete a um significado compreendido, como dizem os autores Cameron; Kulick: “language produces (grifo dos autores) the categories through which we organize our sexual desires, identities and practices” (2003:19).

No caso desta pesquisa, a relação existente entre a linguagem, sexualidade e identidade se dá dentro da virtualidade do espaço, o qual, por favorecer o anonimato, exerce uma influência diferente sobre a relação citada acima. Se, em situações presenciais, os significados dessas categorias têm uma atuação determinada, no espaço virtual, onde as personae estão separadas, essas categorias, inseridas em um outro contexto, amparam-se em representações que evocam, à distância, construtos codificados e compartilhados socialmente. Voltando à citação acima, na relação dialógica entre a linguagem e as categorias de organização de nossos desejos que ela produz, no espaço virtual, contexto supostamente externo à linguagem, essas categorias, para existirem, dependem exclusivamente da linguagem que as constitui.

Quando falei acima do uso erotizado do espaço virtual, estabeleci uma associação entre a sexualidade exercida nesse meio e o que Foucault chama de “erotismo discursivo generalizado” (2003:34). Embora o autor citado esteja referindo-se às instituições de poder desde o século XVIII as quais, em nome de uma moral, incitaram a falar-se sobre o sexo até a exaustão “obrigando-o a uma existência discursiva” (ibid.), considero o espaço virtual das salas de bate-papo o lugar pós-moderno instituído para incitar, através da transcrição, a sexualidade insinuada por detrás da tela. Com estes exemplos abaixo, demonstro a exploração sexual do espaço:

(11:09:25) **gato25a quer tia** *grita com Todos:* Olá, alguma mulher curte um gato mais novo para... vocês sabem o que...

(10:46:41) **Garotta fala para Ellyse:** JWwID Olha isso! -
WWW. EUPOSSO .COM.BR - Como aumentar seu
penis gylxVN772 em até 7 cm, com
tecnicas guardadas a 7 chaves hoje reveladas! GPTF

Volto à minha colocação no início desta seção, ao fazer comparações entre as transformações que o meio eletrônico foi capaz de trazer por meio da exacerbação sexual que o mesmo possibilitou e o registro incansável de velhas e repetidas tramas institucionalizando uma vez mais, o discurso sobre o sexo, como argumenta Foucault:

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. (grifo do autor) (ibid., p.36)

O próprio papel das salas de bate-papo não seria o de exercer poder por regularizar o espaço onde o sexo é a prática comum das conversas? Sendo o objetivo das salas, a paquera, o que, portanto, arregimenta inúmeros usuários, não estaria este sistema, em pleno século XXI, através de uma nova modalidade, incitando o sexo? A fala abaixo é um exemplo que utiliza as salas de bate-papo se insurgindo no meio das conversas:

(10:45:41) **Garotta** fala para **Moren@**: af8qsv - -
 WWW.EUPOSSO.COM.BR -
 Descubra todas E6jrBLss as posições sexuais para deixar sua mulher
 doidinha por você! wki

Desta maneira, não estaria o sistema controlando no horário, tempo, gasto enquanto o usuário usufrui economicamente (uma vez que paga provedor, conta telefônica ou acesso à Banda Larga), da permissão do espaço ‘livre’? Ou estaria este ‘subjugado’? Através de uma identidade escondida, não haveria, por isso, mais chances de exploração sexual do espaço? Ou talvez a possibilidade de múltiplas identidades propicie um caráter de anti-repressão, porém, da mesma forma confinadas no tempo e espaço? Vejamos mais exemplos de como o espaço das salas é ‘desvirtuado’ com exclusividade como espaço *privé*:

(10:46:32) **SEXWORD9** fala para **Fernando**: OLÁ! AQUI É A
 EDUARDA TECLANDO! MINHA AMIGA JANAINA ESTA NO BANHEIRO
 TOMANDO BANHO! ESTAMOS SOZINHAS EM CASA! ALGUÉM
 GOSTARIA DE FAZER UMA FESTINHA COM MUITA SACANAGEM?
 INTERESSADOS ACESSEM O SITE: www.KIPUTA.com ### ENTRE
 AGORA MESMO É GRATIS === www.KIPUTA.com ===

(10:19:49) **Ksado39intSP** (*reservadamente*) *fala para Todos:*
 Alguma gata casada nesta sala que queira um encontro real amanhã
 ?

Esses questionamentos levaram-me a pensar que o espaço virtual possa exercitar o mesmo poder que outras instituições o fizeram, mesmo representando justamente o contrário: instauram-se ilimitadas conversas desprovidas da moral instituída, disparam-se inúmeras identidades diversamente sexualizadas, proliferam os discursos sobre os prazeres carnavais os quais, por sua vez, não têm agência já que as identidades são construídas e desconstruídas; contudo esses discursos são controlados pelo espaço e tempo, controladores dos usuários através da máquina que os limita. Abaixo, trago alguns exemplos da insinuação sexual antes ou durante as interações:

22:20:23 - **ELI@N@33** *fala para incestuoso:* PORQUE INCESTUOSO???????????

(11:22:37) **?Naja?** *fala para negroadorasexo/msn:*
 obaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa

(11:31:21) **MeigaMulher** *fala para ?Naja?:* eu colo.....e vc
 mostra o bumbum.....vamos nessa?

Seguindo o raciocínio de Foucault, o qual percorre as sanções impostas ao sexo que “de tanto falar nele e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram, procurar-se-ia mascarar o sexo: discurso-tela, dispersão-esquivança” (Foucault, 2003:53), não estaríamos mascarando o sexo e constituindo-o como verdade e falsidade no espaço que a tecnologia nos permite? Se pensarmos que diante da tela do computador, o usuário, ao se inserir nas salas de bate-papo buscando uma companhia virtual, não faz desse aparato um fac-símile do confessionário, reduto pelo qual a Igreja Católica incitou e coibiu o sexo em nome de uma Moral? Através de mecanismos parecidos: o anonimato da tela como o véu que vela o rosto, a narrativa pessoal como a revelação de segredos, a descrição de intimidade como a confissão de desejos, o espaço virtual não acena como a última modalidade de um ritual de discurso onde se pressupõe uma troca de narrativas íntimas, verdadeiras ou não na vida dos

usuários, que remetem à velhas confissões que aqui servirão não para punir ou perdoar, mas para liberar, resgatar, incitar, camuflar e produzir efeito para uma platéia secreta e mascarada. Seguem algumas falas recheadas de insinuações sexuais:

(11:41:17) **SENSUAL** *entra na sala...*

(12:06:51) **MULHER ATRAENTE** *entra na sala...*

(11:45:07) **?Naja?** *fala para ?Naja?:* mas eu fumo... charuto....

(11:46:02) **Panico** *fala para ?Naja?:* todo ele

(11:46:22) ?Naja? *fala para Panico:* todinhooooooooooooo

(10:14:32) **Pregadda** *fala para Kero/umagata/SP:*

Acesse WWW.TUFINHO.COM.BR - Festinhas BRASIL: Fotos e vídeos secretos de festas privês por cidades brasileiras

A “lenta ascensão da confiança” (op. cit., p.62) encontrou eco no espaço virtual naquilo em que perpetua-se o ‘proibido’. Se a confissão era um grande arquivo de manifestações sexuais, parafraseando Foucault, a sala de bate-papo virtual (espaço público), consagra-se como constituída por pensamentos e desejos confessados pelos usuários ocultados pelos ‘nicks’, por meio de uma ‘escuta’, ou seja, de uma leitura interativa (espaço privado). O meio eletrônico passa a ser usado como o lugar de livre transição para a permissão do sexo reprimido. Abaixo trago alguns *nicks* das salas carregados de sexualidade:

(12:11:30) **Ligação Perigosa/M** *sai da sala...*

(12:37:22) **H.Carinhoso-SP** *fala para Todos:* ALGUMA GATA SOZINHA?

(12:47:18) **Mulher Sedutor@** *entra na sala...*

(12:54:36) **Fêmea** *entra na sala...*

(01:03:23) **morena jambo** *fala para PELADAO 43:* sim...pq este nick?

Com essas duas palavras, permissão e reprimido, não estaríamos nos remetendo à conceitos de aceitação e proibição segundo os moldes que a sociedade expôs, dispôs e impôs sobre o sexo? E por quê isso então já que, nós, pós-modernos, superamos essas interdições pertencentes aos séculos XVIII e XIX com ajuda de profissionais da psicanálise e da igreja? Talvez o espaço mascarado das salas de bate-papo tenha vindo propiciar as práticas discursivas a respeito de uma sexualidade, totalmente liberada, despojada e livre, própria do século XX, mas que se submeteu ao funcionamento de um espaço anônimo e acessível para alguns (só os que têm acesso ao meio), pelas narrativas construídas sobre si, mas para os outros. Ora, se esta sociedade pós-moderna vivencia a liberdade sexual, tão banida nos séculos passados, se não se submete às leis de censura que enclausuraram toda manifestação sexual, porque então precisa fazer uso do espaço virtual para dar vazão a desejos inconfessos? Como Foucault aponta “(...) novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle (...)”(2003:86).

Técnica, normalização, controle, conceitos que fazem parte do mundo moderno mas que vêm regulamentar o sexo através da delimitação do espaço eletrônico. Espaço que, privilegiadamente, incita o sexo mais do que o proíbe, inclui mais do que exclui o que paradoxalmente, faz com que o espaço passe a reger o sexo nos seus discursos dando-lhe mais poder do que se fosse apenas um veículo de reprodução da interdição.

Poder-se-ia argumentar o contrário, uma vez que a prática do avatar, comum na Internet, permite a ocultação da identidade o que é indicativo de ausência de uma proibição explícita, havendo, portanto, total liberdade de expressão. Se tal fora, por quê a utilização dos *nicks* cujo mecanismo ao mesmo tempo em que esconde o usuário, o insinua através de sugestivos nomes que nada mais são do que apelativos onde transborda uma sexualidade existente? Vejamos alguns destes *nicks* abaixo:

10:16:08) **casadaescondidinha** *entra na sala...*

(01:04:19) **H_SP_40_TODO_SEU** *sai da sala...*

(01:09:01) **pequenaloba** (*reservadamente*) *fala para Todos:* bom dia!!!

(01:25:20) **negro 1,89 de alt** *sai da sala...*

(01:27:18) **boa de boca_40** *entra na sala...*

(01:31:08) **Prazer até o fim/h** *fala para Todos:* alguma?

Há, sem dúvida, uma preocupação com a escolha dos *nicks* porque deles dependerá ser aceito ou não na sala, quero dizer o *nick* deve provocar reação para haver a interação.

Na análise deste espaço, prefiro evitar a palavra ‘reprimida’ por, supostamente, estarmos vivendo nos tempos de liberdade sexual. As salas de bate-papo, onde circulam aqueles que buscam um parceiro/a ao longo de interações verbais ou não, parecem-nos um sinalizador da sexualidade premissa, porém incentivada pelo próprio meio eletrônico. Diz Foucault “pertencemos, em compensação, a uma sociedade que articulou o difícil saber do sexo, não na transmissão do segredo, mas em torno da lenta ascensão da confiança” (Foucault, 2003:62).

Não poderíamos estar falando de *scientia sexualis*, termo cunhado por Foucault, ao referir-se ao rumo que os ensinamentos sobre sexo tiveram no final do século XIX, quando a medicina ordena e coloca o sexo no registro de saber distinto que visava à reprodução e preservação da espécie. Estaríamos talvez acenando para o deslocamento da sexualidade de lugares exclusivamente íntimos para a criação de um nicho do prazer ilícito numa ampla rede de usuários que o espaço da Internet permite. Um exemplo disto se encontra abaixo:

(11:19:53) **LOIRA SENSUAL** *fala para Todos:* boa noite!!!! estou sozinha

(11:20:08) **LOIRA SENSUAL** *fala para Todos:* só de camisola.....

Esse deslocamento de lugar convencional do sexo para sua inserção no espaço tecnológico é possível porque “escapar faz parte de sua natureza e sua energia, assim como seus mecanismos se esquivam; porque seu poder causal é, em grande parte, clandestino” (ibid., p.65). A clandestinidade é latente ao sexo e o espaço da Internet veio ao encontro dessa característica pois, ao mesmo tempo em que o vela, o incentiva pela própria condição do ocultamento. E é isto que constitui o discurso das salas de

bate-papo, uma vez que se é revelado na medida em que é interpretado. Como Foucault aponta “(...) novos procedimentos de poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei mas pela normalização, não pelo castigo mas pelo controle (...)” (ibid., p.86).

O usuário vai se apresentar da maneira que quiser para ser argüido e isso irá depender de ‘como’ a audiência o interpretar através de seu *nick*. Será este que o fará ser ou não acessado dependendo da erotização do mesmo. Alguns dos *nicks* abaixo introduzem suas *personae* desse modo:

(01:28:24) **H/cas/43a/SP** (*reservadamente*) **fala para Todos:**
Procuo uma amante.. Alguma mulher interessada???

(01:35:51) **GRISALHO LINDO MSN** *sai da sala...*

(10:30:46) **Gata 60** *fala para HK-61:* Boa noite, tudo bem???

10:42:43) **g@t@ cekssi** *fala para c@rinhos@52sp/zn:* 😊

(10:50:02) **sex agenaria** *fala para Todos:* oi alguem pr tc????

Fazendo uso de táticas conhecidas para divulgar sua sexualidade, o usuário a constitui da medida que será aceita. Não é a verdade do sexo, a confissão extorquida que Foucault relata em seus estudos porque qual é a verdade oculta por detrás da tela do computador? Ou, que interesse há para a representação da verdade já que, isto é o que menos importa pela própria ausência de meios para averiguá-la, uma vez que o espaço favorece tantas inverdades quantas forem possíveis.

Cercado de recursos que rebuscam a ‘confissão de quem sou eu’, o usuário das salas de bate-papo multiplica os prazeres até então mantidos na clandestinagem através de narrativas confessionais, as quais mesmo inverídicas, estimulam a dimensão da sexualidade na vida cotidiana das pessoas enquanto estão *on-line*:

pelo menos inventamos um outro prazer: o prazer da **verdade** (grifo meu) do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la,

cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia” (ibid., p. 69)

Um olhar para a psiquiatria traz uma explicação para essa transformação da sexualidade nos tempos atuais. Afinal, como dizem Cameron and Kulick:

To study sexuality without reference to desire and the unconscious processes which organize it is therefore to miss much that is centrally important about it.(...) language and desires has also occasionally been discussed in literary criticism and philosophical texts. (2003:108)

Afinal, como diz Goldin (2005), “o sexo está na base da cultura e a origem da cultura está na transformação da sexualidade”, e as salas virtuais mostram um nicho de confissões insinuantes que substituem as casas de massagem de um tempo atrás. Outro estudioso, o psiquiatra Ivan Capellatto, levanta a hipótese de que “a sexualidade se perde como forma de prazer e ganha função narcísica” (2005). O estudo do autor nos fala das mudanças de uma sociedade que se caracteriza por:

- perda da identidade;
- excesso de informações;
- excesso de escolhas;
- excesso de saídas;
- reaparecimento do narcisismo.

Essas mudanças não pouparam a instituição do casamento que, de valor universal, passou a ser uma escolha frágil e efêmera porque não tem mais garantias religiosas ou sociais. Em seu lugar, surge o *imediatismo* (como surge em todas as esferas), o que se define como o retorno ao princípio do prazer. Faço esta comparação porque, se Foucault nos remete a um tempo de opressão, o autor citado acima está apontando para o lado oposto, que é o da liberdade total. Para este, quando há liberdade, diminui-se o que ele chama de “conteúdo sublimatório”. A sublimação, que está presente em tempos de opressão, leva ao estado da criação (arte); o que explica a existência de expoentes na música, na pintura, na literatura em grande abundância, o que é mais raro nestes tempos da perda da sublimação e do surgimento do imediatismo. Ainda na teoria de Capellatto, quando se afrouxam os limites, volta-se ao princípio do prazer, do hedonismo, da não-interdição, que não é o que Foucault está focando na sua teoria.

A sexualidade, dentro dessas transformações, torna-se um instrumento mais agressivo do que prazeroso, regida pelo narcisismo e erotismo: *viver aqui e agora* segundo Capellato, que busca dar explicações para uma sociedade angustiada que vive sem sublimação: “Nunca se bebeu tanto como hoje em dia, nunca se separou tanto: excesso de angústia” (2005). Nessa sociedade sem limite, sem jogo sublimatório, todas as escolhas passam a ser efêmeras voltadas para os prazeres imediatos. Essa teoria é partilhada por Goldin, o qual chama a atenção para as mudanças que acometeram a humanidade que oscilou de um tempo de grande repressão (e aqui, nos voltamos aos fundamentos de Foucault) para um tempo de grande liberação: “A pessoa quer ter prazer. O mundo de hoje quer ter prazer”. E vai mais além dizendo “ninguém deixa de pensar em sexo” (Goldin, 2005).

Para Capellato (2005), nos dias de hoje, acima da sexualidade paira o estético, que toma o lugar do ético. As informações recebidas convencem as pessoas de que a ordem é ‘ser esteticamente rico e belo’ – os únicos valores que sobraram. Vive-se o vazio, a incerteza, a expansão da sexualidade atrelada aos novos valores da primazia do estético pelo retorno do hedonismo e do narcisismo cujo culto, eu diria, está cada vez mais cultivado nos jovens de hoje, o que se pode constatar pelo número crescente de academias, templos narcisistas.

Na sociedade criticada por Foucault as instituições eram religião, escola e família. Destas, só resta a última instituição já bem enfraquecida na sociedade atual. É ela que tenta bravamente sobreviver e passar valores de moral que esbarram nos valores estéticos de hoje, os quais instauram a aceitação social. É ela que transmite a identidade psíquica de gênero, muito antes de haver uma modificação biológica do estrógeno ou da testosterona na formação do sexo. Em ambas, contudo, há o conceito de sexo como culturalmente adquirido. O que difere as duas teorias é na abordagem sexual de hoje, há mais ‘tipos de sexo’ do que provavelmente haveria na sociedade que Foucault retrata. Nesta, a presença da opressão, que gerava sublimação, produzia o superego (crítica do psíquico), o qual foi substituído pelo computador: “sem repressão, não há sublimação, sem sublimação, não há identidade” (ibid.). Hoje em dia, além de heterossexuais ou homossexuais, há os *dyke*, *tryke*, citando alguns tipos sexuais que satisfazem ideais estéticos imediatos.

Lidando com uma comunidade supostamente mais velha nas salas de bate-papo, me absteve de aprofundar-me nessas mudanças sociais que, certamente influenciam os jovens da geração presente mais do que os da geração passada. Porém, a comunidade

virtual é a manifestação de uma sociedade como um todo e, por isso, muito do que Capellato analisa, embora mais típico dos jovens, se enquadra na análise desta pesquisa. Como dizem Cameron; Kulick:

For psychoanalytic theorists, desire (erotic or otherwise) is fundamentally an irrational phenomenon, whose nature and expression are structured by the unconscious processes of prohibition, repression and fantasy. Regardless of whether or not one agrees with the ways that various schools of psychoanalysis have explained those processes (and feminists and queers have been critical of them for decades), we take it to be axiomatic that sexuality exceeds conscious control. (2003:107)

O estigma sexual presente nas salas de bate-papo certamente é perpetrado por valores de uma comunidade vigente e sua manifestação invade mesmo os ambientes menos sujeitos às mudanças de que falou Capellato. Camuflando-se atrás de *nicks* que geralmente descrevem com vantagem os seus atributos sexuais, porque é através deles que se é bem recebido nas salas virtuais, os usuários induzem à verdade que querem no momento, aquela que estimula tanto quanto possível, a imaginação de quem o lê na interação virtual disseminando a erotização da sexualidade. “A eterna novidade é a sexualidade”, diz Goldin (2005), “é ela quem sustenta tudo”.

A prática comum é valer-se de valores estéticos calcados e acolhidos pela sociedade atual e ao atribuí-los a si próprios através da linguagem, projetar uma identidade marcadamente sexual. Afinal, os fatores de sedução na sociedade moderna são o dinheiro e o sexo, segundo Goldin. Para o autor, este último fator diferentemente do primeiro, é de acesso a todos, tornando a troca muito mais simples e, por ser o subconsciente, a morada do sexo, há um eterno incentivo ao mistério da sexualidade, acessível a todos. O mundo virtual se beneficia dessa característica pela própria facilidade que o ocultamento permite.

Se a expressão sexual é tão imprescindível para transitar neste ambiente, decerto faz parte de valores sociais, como diria Foucault, dentro de uma sociedade sem limite, como diria Capellato. As razões das atribuições sexuais para que as *personae* possam transitar nas salas de bate-papo são o tema do próximo capítulo que vai tratar da identidade sexual genderizada.

IV. O ESPAÇO E A IDENTIDADE

“on the Internet nobody knows you’re a dog”
<www.cyberspace.com >

Neste capítulo procurarei desenvolver a hipótese desta pesquisa - a relação entre a linguagem e a identidade criada na sala de bate-papo -, apoiada em um conjunto de autores que lidaram com uma ou outra categoria. A partir da virtualidade, as identidades aí imbricadas são constituídas, previamente, por normas socialmente instituídas dentro daquilo que Oliveira chama de “horizonte (...) mais amplo (...) que expressam padrões e relações de força” (2004:249), e ‘materializadas’ (se é que é possível dizer isso da virtualidade) através da linguagem. Os horizontes de que fala Oliveira (ibid.) irão dar, aos usuários de que fala esta pesquisa, orientações e sentidos que se baseiam em representações sociais, não sendo, portanto, divagações aleatórias de identidades. Estas são recriadas, pelas narrativas, a partir das vivências reais e comportamentos socialmente legitimados.

Ao longo deste capítulo, abordarei de um lado, autores cujos trabalhos fundamentaram-se nas teorias de identidade, a saber, (Butler (1990;1997;1998) e Hall (2000) e, de outro lado, mencionarei uma diversidade de conceitos de identidade sob a visão de psicólogos/filósofos da atualidade [Capellato (2005); Cortello (2005); Dunbar (1996); Gikovate (2005); Turkle (1995)] bem como sob a visão de estudiosos do espaço virtual (Crystal (2001); Goldin (2005)). A razão para essa múltipla abordagem se dá pelo fato de que este estudo trata do tema da identidade, inserido na novidade do espaço das salas de bate-papo (uso o termo novidade, tendo como referência ao tempo em que este estudo foi desenvolvido). Em outras palavras, faço um deslocamento dos conceitos teóricos da identidade travestida na *persona-on-line* feminina. Por essa razão, o conceito norteador desta análise é o da *identificação*, termo cunhado por Hall (2000), por estar tratando de identidade como processo. Contudo, para efeito de fácil referência, usarei a palavra *identidade* em todo o trabalho.

Através da interação verbal das salas, as identidades seguem roteiros convencionalizados e socialmente construídos, por meio de narrativas que alocam papéis às *personae*. Um dos estudos da linguagem desta pesquisa está estabelecido nas ‘transações’, termo usado por Bruner (1986:57), naquilo em que as interações lingüísticas são movidas por uma negociação. Na pesquisa que conduziu a minha

investigação, as transações têm importância por estabelecerem as negociações que, por sua vez, irão permitir as interações entre as *personae*, na medida em que as narrativas se desenvolvem. Isso se dá somente através da linguagem ali concretizada na digitação:

Language and the construction of reality (...), is crucial in the construction and maintenance of social reality in terms of what is made explicit but also in terms of what is simply taken for granted. Both these kinds of saying, the explicit and the implicit, need to be mastered if the genre itself is to be mastered, and the construction of the self as part of the social reality that is in a constant state of reconstruction is an inevitable consequence of such learning. (Poynton, 1989:25)

A autora citada não está se referindo ao hipertexto do mundo de hoje, mas está estabelecendo as diferenças lingüísticas encontradas na fala da mulher e do homem. Ela vai explorar o aprendizado das formas apropriadas de usar a linguagem de acordo com o gênero, algo que se traz desde a infância, quando as expectativas quanto aos papéis sexuais passam a ser delineadas pelos adultos. De maneira semelhante, esta pesquisa volta-se para a linguagem ‘digitada’ nas salas virtuais por ser o único construto da identidade presente uma vez que não há outro recurso para as interações que lá ocorrem. Isso se aplica principalmente aos conceitos de Bakhtin, ao falar a respeito da relação entre o nosso mundo interior e a expressão: “Pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis”¹⁹ (Bakhtin, 2002:118).

O autor não está pensando nas formas de expressão do espaço virtual, mas, sua teoria aqui se aplica como se ele estivesse considerando a interação verbal nesse espaço, por ser delimitada, adaptada e submetida às regras do sistema. Em frente a uma tela de computador durante a interação com outrem desconhecido, o mundo interior de quem visita esse espaço fica contido nas ‘possibilidades de expressão.’ E somente através destas, será possível a construção das identidades com uma facilidade tamanha como jamais visto nem previsto. O impacto que a Internet trouxe no campo lingüístico é grande e, por mais que os estudiosos queiram fazer analogias deste fenômeno, o que se observa é que a forma de comunicação das salas de bate-papo da Internet se diferencia de tudo que já houve. Crystal (2001:238) assim expressa sua opinião “The phenomenon

¹⁹ Grifo do autor.

of Netspeak is going to ‘change the way we think’²⁰ about language in a fundamental way, because it is a linguistic singularity – a genuine new medium”.

Se, cada vez mais, a Internet é vista sob uma perspectiva social, a língua tem o papel central, pois qualquer das funções da Internet tem aspecto lingüístico. “If the Internet is a revolution, therefore, it is likely to be a linguistic revolution”, fala Crystal no prefácio de seu livro (2001:VIII) ao se referir à importância da linguagem num espaço que utiliza uma parafernália visual da mais alta tecnologia porém segue sendo executado pelo uso da linguagem.

Além disso, somente pelo reconhecimento que a outra parte da interação faz de nós (e no espaço virtual isso só irá acontecer pela expressão da linguagem), é que nos tornamos um sujeito da comunidade comum às partes. Butler (1997) aponta, em suas teorias, que a identidade que o sujeito está buscando numa comunidade só pode ser adquirida se o sujeito pertencer a essa comunidade, fazendo minhas as palavras de Butler. No caso do sujeito desta pesquisa (a *persona-on-line* feminina), a interação virtual com o outro (uma *persona* supostamente masculina), é o que vai permitir o reconhecimento de sua identidade através da narrativa ali desenvolvida²¹.

Um exemplo disto pode ser apontado nas salas de bate-papo, classificadas em categorias tais como **Paquera, Idade, Política, Cidades**; se, por exemplo, um usuário da sala de **Política** usa a mesma fala que usou na sala da **Paquera**, a comunidade não o acolherá, e sim, o repudiará, porque não houve o compartilhamento das convenções. Sem esta acolhida, não há identidade construída: “Intention, as Derrida explains, cannot ‘govern’ this scene”²² (Cameron;Kulick, 2003:128). As próprias categorias trazidas com a classificação das salas, nomeadas acima, impõem um tema de linguagem pré-estabelecido, o qual, por sua vez, levará ou não, usuários a optarem por visitá-las. Em outras palavras, ao fazer a escolha pela sala Cidades, por exemplo, o usuário, de antemão, sabe (e, por isso, a escolhe) que irá travar conversas com usuários que clamam ser de outras cidades.

Outro ponto de vista da expressão dos usuários desse espaço é trazido por Collinson, (2005) que faz o seguinte comentário em relação à interação face-a-face e a virtual:

²⁰ Grifo do autor.

²¹ No capítulo II encontra-se detalhado o conceito de narrativa usado para esta pesquisa.

²² Grifo do autor.

(...) the impersonality of the electronic highway seems to make people less discrete in their interactions with others than when they communicate face to face... What happens is somewhat akin to the ‘road rage’ with which we are becoming increasingly familiar. Cocooned in their metal fortresses, people in cars escalate into anger much more quickly than they would had they been involved in an altercation as pedestrians on a sidewalk; cut off from direct face-to-face contact, where subtle cues are read rapidly and carefully, they lose the control that social interaction normally imposes in the interests of co-operation and bonding...²³

A autora está se referindo à permissão que o espaço virtual oferece para a possibilidade de se demonstrar emoções durante a interação verbal, o que não é tão facilmente permitido na conversação real. Por ser a língua o lugar da indeterminação onde os sentidos resvalam e deslizam, o sujeito construído então a partir dessa linguagem, de fora para dentro, por meio da diferença e daquilo que lhe falta, afirma-se como identidade exatamente por esse mecanismo de repressão e exclusão. Como diz Silva (2000:110-1):

Toda identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento. (...) ... as identidades (...) são o resultado não de uma totalidade natural, inevitável ou primordial, mas de um processo naturalizado, sobre- determinado de “fechamento” [grifo do autor]

As salas de bate-papo são, na verdade, o espaço privilegiado de representações identitárias de gênero, naquilo em que a linguagem cria os corpos, pois as *personae-online* constroem uma corporalidade para constituírem uma identidade. Sendo um espaço de sedução, a usuária ‘mulher’ não se relaciona com outra ‘mulher’ mas, interage com um usuário ‘homem’, ambos construindo identidades, talvez distantes de suas identidades ditas reais em situações presenciais. Para transporem a distância física que os separa, os usuários, então *personae-online* uma vez que estão dentro da interação virtual, este ‘homem’ e esta ‘mulher’ se revestem de características consagradas de ambos os gêneros socialmente aceitas. De que outro modo se fariam conhecer, por trás de uma tela de computador dentro de um tempo recorde para culminar em uma interação bem sucedida? E aqui, chamo novamente a atenção de que o espaço de sedução vai contemplar somente o que há de bom em cada um para ter o poder de sedução.

²³ Ver Robin Dunbar, “Grooming, Gossip and the Evolution of Language”, Faber & Faber 1996 (p. 204-5).

Por constatar a desestabilização das identidades neste espaço virtual, esta pesquisa ampara-se na teoria de performatividade de Butler (2003) porque, neste espaço, os gêneros aqui ‘desempenhados’ vêm repetir ritualmente as normas vigentes que regem os gêneros. Ela assim argumenta:

(...) o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. Conseqüentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. (Butler, 2003:48).

Pelo fato de que Butler esteja analisando identidades presenciais, mais ainda sua teoria contempla esta pesquisa pela própria condição da virtualidade aqui presente. Quero dizer que, se na vida real, as identidades são precariamente afirmadas, mesmo contando com os recursos visuais, no espaço virtual, esse grau de desestabilização avança irrestritamente, uma vez que não há poder de controle algum sobre se as identidades, ali calcadas em cima de valores assumidos socialmente, têm existência para além da tela do computador, quer dizer, se as identidades existem fora da linguagem. Portanto, sua existência somente pode ser veiculada através de como se expressa no espaço: pela linguagem.

Através de formas discursivas, a interação entre *personae* femininas e masculinas adquire forma durante a efemeridade do tempo da conversa, estabelecendo a relação entre linguagem e comunicação. Entrando e saindo das salas com um *nick* que pode ser mudado quantas vezes se desejar, as *personae* constroem múltiplas identidades, as quais performatizam os gêneros, exacerbando as qualidades sedutoras almejadas pelo senso comum. As interações em salas de bate-papo mostraram, de forma contundente, como as identidades são legisladas pelos discursos que as constitui.

IV.1 MÚLTIPLAS IDENTIDADES

Com o intuito de ampliar os fundamentos teóricos deste estudo no que se refere à identidade, deparei-me com as reflexões sobre múltiplas identidades que sempre foram da alçada dos psicólogos e psiquiatras e, por isso, esse fato foi levado a sério com profundidade por vários estudiosos da área. Devido à complexidade do assunto, esta pesquisa se ateve apenas ao processo de re-identificar-se que as salas virtuais permitem num espaço de ‘brincadeira’; assim nomeio esse espaço pela sua intrínseca irreverência, em contraposição aos espaços externos da vida vivida fora da tela do computador.

O ambiente de rede munuiu os usuários com este recurso, revelando inúmeros exemplos da construção ilimitada de identidades fora dos consultórios de tratamento da psique. É o que estamos vendo hoje em dia, na Internet: a busca das salas de bate-papo como o espaço favorável à construção de múltiplas identidades que um único usuário pode ter, sem que isto seja ‘real’. No aconchego da casa ou na comodidade do escritório, este poderá ‘brincar de ser’, ‘fingir que é’ e terá quantas idealizações quiser construir. Ele terá o cuidado de expor aspectos de uma identidade que ele mesmo constrói, a identidade idealizada para si naquele momento, a identidade relacional que depende de algo fora dele nem que esse ‘algo fora’ se origine da própria pessoa. Em outras palavras, o usuário estabelece os significantes de sua identidade:

- escolhe como quer ser imaginado (faz sua própria descrição):

(11:11:57) carinhosa total (reservadamente) fala para rui: loira de olhos azuis

- escolhe como quer ser chamado (nomes fictícios):

21:31:50 - vovosex fala para todos: boa noite

- direciona as perguntas para respostas que quer dar, aquelas que irão mostrar a identidade que quer mostrar em um nível superficial de assunto (seu gosto musical, signo do horóscopo, seus ‘hobbies’), ou em temas mais profundos (seus projetos de vida, suas experiências):

(11:27:24) *carinhosa total* (reservadamente) fala para rui: *SOU MAÇOM*

- o seleciona ou melhor, faz uma triagem diante do critério que estabelece para ter o contato, como vemos nos exemplos de diferentes *sites* ou usuários, a seguir:

(10:33:17) *Pétala de Flor* fala para H 60 tinha: Santos. Vc é casado?

(10:33:18) *melissa* fala para GRISALHO 51 SP: gosto de homens mais maduros

(10:33:46) *Bonyt@,32* fala para (reservadamente) sau: na rede municipal...vc é casado?

10:34:58) *Bonyt@,32* fala para (reservadamente) sau: vc mora só?

(11:04:05) *An@Clar@.* fala para (reservadamente) sau: SAU...VC É H O U M?

10:23:50) *Gata 60* fala para Todos: ALGUM CAVALHEIRO DE +-60 PARA TC?????

10:50:26) *Lili* fala para (reservadamente) Todos: quero um coroa para teclar... será que não tem nessa sala???

Nessas ‘falas’ acima, as *personae-on-line* constroem as identidades almeçadas para aquele momento e buscam construir a do outro, sempre por meio da linguagem que, de acordo com Crystal “becomes the primary means of establishing and maintaining group membership and identity” (2001:150) fazendo de uma mídia eletrônica uma variedade lingüística. Justifico aqui o emprego do termo *persona* diferente do termo *usuário*. Para o último, reservo a referência simples todas as vezes que analiso as características físicas do espaço e os problemas apresentados, enquanto que o primeiro termo é usado sob a ótica da identidade desempenhada na interação. Essa nomeação surgiu durante a redação deste trabalho e, particularmente, considerei que o termo *persona* realmente se distanciava do termo *usuário*, deixando clara a análise que me propunha, o que me satisfazia plenamente. Qual não foi a surpresa e a satisfação quando ao ler Turkle (1995), verifiquei que a autora usava o mesmo termo como explica no trecho abaixo:

The characters one creates for a MUD²⁴ are referred to as one's *personae*. This is from the Latin *per sonae* which means 'that through which the sound comes', in other words, an actor's mask. Interestingly, this is also the root of 'person' and 'personality'. The derivation implies that one is identified by means of a public face distinct from some deeper essence or essences.

Através da leitura de outro autor, Bruner (1986), tomei conhecimento da definição que Amelia Rorty dá de '*persons*' vir de duas fontes: da '*dramatis personae* do palco e da lei' (Bruner, 1986:40). Diz Rorty apud Bruner: "A person's roles and his place in the narrative evolve from the choices that place him in a structural system, related to others". A autora está tratando de papéis que a pessoa tem dentro de uma estrutura social. O conceito usado neste trabalho remete ao termo *persona* devido às identidades que os usuários adquiriam (*dramatis personae*), na interação das salas de bate-papo através de seus *nicks*; era como se essas *personae* adquirissem outras identidades através das quais representariam um papel. Pelo fato de a minha pesquisa ser virtual apliquei o termo *on-line*, o que me pareceu diferenciar do conceito de *persona* usado por outros autores. Como esta pesquisa lidou com a identidade criada pela *persona-on-line*, dos usuários supostamente mulheres, essa questão da identidade construída para o parceiro permeou suas narrativas na ilusão criada de um parceiro idealizado, como vemos nos exemplos abaixo, nos quais as mulheres antecipam e idealizam o parceiro com quem interagem:

10:29:41) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: zona oeste barueri...qual sua idade?

(10:30:15) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: 32..que linda idade...o que vc faz?

(10:33:17) Pétala de Flor fala para H 60 tinha: Santos. Vc é casado?

(10:34:58) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: vc mora só?

(10:44:10) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: vc faz tempo que é casado?

(10:52:42) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: vc costuma sair a noite?

(10:54:13) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: gosta de dançar?

11:11:58) Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: vc é bonito?

²⁴ MUD – Multi Use-Dungeons (jogo que é parte da pesquisa da autora citada).

(11:13:10) *Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: deve ser bem charmoso..acho homem grisalho lindo..usa barba ou bigode?*

11:14:23) *Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: fuma ou bebe?*

(11:17:48) *Bonyt@,32 fala para (reservadamente) sau: tenho 167, 62k, pele clara. olhos castanhos, uso cabelos curtos com reflexos louros, labios carnudos*

(11:29:39) *M. quero um peixão fala para Todos: TEM UM MENINO DE 57 ANOS DISPONIVEL?*

Se nos remetermos à visão essencialista da identidade, sabemos que, tanto o homem como a mulher inserem-se em parâmetros sociais definidos cerceadores dentro do grupo identitário, como seres fixos, imutáveis. No espaço virtual, a marcação não-essencialista da identidade, que sempre nos escapa tanto como a linguagem, permite à *persona-on-line* transitar na alternância do que se é ou não se é, entre a fluidez e a oscilação de uma identidade construída o tempo todo como diz Joyce apud Snyder:

The web is a virtual machine in an actual machine, a shared and imaginary computer which contains virtual visions of actual us and often disseminates others' actual plans for a virtual us. (Joyce apud Snyder, 1998:165)

Esse mesmo espaço permite ao usuário tomar a iniciativa de interromper a construção da identidade que ele mesmo se propôs, a qualquer momento em que não esteja trazendo mais benefícios ou vantagens, ou seja, que não esteja atingindo o objetivo previsto: “As we enter chatrooms (...) we don't know the gender, age, or race of those with whom we interact, communicating free from the judgements and stereotypes labels bring” (www.cyberfeminism.com).

Ele muda de *site*, de nome, de sexo, de descrição: “Quem serei eu agora? O que posso ser? Que idade posso me atribuir? De que lugar poderei estar teclando?”, são possibilidades da fantasia que o espaço virtual permite: “(...) in a digital space, (...), the anonymity and control offered by the digital space permits the fragmentation of the self into multiple personalities” (www.cyberspace):

(10:37:22) *bia* fala para GRISALHO 51 SP: *sou pequena, clara, cabelos curtos e tenho 51 anos.*

(11:17:48) *Bonyt@,32* fala para (reservadamente) *sau*: *tenho 167, 62k, pele clara. olhos castanhos, uso cabelos curtos com reflexos louros, labios carnudos*

Se, como diz Woodward apud Silva, “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (Silva, 2000:17), não existe um lugar mais ideal para tal do que o espaço virtual, onde as construções de imagem representam uma identidade que é desconstruída para uma nova construção no mesmo usuário. Ideal, “where one can create a new persona every interaction” (www.cyberspace), por representar uma identidade sonhada e, a partir dela, projetar-se através da linguagem direcionando-a para as reações que mais satisfizerem o próprio usuário. Como o anonimato é a norma do espaço, é importante para os usuários terem uma espécie de referencia identitária em que confiar, já que não há ali qualquer outra identidade fixa. Crystal (2001) aponta o fator do anonimato como uma das características mais interessantes nas salas de bate-papo, e que poderia redundar em pesquisas para os estudos de psicologia social, uma vez que o anonimato auxilia a manifestação de complexas psiques.

De qualquer maneira, o anonimato ressalta a importância da linguagem que rola na tela porque passa a ser o único meio existente para mediar as interações; com excessiva atenção para as nuances da fala, as pausas, as hesitações, os usuários fixam-se à linguagem ali exposta por não haver nenhum outro indicativo, quer dizer, um gesto que seja, que colabore para o entendimento das intenções. “Who knows what the intentions are of the latest visitor to a chatroom”, pergunta Crystal (ibid.,p.266) ao levantar as suspeitas que os usuários normalmente teriam com relação aos que vistam esse espaço. É a escolha lingüística feita que vai delineando, aos poucos, as *personae bona-fide* (se é que atribuir o termo *bona-fide* para essas identidades esteja livre de julgamento de ironia) para quem, com elas, estiver interagindo.

A identidade exposta no *site*, pela sua não fixação ortodoxa com outros espaços permite incontáveis construções de identidade, não pela outra pessoa na interação face-a-face, mas pelo outro a quem imagina todo o tempo da interação. Esse outro pode ser totalmente moldado e penetrado pela escolha que o *usuário* fizer, podendo ativar desejos inconscientes, tornando possível que o *usuário* se veja na imagem que construiu

com sua própria escolha; a *identidade* que o *usuário* escolhe ser no momento do bate-papo da sala produz significados diferentes, através de sistemas simbólicos da linguagem virtual que lhe dá poder.

A cada nova posição que o usuário pode ocupar na sala permite-se um processo de subjetivação que, constantemente está se desidentificando ou se desclassificando, fazendo minhas as palavras de Rancière, (1995:65) ou ocupando “o não-lugar que cria a identidade partilhada dos passageiros” (Augé, 1994:92). Essa é a liberdade sem fronteira, sem limites, pois que não está previda pelo local do corpo, o qual delimita a nós mesmos, definindo a nossa identidade sexual:

whether one wishes or not, one's physical appearance conveys information about one's self. A three-piece suit, ripped blue jeans, even the complete absence of clothing carry particular predefined stigmata.”www.cyberspace.

Veja o que diz uma usuária:

21:37:40 - MAGIA fala para Alvaro-...: NO VERÃO...O PESSOAL VEM ATE NU.....GARGALHADAS

Embora sem saber, a usuária acima exemplifica a presença performativa das *personae* nas salas ao, figurativamente, mencionar que ‘o pessoal veste-se ou despe-se’, ou seja, apropria-se de recursos conhecidos por todos para usufruírem da ousadia que o espaço lhes permite.

Vejam abaixo o que diz Turkle, outra psicóloga que se dedicou ao espaço virtual, em um dos casos estudados:

For virtual reality to be interesting it has to emulate the real. But you have to be able to do something in the virtual that you couldn't in the real. For me, my female characters are interesting because I can say and do the sorts of things that I mentally want to do, but if I did them as a man, they would be obnoxious. I see a strong woman as admirable. I see a strong man as a problem. Potentially a bully (1995:219)

Este poder de transformação torna-se ilimitado visto que, o usuário inclui aspectos que lhe favorecem e exclui os outros que lhe depreciam para a construção de uma identidade ideal, nem que esta situação perdure por um tempo curto na sala. A satisfação interior apesar de efêmera, causada pelo poder de brincar com a identidade, de desafiar a identidade fixa, de deslocar-se do próprio eu, compara-se com a satisfação que o mesmo usuário teria com o poder de ‘ser’ o sujeito ideal:

(10:37:22) *bia* fala para *GRISALHO 51 SP*: *sou pequena, clara, cabelos curtos e tenho 51 anos*

É provável que a *persona bia* seja realmente compatível com a descrição que faz de si, porém remonta a aspectos positivos, naquilo em que nada parece ser feio nela, além de enfatizar a idade que, coincidentemente, é a mesma da *persona GRISALHO 51*. O fato é que ela reitera qualidades estéticas apreciadas pelo senso comum, para não só ser acolhida no espaço, como também talvez garantir a continuidade dessa interação fora das salas

Falando de um lugar fixo – sentada, em frente a um computador numa sala de sua casa ou trabalho –, a mulher, o objeto desta pesquisa, se lança num espaço cruzado por outras *personae* a longa distância, num espaço virtual sem fronteiras, no qual essas outras *personae* serão ‘deletadas’ a qualquer momento em que impeçam a consumação do sujeito ideal. Nesse espaço, ela constrói o homem idealizado valendo-se dos significantes de uma identidade masculina projetada:

(11:09:02) *carinhosa total* (reservadamente) fala para *rui*: *adoro grisalhos....*

(11:09:06) *carinhosa total* (reservadamente) fala para *rui*: *adoro homens bem vestidos e cheirosos*

No momento em que esse usuário tiver sua identidade contestada ou contrariada na interação com o outro, ele pode evitar tal desgaste/desgosto, e se lançar numa nova aventura virtual onde talvez sua identidade construída para tal seja bem recebida ou, do contrário, partirá para outra sala, e/ou nova identidade. No espaço virtual, a identidade que a própria mulher escolheu, vai adquirir poder sobre ela mesma no que se refere ao fascínio da criação:


In real life, this woman [no caso, uma *persona* do estudo desta autora] sees her world as too narrow to allow her to manifest certain aspects of the person she feels herself to be. Creating screen *personae* is thus an opportunity for self-expression, leading to her feeling more like her true self when decked out in an array of virtual masks. (Turkle, 1995:185)

Será a expressão de sua fantasia, de seu modelo ideal de ser, e isso repercutirá na interação virtual porque, toda vez em que houver uma interpelação que coloque em

xeque, ou que esta usuária se ‘veja’ ameaçada na sua nova identidade, ela ‘deixa de existir’, ‘altera seu *nick*’, ‘escolhe outro sexo’ e recomeça nova conversação:

(11:39:19) *Comadre* desculpa-se com Todos: Vou desistir dessa sala. Será q acho outra mais animada? 🙄

É como se houvesse o momento do ‘saciar’: “Quando não se quer mais, se deixa de existir”. O espaço virtual, o lugar, o ‘buraco’, possibilitam movimentos de constituição de outras identidades. Dizem abaixo as duas *personae*:

10:17:21)  *Carina* (reservadamente) fala para rui: Companhia virtual, é mesmo moda...hoje...vc pode ser o que quiser, ou que desejaria ser... estou em casa...

(10:27:10) *Bonyt@,32* fala para Todos: olá..alguém quer me fazer companhia?

Outro comportamento comum nas salas virtuais é o da sedução, da ‘cantada’ ou mesmo da ‘sacanagem’. A isto Collinson chamará de *on-line harassment*. Abaixo se encontra um exemplo, seguido de uma fala no IRC:

Both e-mail and the real-time chat systems are plagued by a phenomenon well-known to women: on-line harassment. This for the most part, goes completely unnoticed by men, and is well documented by a woman journalist who transcribes an IRC session to demonstrate this very thing: “UGH. I’ve been outed as a woman on a late-night IRC session. I don’t want to deal with this tonight. I brace myself for the inevitable barrage of private messages:

kilgore What do you look like?

jimv How old are you? Are you still in school?

casper Would you care to talk in private?

crackerjack What do you look like?

synapse HI THERE :-))

vito Where are you?

As perguntas, geralmente, são feitas com uma intenção diferente da de simplesmente travar novos contatos de amizade. Na verdade, para esta pesquisa, o assédio esteve sempre presente, tanto provindo de *personae* masculinas ou mais veladamente partindo das *personae* femininas, uma vez que analisava a linguagem das salas de bate-papo, sabidamente, salas de namoro.

Os usuários apresentam-se com um ‘*nick*’, apelido que eles se auto-atribuem; estes são um ato performativo naquilo em que desempenha o ato de fala como extensão da identidade. A conotação que o apelido traz constrói sentidos por que *desempenha* (*perform*) a função de situar a *persona-on-line* numa posição idealizada, de induzir a busca da companhia para o objetivo final – a obtenção da companhia. É como se estivesse com ‘meio caminho andado’ pela associação que o apelido veicula. A sustentação lingüística é não só, de lugar e tempo, como também de poder de sedução que o apelido escolhido lhe confere. Vejamos alguns exemplos de apelidos:

carinhosa total

Beijoqueira

Muito Mulher

Mulher-1.75

mulher..livre

NUA

loba

tempero de mulher

) loira/43/sp

M quer amante rico

DEUSA ABC

M quer Namorado

ROMANTICA-ma

QUEROVC(m

Dengosinha

Verdademulher

) Bela Mulher

Grande Mulher

1,75 de moren@

m.procura paixão

Há um direcionamento performativo do apelido escolhido para a identidade que se quer ter, porque isso se desloca para um sistema de representações amplo, compartilhado socialmente. O usuário, performativamente, garante a sua reputação (a qual é parte da identidade) na sala, pelo emprego de um apelido, pois mais importante do que “Quem está falando”, o que importa é “*O que tal dizer provoca ou causa?*” Por essa razão, esta pesquisa encontrou um lugar apropriado para demonstrar que as identidades de gênero são performativas e não expressivas: as salas virtuais.

Ainda a respeito do conceito de performatividade de Butler, Silva nos diz:

Em seu sentido estrito, só podem ser consideradas performativas aquelas proposições cuja enunciação é absolutamente necessária para a consecução do resultado que anunciam. Entretanto, muitas sentenças descritivas acabam funcionando como performativas (2000:93)

Na auto-atribuição do apelido, a identidade da *persona-on-line*, não só a define no momento, mas, reforça a sua qualidade indispensável para continuar a fazer sucesso na sala de bate-papo. Esse sucesso se traduziria na companhia que vai achar, mesmo que tenha a curta duração da conexão.

Ao estudarem a relação entre o comportamento lingüístico e as condições sociais onde a linguagem é compartilhada pelos falantes, Cameron;Kulick apontam para a atenção que as pesquisas em comunidades devem ter com relação ao que impele as identidades a serem construídas desta, e não daquela maneira. Dizem eles:

(...) But if we are interested in the linguistic behavior of a group of people defined by their sexual identity, it is surely important to investigate how that identity is or is not made relevant across a range of situations, from the rituals in which it is most likely to be salient (...) to the most mundane encounters of everyday life. (2003:135)

Nos processos de identidade nas salas de bate-papo, a *persona* feminina vai se concretizar na fantasia de uma identidade construída para ela própria e para o outro, seu parceiro. No bate-papo virtual, o apelido como representação é fundamental, porque é a primeira e única forma de ser (bem) acolhido na sala e, a partir daí, desenvolver uma conversa e fazer com que algo aconteça. Ele pode ser apresentado como palavra (Nome, adjetivo, frase), uma expressão ou uma forma tipográfica:

.... ☺ :) MM

(11:46:10) #toda ralada# fala para Wendel: OIEEEEE 🍷👉

(11:05:48) £O!R@ ABUŞ@D@ entra na sala...

(11:05:51) *DamadeVermelho* entra na sala...

(11:17:52) 40tona carente fala para Todos: alguém a fim de te comigo?

Trata-se de uma identidade criada para uma finalidade específica, a de mascarar sua presença na sala através de aspectos positivos, via linguagem, os quais remetem a outros sentidos. Collinson (2005) também reitera que o espaço virtual permite e até incentiva o anonimato do gênero: “(...) One is that it allows anonymous, or non-gender specific communication”.

Essa característica de transgressão da identidade sexual e do uso abusivo de *nicks* de conotação sexual define o espaço virtual das salas como reduto de sedução, caso contrário, o apelido teria outro aspecto performativo, (um apelido nunca é somente descritivo) porque o interesse da conversa seria outro. Seguramente, nenhum desses *nicks* é utilizado para a visitação das salas de Política, por exemplo.

Lacan escreve: “the name is the time of the object” (Butler, 1997:29) e o nome como convenção tem a historicidade de situar o sujeito pois é dado, imposto por outro a um outro- será um modo de dirigir-se a esse sujeito, de se conferir historicidade e lugar a esse sujeito, de possibilitar o poder de inaugurar sua existência lingüística. Será a primeira forma manifestada das relações sociais porque o nome é o vetor social de onde o sujeito parte e vindo do outro que lhe dirige a atenção. Será sujeito constituído pelo Outro que lhe nomeia e chama e da mesma forma pelo mesmo caminho de volta, de se dirigir a outros:

If these subjects could not be who they are without this linguistic bearing toward one another, then it seems that this linguistic bearing might well qualify as something essential to who these subjects are, something without which they could not be said to exist (...) their linguistic vulnerability toward one another. (Butler, 1997:30)

Diferentemente, o usuário das salas de bate-papo age como o autor de carta anônima como se só ele pudesse se dirigir a outros e que, o efeito do discurso retorna ao sujeito-usuário uma vez que a resposta a essa carta irá encontrar sujeito modificado a

cada vez, transmutado em outros ‘remetentes’. Se o nome é fundamental na interação face-a-face,

After all, to be named by another is traumatic: it is an act that precedes my will, an act that brings me into a linguistic world in which I might then begin to exercise agency at all. A founding subordination, and yet the scene of agency is repeated in the ongoing interpellations of social life. (Butler, 1997:38)

No espaço virtual, o sujeito escolhe quem quer ser e não é nomeado pelo Outro. O *nick*, pelo qual será endereçado é uma prática simbólica porque revela aspectos de produção da identidade do sujeito virtual. O nome escolhido é sempre sugestivo predispondo a um julgamento do sujeito porque representa a extensão de sua identidade:

11:27:23) **TROVAO DA NOITE** *fala para Beijoqueira:* SERA QUE VC CUIDARIA DE MIM COM SEUS BEIJOS

11:05:04) **M. quero um peixão** *fala para Todos:* BOA NOITE.

(11:01:29) **MORGANA** *fala para (reservadamente) Todos:* HOLA...ESTOU ABANDONADA...ALGUEM QUE POSSA ME FAZER COMPANIA??????????

(10:50:02) **sex agendaria** *fala para Todos:* oi alguem pr tc????

(10:42:43) **g@t@ cekssi** *fala para c@rinhos@52sp/zn:* 😊

(10:41:28) **meigamorena** *entra na sala...*

(11:17:53) **danadinha** *sai da sala...*

(11:19:53) **LOIRA SENSUAL** *fala para Todos:* boa noite!!!!1 estou sozinha

Interessante apontar para o anonimato desse *nick*, uma vez que ao interagir com outros, sua suposta autonomia garantida pelo anonimato vai aos poucos abrindo espaço e expondo a ‘nova’ identidade pelo uso da linguagem ou elementos visuais. O ato performativo da fala irá denunciar aspectos do sujeito-falante cuja preocupação maior é a impressão que seu tipo criado causará no outro usuário: “this can lead (...) to self-

discovery, as aspects of one's personality that are normally repressed find a means for expression, it more often leads to thoughtlessness (...)” (www.cyberspace). O sujeito-falante age como o autor da carta anônima, o qual se permite dirigir-se ao Outro sem que este possa atingir-lhe na sua identidade enquanto pessoa: “Actually, there are usually ways of matching on-line identities to real-life people who don't want to be found” (ibid.).

Na relação com a fantasia, a criação faz com que a identidade sufocada, recalçada, possa aparecer. O *nick* juntamente com as falsas informações constituem a fantasia, o recalque do desejo – é um fetiche: o que não se consegue e o que não pode ser visto é fetichizado:

(11:11:57) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **rui**: loira de olhos azuis

10:41:46) **loira,alta,atraent** fala para **Todos**: boa noite homem solteiro acima 187m

(10:46:36) **LOIRA CARINHOSA** (*reservadamente*) fala para **rui**: Sou loira, tenho olhos verdes, 1.60, 56 kgs, cabelos loiros lisos compridos.

Ao apropriar-se de conceitos convencionais que evocam sensualidade, as mulheres imaginam-se tão belas quanto se auto-descrevem, desvendando essa identidade em fragmentos:

22:40:25 - **baixinha** fala para **Rui** em Reservado: morena clara cabelos pretos olhos preto 1.52 de alt 50 kg ,

(10:46:36) **LOIRA CARINHOSA** (*reservadamente*) fala para **rui**: Sou loira, tenho olhos verdes, 1.60, 56 kgs, cabelos loiros lisos compridos,

Uma vez que a distância garante isso (longe dos olhos) e, criando um certo mistério ao redor de sua identidade, como se fossem as preliminares do namoro.

O namoro, momento em que duas pessoas se conhecem, passou por grandes transformações ao longo dos tempos, por exemplo, no começo do século XX o contato físico era vedado e somente no pós-guerra é que o beijo em público foi tolerado. Nos anos 60, com o movimento feminista, à mulher permitiu-se o prazer do orgasmo e o amor livre livrou a mulher da virgindade pré-nupcial. Apesar desses avanços, a iniciativa da corte continuou a ser do homem e se a mulher tomasse atitude era/é mal

vista- é uma espécie de atavismo, presente nas práticas medievais. Contudo, essa atitude de cortejar consiste numa estratégia da mulher através de uma linguagem indireta dirigida ao homem; com seus gestos, calor, cabelo, ‘frisson’, a mulher ‘se permite cortejar’ enquanto que o homem, na sua racionalidade, não tem a sutileza de desmascará-la. A figura da mulher sempre perdida e nunca encontrada faz parte do imaginário masculino que a constrói (mito), a encontra (*vamp*) e a transforma (esposa). O movimento feminista dos anos 60, que não conseguiu igualar as iniciativas da corte, condenou as práticas do cavalheirismo que tratavam as mulheres como donzelas.

No espaço da Internet, o namoro se apresenta com todas as características acima, mas com outros recursos além do ocultamento do jogo da sedução. Apropriando-me do conceito de “pedaço” de Magnani (2003), o qual diferencia ‘rua’ (espaço de todos) e ‘pedaço’ (espaço mais íntimo de alguns), considero o espaço virtual das salas de bate-papo, o “pedaço” por constituir um novo domínio de relações, pois enquanto a rua é dos estranhos e a casa dos parentes, fazendo minhas as palavras de Magnani, o *pedaço* constitui o espaço de alguns chegados onde uma nova rede de sociabilidade se forma. Ou como nomeia Joyce apud Snyder:

And yet the proliferation of electronic discourse can refresh our cultural sense of the values added by human community and may point to a future where the net (in whatever form) confirms our sense of community (that is, an embodied presence among others) in which to discuss and agree upon the usefulness of these tools. It has been argued that it was a web of coffeehouse culture and public spaces, which led to the emergence of ‘readable’ editorial sensibilities and publishing houses of the 18th century. (Joyce apud Snyder, 1998)

A noção de pedaço está associada a um lugar agradável onde se pressupõe uma garantia de proteção: o estranho ao pedaço é sempre visto com suspeita e terá duas opções: ou conquistar a confiança dos membros do pedaço ou excluir-se dele. O espaço virtual, igualmente, apresenta uma comunidade frequentadora das salas, reconhecendo-se através dos *nicks*. O usuário que não conseguir se ambientar, ou seja, estabelecer uma interação com os outros que estão ou vão aparecendo em uma determinada sala, terá que migrar para outra no mesmo ou em outro *site*, ou simplesmente abandonar o lugar, como acontece com o estranho que surge num ‘pedaço’.

Se, como diz Goldin (2005), “cada momento da cultura produz seu poeta para aquele momento”, a Internet, como lugar opcional de namoro, atraiu um grande contingente de usuários/as que se lançam numa moderna iniciativa de busca de

parceiro/a. Segundo estatísticas, há por volta de 700.000 pessoas inscritas²⁵ nos diversos *sites* de namoro e o que no início era condenado; “Ah! Coitada! **Teve** que ir para a Internet para não ficar **encalhada!**”, (Marcondes, programa *O Teatro*, rádio USP), hoje em dia tem um valor positivo, como diz uma executiva de 30 anos (ibid.):

Cansei de dar tiro em água, mostrar que sou legal, conhecer num bar um Zé Ninguém; na Internet consigo **peneirar** exatamente as pessoas que nem eu, que pensam como eu.

Esse depoimento exemplifica como o distanciamento que a Internet proporciona aos usuários lhes dá o poder de idealizar a si e ao outro. Pelo uso de frases clichês, menção de interesses comuns e informações atuais compartilhadas, como filmes, músicas:

21:34:41 - Nivaldo fala para **MAGIA**: *Veras que todo es mentiras, veras que nadie es amor... y el mundo nadie me importa yira, yira..*

21:34:42 - Alvaro-.. fala para mariposa: *gosto de tangos mas os boberpos me amalucam de vez..... ahhhh*

10:49:03) **casado45** fala para **LOIRA 53**: *voce gosta de um vinho ou outra bebida ??*

As pessoas não correm o risco de serem felizes. Elas se apresentam de forma idealizada, sem problemas, com atributos que sugerem conceitos de beleza consagrados como da *persona* abaixo:

(10:46:36) **LOIRA CARINHOSA** (reservadamente) fala para **rui**: *Sou loira, tenho olhos verdes, 1.60, 56 kgs, cabelos loiros lisos compridos*

A usuária faz a escolha, separa, guarda, descarta pelos perfis, da mesma forma que vai às compras: ‘encomenda’ alguém compatível ao que se espera. Os homens também compartilham da idéia de que em um bar não se consegue achar alguém com perfil bom. A Internet, uma variável revolucionária, facilita isso. É a escolha do parceiro ‘à la carte’ (Filho, 2004): constrói-se o personagem ideal e vai-se buscá-lo no espaço tecnocrático da escolha afetiva:

:43:06) **Ruiv@*Perfum@d@** fala para **FLAVIO SP**: *vc. que deve ser um gatinho.rsrs*

²⁵ Informação obtida pelo programa *O Teatro*, Marcondes Filho, rádio USP.

A pressuposição acima “...vc deve ser...”, “ permeia todas as narrativas, pelo menos em um primeiro momento, e são, na verdade, os sustentáculos da interação – uma vez que não possuir atributos atraentes significa exclusão desse espaço que é de sedução.

A escolha no espaço virtual tão programada não reserva o fascínio da paixão, é uma seleção burocrática dos parceiros. Transfere-se ao sistema uma busca que era da pessoa, sem olhares. Justificando o argumento de Goldin (2005), segundo o qual, “a sexualidade não tem mais o valor de antigamente”, o namoro virtual exhibe uma amostragem de parceiros em série afetiva como numa linha de montagem:

10:59:00) **Venéreo** *fala para D@am@ d@ noite:* Vamos teclar no aberto

10:24:09) **GRISALHO-58-SP** *fala para Todos:* alguma mulher quer tc?

10:41:55) **H-sp** (*reservadamente*) *fala para Todos:* Alguém de Sampa?

É a triagem inicial que deve ser rápida porque a virtualidade impede o reconhecimento dos parceiros potenciais em portadores de atrativos, recurso reservado para a interação presencial.

Para Gikovate (2005), na revolução de costumes em que vivemos atualmente, “desenvolve-se a capacidade para se estar sozinho por conta da parafernália tecnológica que cria soluções para entretenimento individualizado”. Ou seja, a solidão do ser humano moderno é monitorada por um sistema que lhe oferece mais e mais aparato para perpetuar esse isolamento. Em depoimentos de usuárias das salas virtuais, o que a princípio parecia ser a solução para a solidão das mulheres, tornou-se, na verdade um mecanismo de compensação da própria solidão. Em alguns casos, essas mulheres se deixam envolver por um movimento emocional que tomou grande vulto levando-as a uma total decepção e depressão. O homem, geralmente usa desse espaço, manipulando várias *personae* femininas, a partir da tela ‘no reservado’, de onde interage com várias ao mesmo tempo, tornando-se o pino catalisador que nada mais é do que explorador de mulheres. Esse pensamento é partilhado por Goldin (2005) que diz que “As mulheres estão mais solitárias, mais sozinhas, se queixam da falta de parceiros”. Um desajuste

para ele, uma vez que “a mulher ganhou independência e o homem poder”. E vai além ao dizer que “as mulheres ficaram separadas, bonitas e independentes”. Ao mesmo tempo em que há “o desejo há um déficit da sexualidade” (ibid.).

Enquanto no imaginário masculino o objeto de amor é um modelo ideal atraente, “os significantes de uma identidade masculina partilhada” (Woodward apud Silva, 2000:11), um ícone narcísico do poder do homem diante de outros, no imaginário feminino, o modelo ideal é daquele que irá protegê-la, a quem fará longas confidências para compreender suas angústias. Vejamos as confidências da *persona* BRANQUELA:

11:27:12) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: sou uma pessoa muito sincera, confesso que sempre tive um puco de receio.... mas não por achar que é sacanagem e sim pq aqui tem um monte de maluco infiltrado entre as pessoas que querem fazer amizade...

BRANQUELA (reservadamente) fala para **rui**: não, claro que não, mas vc acha que meu marido iria ficar sentadinho vendo tv enquanto eu papeava na internet?
11:30:15)

11:44:41) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: por isso que é chato... eu sei que corro um risco toda vez que tc com alguém pq procuro ser sincera esperando o mesmo, mas sei que isso é difícil

(11:50:41) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: difícil saber exatamente o motivo... acho que desgaste mesmo... rotina... fim da paixão...

11:52:11) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: é, as pessoas se voltam muito para o trabalho e não investem no relacionamento... o seu acabou pq?

(11:55:06) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: não mudam mesmo, isso é o que falei pro meu marido... nesses 10 anos já deu prá saber o jeito um do outro, ele vai continuar sendo o mesmo assim como eu também... por isso é bobagem insistir, melhor sermos amigos do que esperar o stress nos transformar em inimigos...

Notadamente, essa *persona* usa a interação da maneira pela qual as mulheres geralmente conversam, questionando as relações e discorrendo sobre detalhes. No caso do homem, o espaço virtual é para ser usado de uma maneira sucinta e objetiva:

10:59:37) **TROVAO DA NOITE** fala para **carinhosa total**: SERA QUE VC E CARINHOSA MESMO?

enquanto a mulher, se expressa como se fosse em cartas ou em um contato face-a-face, cheia de explicações pela presença nas salas. Notadamente, a *persona* BRANQUELA, abaixo, se culpa por estar visitando um nicho proibido para mulheres casadas e procura justificar esse ato dizendo:

(11:25:54) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: nunca, estou começando a te agora, ainda estou me separando entende?

Essa diferença entre o comportamento da *persona* masculina e da *persona* parece estar presente em vários segmentos virtuais como está presente no estudo de Collinson que diz:


Gladys We has surveyed users of newsgroups on the Internet about CMC between women and men. This is a sample of her findings on this issue:

Another woman felt that men ‘show much less concern about the usual social constraints... perhaps... because on-line communication feels more anonymous... After the first time I posted to [a newsgroup] an individual e-mailed a ‘welcome to the group.’ After a short conversation about a political issue, I got, out of the blue, a request from him for an exchange of nude photos.’ Another woman added, ‘in muds if you have a female name you immediately get jumped all over (figuratively!)’ And a man had noticed that... ‘whenever a women-like handle comes online or joins a channel, she always has more ‘welcomes’ than a person with a male-type handle²⁶.

Como o parceiro modelo é aquele que irá protegê-la, isso porque o modelo não muda muito, preservando-se o romantismo, a preocupação com a estabilidade profissional é disfarçada através de perguntas do tipo a seguir:

(10:53:51) **LOIRA CARINHOSA** (reservadamente) fala para **rui**: O que faz???

Na verdade, as salas de bate-papo constituem o espaço da sedução. Por esse motivo, no contato inicial, a preocupação maior é passar uma imagem sedutora, idealizada, mas, através de uma conversa com informações importantes que servem como triagem, no menor espaço de tempo:

23:03:10 - Bel@_G@t@ fala para Marcelinho:  boa noite qts anos?
 21:39:31 - MULHER ROMANTICA fala para todos: TC DO RJ, ALGUEM QUERENDO UM PAPO ROMANTICO TENHO 46 ANOS SOU UMA MULHER AUTENTICA

²⁶ Ver Gladys We, “Cross-Gender Communication in Cyberspace”, Department of Communication, Simon Fraser University, 1993.

Para a mulher independente o espaço privado, fixado em casa, domínio do lar, foi relegado à segunda importância; contudo dentro dele agora surge um nicho onde se situa a ferramenta que permite a interação com o mundo, o computador, como o refúgio virtual, um espaço interno reservado para confidências, para extravagâncias da fantasia. É como se fosse o lugar onde a praxe é fugir do controle. No trecho a seguir, em um dos depoimentos analisados por Turkle, a *persona* revela:

Biological men have to construct male gender just as biological women have to construct female gender. One player, a woman in treatment for anorexia says: “In real life, the control is the thing. I know that it is very scary for me to be a woman. I like making my body disappear. In real life that is. On the Mud, I’m sort of a woman but I’m not someone you would want to see sexually. My MUD description is a combination of smoke and angles. I like that phrase “sort of a woman”. I guess that’s what I want to be in real life, too.” Turkle (1995: 215)

Esse é o espaço ideal para que a fantasia ganhe vulto, notadamente de mitos que povoam a mente das pessoas. Um exemplo disso é da mulher *vamp* que preenche fantasias de mistério, do diferente, que a bela guardada em casa não deve fazer: “*Quero transar com você em frente ao viaduto Santa Efigênia*”, foi a mensagem que recebi quando interagi como mulher com uma **persona** masculina. Outro, na mesma época em que interagi como mulher, enviou-me uma mensagem na qual dizia que “tinha uma fantasia de transar com uma mulher mais velha do que ele”, supostamente se enquadrando na sala de 20 a 30 anos. O que parece acontecer no mundo virtual das salas é que se fazem as transferências para o real, aquilo que Bolter & Grusin chamam de ‘remediation’.

A mulher sabe que o homem tem diferentes imagens imbricadas entre a mulher, namorada e as outras mulheres, mulher polimorfa – produto de seu desejo de pensamento abstrato como, por exemplo:

21:40:39 - *tulon sp fala para todos: OLA... SOU CASADO TENHO 56 ANOS E BUSCO ALGUÉM Q ESTEJA AFIM DE UM RELACIONAMENTO PARALELO C/ MUITO RESPEITO CARINHO ...E CLARO MUITO SIGILO ...ESTOU NA ZL SP*

Obviamente e historicamente instituído, o relacionamento paralelo, sugerido pela *persona tulon*, sempre foi sancionado pelo ideal de masculinidade (valentia, ousadia, vigor, imponência, temeridade, entre outras) e tolerado, senão até incentivado, pela

hegemonia masculina da sociedade. Mesmo com a desestabilização da pós-modernidade que causou transformações e que questionou essas posições ortodoxas, a *persona* acima, por exemplo, remete a valores pré-estabelecidos para construir sua identidade viril.

Também as mulheres sabem que nenhuma delas preencherá o lado *vamp* o que resulta numa eterna frustração, numa grande incompreensão por isso. A fantasia masculina quer, deseja e depois impõe limites, cerceia. A mulher que era *vamp* e foi conquistada, no domínio do lar perde esse lado sedutor e se torna a esposa, a parceira. Nos dias de hoje, a mulher que visita as salas de bate-papo, depois de já ter cumprido seu papel público no dia de trabalho:

03:13) **Ametista** *reservadamente fala para Sauê: estou em casa, hora do lazer*

22:31:33 - isis fala para todos: *boa noite. alguem desocupado afim de tc?*

busca seu companheiro virtual através da esfera de seus atributos, ternura, fraqueza, sensibilidade, na privacidade que esse espaço oferece:

10:59:39) **kero kolo (m)** *entra na sala...*

mel: *olá. estou sozinha num sábado. quero conhecer alguém*

10:39:43) **Ruiv@*Perfum@d@** *fala para FLAVIO SP: sou de jacareí, 45, div;*


:43:06) **Ruiv@*Perfum@d@** *fala para FLAVIO SP: vc. que deve ser um gatinho.rsrs*

10:18:43)  **Carina** *(reservadamente) fala para rui: Como vc é? 😊*

(23:02:33) **Delicadinh@** *reservadamente fala para Sauê: entao deve ser bonito! cabelo lisinho...rs*

Se num primeiro momento, há a preocupação de construir uma identidade para si própria e para o parceiro, aproveitando as vantagens que o espaço virtual oferece, a saber, o anonimato e a idealização de um parceiro/a, ao longo da conversa, contraditoriamente, busca-se a veracidade das informações vindas do parceiro:

10:23:03)  **Carina** *(reservadamente) fala para rui: Seu nome é Rui mesmo???*

10:18:43)  **Carina** (reservadamente) fala para **rui**: Como vc é? 😊
 (11:46:04) **BRANQUELA** (reservadamente) fala para **rui**: mora com quem?


23:19:35) **Ana*49** reservadamente fala para **TODOS**: GOSTARIA DE TC C/ LAGUEM DE SP-CAPITAL QUE NAO SEJA CASADO

As usuárias do sistema, apesar de manterem o discurso de que estão visitando a sala para companhia virtual apenas, como vemos abaixo:

(11:38:56) **carinhosa total** (reservadamente) fala para **rui**: SO CIA VIRTUAL

demonstram interesse em continuar o relacionamento até então somente virtual, com um parceiro desconhecido para um contato mais seguro e previsível, ao final das conversas, quando, então, enviam e cobram os endereços eletrônicos pessoais:

11:46:07) **carinhosa total** (reservadamente) fala para **rui**: rprpoderosa@hotmail.com

10:58:20)  **Carina** (reservadamente) fala para **rui**: é mesmo...pode me mandar um email...xxxxxxx@xxxxx.com; quer me passar o seu? 😊

Porque há o interesse em manter o contato por outras mídias, que não a das salas, se, supostamente, a visitação destas é para puro entretenimento do momento? Porque, depois de se fantasiar a identidade do outro e construir a própria, as *personae* femininas (objeto desta investigação) utilizam outros recursos, *remediation*, termo cunhado por Bolter e Grusin (2000) para avançar na relação, a princípio, somente virtual? Sobre qual fundamento real pode haver o interesse em se conhecer o outro, até então existente somente nas salas de bate-papo? Estes questionamentos conduziram-me para esta investigação, uma vez que somente a linguagem articulada para confeccionar as identidades poderia suscitar o interesse em continuar a relação. É, através dela, que os atributos auto-atribuídos se tornam apelativos. Isso porque, até o momento da interação, nenhum outro recurso tinha sido explorado já que as salas de bate-papo da Internet permitiram a total construção e desconstrução de identidades devido às circunstâncias do anonimato oferecidas.

Para alguns estudiosos, a sociedade como um todo perdeu sua identidade e, voltado para a psiquiatria, Capellato (2005) aponta a sociedade sem limites como causadora dessa perda. Isso porque, se não há limites, não há também a capacidade de um eu que saiba o que quer. Não há como fazer as escolhas porque são inúmeras e, portanto, já não se constrói a identidade psíquica (salvo por um esforço enorme da família, último reduto dessa sociedade)²⁷. Em seu lugar, o que se constrói é a identidade no segmento cultural, afetivo ou sexual. É o que o autor chama de “identidade social”(ibid.). O que ele aponta é que essa identidade faz surgir as gangues, as tribos, as comunidades enfim. A comunidade virtual não escapa dessa influência.

Essa identidade social, embora frágil, substitui a identidade psíquica: “ser punk é mais importante do que ser mulher, homem, é como se a sexualidade ficasse passeando no meio da sociedade punk” (ibid.). Uma ilustração desse fenômeno é a pergunta de praxe quando duas pessoas são apresentadas: “A quem ele se liga? A que grupo ela pertence?” (ibid.). O resto, quer dizer, a sexualidade, fica relegada a segundo plano.

O autor vai mais longe ao afirmar que se sofre da ausência da identidade pessoal, pois, os títulos não dão mais garantias, uma vez que o “padre é pedófilo, o juiz é ladrão, o médico é pedófilo, o pastor é ladrão” (ibid.). O que dá identidade é a estética praticada nas academias e clínicas. É a função narcisista sendo mais valorizada do que a sexualidade.²⁸ Augé, autor que chama de supermodernidade o excesso de tempo e de espaço que sufocam a vida das pessoas, também aponta para a predominância do narcisismo nestes espaços: “(...) o indivíduo é incessantemente interpelado. A tentação do narcisismo é aqui, ainda mais fascinante, porque parece expressar a lei comum: fazer como os outros para ser você mesmo” (1994:97).

Como a sociedade desistiu de oferecer padrões de identidade psíquica e passou a oferecer padrões de identidade social, segundo Capellato, as comunidades virtuais se tornaram um nicho de abuso da construção das identidades as quais, embora transitórias, em grande parte, manifestam essa característica social de pertencimento a um grupo. Se há uma crise de gênero, isso não é um processo desvinculado da sociedade, nem algo solitário. É o processo de identificação que está em mudanças, afastado que se encontra do que Capellato chamou de *conteúdo sublimatório*. Este, por sua vez, possibilitou, no auge das angústias, o processo de criação, marcados por identidades individuais.

²⁷ Ver capítulo Espaços e Sexualidade.

²⁸ Ver capítulo Espaços e Sexualidade.

Numa sociedade sem fronteiras ou limites, o que prepondera é o narcisismo porque este passou a ser a valia para ser acolhido. No espaço virtual, as identidades se constroem de acordo com essa valia, aquilo que esta comunidade valoriza e, portanto acolhe. Hoje o homem baseia os seus valores em cima do jeito em que é mais bem aceito ou acolhido. “Quero ser olhado por outras mulheres, ser invejado por outros homens”, diz Capellato referindo-se à maneira de pensar da sociedade.

Embora pareça que o autor citado esteja se baseando em uma camada mais jovem, o fato de que esta pesquisa analisou, supostamente, as narrativas de mulheres mais velhas, levou-me a acreditar que esses valores permeiam a sociedade em todos os segmentos. O mundo virtual não é alienado ao que passa pelas diretrizes que definem os comportamentos. Pelo contrário, sendo um recurso da mais alta modernidade, é o que melhor representa as inovações em todas as áreas. (2005)

A identidade social mencionada acima pelos profissionais da psicologia, aquela pela qual o sujeito é identificado e, portanto, reconhecido, nos leva, dentro desta pesquisa, ao conceito da performatividade, tratado anteriormente. Isto porque no espaço virtual, o que importa é o efeito que a linguagem ali desenvolvida vai surtir no outro que a lê: quanto mais fantasias se conseguir criar na construção das identidades, mais feliz será a relação virtual. Como esta pesquisa trata das *personae* femininas, a busca foi por traços lingüísticos que denotassem a caracterização de gênero: “(...) it is not that an identity ‘does’ discourse or language, but the other way around – language and discourse ‘do’ gender” (Salih, 2002:64).

Isso nos faz voltar ao ponto de partida da importância da linguagem na Internet que é o da referência social que ela indexa. Diz Crystal (2001): “Language is at the heart of the Internet for Net activity is interactivity” (ibid., p.236). O autor está se referindo ao sistema que liga várias pessoas (social) através da veiculação da linguagem (lingüístico). Ele continua: “The Internet is not just a technological fact; it is a social fact (...) and its chief-stock-in-trade is language” (ibid., p. 237). Nesta pesquisa, além da relevância dos pontos defendidos pelo autor acima, de que a língua é o carro-chefe da Internet, reside o fator que agrega mais importância ainda à linguagem veiculada nas salas de bate-papo, naquilo em que ela é o meio para se construir múltiplas e complexas identidades (de que falam os psicólogos) fortemente marcadas pelas características de gênero.

A Internet propiciou à mulher, liberta dos liames seculares à uma sociedade patriarcal, o ponto de visita ao espaço privado. Neste, que um dia foi seu ponto de

chegada e, depois, de partida para o espaço público, ela faz a escolha idealizada de sua identidade, projeta o modelo do príncipe imaginário e alimenta a companhia perfeita numa aventura virtual por mais efêmera que ela possa ser. No espaço híbrido pela contaminação que já traz consigo, a mulher instaura o seu espaço particular, no qual novos laços são tecidos. Por trás de um véu que a oculta, a tela, a mulher moderna, liberada e independente recorre a esse novo espaço para desvendar os vestígios atávicos da antiga relação homem-mulher, por meio de recursos lingüísticos que a separam do próprio corpo enquanto forjam a identidade escolhida para a interação do momento, que poderá ser outra momentos depois. Pois, essas interações virtuais estão submetidas a uma espécie de controle por parte de quem visita esse espaço. A qualquer momento de desinteresse, essa participação deixa de existir ou adquire uma nova existência sob um novo *nick*.

PARTE II

I. METODOLOGIA

I.1. GERAL

A partir deste momento da pesquisa, apresento os dados, primeiramente, sob o ponto de vista ‘operacional’ com os problemas surgidos e, em seguida, analisados sob a ótica das categorias apresentadas na primeira parte, a saber: espaços, sexualidade e identidade. Contrariamente a muitos trabalhos acadêmicos, os quais trazem a metodologia logo após a Introdução, optei por trazê-la na segunda parte deste trabalho. Apresento dois motivos para tal procedimento. Primeiramente, por não serem dados convencionais, a saber, entrevistas, relatos, (e talvez por esse motivo), preferi reservá-los para virem juntos com a discussão das categorias. Em segundo lugar, devido ao local de onde foram obtidos, os dados, muitas vezes, sofreram falhas ligados ao sistema da tecnologia, como interrupção, sobreposição, entre outros, os quais exemplifico neste capítulo. Devo, também, mencionar que, deliberadamente, pelo caráter anti-convencional do aspecto formal em que se apresentam, transcrevi os dados sem fazer correções, quer sejam de ortografia, pontuação e estilos de fontes (*Verdana, Arial, Sans Comic* entre outras). Tomei essa decisão para não interferir na produção das interações, as quais estão sujeitas a vários problemas (inclusive o das incorreções que as afetam), que, na verdade, são parte de produção lingüística. Assim sendo, utilizo todo este capítulo para expor o método usado.

Pensando no *corpus* do meu trabalho, tive a minha curiosidade aguçada para as conversas das salas de bate-papo durante uma palestra em um seminário do GEL na USP. Como eu já lidara com as mulheres asiladas na dissertação de Mestrado, interessei-me desta vez pelas mulheres ainda atuantes profissionalmente, sem, contudo, serem as jovens de hoje. Isso exatamente para problematizar a visitação das salas de bate-papo destas mulheres em vista do fato de terem pertencido à geração liberada pelo feminismo. Esse território novo, onde as pessoas falam ao mesmo tempo em que escrevem, interagem sem nunca se terem encontrado (o que muito provavelmente não o farão), despertou o meu interesse por romper com padrões previsíveis de comunicação. Aproprio-me do conceito de Brait para interação, citado por Yamaguti (2005), trabalho ao qual tive acesso:

a interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido. E que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas.” (2005:62).

Em minha casa, a partir do meu computador, decidi então, investigar como funcionava a presença nas salas de bate-papo. Para o *corpus* que eu pretendia pesquisar, estabeleci fazer as conexões à noite depois das 21:30, horário em que as mulheres estariam de volta a suas casas depois do trabalho. Devo repetir que essa mulher era o objeto de minha investigação, e não a que ainda pudesse estar em casa sem trabalhar. Tendo feita a escolha, percorri as salas dos *sites* nacionais UOL, IG, MSN, TERRA, os quais continham, dentre outras, estas categorias: PAQUERA; IDADES; CIDADES; GLS; TEMA LIVRE; ENCONTROS; SEXO; IMAGENS ERÓTICAS; VARIADOS; OUTRAS IMAGENS. Visitei também os *sites* internacionais, nos quais a interação é feita em língua inglesa e optei pelos primeiros pelas razões que aponto a seguir, em forma de tabela:

SITES NACIONAIS	SITES INTERNACIONAIS
Os nicks não revelam a pessoa: a tabela de nicks é uma lista de nomes	Os nicks apresentam um cadastro da pessoa: origin, male/female, photo, idle time
Há o espaço RESERVADO fora do aberto	O SUSSURRO (reservado) é pouco usado
Salas de PAQUERA-muita baixaria	Salas de ROMANCE-muita baixaria
Mais opções de salas: IDADES,CIDADES	Outras opções desinteressantes
Os assuntos são de paquera	Os assuntos abordam a política internacional

Deste momento em diante, esta pesquisa fará uso de nomes fictícios, ao se referir aos *sites* mencionados acima. Por estar lidando com a construção da identidade através da linguagem, os *sites* nacionais mostraram-se mais ricos em material, por conterem longas narrativas pessoais que surgiam através da interação. Houve variação entre os diversos *sites* no que se refere ao nível de conversa entabulada, o que resultou em conversas de níveis culturais ligeiramente diferentes. Numa classificação bem empírica, os *sites* visitados estariam na ordem abaixo numa escala decrescente de nível de interesse para este estudo:

ALL
SERRA
MSA
OG
YAHOU

Embora essa variação possa parecer irrelevante mencionar, ela resultaria em diferença nos temas do bate-papo, por exemplo, no prazer advindo de uma conversa em detrimento de outra em outro *site*, etc. Em outras palavras, uma diferença no nível da conversa poderia representar a continuidade ou fim da mesma.

Dentre as várias salas temáticas observei que, na sala sob a categoria PAQUERA nos *sites* nacionais, tanto como na sala ROMANCE, nos *sites* internacionais, havia muita baixaria com palavreado de baixo calão, o que tampouco era o meu foco de interesse. Nas salas de CIDADES, pareceu-me haver uma certa restrição, pois, as interações costumavam acontecer entre as pessoas do local, que se surpreendem ao saber que você não é dali. Seguem abaixo alguns exemplos dessa sala:

(10:29:45) **Yasmin** fala para (reservadamente) **che:** visitando a sala do Rio?

(10:33:01) **H.43.Rj** fala para (reservadamente) **Todos:** Boa noite, alguma MULHER RJ, REALMENTE INTERESSANTE para tc comigo??

(10:33:37) **Feinha** fala para (reservadamente) **che:** Legal!! É Samparioca? rs

10:35:49) **Feinha** fala para (reservadamente) **che:** Samparioca=asceu no Rio e mora em SP...entendeu?

10:24:08) **ANTONIO/NITERÓI.** sorri para (reservadamente) **Todos:** alguma vizinha para tc.

É interessante notar que a preocupação em ‘teclar’ com alguém da mesma cidade pode ser um indicativo de dar continuidade à interação virtual fora das salas. Foi só a partir do momento em que entrei na categoria das IDADES e, selecionei a idade de 40-50 anos, é que consegui obter dados interessantes que poderiam compor uma pesquisa.

As idades variam de 15 a mais de 50 anos. Numa das vezes em que tentei ir para a idade de 20 a 30 anos, percebi essa grande sala de ‘sacanagem’ e que me deu, ao longo de um tempo, pouco material. Nela, os supostos ‘jovens’ fazem propostas sexualmente indecorosas visando unicamente uma troca de excitação pelo imaginário. Com pouco material de fala que pudesse ser analisado, os usuários destas vão desnudando com quem interagem, conduzindo a conversa para uma conversa ao telefone – passam números reais com DDD – a qual parece induzir a uma espécie de masturbação.

O extremo oposto – salas de usuários na categoria de idades acima dos 50 anos - também não me foi de grande valia, uma vez que, havia noites em que depois das 23h, não havia mais ninguém na sala. Isso me levou a escolher a categoria IDADES, a partir dela escolher a idade desejada e, mais uma vez, fazer uma escolha aleatória porque há várias salas da mesma idade: IDADES (40 a 50 anos) uma das salas oferecidas.

Normalmente, os *sites* têm por volta de 10 salas em cada especificação em ordem numérica para, em caso de troca de sala, não haver erro, retornando na mesma. Aí, então, a sala onde os usuários já estavam interagindo antes da *persona* chegar, abre-se na tela, com os *nicks* da sala numa relação que pode ficar ao lado da tela do monitor, ou só aparecer ao clique no espaço indicado. Esses *nicks*²⁹ são apelidos que os usuários se auto-atribuem geralmente em tom de irreverência ou imbuídos de expressiva sensualidade. Por isso, eu os classifico como performativos, uma vez que, por si só, eles induzem ao tipo que a *persona* vai querer exibir virtualmente durante a interação, suas características, aparência, *hobbies*, idade, lugar de origem. A esse respeito, diz Crystal: “(...) the nick is their electronic identity: it says something about who they are, and acts as an invitation to others to talk to them” (2001:160).

O autor citado também menciona a existência de um gerenciamento desses *nicks* uma vez que eles têm que obedecer ao princípio central que estabelece não poder haver dois usuários com o mesmo *nick*. Ele acrescenta:

The use of nicknames (nicks) is a highly distinctive feature of synchronous chat group language. (...) where people rarely use their real name. The choice of a nick is a ritual act, demanded by the culture to which the individual aspires to belong, and – as with all naming practices- a matter of great complexity and sensitivity. However, unlike traditional nicknaming, chat group practice is influenced by extraneous factors, notably the principles introduced by the network.

²⁹ Ver mais informação no capítulo O Espaço e a Identidade.

Ainda segundo o autor citado, é importante observar que na vida real, os apelidos são normalmente atribuídos às pessoas por outrem, o que não acontece no mundo virtual das salas de bate-papo. Também na vida real, uma pessoa poderá ter vários apelidos para diferentes épocas de sua vida ou em circunstâncias simultâneas, mas, nas salas de bate-papo, é permitido se apresentar somente com um *nick* por vez.

O usuário pode ir direto ao *nick*, se já escolheu alguém, falar com todos na tela coletiva ou ainda, ficar ‘assistindo, lendo’ o que vai aparecendo na sala em ‘aberto’. Na verdade, este é o passo inicial de todos uma vez que dá uma idéia de como a sala ‘vai indo’: se está animada ou não, se há pessoas de mais ou se há de menos, se há um usuário que pareça interessante o bastante para começar uma interação, etc. Em algumas vezes, contentei-me em fazer apenas isso sem interagir, só observando as interações.

Apesar do enquadramento das categorias oferecidas pelo *site*, os usuários podem transitar pelas salas ignorando as recomendações:

- sala da PAQUERA (para quem procura companhia);
- sala das CIDADES (para quem quer conversar sobre assuntos locais e comuns);
- sala GLS (para os simpatizantes);
- sala SEXO (para somente tratar de assuntos pertinentes ao sexo).

E assim por diante. Ao dizer que as recomendações não são seguidas ou que não se adequam aos perfis dos usuários, quero dizer que, por exemplo, na sala de IDADES, os usuários se encontram em busca de companhia como o fariam na sala da PAQUERA. A diferença é que não há interações impróprias e sim, abordagens sutis. Vejamos abaixo:

frenesi *fala para* Um Anjo ...(h): eu estou a espera de um anjo faz tempo, sera que e vc????????????????????

(23:15:04) **Delicadinh@** *reservadamente fala para* Sauê: ***aqui tem de todas as idades.***

Obviamente, não há um rigor ou controle dessa visitação, uma vez que não se sabe com quem se está interagindo, o que, portanto, torna o trânsito entre essas salas livre. O que determina a maior ou menor incidência de participantes dentro do perfil da

sala é que, para os que buscam uma ‘sacanagem’ puramente sexual, a categoria IDADES ou CIDADES não parece exercer atração, dando a impressão de ser um lugar de bate-papo ‘chato’, algo de que não justifica se ocupar em um horário supostamente de lazer. Por isso, concluo que apesar da falta de controle, há um tipo comum de usuário para cada sala, em conformidade com uma espécie de ‘fidelidade partidária’.

Se for somente espiar o que acontece nas salas sem interagir, o usuário poderá ler na tela o que está acontecendo fora do *reservado*. Se quiser optar pela presença na sala, em alguns *sites* há um modo de segurança onde é necessário que, além de se identificar com o *nick*, o usuário identifique um código de números e letras, camuflado em uma imagem não nítida com a seguinte mensagem:

digite no campo ao lado o que você vê escrito na imagem ao lado

Depois de ter feito isto corretamente, é possível, ao usuário, fazer uma das seguintes opções:

ESPIAR	ENTRAR NA SALA
--------	----------------

E, assim, poder ‘entrar na conversa’. Na página exibida, mostro um dos *sites* no qual se apresentam de um lado da tela os *nicks* e na parte inferior dela o espaço para se comunicar:

reservadamente
ru fala para **Todos**

Esse processo preliminar de poder estar lendo sem ter que ‘conversar’, propicia ao usuário ‘ver’ o contexto e sobre isso ter certas vantagens, como escolher se:

- vai querer entrar;
- se entrar, com quem já de antemão poderá escolher para ‘teclar’;

- desistir de entrar por achar a sala num ritmo ‘sem graça’; muitos desistem depois de pouco tempo na sala. Trago os exemplos abaixo para mostrar o tempo mínimo de permanência nas salas:

22:31:33 - *isis fala para todos: boa noite. alguém desocupado afim de tc?*
 22:32:09 - *isis saiu da sala*

22:34:32 - *lua entrou na sala.*

22:35:09 - *JOSÉ entrou na sala.*

22:36:26 - *JOSÉ saiu da sala.*

22:37:05 - *lua saiu da sala.*

ou,

23:25:39) *AriAna / abc... reservadamente fala para TODOS: alguém p/ tc com exclusividade?*

Os *nicks* sustentam as conversas virtuais, o que não acontece nas conversas face a face. Diz Crystal: “Nicks have a discourse value, also, in that they provide a crucial means of maintaining semantic threads in what is otherwise a potentially incoherent situation” (2001:161).

Pela insinuação do *nick*, parte-se para o início da conversa que já conta com alguns indícios pela própria alusão do mesmo. O que quero dizer é que os usuários só são atraídos para a conversa pelo *nick*, ou pela associação que ele traz, porque ele traz um roteiro previsível, calcado em modelos sociais. Se, por exemplo, o usuário clicar na *persona pisci@na* (ver quadro acima) significa que sentiu-se atraído por uma informação do signo zodiacal, diferentemente de um outro que clicasse na *persona Muito Mulher* (ibid.), o qual procurou uma associação imbuída de sexualidade. Outro exemplo:

(12:05:42) **Jo(nada casta)sp sai da sala...**

Como é através da leitura dos caracteres pela máquina que os usuários podem interagir, os *nicks* têm que ser ‘lidos’ como se escrevem. Se não, pode haver confusão entre os *nicks*. Vejamos no exemplo de um mesmo *site*, mesmo dia, hora, minuto e ‘quase’ segundo:

23:36:22 - *ane fala para MORENO-RJ: Estou aqui.*

23:36:50 - ANNE fala para rui em Reservado: e melhor, ganha mais, trabalha menos

De fato, se fosse numa conversa face a face, o que ouviríamos seria a mesma pronúncia para os dois nomes, seguidos, talvez, de uma explicação extra, como por exemplo: “É Anne com dois *enes*”, ou “É Ane com um *ene* só”, para que pudessem ser distinguidos, muito embora isso não fosse importante para a situação. No caso do espaço virtual, é vital que se clique o *nick* que se refere à *persona* certa da interação; por aqui, podemos perceber que a linguagem da salas é de registro oral apesar de digitada. Na tela abaixo, demonstro a relação de *nicks* em um dos *sites*, através da qual o usuário escolhe com quem irá interagir. Observam-se várias características pelas quais as então, *personae*, pretendem ser reconhecidas:

**Escolha
para bater papo:**

alguém

Todos
*M*Virtual*
menina_fada
Beijoqueira
bela
carinhosa total
Casada-SP
cinderela-2003
Edu-sp
Fiscal Honesto
gentleman.sp
gigi
H*Especial
H41cas de bem-Z
Julia
juliana
loba
MARCUS VINICIUS
MARCÃO
Muito Mulher
Mulher-1.75
mulher..livre
Pirata Safado
pisci@na...
Rapaz caliente
Renata
Rose-sp
S@ndr@47
Thais.

tropicana
TROVAO DA NOITE
Vera Lúcia
VictorLuiz*42
X forever
X forever II

Na interação das salas dos *sites* nacionais há duas possibilidades: a de se falar ‘em aberto’ e ‘no reservado’. No primeiro caso, não tenho problema em registrar os dados uma vez que o que se fala é acessível a todos os que estão ‘lendo’ a tela. Quanto ao segundo, sou obrigada a recolher-me ao reservado para continuar alguma conversa, por iniciativa da outra pessoa com quem interajo. Aqui devo esclarecer que o ‘falar’ neste contexto é, uma digitação da fala e aquilo que, neste estudo, chamo de ‘falas e conversas’, na verdade, correspondem às narrativas digitadas, como diz Nader (2001: 10):

Analisando os diálogos escritos, nota-se que a oralidade está presente. Porém, a maneira como se manifesta é muito particular e inédita. É comum escutar um usuário da rede dizer que vai falar com outra pessoa em um determinado canal de conversação, quando na realidade não vai falar como em uma interação face a face, mas sim digitar sua fala.

E as nomeio assim porque o registro é de oralidade, embora seja digitado como um texto. Estas conversas podem durar o tempo que for até quando um, dos dois que interagem, envia indicativo que quer terminá-la ou, no caso de muito interesse, entre eles, há uma troca de número de telefone e/ou e-mail para continuarem a conversa não mais virtual. Às vezes, um dos parceiros ‘fala no aberto e o outro no reservado’; este procedimento resulta na obtenção, para mim (e para todos que seguem no coletivo), de apenas um dos lados da conversa, como no exemplo abaixo, no qual o usuário Radamés interage com Estrela cuja narrativa não aparece. Deduz-se, então, pelo que ele comenta, que ela deva ter fornecido a informação de ter uma idade mais velha do que ele (primeira e última falas):

22:06:03 - Radamés fala para estrela: 30 e vc ?
22:06:10 - Lis entrou na sala.
22:06:15 - rosa57 fala para todos: Olá algué está livre pra tc?
22:06:25 - TOTO fala para ROSINH@-57: EU TC DE MINAS GERAIS.VC TEM 57 MESMO.
22:06:45 - Lis saiu da sala.

22:06:45 - **TOTO** fala para **rosa57**: Oi

22:06:51 - **Rui** fala para **abandonada**: Olá moça, ainda no abandono?

22:07:04 - **Radamés** fala para **estrela**: gosto de madura tem melhor sabor

As conversas são introduzidas e orientadas na tela pelo horário em que ocorrem, o que, normalmente situa-se à esquerda delas. Vejamos abaixo:

(11:06:48) **DJ1.** fala para **(*.*) Felin@**: BRIGADU

(11:07:03) **(*.*) Felin@** fala para **DJ1.**: di nada!

(11:07:06) **DJ1.** fala para **Minerim**: VAI COLAR

(11:07:29) **Minerim** fala para **Todos**:

(11:08:02) **(*.*) Felin@** fala para **DJ1.**: não me respondeu rs

(11:08:30) **DJ1.** fala para **FENIX (M)**: DIREITO DE QUE?

(11:08:36) **(*.*) Felin@** fala para **DJ1.**: de qual sala vc veio?

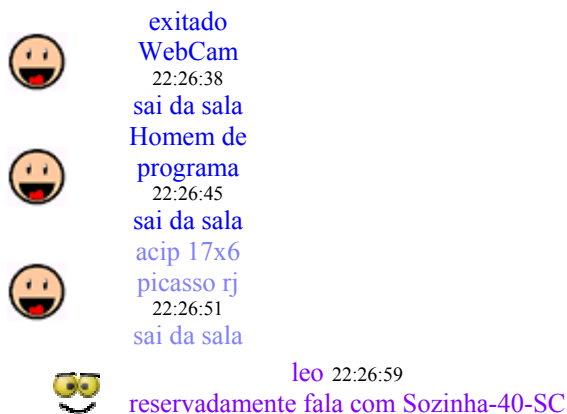
Ou, vir seguido ao *nick*, norma de outro *site*:

The screenshot displays a chat window with a list of messages on the left and a chat area on the right. The messages on the left are as follows:

- Sozinha-40-SC 22:26:21 reservadamente fala com leo
- Krla 22:26:24 sai da sala
- Sozinha-40-SC 22:26:26 reservadamente fala com leo
- exitado WebCam 22:26:38 sai da sala
- Homem de programa 22:26:45 sai da sala
- acip 17x6 picasso 22:26:51 sai da sala
- leo 22:26:59 reservadamente fala com Sozinha-40-SC
- Sozinha-40-SC 22:26:21 reservadamente fala com leo
- Krla 22:26:24 sai da sala
- Sozinha-40-SC 22:26:26 reservadamente fala com leo

The chat area on the right shows the following messages:

- oi
- o q faz?
- oi
- tudo bem?
- tudo bem?



o q
faz?

A única possibilidade da interação é através do *nick*, o qual se não aparece por deficiência do sistema, resulta em ‘falha da conversa’. Sobre isso, vejamos abaixo a tentativa de explicação que a *persona* **leo** dá:

(22:51:59) **leo**: pq não aparecem o seu nick, luar 4.5?
 (22:53:02) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: oi não entender..
 (22:54:07) **leo** fala para **Luar 4.5**: o seu nick não estava na lista. Agora está.
 (22:54:36) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: ah sim e ai.está livre? de onde tc ?

Entre os vários códigos comuns aos que freqüentam as salas, a pergunta acima da *persona* Luar 4.5 é, de praxe, uma das primeiras a serem feitas. Isso é indicativo de uma espécie de fidelidade exigida, pois se pressupõe que o usuário está interagindo com um parceiro de cada vez. Abaixo seguem mais exemplos:

22:31:33 - isis fala para todos: *boa noite. alguem desocupado afim de tc?*

10:26:46  **Carina** (reservadamente) fala para **rui**: *vc está tc com mais alguém??*

11:30:31) **loira/43/sp** fala para (reservadamente) **Todos**: *boa noite...alguem livre....com mais de 40 anos*

23:40:14 - **KARINHOSA RJ** : **ALGUÉM LIVRE PARA UM PAPINHO?**



MIRELLA 22:58:30

Boa noite.....alguem para tc?

(11:57:02) **DIVA** *fala para Todos:* algum gato a fim de tc comigo?

(10:49:24) **Regina** *(reservadamente) fala para Todos:* Alguem livre pra tc?

É como se fosse a saudação desse espaço.

I.2 A ESCOLHA

Em duas etapas, fiz as gravações que começaram em final de junho de 2003 até outubro do mesmo ano sendo que a outra etapa foi recomeçada em março de 2004 prolongando-se até junho desse ano. O motivo dessa divisão foi fechar os dados para a qualificação, numa primeira parte, e dar prosseguimento à coleta no ano seguinte.

Estabeleci a freqüência de duas a três vezes por semana para isso, levando de uma a duas horas de conexão em cada vez. No começo da minha coleta, eu já antecipava a amostra, fazendo o recorte do material no ato da conversa, ou seja, analisava o conteúdo das narrativas enquanto interagia na sala. Esta prática, além de demandar muita atenção, representava também um grande desperdício de dados porque eu já descartava o que, naquele momento, parecia não ter importância para a minha análise. Seguindo o conselho do prof. Leland Mcleary, passei a deixar gravando tudo e ir copiando tudo porque talvez no dia seguinte, tudo o que eu descartaria, faria sentido. Para isso, enquanto interagia, eu deixava a tela em sua ‘rolagem’ e, de tempo em tempo, por exemplo, a cada 10 minutos, eu desativava a rolagem da tela, selecionava tudo até aquele instante e copiava no Word na opção ‘Colar Especial’. Este recurso permitia que a ‘colagem’ não ficasse danificada, pois que, com tantos caracteres que há nesse tipo de interação digital, muitas vezes havia a não execução da tarefa da cópia resultando na perda de muitos dados.

Com isso, para o registro das conversas, enquanto eu interagia com alguém, deixava o recurso *rolagem automática da tela* acionado para que, ao final da sessão, final esse decidido pelo usuário, o computador pudesse também ter registrado tudo o que se passou no ‘aberto’. A prática de deixar a tela ir ‘rolando’, copiar tudo e depois, no dia seguinte, selecionar o material, apresentou uma vantagem e uma desvantagem: pareceu-me benéfica uma vez que, fora do ambiente imediato da interação, eu não só refletia sobre a minha interação como também analisava o que tinha se se passado na sala, enquanto eu interagia - muitas vezes, essas revelações foram surpreendentes.

O ponto negativo foi o tamanho que o arquivo adquiria antes da posterior seleção: uma hora de gravação geralmente correspondia a 90 páginas de WORD, as quais, no momento de fazer a seleção – abolir *pop-ups*, ‘baixaria’, inércia nas conversas –, tomavam de mim um considerável tempo, aproximadamente duas horas, para a formatação do arquivo. Então, com o recurso do recortar e colar, eu transferia tudo para

o meu disco rígido gravando como um arquivo. Mais tarde, ao abri-lo, eu faria o recorte, selecionando não só as conversas das quais eu tinha participado, como também as outras que suscitariam o meu interesse acadêmico. Realmente, senti falta de maiores detalhes nas conversas em que registrei somente o outro lado da interação; isso só pude perceber quando comecei a fazer a análise dos dados³⁰.

O problema é que o recorte também demandou muito tempo, tanto pelo volume de informações para serem selecionadas, como pelas formatações da conversão do programa que muitas vezes não se adequava ao formato em Word que eu daria no final. Descrevo, abaixo os procedimentos metodológicos:

- **Universo:** 45 arquivos contendo conversas produzidas por vários usuários nos sites OG, MSA, SERRA, ALL, YAHOU no período da noite em dias de semana e final de semana.
- **Metodologia:** 14 conversas na tela coletiva gravadas em arquivo WORD para posterior análise (ver abaixo); 31 conversas de minha interação sob 7 diferentes *nicks*, com outras *personae* em três dos *sites* acima.
- **Duração** da coleta: 40 horas de gravação em 2003; 30 horas em 2004.

TELA COLETIVA

OG

1. 5 de setembro
2. 23 de outubro
3. 14 de julho
4. 17 de setembro

MSA

5. 1º de outubro

SERRA

6. 20 de abril

³⁰ ver mais explicações sobre isso em Minha Interação (cap. VI)

ALL

7. 10 de junho
8. 15 de julho
9. 2 de setembro
10. 8 de setembro

YAHOU

11. 20 de setembro
12. 25 de setembro
13. 30 de setembro
14. 30 de setembro

NO RESERVADO

Para a análise dos dados interagi com 7 diferentes *nicks* na *persona* masculina, a saber, **che, leo, leot, reinaldo, rui, sau, sauê**. Abaixo relaciono os *sites* e os *nicks* das *personae* femininas (em itálico) com as quais interagi.

OG

1. 20 de abril – leo e *Luar 4.5*
2. leot e *Luar 4.5*
3. julho/03 – sauê e *ametista*
4. sauê e *delicadinha*
5. julho/03 - rui e *Branquela*
6. 4 de setembro – rui e *Clara*
7. rui e *Anne*
8. 17 de setembro – rui e *baixinha*
9. 17 de setembro – rui e *Morena42*

ALL

10. 29 de maio - sauê e *Flavia*
11. 11 de junho - leo e *MARTHA*
12. 25 de junho - rui e *BELA*
13. - rui e *Francine*
14. -rui e *Claudia*

15. 4 de outubro - *sau e Bonita@32*
16. 18 de setembro – rui e *Fernanda*
17. 6 de julho - rui e *carinhosa total*
18. 6 de julho - rui e *Carina*
19. 5 de setembro – che e *Yasmin*
20. 15 de setembro (outra sala) – reinaldo e *Mallu®*
21. 15 de setembro - che e *Mallu®*
22. 21 de maio - rui e *dama-da-noite*
23. 21 de maio – rui e *dama-da-noite*
24. março/04 - leo e *romantica*
25. março - rui e *Linda*

SERRA

26. 8 de abril - rui e *solamente una vez*
27. 8 de abril (cont.) rui e *solamente una vez*
28. 6 de abril rui e *helena*
29. 13 de maio - leo e *Maga*
30. 14 de abril – leo e *sozinha40SC*
31. 14 de abril (outra sala) – leo e *mel*

I.3 PROBLEMAS

“(...) It is the synchronous interactions which cause most radical linguistic innovation, (...) affecting several basic conventions of traditional spoken and written communication” (Crystal, 2001:130). É através desse sincronismo que Crystal compara a linguagem das salas de bate-papo com o anacronismo dos emails, listas de discussões, etc. O autor dá continuidade desta forma: “the medium privileges the personal and idiosyncratic contribution, and this has immediate linguistic consequences.” (ibid., p. 147). O uso de certos traços lingüísticos, em comum entre os participantes, faz desse espaço o ‘pedaço’³¹ típico de um grupo cujos interesses em jogo superam a formalidade da língua, o que redundará numa forma de expressão conhecida somente por aqueles que visitam as salas. Segundo o autor, dentro da informalidade, encontram-se as fontes de diferenciação visual, a pontuação, as pausas, os jargões, enfim, um código que embora varie muito de grupo para grupo, carrega a mesma importância para todos que freqüentam as salas de bate-papo, supostamente para afirmar a identidade do grupo.

Além de um código, os participantes dessas salas compartilham os problemas que surgem na recepção e envio de mensagens, os quais relacionarei neste capítulo. Além dos obstáculos mencionados anteriormente com relação aos arquivos e procedimentos com a máquina, houve outros tipos de dificuldade do próprio sistema de visitação das salas listados abaixo e descritos a seguir:

- A – sobreposição entre respostas e perguntas;
- B – frases soltas numa seqüência;
- C – presença nas salas num espaço de tempo mínimo;
- D – erros de ortografia e pontuação;
- E – impaciência por extrema rapidez na resposta;
- F – falhas no sistema.

A – Sobreposição entre respostas e perguntas:

É comum haver pergunta de um usuário coincidindo com a resposta do outro, de maneira que se torna uma conversa com problema, se a compararmos com as conversas

³¹ Ver mais sobre este termo no capítulo O Espaço virtual (Iª parte)

face-a-face onde, neste caso, há a falha de uma das máximas de Grice (2006)³². Isso se deve à ausência dos sinais presentes nessas conversas, pois que é só através do que surge na tela do computador que os usuários podem saber se a conversa está sendo bem sucedida ou não; em outras palavras, se a uma pergunta segue-se uma resposta. Abaixo temos a pergunta da *persona-on-line* **Bonyt@,32** com Sau que lhe faz outra pergunta ao invés de lhe responder:

(10:52:32) **Bonyt@,32** *fala para (reservadamente) sau:* rs..entendo...mas ão resiste e acaba caindo..rs

(10:52:42) **Bonyt@,32** *fala para (reservadamente) sau:* vc costuma sair a noite?

(10:53:08) **sau** *fala para (reservadamente) Bonyt@,32:* Ah! claro. Não resisto. Sim, muito. E vc?

Em outra conversa, encontramos MARTHA que faz um comentário às 12:03:49 para a frase que **leo** lhe fez às 12:02:30 depois que ele lhe faz outra pergunta. O mesmo acontece logo a seguir quando MARTHA , às 12:04:19, responde ao comentário de **leo** às 12:03:37, quando este já lhe fez outra pergunta às 12:04:36, a qual vai ser respondida às 12:04:44, intercalada pela resposta anterior. Este tipo de dificuldade é comum e se, em conversa face-a-face, isso seria exemplo de conversa descabida, nas salas de bate-papo, é plenamente tolerado pelo fato de que, as conversas são tecidas na tela e, portanto, não há como prevenir esses ‘defeitos’:

(12:02:30) **leo** *(reservadamente) fala para MARTHA SP:* Sou professor de inglês.

(12:03:37) **leo** *(reservadamente) fala para MARTHA SP:* Temos muita coisa em comum...., cidade, bairro, profissão, idade... será o destino?

(12:03:49) **MARTHA SP** *(reservadamente) fala para leo:* Um d meus filhos é formado tb em Inglês

(12:04:16) **leo** *(reservadamente) fala para MARTHA SP:* Vc tem filho tão moço?Qtos filhos?

(12:04:19) **MARTHA SP** *(reservadamente) fala para leo:* Quem sabe.....!!!

³² Devido à falta da referência exata no momento da redação, optei pela mesma em HTML.

(12:04:44) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Dois filhos solteiros.....

Nessa mesma interação aparece outra vez uma pergunta de MARTHA, comentando uma informação depois de outras duas perguntas que ela mesma fez:

(12:19:52) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: conheci uma mulher muito legal que não ficava na cobrança.

(12:20:29) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: E dai

(12:20:40) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: durou pouco.

(12:20:42) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Pq não ficou com ela ?

(12:20:56) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Pq era casada

B – Frases soltas numa seqüência:

Quanto à dificuldade de haver frases soltas, mas em seqüência da mesma *persona*, seguem alguns exemplos onde a *persona carinhosa total* usa o recurso ENTER várias vezes ao invés de ter elaborado sua resposta em uma entrada só (neste caso haveria a indicação de um único horário):

(11:07:53) **carinhosa total** (*reservadamente*) *fala para rui*: 48A DIVORC MEDICA

(11:09:02) **carinhosa total** (*reservadamente*) *fala para rui*: adoro grisalhos....

(11:09:06) **carinhosa total** (*reservadamente*) *fala para rui*: adoro homens bem vestidos e cheirosos

11:11:51) **carinhosa total** (*reservadamente*) *fala para rui*: 1,74m

(11:11:57) **carinhosa total** (*reservadamente*) *fala para rui*: loira de olhos azuis

A *persona* MARTHA faz o mesmo em outra amostra:

(11:49:54) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Q idade vc tem

11:56:26) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Q idade vc tem ?

Numa outra interação, a *persona-on-line* envia uma das suas falas e, imediatamente, em seguida, envia uma pergunta:

(10:39:21) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** dormindo..chegamos a pouco de um sitio..passamos o dia la em um aniversario e ele bebeu um pouco a mais

(10:39:28) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** vc mora só?

(10:44:10) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** vc faz tempo que é casado?

(10:44:19) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** separado?

Ou em afirmações como por exemplo:

(10:42:54) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** desculpa..mas ã estou numa fase boa...gostaria de ter meu espaço

(10:43:11) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** ouvir minhas musicas...sair só..conhecer gente

Embora se pode dizer que isso corresponda a pausas feitas nas conversas da vida real, na interação virtual passa a ser problema, pela ausência de indicadores que mostram que a pessoa continuará a falar, algo comum na conversa face-a-face. Na sala virtual, contudo, esta quebra atrapalha a interação uma vez que, ao final de uma fala, a outra *persona-on-line* reage pensando que a fala se acabou. A seguir **sau** conversa com **Bonyta@32** por meio de falas alternadas:

(10:52:32) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** rs..entendo...mas ã resiste e acaba caindo..rs

(10:52:37) **separada51msn** entra na sala...

(10:52:42) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** vc costuma sair a noite?

(10:52:44) **bia** fala para **GRISALHO 51 SP:** não em uma cidade perto

(10:53:08) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32:** Ah! claro. Não resisto. Sim, muito. E vc?

No exemplo acima, **sau** comenta a fala da *persona* **Bonita@32** (10:52:32) enviando-lhe um comentário, quando, sem esperar, esta lhe tinha enviado uma pergunta. Ou seja, quando isto acontece, há uma desarticulação da conversa, pois as respostas não

vão corresponder às perguntas. O exemplo abaixo mostra um trecho com as falas encaixadas, resultando numa conversa que flui.

(11:03:21) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: sim...queria se separar...viviam muito mal..brigas...enfim...aí achava que tinha encontrado a chave da felicidade e queria jogar tudo p/ o alto

(11:03:45) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: era jovem como vc?

(11:03:56) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ã..tinha 50 anos

Outro exemplo de ‘descompasso’ entre pergunta e resposta vem desta interação entre **leo** e **Luar 4.5**. As falas estão enumeradas neste trecho da análise para facilitar a referencia:

1. (22:45:59) **leo**: entra na sala...

2. (22:48:23) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **TODOS**: Olá boa noite!!



3. (22:48:39) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **TODOS**: Ocupados!!?

4. (22:49:03) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **TODOS**: Algum gatinho livre nesta sala??

5. (22:51:59) **leo**: pq não aparecem o seu nick, luar 4.5?

6. (22:53:02) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: oi não entender..

7. (22:54:36) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: ah sim e ai...está livre? de onde tc??

8. (22:54:54) **leo** fala para **Luar 4.5**: De Sampa e vc?

9. 22:56:00) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: Oh esrou um pouco longe de vc...estou em Ilhéus/ba vc conhece?

10. (22:56:24) **leo** fala para **Luar 4.5**: Qtos anos tem?

11. (22:56:49) **leo** fala para **Luar 4.5**: 45?

12. 22:57:41) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: 45 e vc?

13. 22:57:54) **leo** fala para **Luar 4.5**: Fui a Ilhéus 4 vezes. Gosto de lá.

14. (22:58:14) **leo** fala para **Luar 4.5**: 47. Separado - 2 filhos. E vc?

15. (22:58:38) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leo**: 46...casado?

Até aqui, a conversa flui de uma maneira natural na qual a uma pergunta segue-se uma resposta ou comentário. Porém, daqui para frente, ocorre uma espécie de descontinuidade entre as falas, o que impede o sucesso da conversa. Veja a fala 17 onde **leo** aponta para o fato de já ter respondido a pergunta 15 de **luar 4.5**:

16. (22:59:00) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Que bom...qdo vira novamente?
17. (22:59:08) **leo** *fala para Luar 4.5*: Falei acima: 47, separado...
18. (22:59:27) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Desquitada ...2 filhas
19. (22:59:27) **leo** *fala para Luar 4.5*: Não sei. Onde vc mora em Ilhéus?
20. (22:59:45) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: O que faz ai em Sampa?
21. (23:00:36) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Proximo ao Aeroporto...
22. (23:01:17) **leo** *fala para Luar 4.5*: Sou professor de inglês. E vc?
23. (23:01:22) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Vc costuma fazer amizades na net?
24. (23:02:22) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Sou mua pequena empresária...tenho loha de confecções...e tb sou artista plástica..
25. (23:02:51) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: que lugar mora em Sampa?
26. (23:02:56) **leo** *fala para Luar 4.5*: Não muito. E vc? Já saiu com alguém das salas?o
27. (23:03:31) **leo** *fala para Luar 4.5*: Nossa conversa está cruzada.
28. (23:04:14) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Tenho um grande amigo em Brasilia inclusive até nos conhecemos..ele veio passar as férias aqui...e conheceu toda minha familia ..gostou muito.. e vc?
29. (23:04:32) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: pq?
30. (23:05:12) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Não quer mais continuar?
31. (23:05:39) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: ou está muito ocupado?
32. (23:05:51) **leo** *fala para Luar 4.5*: Pq estou respondendo o que vc perguntou acima. Aí vc responde. E pergunto em cima.

Durante todo o tempo deste trecho, as perguntas são seguidas por respostas das perguntas anteriores, por exemplo, a fala 16 é respondida na fala 19, a qual teve resposta na fala 21. A *persona leo* tenta explicar que a conversa está desarticulada – fala 27- mas a outra, **Luar 4.5** não entende. Em seguida, há a desconexão pelo sistema e a *persona leo* só consegue entrar na mesma sala com outro *nick*, **leot**. A partir da fala 33, ele reinicia a interação, a qual parece não poder ser articulada com a mesma *persona* porque esta, **Luar 4.5**, não o reconhece como **leot**, uma vez que é só pelo *nick* que os usuários se identificam. Neste pequeno exemplo, volto à hipótese desta pesquisa, a construção da identidade feminina pela linguagem no espaço virtual, porque, embora os

usuários da conversa acima existissem realmente atrás de seus computadores, eles não se ‘reconheciam’ mais pelo desaparecimento do *nick* por falha do sistema. Todo o tempo (20 minutos) da interação, as *personae* construíram as identidades através das falas e se ativeram totalmente fiéis aos *nicks* criados. É como se, ao terem suas fichas cadastrais (*nicks* e falas), sumido da tela, esses usuários deixassem de existir. Em face disso, a *persona leot*, tenta, desesperadamente, resgatar a interação, e, para tal, reproduz todas as informações que tinha dado para fazer valer sua ‘identidade virtual’; vejamos abaixo o pânico de *leot* para convencer a outra *persona*, **luar 4.5**, de sua ‘real identidade’ no espaço virtual:

33. (23:16:02) **leot**: entra na sala...

34. (23:17:37) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: voltei. Caiu a minha conexão e o IG não me aceitava. Mudei um pouco o nick. Voltando a falar de nós 2. Pontal é um belo lugar. Ia lá tomar sorvete num lugar muito bom.

35. (23:18:04) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Hello!!!

36. (23:18:48) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Aqui fala o professor de inglês, separado, 2 filhos de Sampa, Santana.

37. (23:19:31) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Vc tem uma loja mas não sei onde.

38. (23:19:53) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Fala sério vc está aqui em Ilheus:?

39. (23:20:12) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Não. Só que conheço bem.

40. (23:21:21) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Vc acredita nos relacionamentos virtuais?

41. (23:23:21) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: parece que enquanto eu caia e conectava, vc já tc c/ outro.

42. (23:24:32) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Claro...só que depois quero mesmo é conhecer a pessoa tocar , sentir-la conhecer mesmo... e vc?

43. (23:25:19) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Não meu querido realmente estou com dificuldade aqui...

Novamente, a mesma desarticulação que vinha ocorrendo com as falas anteriores entre essas duas *personae*, volta a acontecer nessa seqüência: as falas 40 e 41, só terão respostas nas falas 42 e 43 respectivamente. Após isto, as falas retomam uma certa normalidade (44 a 47), que é de novo interrompida na fala 50, a qual responde a fala 46. Vejamos abaixo:

44. (23:25:51) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Mas, aí vem a decepção, não? A imaginação fantasia alguém que não existe na realidade.

45. (23:26:58) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Não me decepiono nunca pois não fantasio... gosto das pessoas como elas são por dentro... vc acha que me decepicionaria com vc?

46. (23:28:05) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Não sei. As mulheres sempre pensam em príncipes encantados.

47. (23:29:06) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Vc não deve ficar assim nem pensar nas aparencias...e depois qdo as coisas não são como esperamos aproveite pra tirar pelo menos experiências e uma bela amizade...

48. (23:30:08) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Não estou mais nessa faze...a minha realidade é tão grande que estou sozinha há 19 anos..

49. (23:30:11) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: É verdade. Mas então, o único objetivo das salas é arrumar alguém????

50. (23:30:48) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: E depois o que quer dizer com principe encantado? em que sentido?

51. (23:31:24) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Alguém idealizado, como galã de novela.

52. (23:32:28) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Não acredito nisso...mesmo pq vc não está aqui para isso está?...Gosto de conhecer as pessoas e fazer amigos tb...qto ao relacionamento se surgir será bem vindo.

53. (23:33:08) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Pq vc não se casou de novo?

Novamente, aqui, a persona **Luar 4.5** não responde a pergunta 53 e introduz uma informação (54) que certamente segue o seu pensamento da fala 52 e, na sua seqüência, faz um comentário que não corresponde à da fala:

54. (23:33:14) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: tb tenho uma amiga em Fortaleza ..e tb nos conhecemos..

55. (23:34:25) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Nossa vc deve se achar horrroso em?

56. (23:34:49) **Luar 4.5** reservadamente sorri para **leot**: Conheço o bairro que vc mora...

57. (23:35:23) **leot** reservadamente fala para **Luar 4.5**: Vc sempre vem à SP?

Numa seqüência de frases soltas, a *persona* **Luar 4.5**, nas falas 55, 56 e 57 comenta os assuntos sem se preocupar com a interação pois fala em ‘bairro’, em ‘amiga’ e em ‘horroroso’ referindo-se à *persona* **leo**. Neste momento, este reinicia a conversa introduzindo um assunto novo, fala 57, para ver se termina de vez com vários assuntos desarticulados. Porém, não se abstém de responder a fala 55 para defender-se, uma vez que a *persona* **Luar 4.5** lhe atribui um comentário negativo. De nada adianta, uma vez que na fala 59, esta volta à sua digressão:

58. (23:36:27) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Não me acho horroroso, é que a vida é mais dura do que a tela do computador.

59. (23:36:41) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Gosto da liberdade..sou como um passaro...e todos os homens que apareceram na minha vida fez restrições a isso...e depois tinha minhas filha ainda pequenas..

Novamente, **leo** traz um assunto para voltar a interagir (fala 60), porém sua parceira continua na fala 61 a agir como se estivesse num monólogo:

60. (23:37:24) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Vc sempre vai a praia?

61. (23:38:08) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Neste aspcto eu realmente idealizo...tem que ser um homen que já sofreu o bastante ...pra agora querer só curtir a vida a dois como se estivesse no fim ..

A *persona* **leo** intervém e aborda outro assunto na fala 62 para tentar retomar uma conversa normal:

62. (23:38:32) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Qual seu nome?

63. (23:39:03) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: estou amando falar com vc;;

64. (23:40:10) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: KD Vc???

65. (23:40:37) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Fazem 5 anos.. que não vou ... quase que fui agora em abril...mais ai minhya irmã resolveu vir..

66. (23:41:04) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Vc irá à praia amanhã? Qual vc frequenta mais? Olivença?

67. (23:41:30) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Bem...é dessa forma que ela se torna mais gostosa de ser vivida...

68. (23:41:48) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Pq será que todos que moram no litoral não vão à praia?

69. (23:42:12) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Faz tempo que se separou da sua esposa? vc parece esta muito triste e decepcionado..

Toda a interação parece ficar no imaginário da *persona* **Luar 4.5** que não parece estar respondendo as perguntas e sim divagando. As falas 63, 65, 67, 69 demonstram esse devaneio e só após a interferência de **leot** sobre frequentar a praia é que a *persona* **Luar 4.5** se dá conta da interação.

70. (23:42:48) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Faz 6 anos. Não sou triste. Gosto de rir.

71. (23:43:19) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: sempre que possivel ou qdo chega aqui uns paulistanos ansiosos por mar...risos

72. (23:44:37) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Bem, paulistano vive na praia. passei o final de semana em Caraguatatuba.

73. (23:45:30) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Praia dos milionários...sul..as vezes Olivença...estive lá ontem... amanhã estarei em casa tenho trabalho pra fazer.. e depois adoro beber vinho vou curtir um pouco de música.. e vc o que vai fazer?

74. (23:46:08) **leot** *reservadamente fala para Luar 4.5*: Ah! Então vc foi à praia ontem?

75. (23:46:10) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: Ficamo0s entediados...e depois temos ela o ano todo...risos

Apesar de ter trazido esta narrativa como exemplo de problemas da comunicação virtual, a mesma carrega uma série de recorrências presentes em outras narrativas nas quais analiso a identidade em construção.

C – Presença nas salas por um espaço mínimo:

Outra característica da presença nas salas é o reduzido tempo de presença dos usuários, o que indica que, ao ver o que está acontecendo na tela, houve desinteresse resultando em troca de sala ou abandono da mesma. Veja o exemplo do usuário abaixo que ficou na sala 19 segundos:

(10:47:14) **KASADO/43/SP** *entra na sala...*

(10:47:33) **KASADO/43/SP** *sai da sala...*

Outro exemplo mostra uma permanência de 25 segundos na sala:

(11:28:11) **LOIRA SENSUAL** *entra na sala...*

(11:28:34) **LOIRA SENSUAL** *sai da sala...*

Nesta sala vemos muitos usuários permanecendo pouco tempo na sala:

(09:48:25) **toninho** *entra na sala...*

(09:48:44) **morena.39.kasa** *entra na sala...*

(09:49:19) **sagitaria31** *entra na sala...*

(09:49:45) **sozinho...** *entra na sala...*

(09:49:53) **sagitaria31** *sai da sala...*

(09:49:54) **Executivo-SP** *entra na sala...*

(09:49:57) **morena.39.kasa** *sai da sala...*

(09:50:06) **Escritor** *entra na sala...*

(09:50:08) **sozinho...** *sai da sala...*

(09:50:20) **Executivo-SP** *sai da sala...*

(09:50:59) **toninho** *sai da sala...*

(09:51:05) **Putamente seu** *entra na sala...*

(09:51:19) **Putamente seu** *sai da sala...*

(09:52:19) **Escritor** *sai da sala...*

O espaço virtual caracteriza-se, portanto, pelo seu uso apressado. O tempo importa substancialmente, haja vista a prática de perguntas diretas que poupam tempo, dinheiro e parceiros perdidos. O que não se aproveita é logo descartado. Dentro da transitoriedade que norteia o modo de pensar e agir da contemporaneidade, as interações nas salas virtuais não poderiam estar imunes a esta influência.

D – Erros de Ortografia e Gramática

O espaço das salas de bate-papo caracteriza-se pela informalidade da situação da conversação, portanto, com as mesmas características da oralidade. Isso resulta em interações verbalizadas por estruturas lingüísticas coloquiais, de gíria e de baixo calão. Porém, não é isto que dificulta a interação (já que, sabidamente, o usuário não espera a

norma culta da língua neste espaço virtual), mas, sim, as incorreções de ortografia e pontuação. Se a linguagem virtual fosse escrita, haveria o processo de revisão, resultando em um texto bem redigido. Muitas vezes, as incorreções dificultam a compreensão da mensagem pois, deixa-se de entender se trata-se de pergunta, exclamação ou afirmação, como no exemplo que se segue:

(11:09:55) **LINDA***SP**** (*reservadamente*) fala para **rui**: vc quer me ver em foto.

Entende-se que se trata de pergunta, mas a falta de pontuação compromete o entendimento como acontece novamente com a mesma *persona* **LINDA***SP****, que emite uma pergunta com aparência de afirmação:

(10:53:49) **LINDA***SP**** (*reservadamente*) fala para **rui**: esta tc com mais alguém

No exemplo que segue, vemos como a frase sem a vírgula no lugar certo (depois do ‘não’), subentende outro significado:

(11:36:47) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **rui**: não é na s judas, faço ESTÉTICA E COSMETOLOGIA.

A *persona* **BRANQUELA** quis dizer: “Não, é na S. Judas; faço.....”, algo que sua digitação, sem o critério da pontuação, não transmite, uma vez que a interação nas salas não possui os recursos da conversa face-a-face, onde provavelmente haveria a entonação substituindo a vírgula.

Neste outro exemplo, deduzimos que se trata de uma pergunta por meio do contexto, mas isoladamente, fica difícil distinguir de uma afirmação:

23:19:48 - ANNE fala para rui em Reservado: EM curitiba esta muito frio

A ambigüidade é também presente nesse espaço, o que lhe cai muito bem, uma vez que é o espaço da não-veracidade (nos conformes da realidade), não-fixação. Como vemos abaixo no trecho em itálico:

(12:37:39) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui*: acho que não estou entrando no bate papo para falar de assuntos que não quero, sei *selecionar baixarias de bate papos legais como o nosso...*

Neste, a *persona Claudia* refere-se a “selecionar, entre as baixarias das salas, bate-papos legais”, mas a ambigüidade existe na sua fala, fato que é solapado no contexto virtual pelo volume de informação que deve ser enviado em curto espaço de tempo e pelo superficialismo dessas informações. A ambigüidade de trechos não chega a causar preocupação nas salas pela superficialidade esperada nesse espaço. Parafraseando Da Matta (1991), sabemos que este, como outros, é um espaço de concepções diferenciadas onde não se espera que prevaleça nenhum rigor lingüístico embora todas as interações acontecem através da língua, o meio pelo qual as pessoas priorizam o diálogo a fim de travar novos conhecimentos.

Outro problema extremamente comum é a falha da digitação:

22:53:02) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: oi não entender.

22:56:00) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leo*: Oh esrou um pouco longe de vc...estou em Ilhéus/ba vc conhece?

(10:59:16) **LINDA***SP**** (*reservadamente*) *fala para rui*: sou paosentada e vc

Em palavras isoladas, os usuários incorrem na falta de acentos, letras maiúsculas, etc.:

(11:54:01) **Fernanda** *fala para (reservadamente) rui*: aqui é estancia hidromineral, e vizinha de serra negra

(11:54:07) **Fernanda** *fala para (reservadamente) rui*: lindoia

(11:54:16) **Fernanda** *fala para (reservadamente) rui*: aguas de lindoia

11:30:45) **Fernanda** *fala para (reservadamente) rui*: mas penso que **naum** posso me preocupar com as mentiras do outros.....cabe a elas isso.

(11:43:56) **dec** (*reservadamente*) *fala para Todos*: alguma mulheer de 42 anos afim de papo

Se uma das diferenças entre a escrita e a fala é a impossibilidade de, nesta, haver apagamentos, contrariamente à primeira que passa por revisão, o mundo virtual é híbrido nesse aspecto. Isto porque, ao mesmo tempo em que carrega toda a oralidade da fala com a sua informalidade, ele passa a ter existência através da escrita e, portanto pode ser corrigido. O que, porém, acontece é que devido à impaciência para o envio do turno, a fala segue com os erros. É sobre isso que falo a seguir.

E – Impaciência por extrema rapidez na resposta:

Sem os sinalizadores das conversas face a face, muitos usuários se impacientam com a falta de informação do outro com quem interage em mínimo espaço de tempo. Abaixo, temos a *persona-on-line* MARTHA SP que, por várias vezes na mesma interação, chama a atenção de **leo** por achar que ele deve estar teclando com outra pessoa pelo fato de levar algum tempo mínimo para responder:

(12:13:48) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: E vc me parece ocupado com outra pessoa....

12:18:53) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: já conheceu ? pessoas hora.... se vc está ocupado fala cara

(12:22:29) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: E pq vc ficou lerdo demais ?

12:35:35) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Nossa como demoras

12:36:51) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Com quem + vc está a tc?

Se o usuário tenta expressar-se nas salas virtuais com o esmero que teria num texto escrito, ele aparentará indiferença, como neste exemplo, onde **leo** parece ignorar a **persona MARTHA SP** acima. Para que haja esmero, ele precisa fazer reformulações

que são possíveis por se tratar de um texto escrito, ou melhor, digitado, mas estas demandam tempo, algo precioso nas salas. Daí o hibridismo de que falei acima – o texto construído nas salas de bate-papo virtual é uma mescla de fala com escrita, fruto da falta de tempo.

Sendo a rapidez de envio de turno uma prática comum nesse espaço, ficando o rigor da escrita para segundo plano, qualquer demora na tela leva o outro usuário a crer que foi preterido, reagindo com uma espécie de desespero:

(11:20:39) **sau** *fala para (reservadamente) Bonyt@,32*: Kd vc???????????

Ou desconfiança:

(11:25:29) **Bonyt@,32** *fala para (reservadamente) sau*: vc esta demorando tanto...tudo bem?

(12:30:25) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: sim também estou, acho que te atrapalho não é...está livre para me deixar...desculpe os transtornos...

11:49:16) **rui** *(reservadamente) fala para Bela*: Vc está tc c/ outra pessoa?

Se a demora não foi intencional, o outro usuário logo busca dar algumas explicações, pois sabe o que isso pode significar:

(11:46:34) **Nikkey H50 SP** *fala para MARISA****: Desculpe a demora, mas minha conexão está meio lenta...

12:07:41) **Bela** *(reservadamente) fala para rui*: Rui sei que já deve estar teclando com outra pessoa, só quero pedir desculpas pois caiu minha conexão e só agora pude voltar...adorei te conhecer...

12:27:40) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: mas me conte, esta teclando com a outra Bela.

A presença dos usuários nas salas é, muitas vezes, muito rápida. Interpreto esse dado como uma característica da própria efemeridade do espaço. O tempo na busca da companhia virtual é tão valioso que se leva apenas segundos ou poucos minutos na procura de algum usuário interessante. Caso a sala escolhida não apresente logo essa possibilidade, há o abandono imediato da sala talvez para outra sala que se mostre mais convidativa a interagir. Numa sala **puppy** fica apenas 33 segundos na sala e saiu:

(09:41:09) **puppy** *entra na sala...*

(09:41:42) **puppy** *sai da sala...*

No exemplo abaixo MARCK43 fica menos de 2 minutos dentro da sala:

(09:42:49) **MARCK43** *entra na sala...*

(09:44:38) **MARCK43** *sai da sala...*

O mesmo acontece com loba **h abc** permanecendo na sala por menos de um minuto:

(09:46:37) só para loba **h abc** *entra na sala...*

(09:47:08) só para loba **h abc** *sai da sala...*

Veja o exemplo do usuário abaixo que ficou na sala 19 segundos:

(10:47:14) **KASADO/43/SP** *entra na sala...*

(10:47:33) **KASADO/43/SP** *sai da sala...*

Outro exemplo mostra uma permanência de 25 segundos na sala:

(11:28:11) **LOIRA SENSUAL** *entra na sala...*

(11:28:34) **LOIRA SENSUAL** *sai da sala...*

Nesta sala vemos muitos usuários permanecendo pouco tempo na sala:

- (09:48:25) **toninho** *entra na sala...*
- (09:48:44) **morena.39.kasa** *entra na sala...*
- (09:49:19) **sagitaria31** *entra na sala...*
- (09:49:45) **sozinho...** *entra na sala...*
- (09:49:53) **sagitaria31** *sai da sala...*
- (09:49:54) **Executivo-SP** *entra na sala...*
- (09:49:57) **morena.39.kasa** *sai da sala...*
- (09:50:06) **Escritor** *entra na sala...*
- (09:50:08) **sozinho...** *sai da sala...*
- (09:50:20) **Executivo-SP** *sai da sala...*
- (09:50:59) **toninho** *sai da sala...*
- (09:51:05) **Putamente seu** *entra na sala...*
- (09:51:19) **Putamente seu** *sai da sala...*
- (09:51:34) **QUARENTÃO-ZS-SP** *entra na sala...*
- (09:52:19) **Escritor** *sai da sala...*

Por essa exigência da rapidez, os usuários do espaço das salas não toleram pausas, as quais em conversas face a face, por serem presenciais, são munidas de outros recursos que podem acompanhar as pausas: gestos como o aceno com a cabeça, com as mãos, caretas, etc. A essa ‘demora’ virtual em responder, que pode levar 2 a 3 segundos, os estudiosos chamam ‘lag’. Crystal (2001) as compara com as pausas nas conversas face a face e ao telefone:

Because of lag, the rhythm of an interaction- even in the fastest Netspeak encounters, in synchronous chatgroups and virtual worlds – lacks the pace and predictability of that found in telephonic or face-to-face conversation. (2001:31)

Embora não aparentem riscos nas conversas presenciais, nas salas virtuais essa pequena demora de 2 a 3 segundos traz algumas conseqüências drásticas para o sucesso da conversação: o endereçado pode ter desistido da interação, o remetente da mensagem perde o tempo ideal para a resposta e passa a procurar se a resposta do outro já sumiu pela rolagem da tela, enfim, não será mais possível saber se a pausa foi devido à falha técnica ou devido a alguma atitude de indiferença por parte de quem estava interagindo.

F – Falhas no sistema:

Um dos problemas costumeiros da conexão é a interrupção com as salas, o que resulta no desaparecimento da relação dos *nicks*. Aí o sistema, do qual depende toda a interação, ‘trava’ de tal forma que o usuário não tem nada mais a fazer a não ser aguardar. Como isso é corriqueiro em noites em que as salas estão cheias, os usuários por compartilharem dessa experiência, conformam-se, aguardam e continuam:

10:51:48) **LOIRA CARINHOSA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Desculpe-me..travei...

21:35:35 - *****nadj***** fala para ASA DOURADA F: E O JOSMAR....SUMIU TODOS

10:47:39) ***Ana Luiza** fala para **Meiga-sp**: qdo fui ver vc já tinha caído rssssssssssss

23:27:59 - mulher50 : levei maior tombo

Em outra narrativa:

(11:26:03) **ruí** fala para **Fernanda**: Voltei.... houve um corte de força em casa.

(11:26:28) **Fernanda** fala para (*reservadamente*) **ruí**: eu cai

(11:27:55) **Fernanda** fala para (*reservadamente*) **ruí**: oiieeeeeeeee

(11:28:03) **ruí** fala para **Fernanda**: Então, fomos interrompidos.

Como todos que visitam as salas estão a par dessas falhas, ou seja, compartilham do código que regem suas interações, palavras como ‘travei’, ‘sumiu o nick’, ‘caí’, ‘a conexão caiu’, (o que num primeiro momento não fazia sentido para mim), fazem parte do vocabulário comum dos usuários das salas. Em alguns casos, a conexão demora tanto para voltar ao normal que os usuários desistem. A frequência com que isso acontece varia de *site* para *site*. É como se houvesse um controle de qualidade em alguns *sites* para evitar que isso aconteça afugentando os usuários. Alguns alegam que quanto maior for o número de participantes das salas, maior possibilidade para estas falhas ocorrerem. Por exemplo, às sextas e aos sábados à noite, há uma grande quantidade de usuários (ver o capítulo O Espaço Virtual), o que pode congestionar as conexões ou tornar o sistema mais lento. Esse congestionamento de visitação ao invés de afastar, talvez atraia os freqüentadores desse espaço que, mesmo tendo que enfrentar todos esses ‘tipos de

problemas', parecem cultivar uma espécie de fidelidade, naquilo que concerne a própria visitação. Os usuários sentem-se compromissados a acessar as salas quando formam grupos.

“How is it possible for chat groups to work at all?” é uma das perguntas que Crystal (2001:168) traz de outras vozes que tentam questionar como as conversas virtuais podem ter sucesso, dadas as muitas falhas no tempo, na tomada de turnos, na ausência de evidências dos interagentes. Segundo o autor acima, há pessoas que questionam como   possível que os participantes não abandonem as salas virtuais, devido às confusões das intera es, das incoerências e da perda de tempo. Mas não é isso que acontece.”Indeed, the opposite attitude is typical: most people seem perfectly happy to be there” (ibid.).

O mesmo autor aponta duas razões para isso: a primeira é a natureza social do espaço. Ele diz:

Chatgroups provide something else- a person-to-person interaction that is predominantly social in character.(...)And it would seem that, even in the most contentless and incoherent interactions of the synchronous setting, the social advantages outweigh the semantic disadvantages.The atmosphere, even when a topic is in sharp focus, is predominatly recreational. Language play is routine.(ibid.)

Segundo o autor, se o internauta estiver procurando informa o sobre fatos, o espaço das salas de nada servirá, mas se quiser expressar suas opiniões ou um desabafo, sem dúvida, esse será o lugar ideal. A outra razão   que, por haver tantas vantagens sociais, há grandes tolerâncias semânticas. Devido à precária linguagem que muitas vezes toma conta das intera es, o que ocorre   um interesse ao invés de repulsa.   um espaço no qual as *personae* libertam-se dos moralismos cerceadores da vida real, divertindo-se numa espécie de um jogo infinito e, citando novamente o autor acima:

Participating in the most radical, synchronous chatgroups must be like playing in an enormous, never-ending, crazy game, or attending a perpetual linguistic party, where you bring your language, not a bottle. The shared linguistic behaviour, precisely because it is so unusual, fosters a new form of community. (...) the presence of linguistic confusion and incoherence could be inherently attractive, because the social and personal gains- of participating in an anonymous, dynamic, transient, experimental, unpredictable world – are so great. (2001:169)

O que acontece com a comunica o nesse espaço é que ela transcende a troca individual, segue dizendo Crystal (2001), ressaltando o grupo ou a troca textual. Sem dúvida, um novo tipo de comunidade surgiu das salas de bate-papo e, por isso, o poder

social que há aí é evidente: “The type of community has been described as ‘hyperpersonal’³³ rather than ‘interpersonal’”(ibid.).

Outro autor(a) também reitera a posição que a pós-modernidade perfilou entre as características de uso dos meios de comunicação e das relações que eles mediam:

las emociones aglutinantes, ya que la consistencia de los grupo es intensamente mantenida por puestas en común de sensibilidades y afectos, no así por razones o de un “para qué” claro y socializado (Raad, 2004).

³³ grifo do autor

I.4 MINHA INTERAÇÃO

Ao ensaiar as primeiras tentativas de visitar o espaço virtual, eu não sabia muito o que fazer, como me comportar, já que a minha intenção ou o motivo que me levara às salas deveria ser diferente do das outras pessoas que ali interagiam. Nas primeiras e tímidas tentativas, eu acenava alguns comentários em geral numa atuação inexpressiva já que ninguém me respondia. Numa das vezes em que interagi usando um *nick* feminino, forma pela qual imaginei fazer sempre a interação, conduzi a conversa dentro de um roteiro semelhante a uma entrevista e recebi um comentário assim: “Que papo de comadre é esse? Onde vc quer chegar?”, deixando-me de certa forma embaraçada pela desconfiança das perguntas. Apesar de não estar sendo vista nem reconhecida por ninguém, eu senti-me envergonhada de não saber ser interessante nas salas- afinal, nas salas, você ‘é’ o que escreve.

Eu experimentava a mesma sensação de, ao estar visitando alguém em tempo real, encontrar uma sala cheia de estranhos, os quais não me davam importância nenhuma; pelo contrário, quanto mais eu tentava entrosar-me na conversa, mais era repudiada. Obviamente, isso se dava pelo objetivo diferenciado que me colocava nas salas – enquanto os usuários estavam ali provavelmente a fim de companhia virtual, eu os estava analisando através de suas narrativas. Isto certamente delimitava a minha interação que era direcionada pela busca que eu fazia para a minha pesquisa, fato que truncava o fluxo típico da conversa desse espaço. Em vista disso, havia uma certa rejeição às minhas perguntas. Segundo Turkle, uma estudiosa das identidades criadas na Internet, essa prática não é incomum e ela aponta vários casos de *personae-on-line* que atuam no espaço virtual com o gênero trocado, como vemos abaixo:

As a woman I have a hard time deflecting a request for conversation by asserting my own agenda. As a MUD³⁴ male, doing so (nicely) seemed more natural; it never struck me as dismissive or rude. Of course, my reaction said as much about the construction of gender in my own mind as it did about the social construction of gender in the MUD.(...) a significant proportion of the female-presenting characters were RL³⁵ women and a good number of the male-presenting characters were RL men. (1995:211)

³⁴ Ver Glossário.

³⁵ RL – real life.

No mesmo dia em que tive as minhas perguntas rejeitadas, entrei em um *site* com um *nick* masculino e, imediatamente, recebi repostas interessadas em continuar a conversa. Foi desde esse momento então, no qual experimentei ‘ser’ homem, é que usei entrar com um *nick* masculino e a situação se reverteu. Devo esclarecer aqui que, nos momentos iniciais em que entra a tela, o usuário costuma ‘dar um tempo’ e ler o que está acontecendo na sala. Como o seu *nick* já consta da relação, alguém pode dirigir-se a você sem você ainda ter tomado a iniciativa. Como mulher, usando um *nick* feminino, eu fui endereçada quando usava um *nick* exótico ou sensual, com as perguntas diretas vindo de *personae* masculinos: “Quantos anos vc tem? Descreva-se.” “O que vc está vestindo? Dispa-se!”. Como homem, usando um *nick* masculino, inevitavelmente, muitas vezes, a iniciativa partia das *personae* que usavam *nicks* femininos, como abaixo vemos:

(10:28:48) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau:** oi

:10:33  **Carina** (reservadamente) fala para **ruí:** quer tc?



22:32:27 - **Morena42** fala para **ruí:** boa noite amigo!! tudo bem com vc??

Para não ser facilmente ‘identificado’ nas salas dos *sites*, mudei sete vezes de *nick* os quais foram: **SAUÊ, RUI, LEO, LEOT, SAU, CHE, REINALDO** interagindo com diferentes *personae*. Os *nicks* atribuídos a mim fazem parte das análises a seguir.

No decorrer das conversas, quando eu interagia como *persona-homem*, o que passei a fazê-lo desde então, fui surpreendida com narrativas pessoais onde as mulheres faziam confidências, mostravam confiança no ‘ombro amigo’ do interlocutor, no caso eu, e mostravam seu lado frágil e terno:

(11:52:08) **nega** fala para **ruí:** ola rui

:10:33  **Carina** (reservadamente) fala para **ruí:** quer tc?


(10:21:19)  **Carina** (reservadamente) fala para **ruí:** sou Assessora Comercial, vulgo, Vendedora...sofredora.... 


10:23:03)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **rui**: Seu nome é Rui mesmo???

10

(10:25:32)  **Carina** (*reservadamente*) surpreende-se com **rui**: 😞

10:26:46)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **rui**: vc está tc com mais alguém??

10:30:37)  **Carina** (*reservadamente*) surpreende-se com **rui**: sou a 8 anos e 1 filho...lindo...

10:35:14)  **Carina** (*reservadamente*) suspira por **rui**: mas vou fazer logo

logo....iiii...não gosto nem de lembrar... 😞

Todas as *personae* femininas com quem interagi, demonstraram grande satisfação nisso talvez porque, embora eu falasse a partir de uma *persona* masculina que eu performatizava, havia uma diferença com relação ao tipo de conversa que homens-usuários teriam, o que somente uma mulher saberia fazer. Diz uma das *personae*:

(23:39:03) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot*: estou amando falar com vc;;

Além de haver um interesse maior por trás daquela mera interação virtual, o da pesquisa em si, as conversas eram conduzidas por uma espécie de curiosidade e atenção que talvez os homens-usuários não fossem capazes de demonstrar. A autora Cate Poynton, que estudou a negociação de relacionamentos através da linguagem, aponta diferenças entre os tópicos de preferência da mulher e os do homem:

For the moment I will merely point out that the response of some males to what they would designate ‘women’s talk’³⁶ topics can range from verbally deriding such choices as (‘trivial’, ‘a waste of time’, ‘not serious’, ‘subjective’, ‘emotional’, etc), to refusing to participate in any discussion involving feelings (even when there is an evident problem in a relationship between a male and a female), to the extreme response of getting up and walking out of the room if certain topics are mentioned. (1989:26)

³⁶ Apóstrofos usados pela autora.

Outros autores, que estudaram a linguagem e a sexualidade, abordam as funções lingüísticas de recusa e rejeição que se manifestam diferentemente entre homem e mulher nas situações de cunho sexual:

All of this configures a kind of cultural grammar in which saying ‘no’ is part of what produces a female sexual subject. ‘No’ in both its present and absent manifestations facilitates the production of heterosexual subjectivities and heterosexual sexualities.” (Cameron; Kulick, 2003:123)

Nesta análise específica, os autores citados abordam as situações de assédio sexual nas quais, certas formas de rejeição são ‘esperadas’ pois que são culturalmente aprendidas, por exemplo, ao convite sexual feito por um homem, espera-se que a mulher responda com um ‘não’, o que é tão arraigado no papel representado, que os homossexuais vão repetir a mesma conduta segundo o estudo dos autores acima citados: “(...) ‘no’ uttered by a man in response to another man performatively³⁷ materializes the position reserved in heteronormative praxis for women” (ibid). Isso porque tanto no caso das mulheres como dos homossexuais, o ‘não’ é, na verdade um aceite e tão somente faz parte das preliminares do jogo de sedução:

By having to say ‘no’, the speaker produces a feminine subject; one that importantly does not reject sex so much as facilitate it, by invoking the matrix of persuasion that men are culturally encouraged to use in response to a woman’s ‘no’. In other words, the ‘no’ here ensnares the male speaker in the bind that it raises for female speakers who produce it. (ibid.)

Foi exatamente o oposto que ocorreu na minha interação, pois passei a policiar o meu discurso para ‘conversar’ seguindo a gramática social instituída: “Of course it is possible to explain the (in this case highly calculated) linguistic choices of the fantasy makers in terms of their intentions” (ibid. p. 129). A vulnerabilidade das identidades manifestadas através das *personae* das salas de bate-papo dá margem a essa seara de falsificações e mentiras. Contudo, se nos remetermos à repetibilidade de que Derrida nos fala, apud Cameron; Kulick (2003:128), passamos a olhar para essas falsificações com outro olhar, não de fraude, mas de claros exemplos de como a língua funciona “i.e. the way language signifies” (ibid.). A impostura virtual está também engajada na prática desses embustes; como esse é um espaço que privilegia a exacerbação da sexualidade, tudo o que cerca as interações é calcado em desejos manifestados pelos criadores de fantasias:

³⁷ Grifo do autor.

Not only do they use the codes of sex-talk to forge a desire for the caller which they do not feel, they are also using those codes to construct themselves as kinds of people they are not- as women when they are actually men [o contrário no meu caso], as heterosexuals when they identify as lesbian, as Black or Latina when really they are white. (ibid. p. 129)

Porém, nessa apropriação de uma *persona* masculina, o que acontecia era uma extrema satisfação por parte das *personae* femininas, as quais lamentavam quando chegava o momento de interromper a interação, fato que atribuo ao hibridismo de minha fala: num misto de fórmulas ‘masculinas’ que desenvolvia, no propósito de obter resultados, as minhas provocações ocultavam as ‘feminices’, úteis e sabedoras da relevância da abordagem de certos aspectos, na resignificação de um sujeito híbrido. Vejamos alguns exemplos de *personae* com as quais interagi, que reagiam com entusiasmo às minhas intervenções sob diferentes *nicks* masculinos:

23:50:56) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot:* brigou com a namorada?

(23:55:31) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot:* vc vai escrever pra mim?

(00:02:20) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot:* qdo estiver triste lembre-se de mim.. e da minha votade louca de viver..

:31:13) **Delicadinh@** *reservadamente fala para Sauê:* ta bom me escre qdo for entrar na sala ok

(10:41:46) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* não quero perder o contato....

(11:20:40) **Mallu®** *fala para (reservadamente) che:* oie.....me abandonou?....snif, sniff....

(12:02:49) **Fernanda** *fala para (reservadamente) rui:* BOA NOITE.....foi um prazer te conhecer.....felicidades

00:46:53 - **Mel** *fala para rui em Reservado:* Meu anjo! vou dormir agora , nos encontramos de novo?

(12:23:07) **dama da noite** *(reservadamente) fala para rui:* vc numca teve? é muito bom agente ã perde o contato

Independente do número de *nicks* através dos quais eu assumia os avatares masculinos, o que mais preponderava na manutenção das identidades e, ao mesmo tempo no sucesso em manter as interações, era o conhecimento de como conduzir aquelas conversas, uma espécie de ‘know-how’, que eu como pesquisadora possuía, que permitia transitar no território dito masculino mas com os artífices da sabedoria feminina.

Ao longo das narrativas abaixo, nas quais uso o *nick* **sau, rui, leot** e **che**, as *personae* femininas com quem interagi desenvolviam uma interessante narrativa e sentiam (ou ‘falavam’ que sentiam) quando eu, depois de uma hora ou mais de interação, resolvia interrompê-las, quando então elas diziam algo como:

(11:45:04) **sau** *fala para (reservadamente) Bonyt@,32*: Então, minha donzela, agora vou ver um filme e dormir que amanhã tenho jogo de ténis logo cedo. Aí te mando um e-mail.

(11:45:49) **Bonyt@,32** *fala para (reservadamente) sau*: uma pena..mas tudo bem..grande beijo

(11:46:23) **Bonyt@,32** *fala para (reservadamente) sau*: 

(11:47:56) **Bonyt@,32** *fala para (reservadamente) sau*: só quis me dispensar...

Ou manifestavam a alegria de ter conhecido alguém especial:

01:32:50) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: mais fui eu que insisti não é, cai por 3 vezes e voltei te procurar...era o destino...rs

(01:33:22) **rui** *(reservadamente) fala para Claudia*: E eu te esperei!!

(01:33:30) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: senti que tinha conhecido uma pessoa muito legal e não poderia perder a chance de trocar uma idéias.

01:34:04) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: será que é o signo ou é porque somos professores que combinamos...

(12:54:08) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: e o seu sono? já está na hora de irmos ou aguenta mais umas 4 horas.

OK. Anotei. Vou sair agora. Tb gostei de vc.

Ou mais acaloradamente, como podemos ver nos vários exemplos que seguem:

(01:20:39) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: puxa então mais cedo vc é doce? podemos tc amanhã de manhã...rs

(01:21:35) **rui** *(reservadamente) fala para Claudia*: Isso! Não de manhã, durmo e depois corro.

01:22:22) **Claudia** *(reservadamente) fala para rui*: eu estava só brincando, imagine se eu faria vc perder seu tempo comigo amanhã

novamente, ai já era demais...

01:23:47) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* Rui para despedida, sem que vc leve a mal, quero te mandar um beijo bem gostoso, adoro beijos...adorei te conhecer

(23:38:32) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot:* Qual seu nome?

(23:39:03) **Luar 4.5** *reservadamente sorri para leot:* estou amando falar com vc;;

23:25:46 - CLARA-SP *fala para rui em Reservado:* bom, agora vou dormir, foi bom tc. com vc, tenha uma ótima noite. um beijo, tchau

(01:24:58) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* sabia que hoje estou muito feliz, sabe porque?

(01:25:15) **rui** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* Pq feliz?

(01:25:21) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* ENCONTREI VOCÊ!!!

(10:41:46) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* não quero perder o contato....

(11:20:40) **Mallu®** *fala para (reservadamente) che:* oie.....me abandonou?....snif, sniff....

(12:02:49) **Fernanda** *fala para (reservadamente) rui:* BOA NOITE.....foi um prazer te conhecer.....felicidades

(01:33:30) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* senti que tinha conhecido uma pessoa muito legal e não poderia perder a chance de trocar uma idéias.

01:34:04) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* será que é o signo ou é porque somos professores que combinamos...

(01:34:36) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* agora tenho mesmo que dormir...bjos...

01:37:43) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui:* amanhã a noite ou domingo depois das 21:00hrs, entro e procuro vc também ok se nos encontrarmos vai ser muito bom...

Apesar do direcionamento que eu fazia com relação aos tópicos, nem por isso eu excluía os assuntos sobre os quais elas queriam tratar. A respeito desse aspecto, Poynton diz: “**Topic choice:** men may (and do) reject women’s topic choices in mixed-sex conversation while women will talk on topics raised by men” (1989:71).

Como o interesse de minha parte era o de obter mais informação possível, eu conduzia as conversas para vários interesses da vida dessas *personae* femininas, resultando em atitudes diferentes daquelas nas quais as *personae* masculinas tinham nas salas virtuais, os quais se voltavam geralmente para os assuntos sexuais. Além disso, estas descartavam, de imediato, possíveis candidatas à interação se não se encaixavam no perfil pretendido, o que se revelava nas preliminares perguntas cadastrais. Vejamos abaixo:

22:04:16 - **H40 U.S.A** fala para todos: alguma gata no 30 a 40 afin de tc estou carente

22:16:56 - **gostoso de sp** fala para estrela: quantos anos vc tem??????

23:20:05 - quero casadas fala para todos: adoro as mais velhas;;;;;qual a tua idade mesmo?

23:25:48 - caio-sp-36-1.90m fala para todos: alguma mulher objetiva e carinhosa de spcapital, quer conhecer um cara legal e tb carinhoso, para uma amizade interessante

Batatãogostosinho1 : *alguém quer fazer sexo comigo?(só prara mulheres)*

(11:43:22) **H/48/Sto André** fala para Todos: ø Procuo alguém especial., amiga, confidente, amante, meu tesão, meu desejo..minha fêmea..cheia de beleza interior.. separado, 48anos, 1.75, cabelos grisalhos, olhos verdes, pele clara, 80kg..extremamente romântico e carinhoso...Alguma mulher de SP capital e ou ABC, que gostaria de um bom papo com a possibilidade de conhecer pessoalmente ?

11:19:49) **grisalhopunheteiro** fala para Todos: kd uma mulher de 40 e poucos que já esteja teclando, mas que a conversa esteja ruim, e na hora de mudar?

Na primeira fase do meu recorte, aquela em que eu ainda galgava os passos na virtualidade das salas, eu ainda não registrava a minha participação nas interações, por achar sem importância esse registro. Os diálogos abaixo pertencem a esse período.

Apesar de serem presumidas as perguntas que faço, concluí depois que, o recorte limpo, livre de interferências ou problemas, perde sua autenticidade e que eu deveria salvar as interações alheias para posterior análise. Este ponto foi tratado no sub-capítulo A Escolha.

Abaixo segue o exemplo de uma interação unilateral, na qual só registrei a *persona* **carinhosa total** com quem interagi:

- (11:07:53) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: 48A DIVORC MEDICA
- (11:09:02) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: adoro grisalhos....
- (11:09:06) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: adoro homens bem vestidos e cheirosos
- 11:11:51) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: 1,74m
- (11:11:57) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: loira de olhos azuis

Seguem outros exemplos nos quais só registrei as falas das *personae* BRANQUELA e Carina:

11:20:21) **BRANQUELA** fala para **ruí**: não quero te atralhar se estiver tc com alguém...

11:21:25) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: não dá prá imaginar? rs... para não fazerem imagem de uma morenaça...

(11:25:54) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: nunca, estou começando a tc agora, ainda estou me separando entende? 11:27:12)

BRANQUELA (*reservadamente*) fala para **ruí**: não, claro que não, mas vc acha que meu marido iria ficar sentadinho vendo tv enquanto eu papeava na internet? 11:30:15)


BRANQUELA (*reservadamente*) fala para **ruí**: sou uma pessoa muito sincera, confesso que sempre tive um puco de receio.... mas não por achar que é sacanagem e sim pq aqui tem um monte de maluco infiltrado entre as pessoas que querem fazer amizade...

(11:36:47) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: não é na s Judas, faço ESTÉTICA E COSMETOLOGIA..


(11:43:23) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: tenho uma amiga que namora uma pessoa que conheceu assim..


11:44:41) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: por isso que é chato... eu sei que corro um risco toda vez que tc com alguém pq procuro ser sincera esperando o mesmo, mas sei que isso é difícil...

(11:46:04) **BRANQUELA** (*reservadamente*) fala para **ruí**: mora com quem?


(10:37:22)  **Carina** (*reservadamente*) suspira por **ruí**: Mais frio aqui, porque?

(10:37:22) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Carina**: vc acha que nesta salas só dá separados?

10:40:24)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: é soltar...sem compromisso, sei lá...sem cobranças, falar bobagens...

10:46:33)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: exatamente, falou tudo, tem que ter humor...e isso era raro nele, tudo era muito sério...

10:56:40)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Quando? e como?

10:58:20)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: é mesmo...pode me mandar um email...xxxxxx@xxxx.com. quer me passar o seu? 😊

De fato, mais tarde, ao interpretar os dados, percebi que, por não ter registrado as minhas perguntas ou respostas, eu tinha perdido uma parte importante da interação mesmo sabendo o que supostamente perguntara.

Pelo fato de eu estar buscando dados para a pesquisa e não companhia virtual, uma das técnicas que usei foi a de interagir com duas *personae* ao mesmo tempo a fim de coletar mais informações possíveis, o que trouxe alguns problemas. No exemplo a seguir, estou visitando o *site* OG onde interajo com CLARA e ANNE com o *nick* **ruí**. Na verdade, as duas *personae* é que tomam a iniciativa de assediar a *persona* **ruí**:

23:08:35 - CLARA-SP entrou na sala.

23:10:45 - CLARA-SP fala para ruí em Reservado: oi

23:11:08 - ruí : olá moça de onde tc?

23:11:19 - ANNE fala para ruí em Reservado: oi

23:11:31 - CLARA-SP fala para ruí em Reservado: separada, teno 57 anos, e vc?

Para poder interagir com as duas, fato aparentemente desconhecido de ambas, uma vez que a interação se dá no reservado, a *persona* **ruí**, tinha que ser atenta e rápida, com um intervalo de 20 segundos, por exemplo, entre a fala para a CLARA e a que se seguia para ANNE:

23:12:10 - ruí fala para CLARA-SP em Reservado: 54 2 filhos separado tb

23:12:31 - rui fala para ANNE em Reservado: de onde tc?
 23:12:50 - ANNE fala para rui em Reservado: SP
 23:13:15 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: boa noite, td. bem, de onde vc tc?
 23:13:33 - rui fala para ANNE em Reservado: eu de Curitiba, vc é casada?
 23:13:52 - ANNE fala para rui em Reservado: NAUM
 23:14:01 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: de Curitiba e vc?
 23:14:14 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: s.p. cap.
 23:14:29 - rui fala para ANNE em Reservado: qtos anos
 23:14:49 - ANNE fala para rui em Reservado: 46ANOS
 23:15:04 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: muito bom. gosto de Sampa - o que vc faz?

Tal habilidade exigia cada vez mais esforço para digitar as falas dentro de um máximo tempo previsto (que, na verdade, é um espaço muito curto) e endereçar à *persona* certa, quer dizer, saber que estava teclando com ANNE ou CLARA. Logo abaixo (22:15:34) **rui** pergunta algo a ANNE que responde (23:16:04) depois que CLARA responde outra pergunta anterior:

23:15:34 - rui fala para ANNE em Reservado: separada? trabalha?
 23:15:34 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: sou aposentada. e vc?
 23:15:49 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: conhece aqui.
 23:16:04 - ANNE fala para rui em Reservado: NAUM,SIM
 23:16:11 - ANNE fala para rui em Reservado: NAUM,SIM
 23:16:26 - ANNE fala para rui em Reservado: E AH SUA IDADE
 23:16:39 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: sou professor de inglês

Em vista da necessidade de sustentar as duas conversas, a *persona* **rui** envia o máximo de informação que pode na sua vez de teclar como se vê abaixo:

23:17:16 - rui fala para ANNE em Reservado: 47, 2 filhos, professor de inglês e vc o que faz?
 23:17:30 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: muito bom só que de inglês não sei nada, rsssssss

23:17:44 - ANNE fala para rui em Reservado: SECRETARIA DE EVENTOS

23:18:02 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: o que vc fazia antes da boa vida?

23:18:24 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: eu era escrituraria.

23:18:28 - rui fala para ANNE em Reservado: então vc viaja muito

23:18:57 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: vc está sempre nas salas?

23:19:12 - ANNE fala para rui em Reservado: NAO VIAJO MAIS,FICO AQUI PARA OS CONTATOS

23:19:41 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: não, fico aqui muito pouco.

23:19:48 - ANNE fala para rui em Reservado: EM curitiba esta muito frio

23:19:55 - rui fala para ANNE em Reservado: o salario é bom?

23:20:20 - rui fala para ANNE em Reservado: está frio tb em Sampa não?

23:20:58 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: vc acha quie as pessoas realmente acabam se conhecendo?

Como o objetivo da pesquisa conduzia o direcionamento da coleta, o de observar as identidades das *personae* femininas nos sites da Internet para análise posterior, a *persona* **rui** enviava a mesma mensagem para ambas:

23:21:43 - rui fala para ANNE em Reservado: como vc é? Descreva-se.

23:21:56 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: como vc é? Descreva-se.

23:23:52 - rui fala para ANNE em Reservado: magro, um pouco alto, cabelos já embranquecendo e olhos esverdeados.....

23:22:10 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: não sei, nunca tc. 2 vezes com a mesma pessoa, você já conheceu alguém aqui?

23:22:20 - ANNE fala para rui em Reservado: da para viver, aqui esta muito gelado,

23:22:44 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: não, não foi além de umas conversas ao telefon.e

23:23:05 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: sou morena clara, olhos e cabelos castanhos, tenho, 1,64, 64 kl, e vc como é?

23:23:39 - ANNE fala para rui em Reservado: sou morena clara, cabelos e olhoscastanhos.,1.70 de altura, 70kls.

23:23:41 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: teria coragem de conhecer alguém?

23:24:10 - rui fala para ANNE em Reservado: e assim que eu quero que vc faça

23:27:18 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: já e tarde, amanhã acordo cedo, por causa da filha, rssssssssssss

23:28:05 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: ela é pequena?

23:28:52 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: não e adulta, só que a mamãe prepara o café, o lanche e a fruta para ela.

23:29:31 - rui fala para CLARA-SP em Reservado: muito legal e aí? vc volta pr'a cama neste frio?

23:29:40 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: e só eu e ela não custa fazer um carinho a ela

23:30:04 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: tb. não, gosto de acordar cedo.

23:32:00 - rui manda beijo para CLARA-SP em Reservado: boa noite

23:32:21 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: boa noite, um beijo, tchau.

23:34:02 - CLARA-SP saiu da sala.

E a *persona* **rui** então resolve investir na outra *persona* com as perguntas que conduzem a sua pesquisa:

23:28:50 - rui fala para ANNE em Reservado: vc é viúva ou solteira

23:29:01 - ANNE fala para rui em Reservado: viuva

23:30:36 - rui fala para ANNE em Reservado: e vc pensou em se casar de novo?

23:31:04 - ANNE fala para rui em Reservado: AHHHHHHHHH, ATE PENSEI

23:31:25 - rui fala para ANNE em Reservado: não sou lerdo mesmo...prefiro escrever c/ a caneta.

23:32:32 - rui fala para ANNE em Reservado: pq não se casou?

23:32:38 - ANNE fala para rui em Reservado: PROFESSOR DE REDE PUBLICA

23:33:08 - ANNE fala para rui em Reservado: nao encontrei a outra metade

23:33:12 - rui fala para ANNE em Reservado: isso é pergunta?

A *persona* **rui** aqui se refere a fala de ANNE às 23:32:38 já fora da seqüência, algo recorrente nas salas como foi demonstrado na seção PROBLEMAS:

23:33:50 - rui fala para ANNE em Reservado: sou professor de inglês de uma escola de idioma.

23:33:54 - ANNE fala para rui em Reservado: te ofendi?

Em outro dia, *site* e sala, novamente interagi com mais de uma *persona*. Isso, quando acontecia, era devido a um assédio por parte das usuárias que enviavam as pequenas mensagens iniciais, desviando a minha atenção para essas intervenções:

(11:40:24) **sauê** (*reservadamente*) pergunta para **Mônica-sp-sp43**: De onde tc?

(11:40:44) **Flavia** (*reservadamente*) fala para **sauê**: não posso do trabalho

(11:41:22) **Mônica-sp-sp43** (*reservadamente*) fala para **sauê**: Ei, vc leu a minha mensagem?

(11:41:39) **Flavia** (*reservadamente*) fala para **sauê**: vc vem muito para o litoral?

(11:41:55) **sauê** (*reservadamente*) pergunta para **Mônica-sp-sp43**: sim te respondi.

(11:42:27) **Mônica-sp-sp43** (*reservadamente*) fala para **sauê**: Não recebi.

Na interação acima, **sauê** interagiu com Flavia quando a *persona* Mônica-sp-sp 43, invadiu o espaço tentando chamar a minha atenção. Muitas vezes, o *nick* exercia uma espécie de atração (**rui**) ou curiosidade (**sauê**) como demonstra **Mônica-sp-sp 43**:

(11:42:45) **Mônica-sp-sp43** (*reservadamente*) fala para **sauê**: Por que sauê?

Como observado por Crystal (2001), os *nicks* sofrem influências culturais e, por sua vez, influenciam os outros. No caso das minhas *personae*, atribuo o interesse despertado pelo *nick* **rui**, porque na época em que eu colhia os dados, na TV Globo havia o seriado “Os Normais” com Luis Fernando Guimarães (RUI) e Fernanda Torres (VANI). Creio que é pela grande simpatia que o Rui dos Normais despertava na audiência, que as *personae* femininas com quem eu interagia sentiam-se atraídas. No caso de **sauê**, penso que o interesse se dava pelo apelo étnico da palavra.

Em vista da possibilidade de obter dados interessantes, eu tentava passar a interagir com duas *personae* ao mesmo tempo, como logo abaixo, eu, como **sauê**, resolvo, então responder à **Mônica-sp-sp 43**:

(11:43:11) **sauê** (*reservadamente*) pergunta para **Flavia**: Não mas uma tia sim e qdo eu era pequeno ia muito.

(11:43:54) **sauê** (*reservadamente*) pergunta para **Mônica-sp-sp43**: Adoronomes indígenas. E vc? 43 é a idade?

Essa dupla interação simultânea implicava em grande atenção, rapidez e cuidado no envio das mensagens para que as duas conversas pudessem analisadas. Em outro *site* e sala, o mesmo acontece numa interação entre a *persona* Bela e rui, quando a *persona* Francine intervém:

(11:45:38) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Adoro sua cidade...

(11:46:06) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc conhece SP?

(11:46:38) **Bela** (*reservadamente*) fala para **rui**: aqui é lindo mesmo...vc já veio muitas vezes para cá?

(11:47:32) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Sim. tenho amigos aí.

(11:48:30) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc visita muito as salas?

(11:48:35) **Francine** (*reservadamente*) fala para **rui**: Boa noite

(11:48:52) **rui** (*reservadamente*) fala para **Francine**: oi

(11:49:16) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc está tc c/ outra pessoa?

Para não perder uma preciosa conversa, na *persona* **rui** busco manter as duas conversas, o que é sempre muito difícil, porém por um tempo, a interação é feita com **Francine**, que se mostra muito rápida e com **Bela**, mais lerda, facilitando dessa forma a dupla interação simultânea até que às 11:51:59 a **Bela** sai da sala. Vejamos abaixo como essa duplicidade de interação se desenvolve:

11:45:02) **Bela** (*reservadamente*) fala para **rui**: sim sou de Curitiba

(11:45:32) **Bela** (*reservadamente*) fala para **rui**: sim, com Educação Infantil

(11:45:38) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Adoro sua cidade...

(11:46:06) **rui** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc conhece SP?

(11:46:38) **Bela** (*reservadamente*) fala para **rui**: aqui é lindo

mesmo...vc já veio muitas vezes para cá?

(11:47:32) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Sim. tenho amigos aí.

(11:48:30) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc visita muito as salas?

(11:48:35) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Boa noite

(11:48:52) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: oi

(11:49:16) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc está tc c/ outra pessoa?

(11:49:21) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: De onde tc ?

(11:49:32) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: De Sampa e vc?

(11:49:55) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Bairro ?

(11:50:16) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: SANTANA. E vc?

(11:51:09) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Mooca

(11:51:59) **Bela** sai da sala...

Nos próximos 15 minutos a interação só acontece entre eu (na *persona* **ruí**) e a *persona* **Francine** deixando claramente a impressão que a *persona* **Bela** abandonou a sala:

(11:54:48) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: Vc dá aula onde?

(11:55:01) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Yes, we can.

(11:55:57) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Vila Formosa e vc ?

(11:56:07) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: bem aí não precisamos nem falar no reservado se falarmos em inglês.

(11:56:27) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: Em escola de idioma.

(11:57:16) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Sua idade ?

(11:57:30) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: 47. E vc?

(11:58:13) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: 50, se importa ?

(11:58:16) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Francine**: Pq essa é sempre uma pergunta que vcs, mulheres fazem?

(11:58:45) **Francine** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Pois há preconceito.

(11:58:53) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* Não, claro que não. As mulheres de 50 hoje estão muito bem.

(11:59:24) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Concordo plenamente, e sou uma delas...rs

(11:59:31) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* Vc é casada? Ou separada? Ou solteira?

(11:59:42) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Vc é casado ?

(11:59:54) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* Separado. 2 filhos.

(12:00:03) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Divorciada e vc ?

(12:00:15) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Ok.

(12:00:24) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* 1 filho

12:00:24) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* 1 filho

(12:00:41) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* O q procura aqui ?

(12:01:09) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* companhia. E vc?

(12:01:47) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Tb.

(12:02:05) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* Vc sempre visita as salas???

(12:02:31) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Raramente e vc ?

(12:03:03) **Francine** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Bem, vou dormir, amanhã é dia de luta...rs

(12:03:55) **ruí** (*reservadamente*) *concorda com Francine:* Vc sempre visita as salas???

(12:04:52) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* oi

(12:05:53) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Francine:* Vc trabalha amanhã?

(12:06:42) **Bela** *entra na sala...*

A *persona* Francine retira-se da sala, dizendo que irá dormir e aí entra, inesperadamente, **Bela** novamente:

(12:06:42) **Bela** *entra na sala...*

12:07:41) **Bela** (*reservadamente*) *fala para ruí:* Rui sei que já deve estar teclando com outra pessoa, só quero pedir desculpas pois caiu

minha conexão e só agora pude voltar...adorei te conhecer...

(12:08:52) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: q bom vc voltou!

A interação continua por algum tempo (mais ou menos 7 minutos) quando a *persona* **Bela** desaparece novamente:

12:09:12) **Bela** (*reservadamente*) fala para **ruí**: mais agora é tarde, vc já está tc não é?

(12:09:44) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: não agora, estive mas já saiu tb.

(12:10:03) **Bela** (*reservadamente*) fala para **ruí**: que bom...então acertei em voltar...

(12:10:28) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Já me aconteceu antes essa de cair conexão, etc, sumir os nicks, 'é péssimo!

(12:10:52) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Vc conhece SP?

(12:11:08) **Bela** (*reservadamente*) fala para **ruí**: sempre que eu conseguia entrar, desligava automaticamente, se acontecer isso novamente me desculpe...

(12:11:39) **Bela** (*reservadamente*) fala para **ruí**: sim conheço, já morei ai durante 6 anos e adorava...

(12:12:29) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: É. Mas vc nasceu aonde?

(12:12:58) **Bela** (*reservadamente*) fala para **ruí**: aqui em Curitiba, sou Paranaense mesmo...daquelas que fala LEITE QUENTE...rs...

(12:13:27) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Eu acho superlegal esse sotaque.

(12:14:08) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: O que veio fazer em SP por 6 anos? Ficar casada?

Esse problema de conexão deixa a *persona* **ruí** ansiosa na tentativa de achar **Bela**, mas outra *persona* com o *nick* **camila** assedia o **ruí**:

(12:16:01) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: KD VC????????????????

(12:16:40) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: Caiu de novo????

(12:17:18) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: 

(12:18:06) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Bela**: 

(12:18:58) **camila** (*reservadamente*) *fala para rui*: oi

Neste momento a **Bela**, já com outro *nick* (**Claudia**), que diz ser seu próprio nome, reaparece e tenta restabelecer a conversa. Vejamos abaixo:

(12:23:22) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui*: Rui sou eu a Bela, caiu novamente...parece que só porque nossa conversa está boa não consigo ficar conectada...

(12:23:41) **rui** (*reservadamente*) *fala para rui*: É seu nome?

(12:24:03) **rui** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: é verdade mas é bom se preocupar. faz tempo que vc ficou viúva?

(12:24:17) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui*: parece piada...tentei entrar não sei quantas vezes,,,

(12:24:46) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui*: porque pergunta se fiquei viúva, não lembro de ter dito isso, acho que era a outra com quem vc teclava...rs

(12:24:48) **rui** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: É problema da linha?

(12:25:13) **rui** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: Como sei que vc é a Bela, Cláudia?

Numa completa confusão de identidades estabelecidas no início da interação, a *persona* **Bela** tem sua conexão interrompida por duas vezes, e, resolve então entrar com sua suposta identidade real. Nesta troca desconexa de mensagens, instaura-se uma situação lingüística tão paradoxalmente interessante por ser “both disfunctionally and advantageous incoherent”, como diz Herring apud Crystal (2001), pela sua versatilidade incomum, o que é ausente das conversações face-a-face existentes. A autora citada ainda segue dizendo: “it is the availability of a persistent textual record of the conversation [which] renders the interaction cognitively manageable” (Crystal, 2001:169). De fato, na interação descrita acima, **rui** só poderia avaliar as informações que a *persona* **Bela/Claudia** dava pela existência da narrativa textual. Depois de não ter mais sinal nem de **camila**, nem de **Francine**, **rui** retoma a conversa com a *persona* **Claudia** (que era a **Bela**) e tenta obter mais dados com as perguntas que vão surgindo, apesar do adiantado da hora, o que causa em **rui** uma certa preguiça.

(12:25:13) **rui** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: Como sei que

vc é a Bela, Cláudia?

(12:25:28) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Como sei que vc é a Bela, Cláudia?

(12:25:54) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: porque sou de Curitiba lembra? falo LEITE QUENTE

(12:26:09) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: a outra bela que tem ai é falsa...protesto...rs

(12:26:51) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: é que quando fui entrar, na senha pedia outro apelido, porque já havia outra Bela, então resolvi por meu nome mesmo...entendeu...

(12:26:55) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Sei. É que aqui as pessoas mentem muito...

(12:27:29) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Essa coisa de cair e depois não aceitar o apelido já me aconteceu tb.

(12:27:40) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: mas me conte, esta teclando com a outra Bela.

(12:27:59) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Não, não tem esse nick na lista

(12:28:18) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: mas quando eu entrei tinha...

(12:28:30) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Era vc!

(12:28:42) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: não vem ao caso, quero saber se podemos continuar tc ou não?

12:29:32) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: não estou entendendo nada...então sai da Net e meu apelido ficou na lista, quando tentei entrar não pude com o apelido de Bela...que confusão...

Surge então novamente outra intervenção – a *persona* **Leca** – introduz-se na conversa:

(12:29:33) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Sim mais um pouco que estou c; sono. Vc não?

(12:30:25) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: sim também estou, acho que te atrapalho não é...está livre para me deixar...desculpe os transtornos...

(12:31:19) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Pare de se desculpar. A culpa é da máquina. Vc é solteira ou separada?

12:31:44) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **ruí**: sou casada...e vc?

(12:32:24) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* Separado. 2 filhos.

(12:32:34) **Leca** (*reservadamente*) *fala para ruí:* oi, ocupado?

A esta intervenção, **ruí** não responde por achar que já tinha muito trabalho ainda para investigar com a *persona Claudia* e prossegue na primeira interação, visivelmente com pouca paciência:

(12:32:41) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* Separado. 2 filhos.

(12:33:42) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* sempre entra no bate papo?

(12:34:12) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* às vezes e vc?

(12:34:35) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* é difícil, só quando sobra um tempinho nos finais de semana...

(12:34:37) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* Vc sendo casada pode entrar nas salas?

(12:34:57) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* porque sendo casada posso entrar nas salas...

(12:35:21) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* Isso é resposta ou pergunta?

(12:35:45) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* desculpe, esqueci da interrogação.

(12:36:28) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* O seu marido deixa vc transitar livremente pelas salas?

(12:37:39) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* acho que não estou entrando no bate papo para falar de assuntos que não quero, sei selecionar baixarias de bate papos legais como o nosso...

(12:38:19) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* é verdade. acho que estas salas de gente mais velha seleciona um pouco, não?

(12:39:28) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* aqui no bate papo encontramos pessoas de todos os tipos, é só ficar analisando os apelidos e lendo um pouco das mensagens, que em alguns dias nem me atrevo a entrar...vai do gosto de cada.

(12:40:21) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* é verdade; pelos apelidos a gente pressupõe a intenção.

(12:40:59) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia:* Vc tem filhos?

(12:41:21) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí:* e vc é contra tc comigo só porque sou casada, não tiro pedaços, sou séria viu...

tenho 2 filhas.

12:42:33) **rui** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: Então vou perguntar: o q vc procura nas salas?

(12:43:05) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui*: conhecer pessoas, trocar idéias...

Embora muitos desses dados fossem preciosos para a análise deste estudo, cujo objetivo é a construção das identidades femininas no espaço virtual através da linguagem, neste capítulo, eu os tomo como exemplo da minha interação. Se um fato comum das salas, a interrupção da conexão, pode desmorrar a identidade criada, haja vista , a confusão da interação entre rui e **Bela/Cláudia**, por si só revela o quanto a identidade depende dos roteiros sociais compartilhados. E, neste espaço, só a linguagem pode desnudar esses roteiros.

Com esses dados, tentei mostrar que, muitas vezes, houve uma intervenção de outra *persona* no reservado, que trouxe informações que eu quis aproveitar para possíveis dados preciosos e que às vezes deram certo, outras não, mas que continuavam sendo preciosos. Na verdade, essa intervenção ou assédio se dá pelo alto trânsito entre as salas com os usuários indo atrás de algum mais interessante para interagir naquele espaço temporal que só existe na concretude do parceiro com quem se trava uma conversa. A interação simultânea com mais de uma *persona* não parece ser a prática comum nas salas porque quando se encontra o parceiro/a ideal para o momento, há a tendência de estabelecer uma conversa a dois no reservado. Afinal, além da dificuldade na interação simultânea entre três usuários, o espaço das salas é de relaxamento, assim como o é o das salas de visita na vida real, evitando-se portanto, tudo o que possa causar estresse.

A minha participação nas salas através das *personae* masculinas teve a dupla função de pesquisar as narrativas de *personae* femininas diante de um ‘parceiro’ virtual e, ao mesmo tempo de performatizar esse parceiro, o que fiz durante todo o tempo. Enquanto eu conduzia as conversas para que eu obtivesse dados importantes, eu tanto tinha que exercer grande disciplina sobre as minhas falas que deveriam impressionar como *persona* masculina, como também ter o cuidado para que não houvesse nenhum deslize que me denunciasse. Tinha que ter cuidado para seguir o roteiro de parecer homem, como vemos abaixo:

(12:58:51) Claudia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Rui</i> : acho que eu imaginava vc de olhos verdes só que não quis dizer...
(12:59:25) Rui (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Claudia</i> : Já sei. Como vc não quer companhia para sair, vc faz uma imagem bem feia do parceiro c/ quem tc.
(12:59:51) Claudia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Rui</i> : isso mesmo, tenho que achar que vc é um bicho papão...rs
(01:00:56) Claudia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Rui</i> : sou obrigada a te achar muito feio, senão vc fará uma idéia errada de mim, lembre que mulher casada não deve estar na Net a essas horas.
(01:02:03) Rui (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Claudia</i> : Não é isso. É que acho que os maridos normais querem sua mulherzinha do lado na cama nesse friozinho de Curitiba.
(01:02:38) Claudia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Rui</i> : é que meu marido normal está assistindo tv e enquanto isso eu tc um pouco.
(01:03:44) Rui (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Claudia</i> : AH bom...acho que c/ essa mulherzinha tão fiel e tão legal, inteligente, bem articulada, tão compreensiva ele não poderia estar fazendo outra coisa.
(01:04:39) Claudia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Rui</i> : não entendi se está fazendo gozação ou falando sério, pode explicar?
01:05:50) Rui (<i>reservadamente</i>) <i>fala para Claudia</i> : Super sério. Na verdade acho que estou com uma super inveja de seu marido. Como ele se chama?

A partir de minha atuação nas *personae* masculinas, as falas insinuavam opiniões, feitos, fatos da masculinidade que eram pressupostas em mim pelas *personae* femininas. As minhas falas, notoriamente, continham outros discursos, os pertencentes ao gênero feminino, e devem ter obtido êxito, isto é, conseguiram manter longas conversas, exatamente por terem sido atravessadas por essa mescla híbrida de traços lingüísticos femininos revestidas por uma máscara masculina. Abaixo seguem alguns trechos da uma interação entre **leo** e **mel**, na qual ela vai fazendo confissões a respeito de sua vida conjugal:

mel 22:52:26 reservadamente fala com leo	36,tenho uma escola
mel 22:52:50 reservadamente fala com leo	tem filhos é casado?
leo 22:53:11 reservadamente fala com mel	Separado com 2 filhos: Ricardo e Danilo

leo 22:53:32
reservadamente
fala com mel

mel 22:54:14
reservadamente fala com leo

leo 22:54:39
reservadamente
fala com mel

mel 22:58:11
reservadamente fala com leo

leo 22:59:15
reservadamente fala com mel

mel 22:59:44
reservadamente fala com leo

mel 23:00:12
reservadamente
fala com leo

leo 23:03:01
reservadamente fala
com mel

mel 23:03:23
reservadamente fala com leo

E vc? Solteira?

não sou casada,mas estou me separando

Como assim?Morava c/ alguém?

depois que minha filhinha nasceu nosso casamento esfriou,acho que ele tem outra

E não dá para segurar? Qtos anos tem sua filha?

tem 2 anos

é difícil pois estou cansada de tudo que ele apronta

É por isso que vc começou a entrar nas salas?

acho que sim,me sinto muito só

Tendo observado algumas interações na tela coletiva entre *personae* femininas e masculinas, percebi extrema objetividade por parte dos homens, os quais iam direto ao assunto sobre a aparência física, a mola propulsora das interações nas salas. A falta dessa tônica masculina em minhas falas propiciou, sem dúvida, uma acolhida maior pelas *personae* com quem interagi.

01:07:25) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **rui**: posso te dizer uma coisa...não quero que se ofenda.

(01:07:54) **rui** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Claro, não vou me ofender.

(01:08:52) **rui** (*reservadamente*) fala para **Claudia**: Deixe eu adivinhar. vc pensou que eu era ele???

(01:09:02) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **rui**: tenho a impressão que vc é daqueles homens que não deixam a mulher respirar, acham que as mulheres ainda não evoluíram, que devem ser muito submissas, achei errado.

Nesta interação, como a *persona* **Cláudia/Bela** estava surpreendendo com alusões à ‘minha masculinidade’, eu sentia que dominava a situação e me tornava cada vez mais ‘masculino’ satisfazendo suas expectativas:

(01:10:33) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: Não. talvez vc esteja certo. reconheço que sou machista e ciumento. Mas, me controlo pq sou um homem moderno...

01:11:13) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: vc tenta ser moderno, mas o que demonstra é um enorme machismo, talvez contra sua própria vontade mas não sabe esconder.

(01:11:37) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: sabe que tenho uma bola de cristal, aqui do meu ladinho...rs

(01:11:58) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: vc é muito sabida!

(01:12:07) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: obrigado

(01:12:18) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: e vc muito simpático...

(01:13:04) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: faltam apenas 3 horas e 42 minutos para o término de nossa conversa, se apresse pode não dar tempo da despedida...rs

(01:13:58) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: Tenho que confessar que vc é extremamente carinhosa com suas palavras e amorosa. Pq tudo isso? O Álvaro vai ver TV 3 horas????

Quando **ruí** alude ao marido da *persona* Claudia, o faz em tom de zombaria, como vemos abaixo:

(01:14:23) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: acho que ele já dormiu lá...oque posso fazer?

01:15:14) **ruí** (*reservadamente*) *fala para Claudia*: Se eu estivesse aí vc saberia o q fazer.

(01:15:50) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para ruí*: olha, não fale assim comigo...

Na verdade, nesta interação acima descrita e em outras, as falas iam brotando e revelando aspectos inusitados das identidades ali construídas, contribuindo para as reflexões que culminaram nesta pesquisa. A riqueza textual das narrativas permitiu-me, a cada interação, colher dados importantes sobre as características de uma variável lingüística, o código das salas, inserida num espaço, o virtual, que só passava a ter existência através dessa mesma variável. Uma não existia sem a outra.

Por outro lado, na tela coletiva, é comum a conversa entre vários usuários, mas não há a pressa que experimentei nas minhas interações múltiplas, pois que as *personae*

que teclam em aberto, geralmente estão a fim de uma certa avacalhção do espaço com ironias e brincadeiras que só atingirão os seus objetivos com várias intervenções do, e para o grupo. Por não ser este o objeto de minha investigação, a minha participação nessas telas coletivas foi somente passiva (observando) e não ativa (interagindo), como nas interações sob várias *personae*.

Como justificado no início deste capítulo, optei por reservar este espaço para a metodologia, em face da vasta informação trazida, para então, a seguir, analisar cada uma das categorias da primeira parte em função dos dados colhidos.

II. DADOS E ESPAÇOS

Neste capítulo faço a análise das interações no espaço virtual, em face da discussão teórica feita na primeira parte. Nesta, trouxe estudos sobre a novidade desse espaço, bem como a comparação entre as salas convencionais e as salas virtuais naquilo em que ambas têm a função social. O que é interessante notar é que normalmente, nas salas de visita, as pessoas se agrupam de acordo com o sexo, pois é como a sociedade, a priori, classifica as pessoas. Coulthard (1991:55-6) no seu estudo entre a linguagem e o sexo, aponta para isso quando diz:

Ainda é também importante se notar como os/as falantes se agrupam em ocasiões públicas. Uma característica marcada na organização social brasileira é a forma pela qual homens e mulheres se separam em grupos de um só sexo.(...) pessoas organizadas não simplesmente para que casais fiquem juntos, mas para permitir que os homens se comuniquem entre si, separando-se das mulheres (ou vice-versa). Poder-se-ia especular, assim, sobre as causas dessa separação: as pessoas se separam porque têm assuntos diferentes ou porque seus estilos são diferentes?

O autor citado está analisando a formação de grupos de acordo com o sexo pois vai tratar dos tópicos que se discutem nesses meios. Porém nesta pesquisa, o espaço das salas virtuais mostra o predomínio da proposta de namoro, haja vista a ausência da característica apontada por Coulthard na qual as pessoas se agrupam socialmente pelo mesmo sexo. No espaço virtual da salas de bate-papo, a norma é interagir com a suposta *persona* de outro sexo, já que é um espaço conduzido pela busca de uma parceiro/a, quebrando, pois, o protocolo que se instaura nas salas convencionais. Por isso, é comum que as interações se iniciem pelas perguntas cadastrais (lugar onde mora, situação civil, etc). Abaixo, vemos a *persona* **Martha SP** que descobre que **leo** mora na mesma região dela:

(11:56:34) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: Sim. De Santana. E vc? D q ld da ZN?

(11:56:43) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: 47. E vc?

(11:56:59) **MARTHA SP** fala para **leo**: Sim Tucuruvi

(11:57:24) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: perto do metrô ou do Big?

(11:49:54) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Q idade vc tem

(11:58:25) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Eu tenho 47a.....

11:59:24) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: a mma idade minha. vc é casada?

(11:59:42) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Separada e vc

(12:00:23) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Separado. 2 filhos.

(12:00:37) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: O que faz?

Nesta preliminar da interação, a triagem que se faz vai selecionando um possível parceiro ou não, por mais paradoxal que possa parecer em chamar de preliminar uma invasão na privacidade de cada um ao ser perguntado sobre assuntos íntimos logo de início. Mas essa é a conduta esperada e normal nas salas virtuais. A conversa acima continua convergindo para o que há de comum entre os dois, o que faz a *persona* Martha SP comentar que ‘o destino os aproximou’. Vejamos abaixo:

(12:01:01) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: exerço a profissão d educadora

(12:01:19) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Em escola pública?

(12:01:49) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Sim

(12:02:30) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Sou professor de inglês.

(12:03:37) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Temos muita coisa em comum...., cidade, bairro, profissão, idade... será o destino?

(12:03:49) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Um d meus filhos é formado tb em Inglês

(12:04:19) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Quem sabe.....!!!

(11:00:11) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para saue*: santos e vc?

Outro exemplo dessa conversa inicial com vistas a uma relação maior vem desta interação entre **Bonita@32** e **sau** (minha *persona*), na qual as *personae* se comportam

verbalmente como se estivessem num lugar público (barzinho, festa) fazendo-se conhecer através de perguntas que situam o outro dentro do sistema. Vejamos abaixo:

(10:26:45) **Bonyt@,32** entra na sala...

(10:30:49) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: sou professor de inglês. E vc?

(10:31:04) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: sou professora e pedagoga

(10:31:44) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: De ensino fundamental?

(10:32:00) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: trabalho com alfabetização

10:32:18) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Muito gratificante!!!

(10:32:31) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ã entendi

10:33:04) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: sim..é minha paixão...vc leciona na rede estadual

10:33:28) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Não. Em escolas de idioma.Onde vc leciona?

No próximo exemplo vemos como a *persona* **Flavia** interage com **sauê** e vai direto às perguntas preliminares sem nenhuma perda de tempo:

10:56:15) **sauê** entra na sala...

(10:59:48) **sauê** fala para **Flavia**: Olá! De onde tc?

(11:00:06) **sauê** fala para **Flavia**: está ocupada?

(11:00:11) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: santos e vc?

(11:00:22) **sauê** fala para **Flavia**: SAMPA

(11:00:40) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: qual bairro?

(11:01:14) **sauê** fala para **Flavia**: SANTANA. E vc? onde em Santos?

(11:01:33) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: canal 3 conhece?

(11:01:46) **sauê** fala para **Flavia**: sim.

(11:02:26) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: casado?

(11:02:26) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: casado?

11:05:44) **sauê** fala para **Flavia**: mas é casada?

(11:06:08) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: não vc é?

11:07:36) **sauê** fala para **Flavia**: oi... sou separado como já te disse

(11:08:06) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: mora em que bairro?

(11:08:19) **sauê** fala para **Flavia**: Santana e vc é de Santos mesmo?

(11:08:34) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* sim e vc?
 (11:08:51) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* qual sua idade?
 (11:09:05) **sauê** *fala para Flavia:* 47. E vc?
 (11:09:14) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* 44
 (11:09:18) **sauê** *fala para Flavia:* sou paULISTANO!!!
 (11:09:25) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* mora com quem?
 (11:10:05) **sauê** *fala para Flavia:* sozinho.
 (11:10:19) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* como vc é?

A *persona* Flavia é direta e, contrariamente, ao que aconteceria numa conversa face-a-face, na qual, geralmente, o homem dá início à conversação entre homem e mulher, é ela quem conduz as perguntas ao parceiro virtual:

(11:10:19) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* como vc é?
 (11:12:35) **sauê** *fala para Flavia:* 1.76m, 47.moreno claro com olhos castanho claros

Segundo Coulthard, numa interação mista (dois sexos) as mulheres assumem um papel submisso:

(...) irão sugerir que homens têm um modelo de interação muito diferente do das mulheres, e portanto, é possível interpretar-se o que acontece nas interações mistas como sendo um resultado do modelo masculino impondo-se ao feminino. As mulheres, desacostumadas a lutar por sua vez de falar adotam o papel submisso. (1991:49).

enquanto na Internet essa marca desaparece. Além disso, o ambiente das salas virtuais trouxe outras inovações nesse comportamento porque, se o que se falar vai comprometer uma suposta relação, parte-se para uma outra interação virtual. Daí a razão da pressa, da busca imediata daquilo que é importante saber:

(11:13:01) **Flavia** (*reservadamente*) *fala para sauê:* o que faz profissionalmente?
 (11:13:12) **sauê** *fala para Flavia:* Sou professor de inglês. Já te falei antes.

O conceito de espaço neste estudo adquire grande importância porque o rumo que as conversas tomam se devem em grande parte ao espaço virtual no qual elas estão confinadas. Um novo conceito de espaço surge pois mostra uma nova e singular demarcação, ou como diz Raad (2004), que aponta para “el fin del espacio como territorio, ya que los espacios no son compartidos sino interconectados y con estructuras del tiempo de tipo instantáneos y simultáneos”.

Certamente, numa sala real, o rumo das conversas enveredaria por outro caminho porque não há preâmbulos. No espaço virtual, por outro lado, há muito que se descobrir uma vez que não se vê a pessoa, só se a imagina pelas informações enviadas sobre a idade, aparência física e outros detalhes. Mesmo na troca de fotos por *sites* da Internet como, por exemplo, MSN ou ICQ como é mencionado nas conversas, não há garantias de que a foto corresponda ao usuário que está teclando. E esta possibilidade é totalmente previsível pelos participantes que a consideram parte do jogo. É o risco que se tem.

Por meio das ‘historinhas’ que mantém as narrativas atraentes nas semelhanças com a vida real, os usuários, munidos da linguagem compartilhada, estabelecem relações, ainda que efêmeras, baseadas em interesses comuns. Diz Raad (2004) a esse respeito:

Sin embargo, es importante señalar, que creemos que las relaciones en el espacio virtual, además de los intereses, valores y afinidades, se priorizan por la rapidez, simultaneidad de la comunicación, masividad, capacidad de aglutinar, actualización continua, etc

Além da diferenciação entre os espaços reais e os virtuais, amparo-me em Da Matta (1991), apropriando-me de seus conceitos de espaços internos e espaços externos, os quais correspondem, respectivamente ao mundo de fora e ao de casa. Os espaços internos, os da casa, estão associados ao lazer, relaxamento, livre de compromissos obrigatórios. Da mesma forma, é comum os usuários se referirem às salas de bate-papo da Internet como o local de ‘encontrar os amigos’ como vemos nos exemplos a seguir:

(23:02:15) @mor@ fala para **MUITO CHEIOSA**: chguei agora da dança.

(22:03:13) **Ametista** reservadamente fala para Sauê: *estou em casa, hora do lazer*

(22:44:07) **Sonhador** fala para *Samira43*: Ótimo ..bem ..agora vou ter que dar uma saidinha ... foi um prazer enorme tc com vc .Vc é muito legal ...legal mesmo....

As falas acima dão satisfação ao amigo virtual, como se daria a um amigo real com quem se tivesse um encontro. Outra conotação das salas virtuais que remete às salas reais é a da referência ao tempo. Da Matta (1991:39) também associa o espaço ao tempo quando diz: “Tudo isso indica que não se pode, de fato, falar de espaço sem falar de tempo...” No exemplo a seguir vemos que a *persona mel* reserva o sábado (dia em que pode e quer visitar as salas) para uma outra atividade que não seja a do trabalho:

(23:07:10) **mel**: *olá. estou sozinha num sábado. quero conhecer alguém*

Ainda na associação dos espaços virtuais com os espaços das salas reais, encontramos referências a atividades próprias destes espaços como fonte de conversa virtual:

10:49:03) **casado45** fala para **LOIRA 53**: voce gosta de um vinho ou outra bebida ??

Pelo fato de o espaço virtual estar associado ao lazer tem, por isso, dia determinado para acontecer, como justifica a *persona* abaixo ao responder a pergunta sobre a frequência de visita às salas:

(23:29:21) **Delicadinh@** *reservadamente* fala para Sauê: so nos fins de semana

É como se esse espaço estivesse vinculado ao tempo em que se é permitido ‘perder tempo’, onde as atividades estão dissociadas da obrigação que cerca, por exemplo, o trabalho. Como diz Da Matta (1991:40):

no caso brasileiro, os dias da semana são marcados por concepções diferenciadas e complementares de tempo. Sábados e domingos são tempos muito mais internos, da casa e da família, ao passo que “os dias comuns da semana” são vividos como tempos externos, marcados pelo trabalho- isso é muito importante sobretudo para o universo feminino.

A diferença neste aspecto sobre o universo feminino é que, se na vida real, os sábados e domingos são espaços reservados à família, que se reúne para um almoço mais íntimo, na tela virtual, por sua vez, representam espaços internos de intimidade onde as *personae* femininas contracenam com parceiros virtuais, trocam segredos com amigas virtuais, numa espécie de conversa que teriam sorvendo uma xícara de chá com bolo de chocolate na presença de pessoas íntimas da família ou de conhecidos.

Outra associação é a de que este espaço é, por natureza, um espaço novo (até o momento em que esta pesquisa foi feita), freqüentado por pessoas modernas (pelo menos assim as *personae* esperam) como vemos abaixo:

11:38:10) **rui** (*reservadamente*) fala para **carinhosa total**: e qto à sala de bate-papo? o que a traz aqui?

(11:38:56) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **rui**: SO CIA VIRTUAL

(11:39:04) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **rui**: CONHECER NOVAS PESSOAS

12:43:05) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **rui**: conhecer pessoas, trocar idéias...

12:44:57) **Claudia** (*reservadamente*) fala para **rui**: não, voltei da Faculdade a pouco e queria me distrair no bate papo, o cinema fica para um dia menos frio.

Ou seja, tanto a este espaço é reservada uma visitação com espírito jovem e atualizada como também fica implícita uma oposição ao espaço real onde há velhas pessoas. As velhas e conhecidas pessoas não fornecem elementos para a imaginação- já estão lá. Na verdade, a impressão que se tem é de que somente pessoas inovadoras e apreciadoras do novo podem visitar esse espaço- a presença virtual por desempenhar essa função é performativa na medida em que estigmatiza os usuários, ou seja, se você visita as salas, você é moderno. Crystal (2001:170) considera o espaço das salas de bate-papo um lugar versátil e jovem: “I see chatgropus as providing evidence of the remarkable linguistic versatility that exists within ordinary people-especialy ordinary young people”.

Uma característica nas salas, cujos dados usei para esta pesquisa, é a busca de um parceiro virtual que na realidade seja das proximidades. Isso se justifica pela finalidade desse espaço, que é o da busca afetiva de uma futura relação:

21:40:45 - flor fala para todos: Algum de vocês é de Fortaleza?

10:10:49) **Quemelia (M)** (*reservadamente*) fala para **rui**: oi...tudo bem???...tcl. de onde

10:59:22) **laura** fala para **ANTONIO**: voce é da onde?


(11:09:03) **carlos-spZL-21-msn** fala para **Todos**: Tenho 21 anos.....moro em São Miguel Paulista...zona leste de sampa....gostaria de conhecer uma mulher acima de 40 anos para algo sério...tenho msn pra trocar foto


(11:56:27) **Vilma** fala para (*reservadamente*) **Todos**: Oi, alguém de Guarujá?

Na tentativa de situar a *persona* com quem se interage, as perguntas direcionam a escolha. Isso ocorre porque dentro do espaço virtual não há o recurso visual que há no espaço externo, portanto real, o que contribuirá para a continuidade de um contato ou não. Na virtualidade, os usuários precisam seguir um roteiro de perguntas para fazer a escolha do parceiro naquela interação. É o espaço em que o texto o constitui. Augé (1994), o qual chama esses espaços de não-lugares, nos diz:

A mediação que estabelece o vínculo dos indivíduos com o seu círculo no espaço do não-lugar passa por palavras, até mesmo por textos. Sabemos, antes de mais nada, que existem palavras que fazem imagem, ou melhor, imagens. (1994:87)

É como se houvesse uma transposição dos limites para o espaço virtual, no imaginário das *personae*. No trecho a seguir, a *persona alexsp* estabelece um mínimo contato com a *persona MAGA* e, na próxima pergunta (menos de um minuto depois), já segue o roteiro de uma triagem para companhia:

 **alex sp** 22:54:59 oi
fala com **MAGA**

 **alex sp** 22:55:56 e casada?
fala com **MAGA**

Na interação que registro a seguir, **rui** interage com outra, **dama da noite**, a qual toma a iniciativa da conversa:

11:20:03) **rui** entra na sala...

(11:20:37) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* oi q tc comigo

(11:21:00) **rui** *fala para dama da noite:* sim de onde tc?

(11:21:28) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* de onde tc

(11:22:03) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* De Sampa e vc?

(11:22:32) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* de minas monte santo

(11:23:35) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* Como está o tempo aí? Frio? Aqui está chuvoso e frio.

Como que seguindo um cadastro, a *persona* **dama da noite** vai coletando informações de idade, lugar de origem, dados importantes para que, ao situar o parceiro num espaço definido, ela construa sua imagem. Há uma pausa considerada demasiado longa para a *persona* **rui**, pois que, nesse espaço, a ausência de respostas pode ser um indicativo de abandono da interação como já mencionado anteriormente³⁸. Então, a primeira dedução é ter perdido a parceira/o para outro na sala:

(11:25:17) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* Vc está tc c/ outra pessoa?

(11:25:45) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* n~ fui atende o telefone

Ao justificar a demora, a *persona* **dama da noite** está confirmando o fato de que este espaço não pode ser usado simultaneamente ao telefone. Isto se dá porque, em ambos os casos, há uma demanda para atenção ao que se ouve e se fala; há uma presença por detrás do aparelho do telefone, assim como da tela do computador, ou seja, ou se atende o telefone ou se digita a fala no *site*. A diferença existe no anonimato das identidades das salas de bate-papo, o que gera suspeita, desconfiança e insegurança se, de fato, o usuário vai retornar, se está teclando com outra pessoa ou se pretende sair da sala. No telefone, um sussurro basta para indicar que ainda há alguém na linha. E numa sala real de visitas, todos os recursos visuais decodificam qualquer desinteresse da pessoa.

³⁸ Ver capítulo Metodologia.

A *persona* **dama da noite**, em seguida, faz a terceira pergunta da conversa, sobre a idade, que enquadra o seu parceiro em um perfil imaginário. A idade e estado civil da *persona* são requisitos da relação, o que mostra que este é um espaço de busca de parceiro, espaço do namoro, e, portanto, ser casado significa impedimento para uma relação até este ponto, imaginária:

(11:26:05) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : quantos anos vc tem
(11:26:50) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : tenho 46 estamos iguais
(11:26:22) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : 47. E vc? (11:27:04) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : O que faz?
(11:27:06) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : vc e casado
(11:27:36) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : Separado. 2 filhos.
(11:28:02) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : sou viuva tenho um filho de 20 anos
(11:28:20) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : vc tem icq
(11:28:20) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : Que legal! Ele mora c/ vc?
(11:28:40) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : sim, eosseus
(11:28:54) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : pq e mais facil
(11:29:21) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : Os meus filhos moram c/ a minha ex-esposa.

Numa das falas acima, a *persona* **dama da noite** induz que quer transitar para outro espaço – o real, daí perguntar sobre o ICQ e a foto, os quais são obstáculos para a *persona* **ruí** que vai desconversar sobre isso por toda a interação. Na próxima intervenção, é a *persona* **dama da noite** quem vai inferir que a demora da resposta (9 segundos) demonstra uma traição do parceiro:

(11:29:30) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : vc esta tc
--

com outras

(11:29:57) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Como é o ICQ? Como faz para ter? Qual é a diferença? tem foto?

(11:29:58) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: e vc mora com quem

(11:30:15) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: tenho e vc

(11:30:34) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: e melhor no icq

(11:30:46) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Como todo homem separado moro sozinho.....

(11:31:10) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: sim.vc tem foto

(11:31:10) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: sim.vc tem foto

(11:31:36) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: vc tem icq que pode ter contato mais facil

(11:32:39) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Vc é japonesa?

(11:33:15) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: eu ñ pq?

A *persona* **dama da noite**, ao estranhar a pergunta, antecipadamente pressupõe que a preferência do parceiro recai sobre outro tipo de mulher:

(11:33:31) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: vc gosta de japonesa?

(11:33:43) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Pq vc constrói as frases em outra ordem.

(11:34:04) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: ñ sei pq

(11:34:05) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Não ligo para nacionalidade nenhuma.

(11:34:16) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Vc trabalha?

(11:34:23) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: pq perguntou

(11:34:52) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: sim sou funcionaria publica e vc o q faz

(11:35:04) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Pq é

curioso saber. Eu sou professor de inglês em escola de idioma.

(11:35:36) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: hum.. por isso esta vendo meus erros

(11:35:55) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: mas na eu escrevo assim mesmo

(11:36:22) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: não são erros... é a forma de escrever.

(11:36:39) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: como ñ emtendo

(11:36:44) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: Vc conhece SP?

(11:37:12) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: ñ ja fui mas conhece ñ.

(11:38:16) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: Gostou? conheço BH, Divinópolis, Pedro Leopoldo, etc

(11:39:03) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: Vc sempre visita as salas???

(11:39:42) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: ñ tenho icq eu gosto mais. pq agente ñ perde o contato

Até este momento, a interação foi sendo conduzida por falas sem seqüência lógica, muitas vezes devido à superposição das mesmas. Em algumas vezes, isto causou desânimo para continuar a conversa uma vez que não parecia estar resultando em nada proveitoso para esta pesquisa. Porém, eu retomava a condução da conversa para extrair algo que fosse revelador de minha hipótese. Na continuação da interação, veremos abaixo que **ruí** insiste nas respostas de **dama da noite**, apesar dos erros de ortografia que, em certos momentos prejudicam a interação:

(11:40:08) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: Vc tentou alguma vez um encontro c/ alguém das salas?

(11:40:08) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: a sala e dificil eu entrar

(11:40:25) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: ainda ñ

(11:40:40) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: e vc ja?

(11:40:45) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: Vc acha que esses encontros virtuais qdo se tornam reais dão certo?

(11:41:09) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : ja conheço gente que deu
(11:41:14) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : Quase mas vi que era roubada.
11:41:56) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : mas nem todos são iguais
(11:43:01) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : oi cade VC
(11:43:07) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : Vc se arriscaria???
(11:43:36) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : sim mas eu ia com alguem
(11:43:51) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : Pq? medo?
(11:44:18) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : pq o mundo tem gente de todo jeito

Por toda a interação, a *persona* feminina, **dama-da-noite**, cercava a *persona* masculina, **ruí**, com perguntas sobre suposta traição virtual mostrando desconfiança quanto ao interesse ou falta de interesse vindo dele. Pela linguagem constituída, **dama-da-noite**, concebia-se a si própria, cheia de receios (das cidades, das pessoas) e concebia o outro, remetendo às transações de que Bruner fala (1986). Sua insistência em ir para o ICQ era para obter a foto de **ruí**, o que é indicativo da sobreposição das mídias (Bolter;Grusin, 2000). A sua interação no espaço virtual pleiteava a chance de um encontro no mundo real.

Através dessas características do espaço virtual como local de busca de parceiro/a, percebe-se nas salas, uma preocupação com a origem do usuário/a com quem se interage. Isso se dá por essa busca: ‘vou procurar alguém que seja da minha região para ver se dá certo’, é a intenção de quem visita estas salas. Sendo um usuário das vizinhanças, essa possibilidade aumenta as chances de se conhecerem no mundo real. Por isso, há a recorrência de perguntas como as que veremos abaixo:

22:48:41 - gata RJ fala para todos : Algum gatinho do RJ quer tc
--

(10:24:08) **ANTONIO/NITERÓI**. sorri para (reservadamente) **Todos**: alguma vizinha para tc.

(11:57:28) **mf.42** fala para **h de olhos az**: oi de onde tc e o que procura na net?

22:32:37 - **caio** *fala para ROSINH@-57*: tudo.De onde tc.'Posso saber.Eu tec.de Ribeirão Preto

22:25:46 - **MULHER FATAL** : OI SOU DE RIB. PRETO

(10:20:18) **preciosa-48** *fala para (reservadamente) Todos*: alguem de Jundiai?

10:10:49) **Quemelia (M)** *(reservadamente) fala para rui*: oi...tudo bem???...tcl. de onde

22:14:18 - **tuca** *fala para todos*: Tc de moema sou separada e tenho 52 anos o que vc acha

23:13:15 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: boa noite, td. bem, de onde vc tc?

00:45:58 - EDU 50 *fala para Morena 42*: **TC DE ONDE ?**

(12:29:01) **Nika** *(reservadamente) fala para rui*: tc de onde

Essa preocupação recorrente revela que a inserção das *personae* no local externo comum pode, talvez, significar a continuidade da relação até então virtual.

No trecho abaixo, a *persona* **romantica/50** inicia as perguntas ao **leo**, num roteiro de troca de informação rápida, onde o que mais importa é tentar encontrar o perfil desejado, descartando aquele que não satisfaz:

(10:20:25) **romantica/50** *(reservadamente) fala para Leo*: estou tc com alguem da sala 3 rs.....

(10:20:35) **romantica/50** *(reservadamente) fala para Leo*: me fale sobre vc

(10:20:48) **romantica/50** *(reservadamente) fala para Leo*: eu sou baixinha pele clara olhos cor de mel

(10:21:02) **Leo** *(reservadamente) fala para romantica/50*: o que quer saber?

(10:21:17) **romantica/50** *(reservadamente) fala para Leo*: vc e casado

Mais adiante, **romantica/50** declara estar à procura de um companheiro:

(10:26:25) **romantica/50** (reservadamente) fala para **Leo**: que realmente vc procura

(10:26:47) **Leo** (reservadamente) fala para **romantica/50**: companhia. E vc?

(10:27:37) **romantica/50** (reservadamente) fala para **Leo**: um namorado uma companhia

Em outra interação, a *persona* feminina avança mais na confissão do que procura:

(11:01:17) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: O que vc procura nas salas.

(11:01:34) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: um amante.. um cúmplice... um amor

Talvez, nenhum outro domínio tenha se mostrado tão propício para a escolha de parceiros/as ou companheiros/as de uma maneira tão criativa e expressiva como as salas de bate-papo da Internet. Nesse espaço ‘social’, uma vez que expressa valores cultuados pela sociedade, de convívio efêmero, circulam sedutoras identidades que se constroem na parca e deficiente linguagem virtual. As narrativas das *personae* femininas evidenciam novas posições da mulher na sociedade, porém protegidas pelo anonimato que o espaço oferece: busca-se um parceiro ainda que, virtualmente, construído pela imaginação que a linguagem propicia. Esse ‘pedaço’, como diria Magnani, congrega, por um curto espaço de tempo, as visitantes de um espaço, a sala, e as converte em *personae*, cujos *nicks* traduzem idealizações muitas vezes calcadas em fetiches sexuais. É o que trataremos a seguir.

III. DADOS E SEXUALIDADE

Remetendo ao capítulo “O espaço e a Sexualidade” na primeira parte, onde procurei justificar porque uso os fundamentos teóricos sobre a sexualidade, passo agora à discussão dos dados sob essa ótica. O motivo principal que leva à frequência das pessoas nas salas de bate-papo virtual provém potencialmente daquelas em busca de uma companhia. A fala abaixo exemplifica este fato por ser, praticamente, a mais comum para que as *personae* se introduzam nas salas de bate-papo virtual:

(10:27:10) **Bonyt@,32 fala para Todos:** olá..alguem quer me fazer companhia?

Como muitas vezes, essa companhia não passa da virtualidade, a afetividade implícita nessa busca se dá através das narrativas que performatizam a identidade. Isso se dá porque os usuários se encontram separados durante as conversas virtuais e interagem, não para falar sobre sexo mas, para ‘*fazer sexo*’ como diz Channell (1997:151) ao analisar a mais famosa conversa pelo telefone do planeta em 1993, entre o príncipe Charles e Camila, sua suposta amante:

(...) There is an interest in how this couple talk about their sexual relationship.
 (...) Why do they talk about it on the telephone? It might be more appropriate to describe this not as ‘talk about sex’³⁹ but as talk which does⁴⁰ sex or replaces sex in their circumstance of being separated. Generally, the talk is celebratory.
 (...) Unlike much other talk (particularly telephone talk) it has no particular outcome – it is not transmitting information (as in direction-giving, or gossip), it is not negotiating (as in making arrangement). It is there for the encoding and transmission of feelings and for each to engender a physical effect in the other (in the absence of the possibility to accomplish this through sexual contact).

A análise em questão trata de conversa ao telefone, a qual conta com um recurso indicador a mais do que as salas virtuais – a voz - que, por si só, contribui para a construção da identidade do outro. Nesta pesquisa, as narrativas vão sendo elaboradas para surtir efeito sedutor, não com a ajuda da voz mas *pela* linguagem. Esta constrói as *personae* por meio de atributos sexuais, delegados pela sociedade para eleger os tipos preferidos de parceiros, na medida em que se encaixam em modelos sexualmente emblemáticos. Neste capítulo, faço uso não apenas de dados de *personae* femininas,

³⁹ Grifo da autora.

⁴⁰ Ibidem.

corpus deste trabalho, mas também de *personae* masculinas. O motivo para isso é que, por estar tratando do tema da sexualidade presente nas salas, trago dados gerais ligados ao tema, incluindo as propagandas sexuais que se infiltram nesse meio. Tomei essa decisão por achar esses dados expressivos para a análise.

Certamente, esta pesquisa não está voltada para os reais sentimentos de amor, paixão ou desejo que, talvez, a conversa analisada por Channell reproduziu, na qual o *fazer* sexo, ao invés de falar *sobre* sexo, seja comum entre dois enamorados ao telefone. O *fazer* sexo tratado nesta pesquisa segue, à risca, um modelo de frases convencionalmente cheias de sedução para que as *personae* possam desempenhar suas identidades com apelo sexual. Esta é, obviamente, a principal maneira de estar ocupando o espaço virtual das salas de bate-papo.

O comparecimento nessas salas, embora possa vir disfarçado atrás de uma categoria supostamente ‘neutra’, por exemplo, *Cidades*, ou com tendências políticas, como a sala de *Política*, na verdade é motivado por uma intenção de sedução como em um jogo sensual. Mesmo as *personae* mais bem intencionadas que dizem estar ‘apenas’ em busca de companhia, na medida em que desenvolvem suas narrativas, passam mostrar sinais de conquista do outro com quem interage. Isso se dá através de insinuações que levam a imaginação a construir sempre uma imagem no mínimo bela de sua identidade virtual, um uso sedutor da linguagem que mostra a especificidade do local das salas para fins de namoro.

Our understanding of what is sexual, and what different ways of being sexual mean, is always dependent on the kind of discourse about sex that circulates in a given time and place – a point that is directly relevant to the issue of how sexuality can be connected to language. (Cameron; Kulick, 2003:10)

Se os autores acima estão analisando a ligação entre linguagem e sexo na sua generalidade, para esta pesquisa fica notória essa relação porque neste espaço virtual, somente através da linguagem é que a sexualidade no gênero pode ser construída. No exemplo abaixo, percebe-se que a *persona* BRANQUELA, entende que o objetivo das visitas é caracterizado por busca de companhia, tanto, que por ser casada, considera essa visita uma traição ao marido como diz:

<p>BRANQUELA (<i>reservadamente</i>) <i>fala para rui</i>: não, claro que não, mas vc acha que meu marido iria ficar sentadinho vendo tv enquanto eu papeava na internet? 11:30:15)</p>
--

O papear na Internet é diferente de papear ‘ao vivo’, naquilo em que se associa ao primeiro algo de natureza proibida, excluindo outras boas intenções que ao segundo estariam relacionadas. Nas situações presenciais, as pessoas têm que prezar pela sua conduta e responsabilizar-se pelo que faz e fala. As pessoas são vistas. Em situações de conversa ao telefone, a ocultação é possível até certo ponto, primeiramente, pela voz que denuncia o falante e, nos dias de hoje, os aparelhos de identificação de chamada inviabilizam os chamados ‘troles’.⁴¹ Nas salas de bate-papo da Internet, o ocultamento da *persona-on-line*, que se permite ‘falar’ sem ser ‘ouvida’, uma vez que só digita as falas, implica na liberdade de tratar de assuntos tabus com relação ao sexo, permitido sob o ponto de vista da moral social somente aos que são ‘descompromissados’. Veja o que justifica a *persona* BRANQUELA abaixo ao interagir com **rui** na sala:

BRANQUELA (*reservadamente*) fala para **rui**: sou uma pessoa muito sincera, confesso que sempre tive um puco de receio... mas não por achar que é sacanagem e sim pq aqui tem um monte de maluco infiltrado entre as pessoas que querem fazer amizade...

Outro tipo de uso do espaço é o da exploração sexual com apelos eróticos que se intercalam nas paginas dos *sites* aleatoriamente como aponta esta *persona*:

Ninfaaa 21:52:03:

Mulheres casadas sendo filmadas pelo maridão tarado, filmes caseiros com mais de 20 minutos no site... WWW.FABRICADOPRAZER.COM.BR

Esta invasão no espaço ocorre freqüentemente, porém, o usuário solicita ao *site* para ignorar tal *persona* (no exemplo, Ninfaaa), cujo *nick* consta da lista. Só assim, o usuário poderá ficar livre destas interferências para poder prosseguir nas interações por meio de sua *persona*. Vale ressaltar que, esse tipo de propaganda no meio atende a algumas leis de mercado e nos remete às proposições do capítulo III (I parte), pelo fato de que se o espaço arregimenta inúmeros usuários, é um espaço de venda de produtos

⁴¹ Ver Glossário.

vinculados ao erotismo. Por ser uma modalidade moderna, diríamos que, nesse espaço, transborda a liberdade de temas sem qualquer censura; no entanto, essa mesma modalidade, ao incitar o sexo por meio de propagandas apelativas, exerce um poder sobre os usuários no tal espaço de ampla liberdade: os coagem a comprar os produtos, fazendo uso dos diversos *sites* eróticos aí divulgados. Abaixo, temos a queixa da *persona* **Solamente uma vez** que vê, no espaço, um lugar desvirtuado para outros fins que não os de bate-papo.

Solamente una vez .M 22:02:03
reservadamente fala com rui

verdade.....e isso se torna muito desgastante...muitas
 pessoas entram aqui só para avacalhar..ou para terem
 alguém para fazer sexo virtual...ou mesmo para
 encontrar um programa facil

As salas de visitaçãõ representam o lugar de busca de um parceiro ou uma ‘ voz’ que te ‘ouça’ – num primeiro momento, as conversas parecem acontecer somente para desabafar. Os assuntos são confidenciais porque a ocultação da pessoa assim o permite, bem como íntimos, porque isto faz parte do proibido no resto do dia ou em outro lugar externo. E, por ser o lugar da paquera, as salas virtuais se caracterizam como lugares onde a escolha das palavras induz ao sexo, como veremos nestes exemplos que seguem:

21:34:33 - MAGIA fala para Alvaro-...: CALOU PECADO?

(23:23:14) **40tãõ corpinho 39**: entra na sala...

(11:05:49) docinho fala para michael_SP: Quem falou que eu entrei na sala para sexo gostoso

(11:31:03) H45querMcomT grita com Todos: **alguma mulher quer tc ???????**

22:36:30 - **policialnegro-sp** : TENHO FOTO CASO VC MULHER SE INTERESSAR (FOTO NU)

23:14:58 - Seu_Manuel : Ontem sai com uma loira de parar o transito, usei umas tecnicas muito boas que consegui no site <http://www.euposso.com.br>

23:18:58 - Seu_Manuel : Galera! Descubri um site que conta todas as técnicas de aumento peniano que estavam guardadas a 7 chaves! <http://www.euposso.com.br>

Por esse motivo, o espaço é utilizado para vender o sexo através de *sites*, como este acima citado. Ou este espaço se traveste de um lugar onde é possível encontrar o que a sociedade proíbe ou inibe. Vejamos abaixo algumas apresentações de *personae* e do motivo que as levou às salas:

(10:54:51) m.procura paixão fala para Todos: quero viver intensamente,nunca vivi...

21:40:39 - tulong sp fala para todos: OLA.... SOU CASADO TENHO 56 ANOS E BUSCO ALGUÉM Q ESTEJA AFIM DE UM RELACIONAMENTO PARALELO C/ MUITO RESPEITO CARINHO ...E CLARO MUITO SIGILO ...ESTOU NA ZL SP

11:19:32) **Silas Tatuapé** fala para **Todos**: Alguma mulher gata e fogosa que adore transar beijar muito para encontros deliciosos sem maior compromisso ? eu moreno claro 1,72alt 65 k 25 anos

(11:04:49) **MEAME(H)** fala para **Gabrielle**: EU COMEÇO: ADORO VOCÊ....AMO VOCÊ.....VOCÊ É MINHA MUSICA PREDILETA.....MEU TELEFONE É XXXXXXXX RAMAL XXX.....MEU SIGNO É PEIXES.....ESTOU PRECISANDO DE CARINHOS....MUITOS CARINHOS.....

Estas falas demonstram a clandestinidade que o espaço reserva às relações proibidas e cumpre o papel de lugares próprios para os amores proibidos, por exemplo, os motéis; como a interação é virtual, as fantasias são criadas pela linguagem de apelo sexual e a busca passa a ser mais excitante se houver impedimento. Vejamos abaixo:

(12:15:29) **H. BOA PINTA** fala para **uma oriental**: casada?

Abaixo, a *persona* Mark abaixo desafia a outra *persona* referindo-se ao que é coibido no espaço externo:

(11:26:06) **Mark** *fala para loira/43/sp*: 49, casado, algo contra? e vc?

Enquanto as seguintes falas trazem *nicks* sugestivos que se auto-explicam para o espaço sexual, a seguir:

(11:42:20) **NUA** *entra na sala...*

23:12:46 - *fogosa fala para MORENO-RJ*: boa noite, como vai?

Outras, mesmo, quando a *persona* feminina se mostra pudica no início da interação, já antecipam o objetivo da relação virtual:

23:31:07 - *mulher50*: o importante é o papo depois pode surgir a energia da sexualidade mas como uma consequência.....

Os recursos usados são claras evocações a tudo que diz respeito ao sexo por maior ironia que possa esta afirmação conter, já que o espaço é virtual, as identidades são veladas, a aparência não é fator preliminar para a sexualidade, os usuários atribuem-se nomes sensuais para interagirem como *personae*, ou seja, de claro, não há nada.

Os autores abaixo citados ampliam a noção de contextos sexuais mas, sua referência é de identidades homossexuais em relações presenciais:

Granted, sex is invoked indirectly: to enact a sexual identity through language is to invite certain inferences about your sexual life (for instance that you seek sexual satisfaction with partners of the same/the other gender). But neither the identity nor its linguistic assertion is confined to specifically sexual contexts. (Cameron; Kulick, Preface, XI)

Mesmo quando as interações pareceram menos arrojadas tratando o assunto 'sexo' logo nas primeiras intervenções da interação, no seu desenrolar, o assunto tabu surgiu:

(11:07:50) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: vou te confessar uma coisa

(11:08:22) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: só descobri o orgasmo com esse meu caso

Nesta interação, a *persona* Bonyt@,32 depois de ter demonstrado uma postura recatada todo o tempo na interação com **sau**, foi, aos poucos, abordando a razão principal da conversa, o de encontrar ‘alguém’ que serviria de companhia virtual que se não fosse para levar a vias de fato, pelo menos serviria para tratar de assuntos tabus de conversas normais. Assinalam Cameron e Kulick (2003:12):



In the domain of sex and sexuality as in other domains, there are culturally recognizable, conventionalized ways of doing things, and also of defining and representing what is being done. Language, arguably the most powerful definitional/representational medium available to humans, shapes our understanding of what we are doing (and of what we should be doing when we do sex or sexuality).

Como o espaço virtual está presente no uso diário de muitos, ele passa a ter uma importância social por representar uma espécie de gênero do discurso. É através das narrativas tecidas que a comunidade virtual troca, às vezes, por meio de um código comum somente a eles, interações com conteúdo íntimo e confidencial de provocar sentimento de inveja em relações da vida real que usufruem de grande intimidade. Aqui vale retomar o conceito de Bruner (1986), citado e mencionado no capítulo II, ao definir as narrativas como a maneira pela qual os indivíduos compreendem o mundo à sua volta: ao tecerem suas narrativas, as *personae-on-line* trazem a ordenação das atividades sociais e das experiências compartilhadas, parafraseando o autor. É como se as narrativas deste mundo virtual evocassem a ordenação do mundo externo, coerente com os valores sociais nos quais as *personae-on-line* estão inseridas. No trecho abaixo temos a *persona* **Solamente una vez** interagindo com minha *persona*, **rui** e queixando-se da monotonia da vida conjugal, motivo pelo qual justifica estar na sala de bate-papo::

<p>Solamente una vez.M 22:27:45 reservadamente fala com rui</p>	<p>porque vc acha que uma mulher casada entra em salas de chat...e o marido não tem ciumes?</p>
<p>Rui reservadamente fala com Solamente una vez.M</p>	<p>22:30:05 Vc quer dizer que ele temm outra pessoa? Ou é desligado da esposas que tem?</p>

<p>Solamente una vez.M 22:31:35 reservadamente fala com rui</p>	<p>a segunda hipotese....somos casados a 26 anos e nosso casamento virou mais para simples amigos que outra coisa....ele tem habitos dos quais eu não gosto e combati a vida inteira....Chega uma hora em que cansa</p>
<p>Solamente una vez.M 22:32:27 reservadamente fala com rui</p>	<p>sendo assim...cada um vive a sua vida, sem interferir na do outro</p>

Percebe-se, nas suas palavras, o conceito que tem sobre as salas virtuais, lugar impróprio para as mulheres casadas ‘normais’ cujos maridos teriam ciúmes. O caso dela, por não ser ‘normal’ (casamento bem sucedido), enquadra-se, portanto, no espaço das pessoas em busca de outros: o das salas de bate-papo:

	<p>rui reservadamente fala com Solamente una vez.M</p>	<p>22:33:07 mas então não seria melhor ter se separado?</p>
	<p>Solamente una vez.M 22:34:19 reservadamente fala com rui</p>	<p>é o que estamos pensando em fazer bem logo....falta apenas acertar algumas coisas pendentes....e depois vamos cada um para um lado</p>

Afinal, se a sexualidade é expressivamente representada pela língua, neste espaço onde os usuários só se ‘reconhecem’ pelos *nicks* que representam as *personae*, essa mesma sexualidade terá a ampla liberdade de ser manifestada e será perpassada por um código lingüístico escrito mais semelhante à oralidade e que também está sujeito à normas do espaço. Conforme afirmam Cameron; Kulick (2003:13).

Language gives us categories with which to think about sexuality, and conventions for speaking and writing about it. We will look at how those categories and conventions have evolved over time

No exemplo abaixo, a *persona* **ane** se auto-descreve de uma forma generosa, recorrendo a apelos estéticos imbuídos de valores que a sociedade atual premia:

23:33:31 - ane fala para todos: Eu tenho 1m e58cm,50 quilos,corpo de uma de 25 anos.,pele morena clara cabelos ondulados castanho(tintura),

Essa dose de sexualidade transborda antes das *personae* interagirem haja vista a elaboração dos nicks:

BIA-cas

- **CASADO BONITAO**
- **DE CAMISOLINHA**
- **Fazendeiro**
- **Gato50/sp**
- **Gosto d Bica***
- **H-20CM PURO PRAZER**
- **SEXWORDS**

Amparado pela cobertura do ocultamento que lhe é próprio, o espaço virtual serve como lugar de troca de confidências como veremos no trecho abaixo; nele, a *persona* **Fernanda** ao interagir com **ruí**, minha *persona*, fala de um relacionamento virtual que está tendo e que, por isso, não concorda com a opinião de **ruí** de que na Internet pode haver muita mentira:

(11:29:38) **ruí** fala para **Fernanda**: Vc não acha que as pessoas inventam muita mentira?

(11:29:53) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: acho

(11:30:45) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: mas penso que naum posso me preocupar com as mentiras do outros.....cabe a elas isso

(11:30:50) **ruí** fala para **Fernanda**: E mmo assim dá p/ se arriscar num relacionamento real?

(11:30:58) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: dá

(11:31:16) **ruí** fala para **Fernanda**: Mas e as mentiras fantasiosas? como ficam?

Na seqüência, ela fala da ‘sorte’ que teve em não ter se decepcionado com o seu parceiro virtual, alegando que isso não aconteceu porque eles não se descreveram e, portanto, não alimentaram fantasiosas construções de idealizações:

(11:34:08) **Fernanda** *fala para (reservadamente)* **rui:** acho que tive sorte.....nos conhecemos antes de nos descrever


(11:36:11) **rui** *fala para Fernanda:* faz tempo que vcs se conheceram?


(11:36:32) **Fernanda** *fala para (reservadamente)* **rui:** pela net quase 1 mes

(11:36:52) **Fernanda** *fala para (reservadamente)* **rui:** ao vivo e em cores umas duas semanas

Esta confiança rápida (afinal, a interação com a *persona* **rui** acabou de começar) pode ter acontecido, virtualmente, devido à ocultação dos reais usuários envolvidos no caso. Porém, as salas de bate-papo não se constituem apenas de sexo proibido e aí podemos encontrar também ironia ou ‘falso’ lirismo, o qual aparece de uma forma irônica como vemos, na interação a seguir, as *personae* **Na varandadasIlusõesH** e **LIA**:

VERSOS INTIMOS...Nesta noite de encanto e magia.|Revelo meus segredos, e meus medos.|A noite é fria, sinto angustia e agonia.|Ventos sopram, e carregam meus sonhos.|As nuvens se movimentam com os ventos|Carregando o amor e a paixão|Que juntos mostram seus encantos|Marcados em espaços e alentos|Não te encontro apenas sinto|Palavras que encantam, transformam, |Enobrecem a minha alma|Trago a doce lembrança do seu abraço|Um amor antigo que o tempo não apagou|Olhar doce, olhar atento, |Dois contrastes que encontrei em seus olhos |Procurando pelos meus|A saudades de você me enlouquece|Seu beijo ainda me aquece|Como todos os enganos são partes do viver...LIA

 **LIA** 21:56:13
fala com
NaVarandaDasIlusõesH

 **NaVarandaDasIlusõesH** 21:58:45 “Balada dos Casais...Os casais são tão iguais,...por

fala com LIA

isto se casam...e anunciam nos jornais.///Os casais são tão iguais,...por isto se beijam...fazem filhos, se separam...prometendo...não se casarem jamais.///Os casais são tão iguais,...que além de trocar fraldas,...tirar fotos, acabam se tornando...avós e pais.///Os casais são tão iguais,...que se amam e se insultam...e se matam na realidade...e nos filmes policiais./// Os casais são tão iguais,...que embora jurem um ao outro...amor eterno...sempre querem mais”. (Affonso Romano Sant’Anna

Aqui recupero o conceito de Filho (2004), o qual atribui ao espaço das salas o lugar do namoro. É, sem dúvida, um espaço onde todas as manifestações verbais de assédio ou sedução podem ocorrer, até mesmo versos como os acima, que em um formato poético trazem situações do cotidiano (fraldas, filmes policiais). Por essa razão, o espaço remete às coisas do mundo externo. “Sexual experience, like other human experience, is communicated and made meaningful by codes and conventions of signification”, é o que assinalam os estudiosos Cameron; Kulick (2003:15), ao voltarem os seus olhares para a construção discursiva da sexualidade, mediada na nossa sociedade, fazendo minhas as palavras deles. Nesta pesquisa, que mostra que a linguagem constrói as nossas experiências, a predominância da sexualidade nas narrativas mostrou que isto, mais do que uma prática comum no cotidiano das pessoas, passa a ser uma obsessão constante, haja vista a multiplicidade de identidades forjadas que performatizam os gêneros naquilo em que os destaca como dotados de força sexual. Como apontam os autores acima “(...) intimacies are poignant examples of how desires may feel private, but are unavoidably shaped through public structures and in public interactions” (2003:115). Por aprendermos no mundo social o que é desejável e quais desejos são proibidos, nada mais compreensível que o meio eletrônico virtual revele práticas compartilhadas as quais, em sua verossimilhança, legitimam os termos das representações.

Para que haja sucesso na visitação do espaço virtual das salas de bate-papo, o uso obsessivo de artifícios relacionados à sexualidade indica que o sexo é performativo (aprendido e apreendido). A respeito disso, Butler (2003:59-60) nos lembra: “(...) o

sexo, já não mais visto como uma ‘verdade’⁴² interior das predisposições e da identidade, é uma significação *performativamente*⁴³ ordenada (e portanto não ‘é’⁴⁴ pura e simplesmente) uma significação que, liberta da interioridade e da superfície naturalizadas, pode ocasionar a proliferação parodística e o jogo subversivo dos significados de gênero”.

No espaço analisado por este estudo, as *personae* masculinas interagem com as *personae* femininas através de diferenciais com grande apelo sexual, *desempenhando*, mais do que *sendo*, os gêneros. As identidades que se constroem por conta deste recurso corroboram esta afirmação. É o que veremos no capítulo a seguir.

⁴² Grifo da autora.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Ibidem.

IV. DADOS E IDENTIDADE

Tendo como base o capítulo III na primeira parte, no qual discorro sobre o conceito de identidade, proponho-me agora trazer os dados colhidos sob a ótica da identidade. Aqui volto a ressaltar que, apesar de empregar o termo identidade por todo o estudo, o conceito que faço uso é o de identificação (Hall, 2000) por ser um processo e, não algo inato aos seres humanos. As transações realizadas no ambiente da sala de bate-papo são ancoradas nas identidades aí criadas, pautadas por certas regras sociais, compartilhando, pela linguagem veiculada, as experiências trazidas para a virtualidade, a qual é facilitada por algumas características apontadas por Torres, ao analisar conversas ao telefone. São elas: “o recurso do anonimato (no limite sempre relativo) devido à ausência de visibilidade, à separação espacial e à permanência em um ambiente fechado (no espaço privado ou local de trabalho) e nunca na rua.” (1990:29). Pelo fato de que a língua consiste de uma ‘força ilocucionária’⁴⁵ e não de uma locução simples, devido às circunstâncias que a produzem, neste espaço, esta característica torna possível a total liberdade em construir a identidade que se quiser e, a de desconstruí-la a qualquer momento.

Na verdade, a pós-modernidade se destaca pelo acentuado uso dos meios de comunicação e das relações que esses usos mediam, marcando, dentre outras “la máscara como identidad, que es un ir y venir entre construcciones y deconstrucciones de un yo, un otro y un nosotros”, como diz Raad (2004). Outro autor, que denomina ‘não-lugares’ os lugares transitórios e nomeia este tempo em que vivemos de supermodernidade, também analisa o anonimato das identidades que aí transitam:

Sem dúvida, mesmo o relativo anonimato que diz respeito a cada identidade provisória pode ser sentido como uma libertação por aqueles que, por um tempo, não têm mais que manter seu nível, ficar no seu lugar, cuidar da aparência (Augé, 1994:93).

O espaço virtual é circunstancial para a fácil construção de novas identidades, pois favorece a desidentificação passageira ao se optar por ser uma *persona* que define quem o usuário é ou está sendo naquele momento, numa interação que desperte interesse mútuo entre os usuários, possível apenas pelos *nicks* identificadores. É como se houvesse uma espécie de contrato, já que há certas condições para visitar os *sites*, e

⁴⁵ Para mais informação sobre força ilocucionária ver Bruner (1986:65).

que as assinaturas desse contrato fossem os *nicks*. Neste espaço, travam-se relações somente através da manifestação lingüística na tela do computador, posto que é a linguagem que desenrola tudo o que constitui as identidades projetadas.

No capítulo III, abordei alguns exemplos da minha análise mas, é a seguir, que passarei a analisar curtas e longas interações, tendo em mente as identidades construídas nesse espaço. Começamos com a narrativa de uma usuária que se nomeia **Rosinh@ 57** durante um período inteiro de conexão, 40', ao longo do qual ela muda de parceiro virtual 4 vezes. Ela atua no espaço *aberto* enquanto que somente o último usuário compartilha desse espaço; por isso temos quase que somente suas respostas e perguntas. É necessário mencionar que, esta interação foi colhida da tela *coletiva*, a tela a que todos têm acesso, e, não, das interações que eu, como *persona* masculina, mantive; a razão para incluí-la neste trabalho deu-se pelo fato de prover-me com dados substanciais para a minha análise. Decidi manter as formas tipográficas originais, assim como, erros de ortografia. Relato o trecho inteiro para não interromper a seqüência:

22:03:27 – **ROSINH@-57** entrou na sala.

22:06:15 – **ROSINH@-57** fala para **todos**: Olá algué está livre pra tc?

22:06:25 - **TOTO** fala para **ROSINH@-57**: EU TC DE MINAS GERAIS.VC TEM 57 MESMO.

22:06:45 - **TOTO** fala para **ROSINH@-57**: OI

22:07:33 - **ROSINH@-57** fala para **todos**: TOTO. tenho sim57

22:11:16 - **TOTO** fala para **ROSINH@-57**: POXA E ENTÃO CADE VOCE.

22:12:43 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: sem problemas!!!!!! mas eu sou casada mesmo!!!

22:14:00 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: e vc e solteiro??

22:14:50 - **ROSINH@-57** fala para **estou a leilao h**: ESTOU AQUI!!!!!!

22:15:31 - **ROSINH@-57** fala para **estou a leilao h**: ANOTEI SIM!!

22:17:08 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: SOU CASADA HÁ 38 ANOS!!!!!!MAS EU LEVO DO JEITO QUE DÁ!!!

22:17:53 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: COMO ASSIM VC NÃO ME CONHECE??

22:19:23 - **ROSINH@-57** fala para **estou a leilao h**: CASADA!!!!

22:20:16 - **ROSINH@-57** fala para **estou a leilao h**: TENHO UM FILHO SOLTEIRO QUE MORA CONOSCO

22:21:22 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: VC SE ATRASOU PARA QUE ??

22:22:33 - **ROSINH@-57** manda beijo para **sozinho**: PRECISO SAIR!!!!!!

22:22:52 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: BEIJOSSSSSSSS

22:23:44 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: QUEM SABE??

22:23:53 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: VC TEM MSN??

22:24:59 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: VC ESTA DEMORANDO MUITO PARA RESPONDER RSRS

22:26:03 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: analuiza57@hotmail.com

22:27:00 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: vc anotou!!!!

22:27:28 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: qtos anos vc tem???

22:28:08 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: ele quem!!!!!!!!???????

22:28:20 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: não entendo vc???????

22:28:40 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: QUEM LIGAR??

22:28:55 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: TA BOMM!

22:29:06 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: ME CONTA SUA IADE!!

22:29:46 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: PODE CONTAR!!!

22:29:54 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: SEM PROBLEMAS

22:30:08 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: AMIZADE NÃO TEM IDADE

22:30:30 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: ESTOU SAINDO!!!! BEIJOSSSSSSSSS

22:30:32 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Sou mais velho que você

22:30:58 - **ROSINH@-57** fala para **sozinho**: AMIGAS NÃO TEM IDADE!!!!!!

22:31:26 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: OIIIIIII

22:31:53 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: TUDO BEM ???

22:32:12 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: VC TC DE ONDE??

22:32:37 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: tudo.De onde tc.'Posso saber.Eu tec.de Ribeirão Preto

22:32:50 - **ROSINH@-57** fala para **chagas**: DESCULPE MAS ESTOU TC OBRIGADA BEIJO

22:32:50 - **ROSINH@-57** fala para **chagas**: DESCULPE MAS ESTOU TC OBRIGADA BEIJO

22:33:38 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: ESTOU EM CAÇAPAVA VALE DO PARAIBA INTERIOR SEDE SP

22:34:15 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Sei caminho para o rio.Posso saber como você é?(risos

22:34:51 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: SOU UMA MULHER BEM CONSERVADA PARA A MINHA IDADE!!!!

22:35:30 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: E VC???

22:37:31 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: anotou??

22:38:06 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Perfeitamente, mas, vamos conhecer nossos tipos, você não acha?meu anjinho

22:39:05 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: sou morena clara!!! cabelos e olhos castanhos 1,53 64 k

22:39:24 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: sou bem conservada

22:39:42 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: frequento academia

22:39:54 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: sou super vaidosa

22:40:31 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Solt.cas,vi.?Sou moreno claro, cabelos grisalhos,1,65 alt. 65k. não faço nada.O que faz você.?

22:40:45 - **Sissi** fala para **ROSINH@-57**: ISSO MESMO ROSINHA, VAMOS MALHAR, VAMOS MALHAR, PRA FICAR BEM GOSTOSONAR

22:41:26 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Vamos para o reservado, meu anjinho

22:43:52 - **ROSINH@-57** saiu da sala.

Através de sua narrativa, **ROSINH@-57** mostrou-se preocupada em enfatizar que, embora tivesse 57 anos e ser casada, ‘freqüentava a academia, era bem conservada’, preenchendo os requisitos para ser aceita no espaço da sedução. Fez uso das representações de um modelo jovem, enquanto ia montando uma identidade de mulher moderna, por estar não só freqüentando a academia – que a moldará para atrair pretendentes,- como também as salas da Internet – que representa o auge da atualização. Isso nos remonta à identidade social (Capelatto, 2005) mencionada anteriormente ⁴⁶, pois, o que é importante para a *persona* **ROSINH@-57** é ser reconhecida nesse espaço.

Também segundo Bakhtin (2002:125): “Só se pode falar de formulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias”. O autor está falando das enunciações que se adequam ao receptor e ao falante em face de um espaço propício para sua produção. No caso da *persona* **ROSINH@-57** percebe-se que ela está seguindo uma série de fórmulas para produzir a sua identidade seguindo a receita para poder ocupar esse espaço. Ou seja, as suas falas a ‘performatizam’ como um modelo louvado pela sociedade, para o que Silva (2000:96-7) assinala: “A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica (...), podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo”.

Isto lhe confere poder uma vez que é ela quem conduz as interações pelo tempo que quer numa espécie de estratégia de subversão de que fala Bhabha (1998:101), pois manipula sua própria representação. Exercida além dos limites, essa forma de poder

⁴⁶ Ver capítulo O Espaço e a Identidade.

outorgada a ROSINH@-57, se esconde atrás da imagem que sua fala veicula, oscilando entre a legitimação de ser uma *persona* casada e uma moderna frequentadora das salas virtuais.

Curioso notar que, na grande parte do tempo, ela expressou-se através de letras maiúsculas e repetidos acentos de exclamação e interrogação, como se estivesse gritando, reforçando representações importantes: CASADA!!!! Na verdade, ao dizer-se casada e com um filho SOLTEIRO QUE MORA CONOSCO (ela e o marido), usa o casamento, instituição respeitável, como escudo protetor, que a absolve porque ela está no espaço da ‘paquera’. Também faz menção à AMIZADE como um nobre sentimento que, novamente representa algo ingênuo e sincero: AMIZADE NÃO TEM IDADE. Ao mesmo tempo, ela atreve-se a se tornar uma pretendente à paquera com a abertura que dá ao fornecer seu e-mail e ao descrever-se como ‘sou morena clara!!! cabelos e olhos castanhos 1,53 64 k’, assim como em insistir em saber a idade do parceiro. Isto nos remete ao que Bakhtin chama de “valor apreciativo, isto é quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem sentido apreciativo, não há palavra” (2002:132).

Como não há a *entoação expressiva* (ibid.) contida no valor apreciativo no espaço virtual, a *persona* a que me refiro abusa dos símbolos tipográficos para enfatizar suas falas e expressar suas emoções. Assim, sua narrativa leva o parceiro a julgá-la com todos os atributos descritos acima, através de proposições mais do que descritivas. Afinal, suas medidas são de modelo, sua ênfase no ‘morena clara’ remete a outros sentidos (aqueles que a sociedade louva), e sua intenção é ‘apenas fazer amigos’. Bakhtin (ibid.) aborda o fato de que a enunciação é socialmente dirigida, não acontecendo isoladamente pura de intenções. As circunstâncias, o receptor e o enunciador determinam a enunciação. Ele diz: “Assim, encontram-se tipos particulares de fórmulas estereotipadas servindo às necessidades da conversa de salão, fútil e que não cria nenhuma obrigação” (ibid.). Nesta situação totalmente criada a partir somente da linguagem, todos os apelos enunciativos que se fizerem conduzem à construção imaginária das identidades interativas.

No caso da *persona* ROSINH@-57, os estereótipos que ela usa são associados aos valores que a sociedade aplaude e incentiva que, por isso, determinam os aspectos performativos de uma identidade que ela constrói no pouco tempo em que está na sala e na intensa interação com 4 usuários: ‘uma jovem senhora moderna e atraente, cuja

pergunta), é importante ter a informação do estado civil do parceiro. Com isso ela alimenta a sua narrativa e, para justificar o porquê da presença dela nas salas apesar de casada, ela atribui ao fracasso do seu casamento:

(10:33:46) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: na rede municipal...vc é casado?
 (10:34:09) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Sou separado. 2 filhos. E vc?
 (10:34:31) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: infelizmente casada..tb tenho um casal de filhos, lindos

A isto **sau** reage e busca explicações:

(10:34:58) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: vc mora só?
 (10:35:04) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Pq INFELIZMENTE?? Ou pq CASADA??
 (10:35:19) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: infelizmente sou casada...
 (10:36:08) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Você ESTÁ casada. Pode mudar isso, não?
 (10:36:36) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ã é tão simples assim...temos muitas coisas e comum
 (10:36:57) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: acredito que separação é algo muito dolorido[[
 (10:37:16) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: mas uma mulher tão jovem tem que procurar ser feliz, não?
 (10:37:37) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: temo ser egoísta...assim pensaria só em mim
 (10:37:55) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: mas será que está bom p/ ele?
 (10:38:25) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: acho que o faço feliz...tentei uma vz e foi traumatico

A partir deste momento as narrativas da *persona* Bonita@32 se assemelham a divagações através das quais ela reflete sobre a relação com o marido, fazendo da interação virtual uma espécie de confidência:

(10:38:48) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: onde está ele agora num sábado à noite??
 (10:39:21) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: dormindo..chegamos a pouco de um sitio..passamos o dia la em um aniversario e ele bebeu um pouco a mais
 (10:39:28) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: vc mora só?

Pelas perguntas à *persona sau* percebe-se que ela vai articulando a identidade do parceiro, ao mesmo tempo em que divaga sobre sua relação. A *persona sau* tem que interferir para conduzir a investigação para esta pesquisa:

(10:41:30) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: particularmente ã gosto....e o que vc um homem separado em casa uma hora dessa?

(10:42:20) **sau** fala para (*reservadamente*) **Bonyt@,32**: Já sai. Fui ao clube. vc me parece triste c/ inveja de quem mora só.

(10:42:54) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: desculpa..mas ã estou numa fase boa...gostaria de ter meu espaço

(10:43:11) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: ouvir minhas musicas...sair só..conhecer gente

Interessante é notar que nesta parte da interação, Bonita@32 aproveita a oportunidade de revelar segredos íntimos mais do que se preocupa em saber do parceiro com quem interage. Quando se dá conta disso, recupera a conversa indagando do estado civil, tempo de separação, etc.

(10:43:33) **sau** fala para (*reservadamente*) **Bonyt@,32**: sábado não é a melhor noite. É a pior!Qtos anos casada?

(10:43:58) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: 14..casei me com 17 anos...

(10:44:10) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: vc faz tempo que é casado?

(10:44:19) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: separado?

Na seqüência onde suprimi as falas de **sau**, Bonita@32 busca saber mais sobre o parceiro com perguntas cujas respostas servem de referência para que o parceiro seja ou não um candidato a pretendente. Seguem suas perguntas:

(10:45:47) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: deve ser bom demais...namora bastante?

(10:52:42) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: vc costuma sair a noite?

(10:53:30) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: as vzs...de que tipo de diversão gosta?

(10:54:13) **Bonyt@,32** fala para (*reservadamente*) **sau**: gosta de dançar?

Ao ser perguntada sobre a pessoa que conheceu na Internet, a *persona* Bonita@32 alega que o fato de ser bem mais velho não afetou a relação, a qual ela atribui como tendo sido a fase melhor de sua vida:

(10:58:53) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: vc já saiu c/ alguém das salas?

(10:59:05) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ã vou mentir

(10:59:22) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: tive um lindo relacionamento a uns dois anos atras

(10:59:23) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: que tal?

(10:59:49) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: foi maravilhoso..me descobri como mulher de verdade

(11:00:01) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: mas a pessoa era da sala de batepapo?

(11:00:30) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: sim...trocamos email..depois tel..e acabou rolando ficamos um ano juntos

Ao passar da fase da interação virtual para a troca de e-mail, passando para o telefone e culminando com o encontro face-a-face, nos remetemos ao conceito ‘remediation’ (Bolter; Grusin, 2000) que sobrepõe uma mídia sobre a outra. Com isso, há uma volta ao início da relação a cada vez que muda de recurso. Explico como: na passagem da interação virtual entre duas *personae* com *nicks* para a interação via e-mail, acopla-se o provedor, muitas vezes o sobrenome e/ou nome; da hipervirtualidade passa-se para um referencial mesmo que seja somente via e-mail. Do e-mail para a obtenção do número do telefone, temos não só o enquadramento da linha que indica a localização (cidade, bairro), pertencente à, então, ‘pessoa’, não mais *persona*. A voz passa a ter importância vital para esta interação, uma vez que do imaginário (virtual), há um fator quasi-presencial. Deste então para a etapa final do conhecimento dos parceiros, que é a do encontro face-a-face.

Em cada etapa da interação, digo que tudo recomeça, porque se houve a construção de identidade nas narrativas da sala através de informações tecladas, no e-mail, a informação passa a ser institucional. Daí para o telefone, mais restrições delineiam a identidade de quem os parceiros construíram no imaginário. Finalmente, na presença um do outro, todas essas preliminares criações da imaginação vão por terra. É neste momento que a maioria das interações virtuais se reduzem a nada.

Porém, quando acontece o reverso como no caso da história que a *persona* Bonita@32 narra, instaura-se uma nova relação desfazendo todas as variáveis que cercaram as interações anteriores: imaginação da aparência física pelo bate-papo das salas, modo de pensar e investigação mais conduzida pela voz ao telefone. Quando Bonita@32 se apresenta como Elaine, tudo começa do zero. O mesmo acontece com o outro lado. O trecho abaixo prossegue a conversa:

(11:00:42) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: foi a melhor fase da minha vida

(11:00:51) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: e pq acabou?

(11:01:08) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: pouco antes...estavamos em crise...

(11:01:25) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: como a crise passou?

(11:01:43) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ele dizia se apaixonado e queria que me separasse p/ ficarmos juntos...e como ja disse ã acredito em casamento

(11:03:56) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ã..tinha 50 anos

(11:04:08) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: ã gosto de homens jovens

Durante as confidências, **Bonit@,32** volta a sua atenção para **sau** e começa a fantasiar sua identidade. Para isso, precisa fazer uma série de perguntas, cujas respostas lhe levam a outras inferências acerca de ‘como’ deve ser o **sau**:

(11:11:58) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: vc é bonito?

(11:12:34) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: sou magro, 1.76, cabelos já um pouco grisalhos e olhos esverdeados- um tipo comum.

(11:13:10) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: deve ser bem charmoso..acho homem grisalho lindo..usa barba ou bigode

(11:14:23) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: fuma ou bebe?

11:17:48) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: tenho 167, 62k, pele clara. olhos castanhos, uso cabelos curtos com reflexos louros, labios carnudos

(11:25:51) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: vc é machista né?

(11:26:25) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Pareço machista?

(11:27:50) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: um dos motivos de eu gostar de homens mais velhos é que penso que vcs tem um charme especial p/ com a mulher

(11:28:29) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: jamais vou p/ cama se ã rolar uma quimica boa, apesar de ser louca por cama..rs

(11:29:38) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: sedutores..em geral vcs são demais na arte da sedução

(11:41:32) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: posso saber seu nome?

(11:41:50) **sau** fala para (reservadamente) **Bonyt@,32**: Sim. Plínio. E o seu?

(11:42:06) **Bonyt@,32** fala para (reservadamente) **sau**: Elaine..muito prazer..estou adorando tc com vc

Inevitavelmente, tal interação culmina sempre com as perguntas ansiosas de ‘nome real’, e-mail, número de telefone, etc. Perante o impenetrável mundo virtual, busca-se a segurança do mundo real. A relação até então virtual, calcada sobre o imaginário das identidades com *nicks* performativos que apelam para a sensualidade de cada *persona*, subitamente transforma-se em algo mais susceptível de verossimilhança, pois que de *persona* passa-se a *login*, pertencente a um provedor ou instituição, e, por esse motivo, fadado ao fracasso. É essa a minha intenção quando digo que, ao tentarem essa ‘remediação’, se começa da estaca zero. O e-mail ou o ICQ ou o Messenger, por fazerem uso de *logins* ou fotos, não fazem parte da mesma condição do espaço das salas de bate-papo virtuais, haja vista a questão do tempo real que não é condição sine-qua-non dos outros meios. Um outro exemplo da sobreposição de uma mídia sobre a outra, ou *remediation* nas palavras de Bolter; Grusin (2000), é uma espécie de mural de recados que observei no início desta pesquisa. Neste, as *personae* deixam recados para outra *persona* com quem interagiram, num outro dia ou horário, sem certeza de que serão lidos por estas, já que podem ser acessados por qualquer um. Segue abaixo um recorte desse mural:

MENSAGENS NO MURAL DE RECADOS (fica por uma semana)

Para: gato especial

De: morena carente

Data: 19/06/2003 04:09

amor; como nao tenho seu email e nem vc o meu deixarei recado para vc no mural adorei nosso encontro foi maravilhoso,vc e mesmo ESPECIAL te adoro como vc mesmo disse longe dos olhos mas perto do coração beijao

Para: O moço silencioso

De: Uma certa mulher

Data: 25/06/2003 07:17

Não te encontrei. Talvez nem venha até o mural, não sei. Pena não ter te dado meu mail, não ter pego o seu... das vezes que vivi por essa Net, poucos homens me atraíram tanto quanto você. E, ainda que me decifre, vou devorá-lo.

Para: .

De: mariana

Data: 24/06/2003 01:26

Ontem te amava... Hoje vou juntando tudo o que fez pra mim e imaginando o que ainda pode me magoar mais. Desisto. É melhor que não venha. Fique com sua vida e mulheres. Seja feliz.

Para: SÓ EU (H)

De: Loba Solitária

Data: 23/06/2003 12:43

Não me escondo, mas você tem o meu e-mail e não usa para mararmos nada, o seu e-mail está inativo. Apesar que pelo que li (sem querer) no mural você não precisa de minha companhia. Beijos e até qualquer dia.

Para: falha genética

De: Bruxa

Data: 20/06/2003 07:10

Cadê vc?... Foi pro mar prá não voltar nunca mais mesmo? Só tem gente chata... Aparece vai?! Afinal, o primeiro contato virtual a gente nunca esquece! rs Beijos!

Para: HquerRealSP

De: DESCASADA SP

Data: 19/06/2003 02:41

Não entendi a sua sumida..... não vi motivos aparentes.

Para: beto/46/sbc

De: LEILA

Data: 19/06/2003 12:12

Pena vc ter sumido. Se quiser continuar nosso papo, deixe um recado aqui.... beijos

Apesar da virtualidade do espaço, nota-se o tom de lamúria na cobrança de uma 'fidelidade virtual' como num outro relacionamento compromissado, transgredindo toda a virtualidade que havia até o momento em que houve a interação: do que era efêmero, as *personae* mulheres passam a exigir continuidade; do que era virtual, elas passam a exigir o real; do que parecia tão somente estar destinado a alguns momentos de diversão

virtual, criam-se expectativas para um relacionamento convencional. Devo enfatizar que, estas conclusões baseiam-se apenas em cima deste dado; não busquei continuar nenhuma interação por não ser o objeto deste estudo.

No trecho a seguir a *persona* FLAVIA insiste em obter a identidade real de **sauê**, através de outros recursos midiáticos:

(11:13:01) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : o que faz profissionalmente?
(11:13:12) sauê <i>fala para Flavia</i> : Sou professor de inglês. Já te falei antes.j
(11:13:31) sauê <i>fala para Flavia</i> : E vc? O que faz?
(11:13:45) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : trab. no fórum
(11:14:06) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : qual o seu nome?
(11:15:23) sauê <i>fala para Flavia</i> : Saulo e o seu?Flavia?
(11:15:38) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : não Tereza
(11:15:48) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : vc tem msn?
(11:16:12) sauê <i>fala para Flavia</i> : Não tenho MSN. Para quê?

Ela segue insistindo e justificando sua preferência pelas vantagens oferecidas, o que confirma os conceitos de Bolter; Grusin (2000):

(11:16:46) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : se tivesse poderíamos conversar melhor
(11:17:02) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : tem icq?
(11:17:29) sauê <i>fala para Flavia</i> : tb não. Que diferença faz?
(11:18:50) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : seria melhor poderia mandar minha foto vc tem ?
(11:19:16) sauê (<i>reservadamente</i>) <i>pergunta para Flavia</i> : pelo e-mail?
(11:19:33) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : demora mais
(11:19:54) Flavia (<i>reservadamente</i>) <i>fala para sauê</i> : vc tem foto?

Mais adiante sua narrativa revela a sua preocupação em ‘identificar com quem está falando’, como se o espaço virtual oferecesse quaisquer garantias:

(11:27:13) **Flavia** (*reservadamente*) fala para **sauê**: assim fico sabendo com quem estou falando

(11:27:30) **Flavia** (*reservadamente*) fala para **sauê**: por isto é melhor ver a foto primeiro

No final desta interação a *persona* **carinhosa total** envia o seu e-mail para a continuidade da interação em outra mídia:

11:46:07) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: rprpoderosa@hotmail.com

(11:46:12) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: ME ESCREVE

Outros exemplos de busca de continuidade da relação virtual no espaço externo à tela do computador:

Solamente una vez.M 22:52:36

reservadamente fala com rui

Solamente una vez.M 22:52:55

reservadamente fala com rui

raramente, mas vou te dar meu e-mail....quando vc baixar é só me incluir

vlp48@hotmail.com

(23:54:59) **Luar 4.5** (*reservadamente sorri para leot*): Digo pra ganhar mais...

(23:55:31) **Luar 4.5** (*reservadamente sorri para leot*): vc vai escrever pra mim?

(23:56:51) **Luar 4.5** (*reservadamente sorri para leot*): caiu novamente?

(23:56:52) **leot** (*reservadamente fala para Luar 4.5*): Vou. deixe-me o seu e-mail. Está realmente tarde. É melhor ir dormir.

Essa tentativa de alternância da mídia usada trouxe-me questionamentos a respeito da franca intenção da *persona* atrás da tela do computador; a cálida recepção das *personae* femininas que sempre obtive na comunidade virtual das salas, o *pedaço* da interação anônima, não estaria ocultando a procura de companhia que a mulher de hoje, na sua auto-suficiência, busca no parceiro virtual, seu parceiro moldado, transformado, idealizado, enfim, perdido talvez no seu espaço privado? E que, caso isso não se concretizasse, nenhuma consequência haveria já que tudo o que se constrói naquela interação pode ser inexistente, momentos após? E, por último, poderíamos perguntar então, se essa insegurança de ‘não poder contar com nada’, não traduziria, na verdade,

uma grande segurança, na medida em que o espaço permite a total irresponsabilidade de se dizer o que quer, como quer, para quem se quer, por meio de uma identidade criada atrás de um *nick* que assegura o completo anonimato? Como defende Crystal (2001), o espaço das salas de bate-papo é o pioneiro pelas vantagens que o diferenciam de outros espaços virtuais.

Seguem abaixo mais exemplos de assuntos recorrentes no que dizem respeito a um desabafo de intimidade:

23:40:35 - mulher50 fala para todos: me acomodei. Toda relação cai na rotina .
Eu penso que a vida não é só T.... Existe carinho e respeito

Outra *persona*, da mesma forma que a da narrativa anterior, começa a interação com as mesmas perguntas preliminares cadastrais para não haver perda de tempo na escolha do parceiro virtual daquele dia:

(11:47:59) **MARTHA SP** (*reservadamente*) fala para **leo**: Oi

(11:48:47) **leo** fala para **MARTHA SP**: De onde tc?

(11:49:07) **MARTHA SP** (*reservadamente*) fala para **leo**: Zn SP e vc ?

(11:49:33) **leo** fala para **MARTHA SP**: SANTANA. estamos perto

(11:49:54) **MARTHA SP** (*reservadamente*) fala para **leo**: Q idade vc tem

(11:57:44) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: Qtos anos vc tem?

(11:57:56) **MARTHA SP** fala para **leo**: Mais para a av Mazzei

(11:58:25) **MARTHA SP** (*reservadamente*) fala para **leo**: Eu tenho 47a.....

11:59:24) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: a mma idade minha. vc é casada?

(11:59:42) **MARTHA SP** (*reservadamente*) fala para **leo**: Separada e VC

(12:00:07) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: S

(12:00:23) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: Separado. 2 filhos.

(12:00:37) **leo** (*reservadamente*) fala para **MARTHA SP**: O que faz?

(12:01:01) **MARTHA SP** (*reservadamente*) fala para **leo**: exerço a profissão d educadora

(12:01:19) **leo** (*reservadamente*) *fala para* **MARTHA SP**: Em escola pública?

Nota-se como a *persona* MARTHA SP é ágil e objetiva nas suas perguntas:

(12:04:44) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: Dois filhos solteiros.....

(12:04:57) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: e os seus q idade ?

(12:05:42) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: Eles moram com vc ?

(12:06:31) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: Q signo vc é..... curiosidade

(12:06:49) **leo** (*reservadamente*) *fala para* **MARTHA SP**: Touro e vc?

(12:07:04) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: leão

(12:07:53) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: Éu tb tenho medo d touro

(12:08:17) **leo** (*reservadamente*) *fala para* **MARTHA SP**: Bem, são 2 animais bem fortinhos.....

Quando **leo** direciona as perguntas de praxe para esta pesquisa, ou seja, o porquê da visitação deste espaço, a *persona* **MARTHA SP** confirma que, aqui, buscou companhia ao mesmo tempo em que concorda que falta algo, ‘a química’, ou seja, o encontro presencial, para que possa haver sucesso na relação. É como se, a própria razão da existência do espaço o anulasse:

(12:08:44) **leo** (*reservadamente*) *fala para* **MARTHA SP**: Vc sempre visita as salas???

(12:08:56) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: s vezes entro um pouco, qndo vou responder aos meus e mails

(12:09:03) **leo** (*reservadamente*) *fala para* **MARTHA SP**: vc já saiu c/ alguém das salas?

(12:09:31) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: Já conheci uns tês caras

(12:09:43) **leo** (*reservadamente*) *fala para* **MARTHA SP**: Vc acha que esses encontros virtuais qdo se tornam reais dão certo?c

(12:10:22) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para* **leo**: Até pode

acontecer d dar certo sim

(12:10:33) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* e vc o que acha ?

(12:11:39) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP:* Acho que as pessoas fantasiam muito. Vc conheceu os 3 caras de verdade? Como foi?

(12:12:24) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* Não deu certo mesmo

(12:13:25) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* Eu quero alguém para compartilhar amor, amizade, e a química o essencial

A destreza da *persona* MARTHA SP não parece permitir uma pequena demora na resposta, fato que ela atribui, irritadamente, a uma ‘traição de **leo**’ que, na sua opinião deve estar teclando com outras *personae*:

12:13:48) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* E vc me parece ocupado com outra pessoa....

(12:14:48) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP:* Sou lerdo mesmo.

(12:15:13) **MARTHA SP** *fala para leo:* Até a pouco vc não era lerdo

o que ela volta a recriminar:

(12:18:09) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* E vc a conheceu ?

(12:18:23) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP:* Conheceu quem?

12:18:53) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* já conheceu ? pessoas hora.... se vc está ocupado fala cara

A interação continua com perguntas a **leo**, para saber se também tinha saído com alguém das salas:

(12:15:49) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP:* Pq não deu certo sair com os caras?

12:16:14) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo:* Pq não rolou a química

(12:17:25) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Será que é por isso que as pessoas usam as salas da Internet? Para fantasiar muito e qdo encontram se decepcionam?

(12:19:52) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: conheci uma mulher muito legal que não ficava na cobrança.

(12:20:29) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: E dai

(12:20:40) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: durou pouco.

(12:20:42) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Pq não ficou com ela ?

(12:20:56) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Pq era casada

(12:21:08) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Q tipo d cobrança ?

Houve uma intervenção masculina de **leo**, neste momento, que tinha que ‘bancar o durão’ com tanta insistência e desconfiança da *persona* MARTHA SP sobre a demora da resposta.⁴⁷:

(12:21:58) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: essa sua por ex., No começo vc estava lerdissima, agora quer correr...

(12:22:29) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: E pq vc ficou lerdo demais ?

As respostas desencontradas começam a prejudicar a fluidez da interação:

(12:22:35) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Não quero casadas. Quero alguém para poder realmente sair

(12:22:56) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Lerdo pq agora as frases estão bem mais longas...

(12:23:14) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: e M casada não pode sair ?

12:25:08) **MARTHA SP** (*reservadamente*) *fala para leo*: Vc arrumaria outra M casada ?

(12:25:26) **leo** (*reservadamente*) *fala para MARTHA SP*: Pq

⁴⁷ Para mais informações sobre o problema da demora nas salas virtuais, ver parte II, capítulo Metodologia/Problemas.

defende as casadas?Vc é casada?

(12:26:05) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Não sou, e nem defendo, mas pergunto....

(12:26:37) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Estou separada... felizmente

Novamente, a interação é conduzida para finalidades confidentes como nas narrativas já apresentadas:

(12:28:17) **leo** (reservadamente) fala para **MARTHA SP**: Sim. Mas o seu casamento era muito infeliz?

(12:28:29) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Mas para Q... viver com uma pessoa só por aparências

(12:28:46) **leo** (reservadamente) fala para **MARTHA SP**: Qto tempo casada?

(12:29:18) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: 25a..... e o seu ?

12:30:54) **leo** (reservadamente) fala para **MARTHA SP**: Vc teve outra pessoa depois?

(12:31:30) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Sim .. por três anos e vc já ?

No próximo trecho, MARTHA SP se encanta com o nome 'real' que **leo** lhe diz ter, dando asas à sua imaginação pela conotação que o nome Saulo lhe possa trazer:

(12:33:34) **leo** (reservadamente) fala para **MARTHA SP**: legal. O seu nome é Martha mesmo?

(12:34:11) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Sim e o seu ?

(12:34:26) **leo** (reservadamente) fala para **MARTHA SP**: Saulo

(12:34:43) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Q nome lindooooo

(12:34:26) **leo** (reservadamente) fala para **MARTHA SP**: Saulo

(12:34:43) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Q nome lindooooo

12:36:22) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Eu adorei o seu nome....

(12:36:51) **MARTHA SP** (reservadamente) fala para **leo**: Com quem + vc está a tc?

Na fantasia de **MARTHA SP**, a identidade de **leo** foi sendo articulada pelas informações trocadas e o seu nome ‘real’, Plínio, que ela considera lindo, remeteu a imaginação da *persona* feminina para um modelo que ela trazia do espaço de fora da tela.

Outro exemplo de perguntas preliminares congestionando a interação se encontra no trecho abaixo no qual a *persona* Flavia tenta extrair de **sauê**, o máximo de informação no mínimo tempo possível:

(11:02:26) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: casado?

(11:02:26) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: casado?

11:05:44) **sauê** fala para **Flavia**: mas é casada?

(11:06:08) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: não vc é?

11:07:36) **sauê** fala para **Flavia**: oi... sou separado como já te disse

(11:08:06) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: mora em que bairro?

(11:08:19) **sauê** fala para **Flavia**: Santana e vc é de Santos mesmo?

(11:08:34) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: sim e vc?

(11:08:51) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: qual sua idade?

11:13:01) **Flavia** (reservadamente) fala para **sauê**: o que faz profissionalmente?

São perguntas cadastrais incluindo ou excluindo a *persona* masculina de uma possível interação virtual. Primeiramente, a *persona* Flavia quer ter a certeza de que a outra *persona* se enquadra num modelo de parceiro idealizado segundo os valores sociais que a sociedade premia de acordo com categorias: idade, estado civil, emprego.


No exemplo a seguir, a *persona* ALTAGORDABONITA fornece o máximo de informação que sirva para uma espécie de triagem, evitando assim o inadmissível neste espaço: a perda de tempo.




ALTAGORDABONITA-
00:07:48

CARIOCA, TC DE MINAS, VIÚVA, 39 ANOS,
FONOAUDIÓLOGA...ALG QUER TC?


No trecho abaixo, a *persona* Carina define o objetivo das salas depois de querer saber da aparência de **ruí**:

:21)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Companhia virtual, é mesmo moda...hoje...vc pode ser o que quiser, ou que desejaria ser... estou em casa...

10:18:43)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: Como vc é? 😊

(10:37:22)  **Carina** (*reservadamente*) suspira por **ruí**: Mais frio aqui, porque?

(10:37:22) **ruí** (*reservadamente*) fala para **Carina**: vc acha que nesta salas só dá separados?

10:40:24)  **Carina** (*reservadamente*) fala para **ruí**: é soltar...sem compromisso, sei lá...sem cobranças, falar bobagens...

“O vocabulário, aqui, é essencial, pois tece a trama dos hábitos, educa o olhar, informa a paisagem”, diz Augé, 1994:98), ao se referir aos não-lugares, espaços de passagem, de cujo conceito me aproprio pois se encaixa também nas salas de bate-papo virtual. As palavras, aqui, iludem, idealizam, esculpem tanto a *persona* que se apresenta com um *nick*, como também aquela com quem ela interage. Alguns exemplos:

(23:54:17) **Liana** fala para **VELHO SARADO**: Muito bom saber que sou amada!

Outro exemplo:

(23:02:33) **Delicadinh@** *reservadamente* fala para **Sauê**: entao deve ser bonito! cabelo lisinho...rs

(11:09:02) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: adoro grisalhos....

(11:09:06) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: adoro homens bem vestidos e cheirosos

11:11:51) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: 1,74m

(11:11:57) **carinhosa total** (*reservadamente*) fala para **ruí**: loira de olhos azuis

22:16:56 - **gostoso de sp** fala para **estrela**: quantos anos vc tem??????

(23:02:33) **Delicadinh@** *reservadamente fala para Sauê*: entao deve ser bonito! cabelo lisinho...rs

(11:16:20) **Tati...** *(reservadamente) fala para sauê*: desculpe.... me chamou a atenção o nome Saulo



gab
22:48:19
fala
com rui

sou de porto alegre e gostaria de conversar com um homem de palavras doces

Tanto o espaço é associado a um lugar de multiplicidade de identidades que, quando se quer passar a idéia de veracidade, é preciso enfatizar isto, como na fala abaixo em que a *persona* exulta sua autenticidade como uma virtude. E realmente é o espaço onde tal virtude é a menos esperada:

21:39:31 - MULHER ROMANTICA fala para todos: TC DO RJ, ALGUEM QUERENDO UM PAPO ROMANTICO TENHO 46 ANOS SOU UMA MULHER AUTENTICA

22:50:17 - **chi** *fala para todos*: Alguém para tc comigo sou mulher

22:50:49 - **Molly** *fala para chi*: Boa noite, tb sou mulher, seja bem vinda!

E é também o lugar onde, buscar-se a veracidade das idades ali confessadas, parece ser, no mínimo, inocente. Na fala abaixo, **TOTO** quer ser assegurado dos 57 anos da *persona* ROSINH@-57:

22:06:25 - **TOTO** *fala para ROSINH@-57*: EU TC DE MINAS GERAIS.VC TEM 57 MESMO.

As ironias quanto às idades também estão presentes, quando caio, *persona* da fala presente, assim se manifesta:

35:39 - **caio** *fala para ROSINH@-57*: Tudo bem.Eu tambem sou, tenho 64, meu anjinho, mas estou inteirinho.(risos

Nos trechos abaixo, exemplos da facilidade de como as identidades pleiteadas vão ganhando espaço nesse espaço virtual:

:43:06) **Ruiv@*Perfum@d@** fala para **FLAVIO SP**: vc. que deve ser um gatinho.rsrs

10:41:46) **loira,alta,atraent** fala para **Todos**: boa noite homem solteiro acima 187m

23:22:58 - mulher50 : Psiu!!!! alguém querendo papear? Meu nick não revela minha verdadeira idade, tenho 33 anos e moro em SP Capital zona oeste

23:28:06 - alex fala para mulher50: tenho 1:72 58kg claro,magro

23:28:22 - mulher50 : lindoooooooooooo

23:28:46 - mulher50 : o importante é a essencia

23:29:11 - alex fala para mulher50: e eu acho que pintou uma quimica

23:29:31 - mulher50 : com certeza

23:30:39 - alex fala para DULCE: oi ,como você é?

23:31:07 - mulher50 : o importante é o papo depois pode surgir a energia da sexualidade mas como uma consequência

23:40:35 - mulher50 fala para todos: me acomodei. Toda relação cai na rotina . Eu penso que a vida não é só T.... Existe carinho e respeito

23:41:07 - brutus fala para mulher50: oi mulher tudo bem tenha uma boa noite

23:41:57 - mulher50 fala para brutus: obrigada querido, pra vc tb. Beijão no seu coração

23:43:08 - brutus fala para mulher50: vc è solteira

10:46:04) **FLAVIO SP** (*reservadamente*) fala para **rui**: adorei vc

(01:32:03) **Claudia** (*reservadamente*) *fala para rui*: não entendo de combinações de signos, mas já deu para perceber que Touro e Virgem combinam senão não estaríamos até esta hora tc...

Todas as inferências acerca das identidades imaginadas baseiam-se nas palavras, as quais trazem sentidos já institucionalizados pela sociedade. Por isso, a aceitação da outra *persona* fica tão facilitada. É que o critério de avaliação das pessoas, sob o ponto de vista estético no mundo real, dita a valia das *personae* no mundo virtual, e, se as respostas encaixam a *persona* no perfil ideal, as portas da interação estão abertas. As informações deverão ser as que privilegiam a aparência levando o outro a construir uma imagem positiva de si mesmo:

(10:46:36) **LOIRA CARINHOSA** (*reservadamente*) *fala para rui*: Sou loira, tenho olhos verdes, 1.60, 56 kgs, cabelos loiros lisos compridos.

(11:02:34) **1,75 de moren@** *entra na sala...*

11:15:15) **Libriano51a.SP** *fala para Fernanda****: qtos anos?

11:15:44) **Gore** *fala para (reservadamente) Todos*: Procuo mulher com mais de 65 anos, magra, estilo européia. Há?

Cryka18 : ALGUÉM DE 18 A 24 ANOS?????????????

Isso se dá devido aos valores que a sociedade impinge no consciente coletivo, estabelecidos segundo as visões ideológicas:

(...) particularly when one takes into account the attitude, or ideologically derived evaluation, attached to the category as a whole, give a fairly clear account of how woman and man are thought of by speakers of English. This can be summed up by saying that women are valued positively when they are young, beloved, married, and the producer/ nurturer of children, but negatively when they are sexual, unmarried, verbally aggressive, demanding rights, or aspiring to govern themselves or others. Men are valued negatively when they are either excessively 'masculine', or macho (mostly by women but by some men also), or insufficiently masculine, i.e. effeminate, (stereotypically) homosexual. Otherwise they are mostly valued positively. (Poynton, 1989:52)

Na interação abaixo entre **ROSINHA@57** e **caio**, este insiste para que ela descreva o seu tipo físico, após o qual, ele completa com sua informação. Observe-se que antes disso, a interação parecia não começar. Há uma busca desenfreada para obter informações sobre a aparência física mais do que qualquer outra informação, pois, neste espaço, o que tem valia é como a *persona* é, ou melhor, como ela se faz ser.

22:36:32 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Você não disse como é?Estou esperando.(risos)

22:38:06 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Perfeitamente, mas, vamos conhecer nossos tipos, você não acha?meu anjinho

22:39:05 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: sou morena clara!!! cabelos e olhos castanhos 1,53 64 k

22:39:24 - **ROSINH@-57** fala para **caio**: sou bem conservada

22:40:31 - **caio** fala para **ROSINH@-57**: Solt.cas,vi.?Sou moreno claro, cabelos grisalhos,1,65 alt. 65k. não faço nada.O que faz você.?

Seguem mais exemplos:

22:40:25 - **baixinha** fala para **Rui** em Reservado: morena clara cbelos pretos olhos preto 1.52 de alt 50 kg

23:23:05 - CLARA-SP fala para rui em Reservado: sou morena clara, olhos e cabelos castanhos, tenho, 1,64, 64 kl, e vc. como é?

Na conversa abaixo, **alex** aceita o convite da outra *persona* e diretamente se auto-descreve, o que arranca da *persona* **mulher50** um rasgado elogio, revelando o seu padrão de beleza masculina o que o torna um forte candidato para a interação.

23:22:58 - mulher50 : Psiu!!!! alguém querendo papear? Meu nick não revela minha verdadeira idade, tenho 33 anos e moro em SP Capital zona oeste

23:28:06 - alex fala para mulher50: tenho 1:72 58kg claro,magro

23:28:22 - mulher50 : lindoooooooooooo

Nos trechos abaixo,as *personae* femininas, mostram-se generosas nas descrições que fazem de si próprias:

23:33:31 - ane fala para todos: Eu tenho 1m e58cm,50 quilos,corpo de uma de 25 anos.,pele morena clara cabelos ondulados castannho(tintura),

23:23:39 - ANNE fala para rui em Reservado: sou morena clara, cabelos e olhoscastanhos.,1.70 de altura,70kls

22:07:33 - **rosa57** fala para todos: TOTO. tenho sim57

(11:45:28) **dama da noite** (reservadamente) fala para rui: sou morena olhos verdes cabelos cacheado 51 k 1.51 altura

Os referenciais usados foram os de padrões de beleza conceituados (olhos verdes, morena clara, corpo de ‘uma’ de 25 anos) portanto, pressupondo não só a aceitação de interação das salas, como também, tornando as *personae* femininas sedutoras e atraentes como satisfaria às *personae* masculinas.

Outro indicativo de que a aparência física é sempre o procedimento de praxe no espaço percebe-se, quando o usuário tenta estabelecer outros requisitos que não os físicos e, para isso, precisa deixar claro sua intenção incomum. No trecho abaixo, a *persona* **Magia do mar (H)** reitera que não está atrás de beleza física quando diz:

(22:58:46) **Magia do mar(H)** reservadamente fala para TODOS: Alguma mulher inteligente e interessante afim de teclar?

Na verdade, não estaria havendo uma certa ironia na *persona* **Magia do mar(H)** ao considerar que as mulheres do espaço somente possuem atributos físicos e que, se a busca for em outra direção tem que ser reiterada? A resposta para isso está na pressuposição da *persona* ao admitir que o espaço é, normalmente, o lugar de interagir com alguma mulher ‘desinteressante e sem inteligência’, de posse apenas de atributos físicos. Outra *persona* no mesmo *site* também enfatiza:

(23:00:38) **Brisa47RJ**: Boa tarde! Alguém a fim de um papo inteligente e amigo?

Novamente, há, imbricado no conceito das salas, a associação de serem espaço de gente desinteressante, não amiga, inculta, não-real, ou seja, de artificialismos fundamentados em valores efêmeros. Mais exemplos:

(10:59:55) **hsp** fala para (reservadamente) Todos: alguma mulher interessante para tc?

11:14:05) **Gata Noturna** grita com (reservadamente) Todos: algum homem afim de algo real?

3377GLCOSTA : Alguém culto para tc comigo???

(10:33:01) **H.43.Rj** *fala para (reservadamente) Todos:* Boa noite, alguma MULHER RJ, REALMENTE INTERESSANTE para tc comigo??

Estas narrativas demonstram que o espaço se presta ao namoro e sedução, ainda que calcado em construções voláteis. O que se busca nas salas é a companhia ainda que efêmera e virtual e, para isso, a propaganda de si mesmo/a é fundamental para construir um ideal de beleza que vai atuar a favor da interação conduzindo-a, pressupostamente, para um final feliz. Em muitas narrativas nota-se a preocupação de estabelecer uma interação com alguém que esteja realmente livre para assumir compromissos, daí a pergunta recorrente:

10:08:04) **silvia41sp** *fala para Todos:* oi - alguem de sp que seja separado

(10:30:48) **joana/rj** *fala para Todos:* algum descasado para teclar 😊

Ou através de perguntas diretas despidas de qualquer protocolo de boas maneiras, próprias desse reduto, como, por exemplo, esta primeira pergunta:

(11:07:10) **A D Ú L T E R O-zo** *fala para Todos:* ALGUMA QUER TC?????

A vulgarização do endereçamento a alguma mulher chamando por ALGUMA mostra que o espaço é de escolha de parceiro/a como se fosse num bordel. Não há o menor cuidado com a fineza ou respeito com a suposta *persona* feminina que pudesse se candidatar, o que acaba não acontecendo, haja vista pela saída da sala, 16 segundos depois da fala anterior:

(11:07:16) **A D Ú L T E R O-zo** *sai da sala...*

O formato de introdução da apresentação virtual não é o convencional das conversas face-a-face, como sendo, nome e sobrenome, já que a aparência física ali está declarada, mas o *nick*, o lugar de onde tecla, a idade e alguma descrição sobre a aparência são os dados de introdução da *persona*, como vemos agrupado no exemplo abaixo:

23:24:30 - **caio-sp-36-1.90m** fala para todos: alguma mulher objetiva e carinhosa de spcapital, quer conhecer um cara legal e carinhoso, para uma amizade interessante.

Na fala inicial das *personae*, como por exemplo de **caio-sp-36-1.90m**, passa-se o máximo de informação vantajosa quanto possível já que o espaço virtual é marcado pela pressa. A *persona* lança-se a si própria já buscando o companheiro *a la carte*, sem preâmbulos, como os que haveria nas conversas face a face.

Depois de acertados os ‘quesitos’ da suposta aparência e, como resultado, dar-se início à interação, esta se desenrola como num papo. Para este estudo, ative-me na interpretação dessas narrativas, onde pesquisador e pesquisado interagem, construindo as narrativas. Na seqüência a seguir, a interação entre as *personae* **ruí** e **Fernanda** interagem por um longo tempo e são cortados pelo sistema (a gravação da primeira parte foi toda perdida por não ter sido salva). Nela, a *persona* **Fernanda** explica que a sua relação com o marido está deteriorada e que ela busca, na Internet, alguém que poderá ser um parceiro se ela se separar. A *persona* **ruí** tenta tirar dessa interação o máximo de informação possível sobre o espaço virtual como sendo, com sucesso, o espaço de namoro, fase que antecede a relação de casado. Abaixo apresento, portanto, a continuação da conversa que as duas *personae* já vinham tendo na primeira parte:

(11:26:03) **ruí** fala para **Fernanda**: Voltei.... houve um corte de força em casa.

(11:26:28) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: eu cai

(11:27:55) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: oiieeeeeeee

(11:28:03) **ruí** fala para **Fernanda**: Então, fomos interrompidos.

(11:28:11) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: sim

(11:28:31) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: esse meu pc está triste

(11:28:48) **ruí** fala para **Fernanda**: Vc disse que usa o seu nome. Ele usa o dele tb?

(11:29:03) **ruí** fala para **Fernanda**: Pq triste?

(11:29:03) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: naum

(11:29:18) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: muito cheio

(11:29:26) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: fica lento

(11:29:38) **ruí** fala para **Fernanda**: Vc não acha que as pessoas inventam muita mentira?

(11:29:53) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: acho

(11:30:45) **Fernanda** fala para (reservadamente) **ruí**: mas penso que naum posso me

preocupar com as mentiras do outros.....cabe a elas isso

(11:30:50) **rui** fala para **Fernanda**: E mmo assim dá p/ se arriscar num relacionamento real?

(11:30:58) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: dá

(11:31:16) **rui** fala para **Fernanda**: Mas e as mentiras fantasiosas? como ficam?

(11:31:43) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: precisa ter o contato.....a mascara cai se houver mentiras

(11:31:56) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: o que vc chama de fantasiosas

(11:32:22) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: de um exemplo

(11:32:36) **rui** fala para **Fernanda**: Mas e o lance do visual. Normalmente, as pessoas são atraídas pelo contato físico.

(11:33:00) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: e.....

(11:33:15) **rui** fala para **Fernanda**: fantasiosas: a pessoa se descrever linda e bela; buscar alguém jovem

A construção da identidade no espaço virtual não é percebida assim pela *persona* **Fernanda**, que ao ser indagada sobre as ‘mentiras fantasiosas’ da Internet, dá como pretexto que ‘felizmente se conheceram na realidade antes de se descreverem’, como se a construção da identidade só passasse a acontecer a partir do momento que se diz: ‘tenho 1.63m, sou morena, olhos verdes’. Com ingenuidade, a *persona* **Fernanda** descarta toda a performatividade existente nos *nicks*, nas perguntas ‘cadastrais’, na escolha dos assuntos, enfim no próprio espaço das salas de bate-papo que, por si só, já estabelecem perfis imaginários, incluem e excluem parceiros, estratégias que anunciam namoro. Vejamos o que ela explica:

(11:34:08) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: acho que tive sorte.....nos conhecemos antes de nos descrever

(11:35:05) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: tanto foi assim que tive que perguntar se era elenaum nos enviamos uma foto

(11:35:17) **rui** fala para **Fernanda**: Puxa. Assim não vale. Ele quer casar mmo.

(11:35:47) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: naum sei.....maas foi simpatia mutua

(11:36:11) **rui** fala para **Fernanda**: faz tempo que vcs se conheceram?

(11:36:32) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: pela net quase 1 mes

(11:36:52) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: ao vivo e em cores umas duas semanas

(11:37:13) **rui** fala para **Fernanda**: Então, ainda tudo é amor....

(11:37:25) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: espero que sim

- (11:37:47) **rui** fala para **Fernanda**: Salto fica longe de Amparo?
- (11:38:00) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: naum muito.....
- (11:38:11) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: uns 100 km acho
- 333333 (11:38:58) **rui** fala para **Fernanda**: Perto. O que ele faz, se vc quiser falar.
- (11:39:19) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: ele é Rh de uma empresa
- (11:39:36) **rui** fala para **Fernanda**: Ele tb é separado?
- (11:39:40) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: sim
- 11:40:44) **rui** fala para **Fernanda**: Quer dizer que o seu raciocínio calculista, matemático e sua voz sedutora o laçaram.
- (11:41:03) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: será?
- (11:41:12) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: vai saber.....
- (11:41:37) **rui** fala para **Fernanda**: Claro. Acho que ele deve estar caidinho.
- (11:41:53) **rui** fala para **Fernanda**: Ele tem filhos?
- (11:41:54) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: tomara.....porque eu estou.....
- (11:41:58) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: sim
- (11:43:04) **rui** fala para **Fernanda**: Acho que as mulheres confiam muito rápido. e se ele for um dos maníacos do parque?
- (11:43:34) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: naum é
- (11:44:06) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: sou velha pra modelo
.....rssssssssssssss
- (11:45:16) **rui** fala para **Fernanda**: de jeito nenhum. Ele que se preocupe: c/ 10 anos a mais do que vc.....
- (11:45:38) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: rrrrrrrrrrr
- (11:47:15) **rui** fala para **Fernanda**: Ele deve ter se encantado com vc como cantora...Eu já estou soando meio despeitado....
- (11:47:45) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: despeitadoporque?
- (11:47:48) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: rrrrrrr
- (11:48:13) **rui** fala para **Fernanda**: estou um pouco enciumado. Cheguei tarde!
- (11:48:35) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: mas estamos muito longe.....
- (11:49:37) **rui** fala para **Fernanda**: Nada a ver. Ainda que estamos no mmo estado....
- (11:49:47) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: é
- (11:49:53) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: mas tem ele
- (11:50:38) **rui** fala para **Fernanda**: Tenho um primo que foi gerente do banco do Brasil de Amparo por 10 anos!faz tempo isso.
- (11:50:54) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: qual o nome dele
- (11:51:02) **rui** fala para **Fernanda**: Neil.
- (11:51:26) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: naum o conheço

- (11:51:40) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: mas conheço muita gente que trabalha lá
- (11:51:47) **rui** fala para **Fernanda**: Ele já se aposentou.
- (11:51:49) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: vou perguntar
- (11:52:23) **rui** fala para **Fernanda**: Alguém irá lembrar. Ele falava muito bem de Amparo.
- (11:52:47) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: aqui é muito gostoso
- (11:53:10) **rui** fala para **Fernanda**: Tem o que fazer nas horas vagas?
- (11:53:19) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: sim
- (11:53:27) **rui** fala para **Fernanda**: o q?
- (11:54:01) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: aqui é estancia hidromineral, e vizinha de serra negra
- (11:54:07) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: lindoia
- (11:54:16) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: aguas de lindoia
- (11:54:27) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: eco turismo
- (11:54:29) **rui** fala para **Fernanda**: é mmo. mas não dá só velho nessas águas?
- (11:54:38) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: naum.....
- (11:55:49) **rui** fala para **Fernanda**: É perto de Brotas?
- (11:56:02) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: naum.....é longe
- (11:56:34) **rui** fala para **Fernanda**: Vc vem de vez em qdo à Sampa?
- (11:57:36) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: sim.....sempre vou fazer compras ai na Voluntários
- (11:59:03) **rui** fala para **Fernanda**: Que perto! algum dia nos encontraremos.
- (11:59:27) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: é.....quem sabe tudo é possível
- (12:00:09) **rui** fala para **Fernanda**: bem jovem donzela apaixonada. preciso ir dormir. dou aula cedo.
- (12:00:21) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: eu tb
- (12:00:41) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: levanto as 05.45hs
- (12:02:49) **Fernanda** fala para (reservadamente) **rui**: BOA NOITE.....foi um prazer te conhecer.....felicidades

A partir da interação com **rui**, **Fernanda**, a *persona* feminina, faz confidências sobre a *persona* que encontrou na Internet e, pela qual, está interessada. Através de suas falas, percebe-se o entusiasmo que demonstra sobre a possível relação. Por intermédio de **rui**, ela vai projetando toda a idealização sobre o parceiro de Salto, quase como se estivesse registrando essas informações num diário. A *persona* **rui** apenas serve como

interlocutor que possibilita a ela, **Fernanda** expressar-se, verbalmente, sobre sua conquista virtual.

Em outra interação envolvendo a *persona* **ruí**, mostrado no trecho abaixo, **dama da noite**, a *persona* feminina insiste em interagir com **ruí** utilizando outro recurso, o ICQ, que implica em envio de fotos. A *persona* **ruí** tenta fugir da insistência, alegando não entender o que está sendo pedido. Enquanto isso, **dama da noite** pede a descrição de **ruí**, fornece a sua e, não satisfeita com as digressões de **ruí**, insiste em outra mídia para continuar o contato: MSN com foto, ICQ ou e-mail, até o momento em que a conexão é interrompida. Vejamos abaixo:

(11:44:22) **ruí** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: Vc não acha que as pessoas fantasiam muito?

(11:44:37) **ruí** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: Como vc é?

(11:44:42) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: tem uns que sim

(11:45:28) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: sou morena olhos verdes cabelos cacheado 51 k 1.51 altura

(11:45:47) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: e vc?

(11:46:07) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: tenho foto vc tem?

(11:46:09) **ruí** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: Bem baixinha... como eu gosto!

(11:46:35) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: sim vc gosta de baixinha?

(11:47:00) **ruí** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: Sou claro, 163m. cabelos ficando grisalhos.... olhos esverdeados.

(11:47:29) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: altura qual

(11:48:11) **ruí** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: 1.63cm

(11:48:33) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: boa altura

(11:49:30) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: pq ã vamos para o icq e melhor

(11:49:43) **ruí** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: No ICQ as pessoas se vêem?

(11:50:02) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **ruí**: como

(11:50:17) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* Envia fotos?

(11:50:30) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* eu dou o numero para vc

(11:50:46) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* por aqui eu ã sei

(11:50:50) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* Tá bom.

(11:51:07) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* tá bom o q

(11:51:20) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* o número..

(11:52:00) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* 315.946.512

(11:52:12) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* vc vai

(11:52:29) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* E o que eu faço? Disco esse número...

11:52:58) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* vc aciona ele na lista

(11:53:09) **nega** *fala para ruí:* nega sai da sala

(11:53:19) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* passa o seu q te chamo

(11:54:03) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* que lista?Telefônica?

(11:54:45) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* ã na lista de contato.. vai passa o numero do seum icq eu te chamo

(11:55:20) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* vc mora em que cidade de são paulo

(11:55:32) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* eu não tenho ICQ, nunca tive, só telefone. Moro em Santana.

(11:56:06) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* mas ai ã e bom passar numero de telefone

(11:56:24) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* vc esta em reservado

(11:56:47) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* vc tem msn

(11:57:38) **ruí** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* Não tenho MSN. Estou no reservado, ninguém lê o número, não é?

(11:57:55) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para ruí:* vc tem e-mail. se tiver passa .. sim

(11:59:12) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc está com outras ai.. esta demorando

(11:59:38) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: e o seu? não estou c/ outras.. sou lerdo mmo....

(12:00:29) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: vc é quem demora....

(12:00:38) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc tem foto

(12:00:54) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: estava tirando cola do e-mail

(12:01:02) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc q o meu

(12:01:07) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: em casa? sim

(12:01:20) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: quero o seu e-mail.

(12:01:51) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: marilenabento@pop.com.br

(12:02:39) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: Já sei o seu nome agora.

(12:03:00) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: eu mando a foto

(12:03:55) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc tem foto se tive me manda

(12:04:10) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: OK! Vou esperar mas o Falcão está afim de vc tb aqui na sala.

(12:04:38) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: mas eu ã estou dele

(12:05:04) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: OK! Te cuida. Vou sair agora.

(12:05:28) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: mas ja .. ã vai manda a foto

(12:06:00) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: a foto não é pelo e-mail? Como faz aqui?

(12:06:36) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: aqui eu ã sei nunca mandei.. mande pelo e-mail

(12:07:06) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: OK!

(12:07:16) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: ã vai rui vamos falar mais

(12:07:41) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: falar sobre o quê?

(12:08:00) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: o vc quiser sendo bom

Apesar da aparente finalização da interação entre **ruí** e **dama da noite**, esta é retomada, enquanto **ruí** é assediado por outra *persona*, Nika, a qual somente obtém a atenção de **ruí** 15 minutos depois.

(12:13:27) **ruí** *fala para* **dama da noite**: cai....

(12:13:30) **Nika** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: oi

(12:13:35) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: oi

(12:13:55) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: achei que ja tinha ido

(12:14:42) **Nika** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: Olá

(12:14:50) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: oi rui pq some

(12:16:56) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: cai total, fechou conexão , não sei

(12:17:17) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: oi estou te esperando

(12:17:27) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Então de que quer falar?

(12:17:44) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: pq o nick?

(12:18:13) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: vc que sabe do meu nik

(12:18:58) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: no icq pq ã faz um icq para vc?

(12:19:09) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: pq escolheu dama da noite? pelo perfume ou pela noite?

(12:19:32) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para* **ruí**: pelos os 2

(12:20:51) **ruí** (*reservadamente*) *fala para* **dama da noite**: Vc quer que eu faço o ICQ então faço.Como faço?

Na verdade, por toda a interação, a *persona* **dama da noite**, vai tentar a superposição de mídia, tratada anteriormente na pesquisa, mencionada por Bolter;

Grusin (2000): ela usa o espaço virtual ou uma identificação mais legitimada (foto, e-mail) como preliminar para o contato real. Ela alega que este espaço só lhe atrapalha com intervenções alheias. Segue abaixo:

(12:22:16) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc pode puxa no site vou pergunta para o meu filho e passo no seu e-mail

(12:22:42) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: legal VC QUER CONVERSAR MAS SOME...

(12:23:07) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc numca teve? é muito bom agente ñ perde o contato

(12:23:33) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: estou aqui

(12:23:43) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: é como um e-mail esse ICQ?

(12:24:08) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: eu ñ gosto muito daqui pq tem muito sapatão

(12:24:26) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: uai... como vc sabe?

(12:24:40) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: meu filho me emcina eu mando no seu e-mail

(12:25:12) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: pq está aqui umas mulheres me emchendo só pode ser sapatão

(12:25:41) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: é pode ser mas não dá para saber se tb são mulheres:>>>>>

(12:25:59) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc me deu seu e-mail certo

(12:26:43) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: sei lá o q é só emche.. estou afim de uma boa i comverça

(12:26:45) **Nika** (reservadamente) fala para **ruí**: Olá

(12:26:54) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: sim pq duvida?


(12:27:34) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: vc disse q ñ pode ser mulher q eu estou chamando de sapatão

(12:27:59) **Nika** (reservadamente) fala para **ruí**: ESTÁ TC C/ ALGUEM

(12:28:30) **dama da noite** (reservadamente) fala para **ruí**: como gostaria de tc com vc mais sossegada. aqui e muito rapido

(12:28:31) **ruí** (reservadamente) fala para **dama da noite**: não, eu disse que não dá para saber se são mulheres ou homens.

(12:28:44) **ruí** (reservadamente) fala para **Nika**: não e vc?

(12:28:45) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : sim
(12:29:01) Nika (reservadamente) fala para ruí : tc deonde
(12:29:18) ruí (reservadamente) fala para Nika : De Sampa e vc?
(12:29:40) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : aqui é rápido mmo...
(12:30:06) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : se vc abri um icq vc ã vai gostar daqui mais.. esta certo seu e-mail pq vou mandar para vc como vc faz um icq
(12:30:09) Nika (reservadamente) fala para ruí : E DE GUARULHOS
(12:31:10) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : OK! Então vamos dormir... 
(12:31:26) ruí (reservadamente) fala para Nika : O que faz?
12:31:52) Nika (reservadamente) fala para ruí : VC É DE GUARULHOS
(12:31:55) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : vc tem algum amigo que mexe com o pc? se tiver e só dizer q vc q um icq depois eu mando o munero para vc
(12:32:16) ruí (reservadamente) fala para Nika : de Santanad
(12:32:17) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : vc ja está com muito sono?
(12:32:36) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : agora já; vc não?
(12:33:19) dama da noite (reservadamente) fala para ruí : ainda ã meu filho ainda ã chegou ele foi em uma festa na cidade vizinha
(12:33:38) ruí (reservadamente) fala para dama da noite : e vc espera o filho?

Nessa retomada da interação, **ruí** está se entediando com a insistência de **dama da noite** em ir para outra mídia e passa a interagir também com **Nika**. Na verdade, isso se dá porque, **ruí**, aparentemente atraído pelo *nick* **dama da noite**, por sugerir grande sensualidade, pois remete a narrativas novelescas do passado, fica desapontado por descobrir, pouco a pouco, no desenrolar da narrativa dela, que se trata de uma usuária aborrecida. Ela passa todo o tempo da interação queixando-se do espaço que ela própria decidiu visitar, oculta por um *nick* que performatiza aquilo que sua narrativa não transparece: uma sensualíssima dama, dado o apelativo ao sentido do olfato que a flor dama-da-noite resgata. O seu estado civil, viúva, por si só demanda respeito e não

insinuações sensuais que são a prática das salas. Para agravar mais, ela passa a descrever sua rotina de esperar o filho único, construindo uma imagem de mulher pura nos moldes do ideal do passado. O trecho abaixo traz esta informação:

(12:34:11) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* eu fico sem sono até ele chega, filho unico parece ser mais q 10

(12:34:40) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* é verdade mas é bom se preocupar. faz tempo que vc ficou viúva?

(12:34:59) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* eu ã espero mas fico acordada.... sim 14 anos

(12:35:14) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* pq não se casou de novo?

(12:36:03) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* meu filho ficou com 6 anos.. pq eu ã encontrei uma pessoa .. minha cara metade

(12:36:25) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* e vc ja casou de novo?

(12:36:59) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* que pena. um desperdício. não me casei; é difícil encontrar alguém

(12:37:54) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* sim.. agente encontra bastante ..mas aquela especial e difícil .. vc ã acha?

(12:38:50) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* aquela que traz uma beleza interior.. que sabe dar valor a uma pessoa e muito difícil

(12:39:07) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite:* Acho. o primeiro casamento/relação é mais fácil mas depois ficamos mais exigentes.

Porém, essa narrativa talvez seja somente para veicular a imagem da esposa ideal, voltada para o lar, já que nunca sai. Mas que, por possuir um PC (como ela própria fala) e por ser uma usuária da Internet, uma vez que conhece o ICQ e o Messenger no MSN, ela passa a imagem de mulher ‘plugada’. É a mistura híbrida da mulher da casa com a inevitável influência da modernidade em que está inserida.

(12:40:46) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* sim.. mas pq ja tem filhos fica complicado .. meu filho ã importa mas me disse se encontrar uma pessoa boa vai enfrentar

(12:41:41) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui:* mas eu ã

saio nem de casa.. sou muito caseira por isso passo umas horas no pc

(12:41:47) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite*: filho tem ciúme da mãe.

Além do adiantado da hora, a *persona* **rui** vai se cansando das digressões de **dama da noite** que, durante toda a narrativa, queixou-se de estar no espaço que ela afirma não ter nunca visitado, mas que sabe que algumas usuárias ‘deram certo’ nesse espaço.

(12:42:26) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui*: sim ele ja teve muito e tem ainda, mas e bem mais pouco..

(12:43:32) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui*: mas gosta muito de passeia, eu fico sosinha sexta e sabádo .. pq ele namora tmbm.

(12:44:22) **dama da noite** (*reservadamente*) *fala para rui*: sumiu kd vc

(12:44:54) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite*: mas vc tem que sair, não depender dele nem de ninguém. aqui em SP as mulheres saem sozinhas a qualquer hora.

Finalmente, com a interrupção da conexão, a interação chega ao fim. A **dama da noite**, tão sensual na escolha do *nick*, que nos remete à memória de uma dama e ao aspecto olfativo da flor, contradiz-se ao pleitear a consideração respeitosa que a condição de viúva lhe dá, buscando alguém com beleza interior, dentro de um espaço onde a linguagem usada (incluindo a escolha dos *nicks*) forja identidades intimamente ligadas à sexualidade como assinalam Cameron; Kulick (2003:60): “Many interviewees linked the erotic qualities of their speech to the ‘femininity’ of the language they used; in other words sex was intimately linked with gender”. Os autores citados estão se referindo ao recurso ‘sex by phone’ no qual as *personae*, mulheres na vida real, não são menos ‘genderizadas’ quando dão as entrevistas para os pesquisadores mas que, ao telefone, “they did not use the same linguistic style to perform gender identity in both contexts” (ibid.). No espaço virtual, essas “feminices” ficam ocultas:

(12:47:20) **rui** (*reservadamente*) *fala para dama da noite*: dama da noite, estou c/ sono... vamos nos falar em outra hora...

(12:47:40) **rui** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: 🤔

(12:48:13) **dama da noite** (*reservadamente*) fala para **rui**: oi kd vc

(12:48:14) **rui** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: KD
VC????????????????

(12:48:39) **rui** (*reservadamente*) fala para **dama da noite**: eu te fiz 2
perguntas

Se pensarmos que Cameron; Kulick (2003:11) afirmam “It is a long-standing observation in sociolinguistics that language-using, whatever else it accomplishes, is an ‘act of identity’ [grifo dos autores], a means whereby people convey to one another what kinds of people they are” em seus estudos, nesta pesquisa, esse tema tomou grande vulto pela facilitação que o espaço virtual concedeu à fecunda produção de identidades fictícias, mas que seguindo os parâmetros condutores dos valores sociais, pois já ha um código socialmente e sexualmente marcado para os usuários da língua usarem e ‘parecerem’ mais femininas como no caso das *personae* desta pesquisa. O meio que tornou possível tal utilização da ferramenta tecnológica foi a linguagem que constituiu essas identidades: “(...) is that the ‘reality’ [grifo dos autores] of sex does not preexist the language in which it is expressed; rather, language produces [ibid.] the categories through which we organize our sexual desires, identities and practices” (ibid.p.19).

As salas de bate-papo da Internet mostraram ser, para esta pesquisa, o nicho propício para se reconhecer como as idealizações externas são criadas para tentar se preencher as falhas de uma identidade plena de nós mesmos, como também, constituir as idealizações do outro. O processo de identificação, recorrente nas interações, permeia essa noção em movimento oposta à idéia de uma identidade fixa. Como assinalam os outros citados acima (ibid.,p.138): “‘Identity’⁴⁸ still tends to suggest a kind of conscious claim-staking by a subject who knows exactly who s/he is, or wants to be (or who s/he isn’t and doesn’t want to be)”.

Durante as interações, foi possível analisar que muitas das opiniões não eram intencionais ou deliberadas, mas, seguiam à risca um conjunto de normas e valores institucionalizados que regem a sociedade atual, haja vista a estética sobre a ética, o dinheiro sobre a cultura. Seguindo essa prescrição, não se correria o risco de se ter a interação recusada a qualquer momento. Os usuários do sistema têm a noção de que, se

⁴⁸ Mantive o apóstrofo depois das aspas por ser grifo dos autores.

quiserem participar das salas, é preciso deixar de lado, talvez, suas próprias assertivas, pois, ao assumirem suas *personae*, deverão constituir-se como *personae* agradáveis, prazerosas, leves, como as pessoas das salas de visitas, e, acima de tudo, porque assim o espaço demanda, fazerem-se sexualmente atraentes a fim de entabularem as conversas, ainda que efêmeras.

Ao longo desta II parte do trabalho, pretendi trazer as categorias sexualidade e identidade nas *personae* femininas do espaço virtual, analisadas sob a luz dos dados colhidos. Passarei, agora, ao último capítulo deste estudo com as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem a preocupação de constatar a veracidade das informações veiculadas nas salas de bate-papo, nem tampouco pretende conferir se os usuários, ao estarem idealizando suas *personae-on-line*, seriam realmente homens ou mulheres. De fato, cada uma das interações só aconteceu uma única vez, até para manter a hipermediação num primeiro momento. Como já mencionado no decorrer do trabalho, tentar continuar uma interação no outro dia, ou diferenciá-la através do contato por e-mails, seria anular uma parte construída da identidade fantasiada por estar utilizando um outro recurso da mídia, ‘remediation’. (Bolter; Grusin, 2000).

Ao invés disso, trago aqui uma investigação voltada para analisar as identidades construídas pela linguagem no espaço virtual dentro de sua efemeridade por meio da linguagem, espaço que pertence a um mundo de transformações aceleradas. Já que a linguagem é um fenômeno social, estranho seria se ela não sofresse nenhuma influência com o advento da Internet e, por consequência, não causasse o impacto que causou. A linguagem produzida no espaço das salas de bate-papo toma a forma de um dialeto tribal, nem se assemelhando ao ‘discurso escrito’, nem à ‘escrita falada’, parafraseando os termos que Crystal (2001) cunhou. Tais aspectos tornaram a linguagem usada na Internet a grande manifestação cultural e social dos dias atuais como diz o autor citado: “Netspeak is a development of millennial significance. A new medium of linguistic communication does not arrive very often, in the history of the race” (ibid., p.239). Considerando pela ótica do autor, as transformações na linguagem virtual têm tomado vulto na forma bizarra que adquirem, pelo anonimato das identidades das *personae* ou pelas características das salas. Ao voltar para os dados desta pesquisa, estes traços são mais marcantes naquilo em que a linguagem servirá como o avatar que a *persona* desempenha. Será ela que dará ao agente a acolhida na sala e garantirá sua participação, uma vez que se integrará no grupo através de signos que, por sua vez, remetem a condutas socialmente compartilhadas e/ou aceitas. Essas práticas coletivas constroem, neste espaço, a identidade pretendida para aquele momento. Mesmo que esta reflita diretamente a ‘real’ identidade da *persona-on-line*, e devo reiterar que a busca da verdade não foi a preocupação deste estudo, isto somente será possível através dos códigos lingüísticos orientadores que conduzem a resultados conhecidos. O autor Oliveira (2004:245-6), no seu estudo diz: “As práticas, condutas, signos e idéias, entre

outros, que costumam definir as identidades, somente serão de fato identitários se forem compartilhados, e (...) constituirão uma comunidade”. Embora voltado para a construção social da masculinidade, o autor citado também atribuirá às convenções sociais, a busca de identificar-se com aquilo que o grupo cultua como modelo a ser seguido.

O meu interesse pelo nicho da sala de bate-papo da Internet se deu porque me pareceu um corpus que ainda não tinha sido lido, revisto, revisado, comentado. Geralmente, as outras linguagens que analisamos no meio acadêmico são publicadas pela mídia ou foram impressas por fazerem parte do mundo literário. Ou seja, sofreram alguma espécie de interferência. No caso desta pesquisa, a linguagem estava sendo construída enquanto havia as interações, seja na tela coletiva sem a minha interferência, ou desenvolvida nas minhas próprias interações. A linguagem não só tinha a vantagem de ser em tempo real, mas também porque constituía narrativas despidas de formalidade lingüística, e, ao contrário, serem espontâneas, em estado cru, sem edição. A cada interação que eu conduzia ou que observava, eu via as narrativas serem formadas, trazendo dados preciosos ou pelos assuntos tratados ou pelas formas idiossincráticas das participações. Crystal (2001) se posiciona da seguinte maneira ao dizer que, do ponto de vista lingüístico, a linguagem das salas de bate-papo lhe parece fascinante: “(...) it provides a domain in which we can see written language in its most primitive state” (ibid.,p.170). Compartilho dessa opinião na minha experiência.

Além dos autores cujos conceitos de identidade se alicerçavam no hibridismo continuamente reiterando posições identitárias, este trabalho amparou-se no conceito de performatividade (Austin,1998), recuperado por Butler, pelo fato de que o cerne de seus estudos consiste de construções não fixas de um sujeito, cujos atos performativos permitem instaurar novas identidades. O espaço virtual das salas de bate-papo privilegia as incontáveis construções de identidades performatizadas através das características estereotipadas da fala, as quais são compartilhadas e convencionalizadas. Por esse escape, a verossimilhança das informações torna-se impossível de ser apreendida.

Mesmo se considerarmos que este estudo tenha abordado uma minoria quantitativa, a força das significações, classificadas dentro dos valores e padrões sociais através da linguagem nesse espaço, legitima esses valores dominantes. As identidades das *personae-on-line* lançam mão de significações a partir de acordos tácitos previamente aceitos. Na infinita possibilidade de se criar e mudar de identidade, tanto quanto se queira, esse território demonstra a multiplicidade de *personae* que se

autoconstroem, se desintegram para se construírem novamente, por meio de roteiros aprendidos e apreendidos dos papéis sociais.

Este estudo se apropriou desses roteiros cuja legitimação pôde ser visível no espaço virtual das salas de bate-papo que servem de pano de fundo para as representações socialmente constituídas. Através do estímulo das interações aí produzidas, seus agentes, as *personae-on-line*, ensejam identificações representativas pela linguagem virtual, único recurso diante da ausência física dos interlocutores. É esse ensejo que remete à performatividade, pois, o que acontece é o ‘efeito’ que essa linguagem causa nos usuários, não a ‘origem das práticas de significação’, fazendo minhas as palavras de Judith Butler.

O advento das salas de bate-papo na Internet, com sua característica inovadora surgiu como um lugar inusitado por privilegiar a formação de comunidades virtuais inseridas numa grande teia (sem nenhuma alusão à tradução de ‘net’) existente no exíguo espaço da conexão. A participação nessa teia instaura as repetições identitárias vivenciadas fora da tela pelas *personae*, as quais por trás de seus *nicks*, por si só performativos, se encaixam em modelos cujos padrões são sabidamente cultuados, o que, portanto, garante o sucesso da interação virtual.

Nesse espaço, esse sucesso é garantido pela propaganda sexual que os usuários propalam, baseados em um código de aceitação comum a todos. O que este estudo contempla não é a identidade e/ou a sexualidade nas esferas sociais, mas como estas esferas moldam as identidades sexuais perpassadas pela linguagem. Assinalem Cameron; Kulick (2003:12):

The language we have access to in a particular time and place for representing sex and sexuality exerts a significant influence on what we take to be possible, what we take to be ‘normal’⁴⁹ and what we take to be desirable.

Qual recurso poderia garantir a interação em um espaço cujo distanciamento cultiva o imaginário? Como os usuários do sistema encetam conversas que garantem a permanência nesse espaço pelo tempo que dispuserem? De que maneira as conversas se sustentam enquanto se transgridem os tabus? A resposta (comum a essas perguntas) é por meio de palavras proibitivas, carregadas de sensualidade e *nicks* fortemente associados à sexualidade, ou seja, pela linguagem que impera, soberanamente, no meio virtual das salas de bate-papo, seu recurso exclusivo e único.

⁴⁹ Grifo dos autores.

A construção discursiva da sexualidade, de que Foucault (1985) nos fala, caracteriza-se por estar imbuída do poder de todas as esferas sociais, as quais repercutem também no espaço de que esta pesquisa trata. Se considerarmos que “sexuality is the primary channel through which we arrive at our identities as sexed beings” (ibid., p. 110), seria impossível estar tratando das identidades virtuais sem abordar a categoria da sexualidade. Embora a questão da sexualidade e a da linguagem devam levar em conta a questão da identidade, dizer que esta se restringe a tais enfoques, seria, no mínimo, reducionista. As identidades étnicas, religiosas ou de classe social, são, igualmente, significativas e expressam grandes conflitos, e, por isso, tornaram-se tema de incontáveis estudos. Foi meu objetivo voltar este estudo para a análise das identidades provenientes das salas de bate-papo, pela exacerbação sexual que comanda os tópicos ali desenvolvidos.

Esse espaço mostrou-se como lugar ideal para a análise das identidades genderizadas, por trás de um aparato que, ao usufruir da clandestinidade, incentiva as fantasias das *personae* que circulam por ali. Tiremos esse espaço, calcado amplamente na manifestação lingüística, e nos deparamos com o ridículo das interações. Pois, embora em situações presenciais, as interações também façam uso da linguagem, os outros recursos como voz, o timbre da voz, a aparência física, os gestos, contribuem largamente para que as interações sejam acolhidas ou refutadas. Por meio de conexões virtuais, o binarismo masculino/feminino suscita o “repertório daquilo que Bourdieu chamou de inconsciente sexuado”, fazendo minhas as palavras de Oliveira (2004:293). Embora este autor não esteja lidando com as falas da Internet, mas com os estereótipos masculinos, sua abordagem ressalta a legitimação social que os gêneros perpetuam. No caso desta pesquisa, essa legitimação deu-se por meio do favorecimento do espaço aos gêneros ali *desempenhados*.

Dentre alguns autores citados neste estudo, muitos enaltecem o advento da Internet pela novidade tecnológica que a acompanhou. Crystal (2001), um dos que seguem essa linha de pensamento, exalta, com categoria, as qualidades que este avanço trouxe a vários segmentos da sociedade. O uso ilimitado que a Internet propiciou a muitos demonstra o potencial dessa ferramenta, que permite ir além das sanções e limites conhecidos por todos. O espaço das salas de bate-papo se encaixa nessa categoria – a oportunidade que os usuários têm de interagir arbitrariamente com o desconhecido, deixando-se desconhecer a si mesmos, nos remete a um cenário quase ficcional. Ter a chance de projetar-se com uma identidade fictícia, ao mesmo tempo em

que projeta a identidade do desconhecido, escapa daquilo que é possível e se atira no mundo da impossibilidade.

Um exemplo disso, neste estudo, foi a construção de minhas *personae* masculinas – **che, leo, leot, reinaldo, rui, sau, sauê** – que iam sendo tecidas com base em roteiros aprendidos socialmente, à medida em que se desenrolavam as interações. Cautelosamente, eu, na posição de investigadora, atuava como uma *persona* masculina, copiando modelos de respostas e perguntas que conduzissem para o sucesso da interação, e, por consequência, da pesquisa. Esse recurso evidencia o quanto a virtualidade foge do controle do que é real ou seguro, desestabilizando as certezas, que, antes da Internet, acompanhavam as interações; um contato telefônico, por exemplo, apresenta evidências que irão influir na interação.

Além desse aspecto, é inegável dizer que, a construção de minhas *personae*, por si só, já acenava para a identidade performativa desse espaço – o que eu, nas *personae* masculinas, digitava, era fruto da observação do comportamento verbal de modelos masculinos, que redundasse em aceitação por parte das *personae* femininas nas salas. Características como virilidade, ousadia, safadeza, bravura, tidas como masculinas, iam, aos poucos, sendo desvendadas por meio de escolhas lingüísticas cuidadosamente feitas. Eram as minhas identidades ali forjadas.

Os conceitos desenvolvidos nos capítulos II, III e IV da primeira parte, respectivamente, o espaço, a sexualidade e a identidade nas salas virtuais caminharam juntas na análise das interações com *personae* femininas, razão pela qual, abordo as teorias feministas inseridas no contexto histórico. Embora aqui mencionado por último (na verdade, é o capítulo I - introdutório a este estudo), o histórico feminista, pela importância crucial do objeto deste estudo - a mulher – subsiste como se fosse um cenário de fundo sem o qual não se consegue compreender o personagem. Excluir o percurso do feminismo deste estudo equivaleria a extrair o contexto do qual partem as usuárias das salas de bate-papo da Internet, as quais passam a ser as *personae-on-line* que investigo. A mulher sobre a qual este trabalho se debruça, foi atravessada por movimentos sociais imprescindíveis para atingir a posição que conquistou e, a meu ver, não mencioná-los seria um desfalque para esta pesquisa.

O recinto virtual das salas de bate-papo da Internet mostrou ser um território fértil para a íntima relação existente entre linguagem, sexualidade e identidade que proporcionam um registro incontável de possibilidades para a proliferação de *personae*. É no mundo social que se aprende o que é importante ser para ser desejado/a. As salas

virtuais, espaços internos ou não-lugares, uma vez que sua efemeridade aniquila qualquer identidade ao desligar o computador, representam o *show-room* dos valores atuais que a sociedade impinge ou proíbe. Isso se dá porque os desejos mais recônditos podem, ali, ser expressos sem que haja nenhuma penalização, mesmo que nenhum deles seja atendido. E se dá também por meio da linguagem aprendida e apreendida de valores transmitidos que caracterizam as identidades aceitas e acolhidas socialmente.

A intenção maior deste estudo é a de abrir ou dar continuidade a pesquisas nessa área, pois acredito que, por mais irrelevante que esse espaço virtual mostra ser, por conta tanto da ausência de seriedade das informações, como pela presença constante de frases irreverentes, é, sem dúvida, um espaço sendo muito visitado e, portanto, não deve ser ignorado pela Academia. Tal espaço pode não parecer aos estudiosos da língua o lugar ideal que possa servir de exemplo como demonstração de força lingüística significativa em evolução, devido à avalanche de desvios das normas da língua aí praticada. Mas, seguramente, esse não-lugar, o qual atua como uma polaridade que nunca se realiza totalmente pela sua própria transitoriedade, se insurge como um palimpsesto no emaranhado de modelos sociais evocados nas identidades ali reinscritas, quer dizer, digitadas pela linguagem que as constitui.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. "Identidade e Exclusão". In BARBOSA, Regina M. & PARKER, Richard. *Sexualidades pelo Averso – Direitos, Identidade e Poder*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 89-98.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da super-modernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- ARRIGUCCI, Davi J. Entrevista, Programa *Entrelinhas*, TV Cultura, no ar às 21:30 de 28 de agosto de 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. *The Dialogic Imagination*, Austin: University of Texas Press, 1981.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. *Ci. Inf.* [online]. 1998, vol.27, no.2 [citado 05 Abril 2006], p.nd-nd. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo.php>
- BHABHA, HOMI. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BHABHA, HOMI, (entrevista)
<http://www.heliotrope.net.au/mordwen/articles/bhabha5.ht>. Disponível na Internet em 3 de maio de 2005.
- BORGES, Mariana, *Problemática feminista passa pelos dilemas que a democracia enfrenta hoje*, In www.usp.br, Editoriais, Universidade em Foco, Disponível na Internet em 31 de Agosto de 2005.
- BLOCH, Maurice & Bloch, Jean. "Women and the Dialectics of Nature in the eighteenth century French thought". In *Nature, Culture and Gender*, Cornack Carol & Marilyn Strathern, New York: CUP, 1980.
- BOLTER, Jay David e Grusin, Richard, *Remediation: Understanding New Media*, Massachusetts: MIT Press, 2000.

BRUNER, Jerome. "Two Modes of Thought". In *Actual Minds, Possible worlds*, Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1986. p.11- 43.

_____. "The Transactional Self". In *Actual Minds, Possible worlds*, Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1986. p. 57- 69.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.[1990]

_____. *Excitable Speech, A Politics of the Performative*, NY & Londres: Routledge, 1997.

_____. "Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". In *Trajetórias do gênero, masculinidades*, cadernos PAGU, Núcleo dos estudos de Gênero, Campinas: Unicamp, 1998.

CAMERON, Deborah; Kulick, Don. *Language and Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CAPELLATO, Ivan, palestra: *A Crise dos Gêneros*. Programa 'Café Filosófico', TV Cultura, ao ar em 4 de setembro de 2005, 22h.

_____, palestra: *O amor da Era da Sobrecarga*. Programa 'Café Filosófico', TV Cultura, ao ar em 16 de abril de 2006, 22h.

CHANNELL, Joanna. "I just called to say I love you: Love and Desire on the Telephone". In *Language and Desire*, Keith Harvey and Celia Shalom, London:Routledge, 1997. p.143-169.

COLLINSON, Rachel, *Will the technobabble bubble burst?* Tese de Mestrado, Disponível na Internet em 30 de agosto de 2005, [hHttp://www.collinson.com/reachel/thesis/chapter3.htm](http://www.collinson.com/reachel/thesis/chapter3.htm).

COTT, Nancy F. "The Birth of Feminism". In *The Grounding of Modern Feminism*, New Haven, Yale University Press, 1987.

COULTHARD, Malcom. *Linguagem e Sexo*, São Paulo:Ática, 1991.

CORTELLO, Cláudio, palestra, Café Filosófico, programa TV Cultura, ao ar em 21 de agosto de 2005, 22h.

- CRYSTAL, David. *Language and the Internet*, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DA MATTA. *A Casa e a Rua*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças*, Estudos feministas, Vol 2, nº 2, CIEC/ECO/UFRJ, 1994.
- DEIGNAN, Alice. "Metaphors of Desire". In *Language and Desire*, Keith Harvey and Celia Shalom, London: Routledge, 1997. p.21-42.
- DOLLIMORE, Jonathan, 1991, *Sexual Perversion: Pathology to Politics*, New York:OUP, p.169-232.
- DUNBAR, A. Marriot, and N. D. C. Duncan 1997 *Human Conversational Behavior In Human Nature* 8: 231-346.
- DUPAS, Gilberto. *Ética e Poder na Sociedade da Informação*, São Paulo: Unesp, 2000.
- ELSHTAIN, Jean Bethke. *Public Man, Private Woman: women in social & political thought*, 2nd. Ed, New Jersey: Princeton Uni. Press, 1981.
- ERCILIA, Maria. *A Internet*, São Paulo: Publifolha (Folha explica) , 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1^a ed., São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- FILHO, Ciro Marcondes. Programa *O Teatro*, Rádio Usp, 2004, terças-feiras, 12:30.e-mail: oteatro@usp.br
- FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade*, Vol. I, 6^a ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*, New York: Dell Publishing Company, 1970.
- FURTADO, Beatriz. *Imagens eletrônicas e paisagem urbana: intervenções espaço-temporais no mundo da vida cotidiana*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GIKOVATE, Flávio, Entrevista “*Egoístas e Generosos*”, TV Senado, ao ar em 1º de setembro de 2005, 21:30.

GOLDIN, Alberto, Entrevista, TV Educativa, ao ar em 9 de setembro de 2005, 22:30.

GREER, Germaine. *Sexo e destino: a política da fertilidade humana*, trad. Alfredo Barcelos, Rio de Janeiro: ed Rocco, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HAWVISHER, Gail E. & SLEFE, Cynthia L. *Global Literacies and the World-Wide Web*, New York: Routledge, 2000.

HAMBURGER, Esther I. & ALMEIDA, Heloísa B. “Sociologia, Pesquisa de Mercado e Sexualidade na Mídia: Audiências X Imagens”. In Piscitelli, Adriana, Gregori, Maria Filomena & Carrara, Sergio, *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*, (org.), Rio de Janeiro: Garamond, 1993. p. 115-142.

HERRING, Susan C., 1999, *Interactional coherence in CMC*, Journal of Computer – Mediated Communication 4 (4) Disponível na Internet em 29 de setembro de 2005.
<http://www.ascusc.org/jcmc/vol4/issue4/herring.html>

HURFORD, James R, *The evolution of language and languages*, Language Evolution and Computation Research Unit, Linguistics Department, University of Edinburgh – Disponível na Internet em 27 de julho de 2005
<http://www.ling.ed.ac.uk/~jim/dunbar.etal.html>

JUST, Roger. *Women in Athenian Law and Life*, Londres: Routledge, 1994.

KRESS, Gunther. “Visual and verbal modes of representation in electronic mediated communication: the potentials of new forms of text”. In Snyder, Ilana, *Page to Screen*, New York: Routledge, 1998. pp. 53-59.

_____. “Multimodality”. In Cope, Bill & Kalantzis Mary (ed), *Multiliteracies*, New York: Routledge, 2000. pp. 182-202.

KÜHNER, Maria Helena. *O Desafio Atual da Mulher*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

- LANHAM, Richard. "Digital Rhetoric: Theory, Practice and Property", In Myron C. Tuman (Ed.), *Literacy online: The promise (and peril) of reading and writing with computers*, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1992. pp. 221—244.
- MAGNANI, José Guilherme, Palestra na FFLCH, USP, 10/03/03.
- MANNING, Elizabeth. "Kissing and Cuddling: the reciprocity of Romantic and Sexual Activity", In *Language and Desire*, Keith Harvey and Celia Shalom, London: Routledge, , 1997. p.43-59.
- MANOVICH, Lev. "Database and Narrative". In *The language of New Media*, Massachussets: MIT, 2000.
- _____. "Illusion, Narrative and Interactivity". In *The language of New Media*, Massachussets: MIT, 2000.
- McCLEARY, Leland. *Aspectos de uma Modalidade de Discurso mediado por Computador*, São Paulo, 1996. Tese (doutorado), FFLCH, USP.
- MICHELL, Gillian, "Women and Lying – A pragmatic and Semantic Analysis of "Telling it Slant"" in *Hypatia Reborn*, s/d.1984. Disponível na Internet em abril de 2006. Internet www.ed.uiuc.edu/EPS/PES-Yearbook/93_docs/WHITE.HTM.
- MITCHELL, Juliet & OAKLEY, Ann (ed). *What's feminism?*, New York: Phanteon Books, 1986.
- NADER, Valéria Holzmann. *A Interação Virtual em Diálogos da Internet: Novas Possibilidades Para a Análise do Discurso*, São Paulo, 2001. Tese (Mestrado), FFLCH, USP.
- NICHOLSON, Linda. *Interpretando o Gênero*, In revista *Estudos Feministas*, vol.8, nº 2: UFSC, 2000.
- OKIN, Susan Moller. *Women in Western Political Thought*, New Jersey: Princeton Univ. Press, 1992.

- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A Construção Social da Masculinidade*, Rio de Janeiro: Ed. UFMG, 2004. cap. V, p. 245-280.
- PETCHESKY, Rosalind Pollack. “Direitos sexuais: um novo conceito na prática política internacional”. In BARBOSA, Regina M. & PARKER, Richard. *Sexualidades pelo Averso - Direitos, Identidade e Poder*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 15-38.
- POYNTON, Cate. *Language and Gender: making the Difference*, Oxford: Oxford University Press, 1989. [1985].
- RAAD, Ana Maria, *Cultura e Internet: relaciones al interior de una comunidad virtual*, CDI-Chile- Disponível na Internet em setembro de 2004 http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ana_maria_raad.htm
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*, São Paulo: Parábola Editorial, 2004. [2003].
- RANCIÈRE, Jacques, “*Politics, Identification and Subjectivization*”. In Rajchman, John, *The Identity in Question*. New York: Routledge, 1995.
- REIS, Ana Paula dos. “A mulher de meia-idade e o “mercado de sedução”. In *Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. p. 231-5.
- RIBEIRO, Renato Janine, *Moralidade Empresarial, Mulher e Internet*, In Folha de São Paulo, seção Opinião - São Paulo, p.3, em 12/01/2000.
- _____, *A Evolução da Mulher-Objeto*, In www.estadao.com.br, seção Magazine, São Paulo, em 10 de setembro de 2000.
- RORTY, Richard. *Objectivity, Relativism and Truth*, New York: CUP, 1991. part II, 113-174.
- SALIH, Sara. *Judith Butler*, London:Routledge, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença- a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis: Vozes, 2000.

- SILVERMAN, David & TORODE, Brian. *The material word*, cap. 7, London: Routledge, 1980.
- SMITH, Christine A. "I Enjoy Being a Girl: Collective Self-Esteem, Feminism, and Attitudes Toward Women". In *Sex Roles*, vol. 40, n°s 3/4, Portland: Plenum Publishing Corporation, 1999.
- SNYDER, Ilana. *Page to Screen - Taking Literacy into the Electronic Era*, New York: Routledge, 1998.
- _____. "New media and cultural form: narrative versus database". In A. Adams & S. Brindley (eds), *Teaching English with ICT*. London: Open University Press & McGraw Hill, 2004.
- SOUZA, Lynn Mario T.M. de. "Re-membrando o corpo desmembrado: a representação do sujeito pós-colonial na teoria". In *Itinerários*, Araraquara:Unesp, 1996. n°9, p.1-99.
- _____. "Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha". In Abdala, Benjamin Jr., *Margens da Cultura*, São Paulo: Boitempo, 2004. p.113-133.
- STACEY, Judith. "Are feminists afraid to leave home". In Mitchell, Juliet, *What's feminism?*, N.Y.: Phanteon Books, 1986.
- TORRES, Lilian de Lucca. *Tem amigo na linha: um estudo sobre o serviço telefônico de encontros disqueamizade*, Dissertação de Mestrado – Depto de Antropologia da FFLCH da Usp: São Paulo ,1990. Orientador: Dr. José Guilherme C. Magnani
- TURKLE, Sherry, *Life on the Screen - Identity in the age of Internet*, New York: Touchstone, 1995.
- YAMAGUTI, André Luis. *O Italiano médio dos Chats*. Dissertação de Mestrado – Língua e Literatura Italiana, Depto de Letras Modernas da FFLCH, USP: São Paulo, 2005. Orientadora Profª Dra. Mariarosaria Fabris.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AUSTIN, J. L. *How To Do Things With Words*, Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1997. [1962].

BOURDIEU, Pierre. “O que falar quer dizer”. In *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Ltda, 1983.

_____. *A Economia das Trocas Lingüísticas*, São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRUNER, Jerome. *Acts of Meaning*, Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1990.

CAMERON, Deborah. *Feminism & Linguistic Theory*, London: Macmillan, 1985.

_____, Harvey E., Rampton P., Richardson M.B.H., (eds). *The relations between Researcher and Researched: Ethics, Advocacy and Empowerment* In Graddol, D., et al (eds), Philadelphia: Multilingual Matters LTD, 1994.

CHOMBART de LAUWE, P.H., “A Organização Social no Meio Urbano”. In *O Fenômeno Urbano*. Otavio G. Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p.123-137.

COATES, Jennifer. *Women, Men & Language*, London: Longman, 1986.

COOK, Guy. *Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

CRAWFORD, Mary. *Talking Difference on Gender and Language*. London: SAGE Publications, 1995.

DUNBAR, Robin. *Grooming, Gossip, and the Evolution of Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

DYCZEWSKI, Leon. “The Family: Private or Public”. In DYCZEWSKI, L., KROMKOWSKI J., & PEACHEY P.(eds), *Private and Public-Social Inventions in Modern Societies*, Washington: Box 261, Cardinal Station, 1994. p.31-44.

- FILHO, Ciro Marcondes. *A Linguagem da Sedução*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FOLEY, W. *Anthropological Linguistics, an Introduction*. London: Blackwell, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. [1971].
- FOWLER, Robert M., *How the secondary orality of the electronic age can awaken us to the primary orality of antiquity*. <ftp://ftp.lib.ncsu.edu/pub/stacks/ipct/ipct> Disponível na Internet em 6 de Junho de 1998.
- FRIEDMAN, Susan Stanford, *A "falar da fronteira", o hibridismo e a performatividade: teoria da cultura e identidade nos espaços intersticiais da diferença*. In Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, N.61 (Dez. 2001), p.5-28.
- GIL, Gilberto, *Aula Magna da Cidade do Conhecimento em 2004* proferida pelo Ministro da Cultura, *Cultura Digital e Desenvolvimento*, USP, São Paulo, em 10 de agosto de 2004.
- GRADDOL, D., MAYBIN, Janet and STIERER, Barry. *Researching Language and Literacy in Social Context*, Clevedon: Multilingual matters Ltd/Open University, 1994.
- GRECO, Diane. *Female Writing*. Program in the History and Social Study of Science and Technology, Massachusetts Institute of Technology. www.65.107.211.206/cpace/ht/greco5.html Disponível na Internet em 28 de Maio de 2003.
- GRICE, Paul. *O princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais*. Disponível na Internet em 20 de abril de 2006. www.comunica.unisinos.br.
- HALL, Kira and Bucholtz, Mary (eds.). *Gender Articulated: Language and the Socially Constructed Self*, London and New York: Routledge, 1995.
- HAMMERSLEY, Martyn. *What's wrong with Ethnography?* Londres: Routledge, 1993.
- HERITAGE, John. *Garfinkel and Ethnomethodology*, Cambridge: Polity press, 1984.

- KAPLAN, Nancy, *E-Literacies*. Disponível na Internet sunsite.unc.edu:80/cmc/mag/1995/mar/hyper/E-literacies_612.html>
- KNIJNIK, IVY. *Debra fala reservadamente*, São Paulo: Altana, 2004.
- KURAN, Timur. "Living a Lie". In *Private Truths, Public Lies: the social consequences of preference*, Cambridge: Harvard University Press, 1997. p.3-105.
- LAKOFF, Robin. *Language and Woman's place*. Harper & Row: New York, 1975.
- LEVY, Pierre, *The next generation -Toward Superlanguage*. Disponível na Internet http://www.uiah.fi/bookshop/isea_proc/nextgen/01.html
- LAWLEY, Elizabeth, *The Sociology of Culture in Computer-Mediated Communication: An Initial Exploration*. Disponível na Internet <http://www.itcs.com/elawley/bourdieu.html>>
- MILLS, Sarah & WHITE, Christine. "Discursive Categories and Desire: Feminists Negotiating Relationships". In *Language and Desire*, Keith Harvey and Celia Shalom, London: Routledge, 1997. p. 222-244.
- MODELL, Arnold. "Solitude, Passionate Interests, and the Generative Aspects of the Self". In *The Private Self*, Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MOREIRAS, Alberto. *A Exaustão da Diferença*. Belo Horizonte: UFMG (Humanitas), 2001.
- MURARO, Rose Marie e Leonardo BOFF. *Feminino e Masculino*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. [1932]8.
- POYNTON, Cate. *Language and gender: making the difference*. Oxford: OUP, 1989.
- RICHARDS, Jack C. & SCHMIDT, Richard W. "Conversational Analysis". In Richards, Jack C. & Schmidt, Richard W. (eds) *Language and Communication*, London, 1983. p. 117-154.
- RICHARDSON, Amy & SCHNALL, Marianne. *Cyberfeminism: Networking on the Net*, General Women & Feminism. Disponível na Internet em 11 de Junho de 2003. www.feminist.com/resources/artspeech/genwom/cyberfeminism.html

- SENNETT, Richard. *O público e o privado*. In “O declínio do Homem Público”. *As tiranias da Intimidade*, S.P, Ed. Schwarcz Ltda, 1988.
- SHAWVER, Lois, *Dictionary for the Study of the Works of Michel Foucault*. Disponível na Internet em 11 de Janeiro de 2005.
- SILVERMAN, David. *Harvey Sacks: social science and conversation analysis*, New York: Oxford University Press, 1998.
- SIMMEL, George. *Cultura femenina*, 6ª ed., México: Espasa-Calpe Mexicana, 1961.
- SNYDER, Ilana. *Hypertext: The electronic labyrinth*. Melbourne: Melbourne University Press & New York: New York University Press, 1996.
- SPENDER, D. *Man Made Language*. London: Routledge, 1980.
- SPIVAK, Gayatri. “Quem Reivindica Alteridade?”. In Hollanda, Heloisa B. de, *Tendências e Impasses, o feminino como crítica da cultura* (org.), Riode Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205.
- STONE, Allucquere Rosanne. “Will the Real Body Please Stand up?: Boundary Stories about Virtual Cultures”. In *Cyberspace: The First Steps*. Michael Benedikt ed. Cambridge: MIT Press, 1991. pp. 81-118.
- TANNEN, Deborah. *You just don’ understand: women and men in conversation*, New York: Morrow, 1990.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*, São Paulo: Perspectiva, 2004. [1939].
- USHER, Robin and EDWARDS Richard. *Postmodernism and Education*. New York: Routledge, 1994.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana - um estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VIANA, Maria José Motta. *Do Sótão à Vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras, 1995.

WARD, Lucy, *Feminism: outmoded and unpopular*, The Guardian (on-line) July, 2, 2003. <http://politics.guardian.co.uk/women/story>> Disponível na Internet em 2 de Julho de 2003.

WE, Gladys, *Cross-Gender Communication in Cyberspace*, Simon Fraser University. Disponível na Internet em 7 de setembro de 2005.
<http://www.mith2.umd.edu/WomensStudies/Computing/Articles+ResearchPapers/cross-gender-communication>

WHITE, Hayden. *The Content of the Form*, Baltimore & London: The John's Hopkins University, 1987.

PÁGINAS da Internet

<http://www.collinson.com/rachel/thesis/chapter3.htm> Disponível na Internet em 2 de outubro de 2005.

www.cpace/gender/raymond/performativity/ Disponível na Internet em 28 de Maio de 2003.

<http://www.cyberartsweb.org/cpace/body/bodyov.html> Disponível na Internet em 13 de junho de 2003

<http://www.cyberartsweb.org/cpace/body/DR/self.html>. Disponível na Internet em 13 de junho de 2003

<http://www.english.ubc.ca/~sgunew/race.htm/> Disponível na Internet em 2 de novembro de 2003.

<http://www.english.ubc.ca/~sgunew/mcmulti.htm/> Disponível na Internet em 2 de novembro de 2003.

www.friesan.com/feminism.htm Disponível na Internet em 11 de Junho de 2003.

<http://www.grisoft.com>

http://icg.harvard.edu/~lit105/Class_Dictionary/Performativity.htm Disponível na Internet em 9 de junho de 2003

[http:// www.isoc.org/internet-history](http://www.isoc.org/internet-history)

http://www.law.nyu.edu/faculty/profiles/bios/brunerj_bio.html - Disponível na Internet em 27 de julho de 2005

www.lists.village.virginia.edu/~spoons/marxism/m-f/ Disponível na Internet em 11 de Junho de 2003.

<http://ntpaul.sprog.auc.dk/> Disponível na Internet em 9 de junho de 2003.

<http://ntpaul.sprog.auc.dk/paul/research/cv/Pubs/TGS2002.htm/> Disponível na Internet em 9 de junho de 2003.

<http://ntpaul.sprog.auc.dk/paul/research/performativity.htmv/> Disponível na Internet em 9 de junho de 2003.

<http://www.itofisher.com/PEOPLE/mito/papers/cyberfantasies.html> Disponível na Internet em 16 de agosto de 2004.

http://www.maxpages.com/elias/A_aprendizagem_segundo_Bruner

GLOSSÁRIO

- Aberto* - opção inicial para todos poderem acompanhar a interação dos usuários da sala com exceção dos que estão no reservado. O mesmo que *coletivo*.
- Cair* - quando o sistema falha e interrompe a conexão.
- Coletivo* - opção inicial para todos poderem acompanhar a interação dos usuários da sala com exceção dos que estão no reservado. O mesmo que *aberto*.
- CD-Rom* - disco em computadores que contém informações (texto, imagens, som) digitalizadas.
- E-listas* - listas de endereços armazenada nos computadores.
- Hardware* - conjunto dos componentes físicos de um computador.
- IRC* - Internet Relay Chat
- Links* - as direções possíveis que unem um *site* a outro, ou direções dentro do próprio *site*.
- Mouse* - dispositivo do computador que permite, ao ser movimentado, um deslocamento do cursor na tela, pelo usuário.
- MUD* - Domains or Dungeons. (genealogia dos 'dungeons and dragons', o jogo popular de fantasia 'roleplay' entre os jovens no curso médio nos anos 70 e começo dos 80).
- Navegar* - atribui-se ao ato de percorrer diversos hipertextos acionando os *links*.
- Nick* - apelido que a pessoa se atribui para poder entrar nas salas.
- On-line harassment*- assédio sexual via Internet, expressão usada por Collinson (2005).
- Overlapping* - sobreposição de um elemento sobre o outro.

- Reservado* – opção para dois usuários falarem entre si sem que os outros os
lêem.
- RL* – ‘real life’ (termo usado por Turkle, [1995]).
- Sep.* – separada.
- Site* – lugar visitado; página da Internet.
- Solt.* – solteira.
- Sumir* – ter sua presença no site, através do desaparecimento do *nick*,
interrompida.
- Tc* – teclar
- Trote* – ligações ao telefone sem se identificar e geralmente em tom de zombaria
ou ameaça.
- Vi.* – viúva

ANEXOS

Aqui constam 3 interações na íntegra (sem o recorte para a análise), a título de amostragem.

I - ALL

(10:20:33) **che** *entra na sala...*

(10:21:55) **che** *fala para Cristiane 4.5:* olá moça, de onde tc?

(10:23:44) **che** *fala para Valeria:* olá moça, de onde tc?

(10:24:29) **Valeria** *fala para che:* oi....tô ocupada moço..desculpe...

(10:24:59) **che** *sorri para Valeria:* OK!

(10:25:16) **Valeria** *fala para Purosangue-ZS:* engraçado...pensei q vc fosse baixinho....rs

(10:25:16) **che** *sorri para (reservadamente) Yasmin:* olá moça, de onde tc?

(10:25:45) **Valeria** *fala para che:*  love

(10:25:49) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* Barra e vc?

(10:26:14) **che** *pergunta para Yasmin:* estou em SAMPA...

(10:26:44) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* Bem-vindo....

(10:26:57) **che** *fala para (reservadamente) Yasmin:* vc está tc c/ alguém?

(10:27:26) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* estou.....mas vc é muito bem-vindo aqui....

(10:28:14) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* de q lugar de Sampa?

(10:29:12) **che** *fala para (reservadamente) Yasmin:* De Santana, zona norte.

(10:29:45) **Yasmin** *fala para (reservadamente) che:* visitando a sala do Rio?

(10:29:56) **che** *fala para (reservadamente) Feinha:* Pq vc se acha feinha?

(10:30:36) **che** *fala para (reservadamente) Yasmin:* Sim. nas salas de Sampa, sempre tem gente de todo lugar.....

(10:30:43) **Feinha** *fala para (reservadamente) che:* O espelho...rsrs

(10:31:17) **che** *fala para (reservadamente) Feinha:* Será que vc não está sendo cruel?

(10:31:36) **Feinha** *fala para (reservadamente) che:* pode ser...rs

(10:32:12) **che** *fala para (reservadamente) Feinha:* de onde vc tc?

(10:32:43) **Feinha** *fala para (reservadamente) che:* estou na Gávea e vc?

(10:33:37) **Feinha** *fala para (reservadamente) che:* Legal!! É Samparioca? rs

(10:34:46) **che** *fala para (reservadamente) Feinha:* Não. Sou fã de todo o Brasil.

(10:35:19) **Feinha** *fala para (reservadamente) che:* Muito legal! Eu tb...nem costume vir

em salas do Rio...

(10:35:49) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** Samparioca=asceu no Rio e mora em SP...entendeu?

(10:36:38) **Yasmin** *fala para (reservadamente)* **che:** acredito em vc...o Rio é q está terrível!

(10:36:47) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** Muitom legal! Está onde?

(10:37:23) **che** *fala para (reservadamente)* **Yasmin:** É. Todos os lugares.

(10:37:38) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** em casa e vc?

(10:37:53) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** rsrs...eu tb

(10:38:03) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** o que vc faz? Qtos anos tem?

(10:38:20) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** 40...arquiteta e vc?

(10:38:36) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** 47.Professor. separado. 2 filhos. E vc?

(10:39:05) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** Separad 1 filha...Professor do que?

(10:39:20) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** de inglês.

(10:39:40) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** Legal!

(10:40:21) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** legal o seu trabalho. Vc trabalha em algum escritório?

(10:40:29) **Yasmin** *fala para (reservadamente)* **che:** desculpe...estou me dividindo...tenho muitos amigos(as) aqui....

(10:40:54) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** Não...rs

(10:41:08) **che** *fala para (reservadamente)* **Yasmin:** na boa....fique à vontade...

(10:41:29) **Yasmin** *fala para (reservadamente)* **che:** posso então te chamar d vez em qdo?

(10:41:37) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** vc trabalha fora?

(10:41:46) **Yasmin** *fala para (reservadamente)* **che:** não quero perder o contato....

(10:41:54) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** Sim...

(10:42:00) **che** *fala para (reservadamente)* **Yasmin:** claro. No problem...

(10:42:27) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** E dá para se concentrar?

(10:42:48) **Feinha** *fala para (reservadamente)* **che:** sim...rs

(10:43:30) **che** *fala para (reservadamente)* **Feinha:** Vc disse que está na Gávea.é um lugar legal, não é?

(10:43:32) **Feinha** *sai da sala...*

II- ALL

(10:17:58) Leo <i>fala para romantica/50:</i> olá!!
(10:18:29) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> ola
(10:18:38) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> tc de onde
(10:19:01) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> De Sampa e vc?
(10:19:16) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> tambem que idade tem
(10:19:33) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> 47.Oque faz?
(10:20:07) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> Pp pediu para tc c/ separado?
(10:20:25) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> estou tc com alguem da sala 3 rs.....
(10:20:35) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> me fale sobre vc
(10:20:48) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> eu sou baixinha pele clara olhos cor de mel
(10:21:02) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> o que quer saber?
(10:21:17) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> vc e casado
(10:21:17) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> Sou professor de inglês
(10:21:45) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> Separado. 2 filhos.
(10:21:50) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> tipo fisico o que gosta
(10:22:34) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> eu separada
(10:22:34) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> 1.76m;olhos esverdeados;cabelos quase grisalhos
(10:23:49) Leo <i>(reservadamente) fala para romantica/50:</i> O que faz?
(10:24:07) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> nao trabalho fora de casa
(10:24:15) romantica/50 <i>(reservadamente) fala para Leo:</i> e vc faz o

que

(10:25:05) **Leo** (*reservadamente*) *fala para romantica/50*: o que quer dizer? Além de cuidar da casa, vc trabalha em casa?

(10:25:29) **Leo** (*reservadamente*) *fala para romantica/50*: Sou professor de inglês. Já te falei antes.j

(10:25:45) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: isso digamos que sim e vc faz o que

(10:26:05) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: desculpe meu bem

(10:26:10) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: falha tecnica rs.....

(10:26:25) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: que realmente vc procura

(10:26:47) **Leo** (*reservadamente*) *fala para romantica/50*: companhia. E vc?

(10:27:37) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: um namorado uma companhia

(10:27:50) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: tem um meio de contato

(10:27:55) **Leo** (*reservadamente*) *fala para romantica/50*: Vc tentou alguma vez um encontro c/ alguém das salas?

(10:28:35) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: sim ja e vc

(10:30:36) **romantica/50** (*reservadamente*) *fala para Leo*: que houve

(10:31:23) **Leo** (*reservadamente*) *fala para romantica/50*: fui ver algo na TV. desculpe

(10:32:02) **Leo** (*reservadamente*) *fala para Leo*: Vc acha que esses encontros virtuais qdo se tornam reais dão certo?c

III- ALL

(10:45:13) ruí <i>entra na sala...</i>
(10:48:17) ruí <i>fala para LINDA***SP**:</i> olá, Linda!
(10:48:38) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> ola tc de onde
(10:48:54) ruí <i>fala para LINDA***SP**:</i> de SAMPA e vc?
(10:49:09) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> tbm sou de sampa qual; sua idade
(10:49:39) ruí <i>fala para LINDA***SP**:</i> 47. E vc?
(10:50:37) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> 53 anos
(10:50:39) ruí <i>(reservadamente) fala para Regina:</i> olá, Regina!
(10:50:40) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> vc é casado
(10:51:13) ruí <i>fala para LINDA***SP**:</i> não;separado; e vc?
(10:51:22) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> pelo visto nao gostou da minha idade
(10:51:31) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> separada tbm
(10:51:36) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> como vc é fisicamente
(10:52:02) Graça <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> assim vou saber tudo de vc, rssssss
(10:52:30) ruí <i>fala para LINDA***SP**:</i> 1.76m;cabelos indo para grisalho...
(10:52:46) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> morena clara 162 68 kg cabelos medios tingidos de vermelhos olhos verdes
(10:53:00) ruí <i>fala para Graça:</i> Isso não é segredo para ninguém...
(10:53:04) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> o que procuras
(10:53:48) ruí <i>(reservadamente) fala para LINDA***SP**:</i> Primeiro sua idade. Pq vc acha que me assustei se não falei nada.
(10:53:49) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> esta tc com mais alguem
(10:54:06) LINDA***SP** <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> pq estava no aberto
(10:54:49) ruí <i>(reservadamente) fala para LINDA***SP**:</i> segundo, procuro companhia
(10:54:59) Graça <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> claro que não
(10:55:14) Graça <i>(reservadamente) fala para ruí:</i> mas assim já sei um

pouco de vc

(10:55:16) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: tem foto

(10:55:46) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: terceiro, estou tc só c/ vc!

(10:56:35) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: não. Minha máquina não é sofisticada.es

(10:56:50) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: é que vi vc responder alguém

(10:58:02) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: kd vc

(10:58:28) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: Vc sempre visita as salas???

(10:58:48) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: O que faz?

(10:59:11) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: sim

(10:59:16) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: sou paosentada e vc

(10:59:31) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: Sou professor de inglês

(10:59:52) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: O que fazia antes de se aposentar

(11:00:15) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: Vc tem filhos?

(11:00:17) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: tinha comercio

(11:00:25) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: sim todos adultos

(11:00:33) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: É avó?

(11:01:13) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: ainda nao

(11:01:17) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: O que vc procura nas salas.

(11:01:25) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: hoje em dia os filhos nao querem filhos tao cedo

(11:01:34) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: um amante.. um cumplice... um amor

(11:01:36) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **rui**: e vc

(11:02:21) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: talvez um pouco de cd do que vc procura.

(11:02:46) **rui** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: Vc tentou alguma vez um encontro c/ alguém das salas?

(11:02:47) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: nao entendi

(11:02:57) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: ja

(11:03:09) **ruí** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: E o que aconteceu?

11:03:57) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: e vc

(11:06:30) **ruí** (reservadamente) grita com **LINDA***SP****: KD VC??????????????????

(11:06:41) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: to aqui vc tem fot eu tenho

(11:08:25) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: kd vc

(11:08:28) **ruí** (reservadamente) grita com **LINDA***SP****: Vc não respondeu o que aconteceu quando saiu c/ alguém do bate-papo.

(11:08:40) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: so amizades nada mais

(11:09:41) **ruí** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: Nenhuma decepção?

(11:09:49) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: nao

(11:09:55) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: vc quer me ver em foto

(11:10:49) **ruí** (reservadamente) fala para **LINDA***SP****: Como faço?

(11:11:14) **LINDA***SP**** (reservadamente) fala para **ruí**: tem mail

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)